

Caderno síntese  
Projeto Final de Arquitetura  
2012-2013

Rita Botelho Melo Rodrigues

## **Admirável Mundo Novo**

Contágio: espaço, tempo e escala

Vertente projetual:

Paulo Tormenta Pinto (coordenador) - Prof. Auxiliar do ISCTE-IUL

José Luis Saldanha- Prof. Auxiliar do ISCTE-IUL

Vertente teórica:

Sandra Marques Pereira – Professora Auxiliar Convidada do ISCTE-IUL

## ÍNDICE GERAL

|   |     |
|---|-----|
| Agradecimentos  | 04  |
| Introdução  | 05  |
| Vertente teórica  | 10  |
| Parte 01  | 29  |
| Labirinto cosmopolita, entre a tipicidade da tradição e o exotismo dos sentidos |     |
| Parte 02  | 65  |
| Estudo de Casos   |     |
| Vertente prática  | 163 |
| Grupo   |     |
| Marca texto espaço - Workshop de lançamento                                     | 167 |
| Bafatá - Workshop Guiné-Bissau  | 183 |
| Amoreiras 2033 - Tema I, II, III  | 207 |
| Individual  |     |
| Espaço público- Tema III  | 255 |
| Quatro habitações- Tema I   | 277 |
| Tema IV   | 313 |
| Anexos  | 331 |
| Bibliografia  | 341 |

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todas as pessoas que tornaram o início do meu percurso no mundo da arquitetura possível, colegas, professores, funcionários. O meu obrigado vai também para todos aqueles que me ajudaram a realizar o trabalho de final de mestrado, tese e projeto, sem os quais não teria sido possível: professores Sandra Marques Pereira, Paulo Tormenta Pinto e José Luís Saldanha; colegas de grupo Claudia Diniz, Vanessa Silva, Rita Patinha e Rúben Viegas; funcionárias do Arquivo Municipal de Lisboa Intermédio; Dona Lurdes, Paulo, Al Mamun, Nuno Franco. Um agradecimento especial à minha família e às minhas colegas e irmãs da RMI.

## INTRODUÇÃO

“Mundo Novo” é o tema geral que influenciou todo o trabalho produzido na unidade curricular de Projeto Final de Arquitetura (PFA), do Mestrado integrado em Arquitetura (MIA), deste ano letivo 2012/13. Com o iniciar dos trabalhos, foi-nos proposto a leitura do livro *Brave New World* (Admirável Mundo Novo), de Aldous Huxley, publicado, em 1932, no Reino Unido.

A história narra um futuro situado no ano de 634 a.F. (*after Ford*, ou depois de Ford, em homenagem a Henry Ford – figura equiparável a Jesus Cristo pois foi o inventor da “Linha de Montagem”), que corresponderia ao ano 2540 d.C. Este futuro hipotético mostra uma sociedade hedonística e entorpecida, recriada pela própria evolução da ciência. A população é gerada em laboratório, pré-concebida biologicamente e condicionada psicologicamente para viver em harmonia numa sociedade altamente estratificada, onde cada ser humano é produzido à medida para ocupar uma determinada posição. Sem qualquer tipo de ética religiosa, valores morais ou familiares, cada cidadão é quimicamente gerado, e na sua infância educado, a manter um perpétuo estado de satisfação e felicidade com a posição à qual nasceu para ficar toda a sua vida, seja qual for o estrato. Para qualquer momento de dúvida ou insegurança, era tomada a “soma”. Bernard Marx, o protagonista, luta pela liberdade. Insatisfeito, questiona a sociedade onde nasceu, desencadeando toda uma série de acontecimentos que implicam a profunda reflexão do que é o certo e o errado nesta sociedade standardizada e indiferente.

Numa viagem a um futuro ficcional muito alternativo, o mundo novo de Huxley apresenta-se como uma distopia. Uma civilização que através da evolução da ciência acabou por perder a sua própria humanidade. Neste ano letivo é-nos proposto a reflexão sobre mundos novos que surgem nas mais variadas circunstâncias espaciais, temporais e escalares. No trabalho desenvolvido no âmbito de PFA, tanto em grupo como individual, em vertente projetual ou teórica, nunca é estudado ou proposto um mundo novo utópico, nem distópico obviamente, mas sim que procure responder às necessidades de uma sociedade concreta, a qual encontra-se em constante mudança e apresenta cada vez mais diversidade e inclusão.

A escolha do laboratório, para desenvolver o trabalho teórico, era opcional. Optei pelo Laboratório de Sociologia, orientado pela professora assistente convidada do ISCTE-

IUL Sandra Marques Pereira, com o tema “Tradição e Modernidade: co(h)abitações em territórios metropolitanos”. No primeiro semestre foi realizado um trabalho de grupo sobre um determinado território pertencente à Área Metropolitana de Lisboa. Este trabalho tinha como objetivo uma primeira abordagem às metodologias e processos de investigação, o que foi muito importante para o posterior desenvolvimento da tese individual do segundo semestre. Neste trabalho foi estudado o bairro da Mouraria, selecionado no âmbito do grupo. Recorrendo aos arquivos públicos, a entrevistas exploratórias e aos dados dos Censos, foi levantado o contexto histórico, arquitetónico, urbanístico e social do local, na medida em que são fatores influentes na coabitação da população residente.

No segundo semestre foi desenvolvido o trabalho de investigação individual. O tema analisado no trabalho de grupo suscitou o interesse em aprofundar o assunto que o bairro histórico levantava. Sendo que a Mouraria é um território marcado, desde a sua origem, pelo acolhimento e coabitação de populações residentes, todas elas singulares no seu percurso migratório, torna-se num “mundo novo”.

Considero a Mouraria como que um protótipo de “mundo novo”, onde é possível observar como a arquitetura e o urbanismo são uma forte influência na partilha do mesmo território por parte de grupos sociais distintos, onde interessa perceber como funciona a sua apropriação e convivência. A coabitação é cada vez mais uma condição muito presente na sociedade do futuro, na sociedade de um mundo novo.

Os trabalhos de vertente projetual de PFA deste ano letivo procuraram desenvolver capacidades pessoais como a eficácia no mínimo esforço, e o trabalho em equipa (grupos de cinco a seis alunos). Foram desenvolvidos uma totalidade de seis exercícios, na qual a importância do conteúdo feito em grupo ou individualmente é equivalente. Iniciando-se com um exercício de carácter abstrato, e passando pelo conhecimento de realidades distintas em África, o processo é culminando num extenso trabalho que revela a intenção de conceber um mundo novo em Lisboa, concretizado a diferentes escalas num espaço de tempo futuro. Em todo o percurso, a discussão dos assuntos em grupo revelou-se um fator crucial para a criação de um discurso coerente que liga todos os seis trabalhos desenvolvidos.

O primeiro exercício, Exercício de Arranque e Aquecimento, com o tema “Marca, Texto e Espaço” pretendia a criação de uma unidade espacial a partir da marca de um objeto comum (obtida com tinta-da-china) e de um texto literário. Através de várias

experiências com objetos como lâminas ou chaves, a marca do Cubo de Rubik (objeto “mágico” futurista, criado em 1974) foi selecionada pelo dinamismo conseguido através da manipulação e repetição da marca do objeto no papel, criando um jogo de luz e sombra reticulado. Sendo que a sombra representa a inquietude, porque esconde, o texto selecionado é um excerto do livro “O Elogio da Sombra” de Junichirō Tanizaki (Lisboa: Relógio D’Água Editores, 2008) – a inquietude que remete para a descoberta de um mundo novo. A unidade espacial criada reúne a intenção do jogo entre a luz e a sombra (através da materialidade) onde é acrescentada a profundidade, originando um espaço ironicamente contido na forma de um cubo. O funcionamento deste espaço brinca com a noção de gravidade tão evidente na nossa realidade. Aqui cada face interior corresponde a uma diferente gravidade própria, resultando num espaço alternativo e, de certa forma, “mágico”.

O segundo exercício foi realizado no âmbito da comemoração dos 90 anos do nascimento de Amílcar Cabral (1924-1973, Político fundador do Partido Africano para Independência da Guiné e Cabo Verde – PAIGC), natural da cidade de Bafatá, Guiné-Bissau. Num *workshop*, foi-nos proposto projetar o Centro Interpretativo Amílcar Cabral, de carácter efémero, na zona histórica de Bafatá. O estudo desta parte da cidade, muito marcada pela presença colonial portuguesa no seu traçado urbano e arquitetura, remeteu-nos para a forma de habitar tradicional dos diversos grupos étnicos guineenses residentes na zona – a cubata. Através de uma implantação circular, o projeto é constituído por uma estrutura de madeira que cria um jogo de luz/sombra (remetendo para as ideias desenvolvidas no trabalho anterior) através do seu afastamento, cujo varia dependendo da função contida no espaço interior (barrotes mais fechados em zonas de serviço, mais espaçados em zona públicas). A utilização de materiais tradicionais como a madeira e os entrançados de bambu conferem uma maior integração do projeto no lugar. A estrutura é fundada por estacas de madeira que, posteriormente à remoção do centro interpretativo, permanecem no lugar como uma marca deixada por essa nova espacialidade e vivência.

Num confronto com a arquitetura ostentada no Hospital de Bafatá (projetado em 1946 pelo arquiteto João Simões, enquanto funcionário do Gabinete de Urbanização Colonial), a forma circular e grande escala do centro interpretativo atribuem ao lugar uma certa monumentalidade distinta da construída pelo urbanismo colonial português, na medida em que representa o intermediário entre uma forma tradicional e familiar e

uma nova forma de habitar, união de dois mundos diferentes, que deixam uma marca neste lugar.

Os seguintes três exercícios (Tema I, II, III) constituem o trabalho desenvolvido na zona das Amoreiras, Lisboa. O trabalho inicia-se com o reconhecimento território, em grupo, no contexto histórico, arquitetónico, geológico, sistema de transportes. Para intervir nas Amoreiras, é proposto a realização de uma estratégia urbanística no território (macro escala – Tema II) e um projeto de quatro residências de carácter cirúrgico (micro escala – Tema I). Como mediador entre estas duas escalas está a reabilitação do espaço público (Tema III). Num debate que levanta questões acerca da sociedade paralelamente às diferentes intervenções, o propósito é projetar para um tempo futuro (20 anos), onde é tido em conta a evolução política e económica, a evolução dos estilos de vida e modos de habitar e a evolução da relação entre o indivíduo e a sociedade a que pertence.

Através da criação de um perfil sociológico, no seio do grupo, encaramos este futuro como que uma espécie de contágio de uma forma de habitar nova, inserida pelos diferentes projetos individuais das 4 Habitações, sustentada pela reabilitação do espaço público e tornada protótipo através da estratégia de grupo.

Esta nova sociedade da futura Amoreiras 2033 é concebida através da interpretação de uma palpável evolução social, consequente da globalização, daí não ser uma sociedade utópica, mas sim realista. Esta nova forma de viver irá contagiar a zona das Amoreiras 2033, e por conseguinte toda a cidade de Lisboa. É uma população muito marcada pela mobilidade e pela vivência em comunidade, que se mistura com a população tradicional, e aos poucos apropria-se do espaço construído e do espaço vazio, numa lógica evolutiva. A transformação passa também pela criação de espaços públicos mais preparados para a sociabilização, através de uma maior fluidez no percurso pedonal, e através de uma aperfeiçoada rede de transportes. A heterogeneidade, a diversidade, a transição, estão cada vez mais presentes na evolução das sociedades de hoje em dia, onde a noção de comunitário, de vivência em comunidade, é o elemento chave para a coabitação. Nesta medida, o estudo feito no âmbito da vertente teórica, no Laboratório de Sociologia, foi para mim crucial para desenvolver este pensamento arquitetónico/social.

Ainda no primeiro semestre é desenvolvido paralelamente o Tema I e II, primeira

abordagem às 4 Habitações e a estratégia de grupo (já mencionada) respetivamente. Tendo em conta o perfil social gerado, o projeto das 4 Habitações tende a encontrar um mediador entre a história do local e a nova forma de habitar (como também foi intenção no trabalho de Bafatá), no sentido de aproveitar as circunstâncias que o lugar oferece e transformá-las num “mundo novo”. Através da reabilitação de um antigo pátio operário (Pateo Barata Pinto), todo o interior é transformado consoante o perfil dos novos residentes, que procuram um espaço adequado às suas necessidades de estadia transitória, numa convivência em comunidade.

No segundo semestre é desenvolvido o Tema III. Aqui a importância do espaço público como espaço para sociabilização é a sustentação da nova forma de habitar das 4 Habitações, na medida em que, sendo o novo perfil social de carácter transitório e comunitário, o espaço público será utilizado com maior frequência. A criação de “espaços de reunião”, através de pequenas Centralidades em toda a área selecionada das Amoreiras, na proximidade dos projetos das habitações, reforça a estratégia de grupo para o lugar das Amoreiras 33, num discurso cada vez mais coeso.

No Tema IV, último exercício, de carácter livre, optei por mostrar a minha nova forma de ver a arquitetura, através do estabelecimento de uma relação entre a tese produzida em laboratório, e os trabalhos das 4 Habitações e do espaço público produzido em projeto (trabalhos individuais), ao servir-me do projeto das 4 Habitações como estudo de caso baseado nos ensaios desenvolvidos no trabalho teórico.

Penso que o maior contributo deste conjunto de trabalhos para o meu desenvolvimento pessoal, foi a nova noção de arquitetura que ganhei com o trabalho teórico, confrontado com o próprio projeto habitacional desenvolvido na vertente projetual. Também considero muito interessante e relevante a metodologia apresentada para este ano letivo, que enfoca a importância do trabalho em equipa, na qual a mistura dos diferentes laboratórios no seio do grupo contribuiu para discussões de trabalho e chuvas de ideias mais abrangentes e capazes de responder a diferentes situações inerentes à criação dos projetos.

A iniciativa *Last Fifteen Minutes* tomada nas aulas práticas pelos docentes da vertente projetual (Paulo Tormenta Pinto e José Luís Saldanha), que nos apresentava diferentes convidados e diferentes temas da arquitetura, contribuiu para um melhor desenvolvimento dos trabalhos.

**vertente  
teórica**

## **(Co)Habitar a Mouraria: Autóctones, Imigrantes e *Gentrifiers***

Estudo comparativo dos modos de habitar e apropriação do espaço público e privado.

## RESUMO

**Palavras-chave:** Mouraria, diversidade sociocultural, coabitação, autóctones, imigrantes, *gentrifiers*, modos de habitar

À semelhança do que acontece em muitas cidades europeias, alguns bairros do centro histórico de Lisboa inserem-se num contexto de diversidade sociocultural devido à confluência de vários processos de transição socio-urbanística. Na representação de uma nova dimensão cosmopolita, estes territórios são marcados pela coabitação de diversos grupos sociais que se instalam e se apropriam, partilhando o mesmo espaço e contribuindo para a crescente heterogeneidade populacional. Enquanto depósito de diversidade cultural, social e espacial, a Mouraria configura um caso ilustrativo desta confluência de formas de apropriação urbana distintas, nomeadamente a fixação de população proveniente do êxodo rural, a fixação de população imigrante e um primário processo de “gentrificação” que corresponde à fixação de população portuguesa de elevado nível educacional e cultural que é atraída pela genuinidade e tipicidade caracterizadoras da vivência deste bairro histórico e central.

Pretende-se com este trabalho perceber como ocorre a coabitação entre os diferentes grupos sociais residentes e como é distinta a relação que estes estabelecem com o espaço urbano e arquitetónico, através do estudo de casos particulares e dos modos de habitar o espaço público e privado.

## ABSTRACT

**Keywords:** Mouraria, sociocultural diversity, cohabitation, indigenous, immigrant, gentrifier, ways of living

As it's similar in many European cities, some central historic neighbourhoods of Lisbon fit into a context of sociocultural diversity due to the confluence of several processes of socio-urban transition. In the representation of a new cosmopolitan dimension, these territories are marked by the coexistence of different social groups that settle and appropriate, sharing the same space and contributing to the growing of the population's heterogeneity. As a deposit of cultural, social and spatial diversity, Mouraria configures an illustrative example of this confluence of distinct urban forms of appropriation, including the settling of population from the rural exodus, the settling of the immigrant population and a primary process of gentrification that corresponds the settling of a portuguese population with high levels of education and culture which is attracted to the genuineness and typicality so characterizing of this historic and central neighbourhood's ways of living.

The aim of this work is to understand how is the cohabitation between the different resident social groups and how distinct is the relationship they establish with the architectural and urban space, through the study of particular cases and their ways of living in the public and private space.

## ÍNDICE

|   |    |
|---|----|
| <b>RESUMO</b>   | 14 |
| <b>ABSTRACT</b>   | 15 |
| <b>INTRODUÇÃO</b>   | 19 |
| <b>METODOLOGIA</b>  | 23 |
| <b>PARTE 1</b>  | 29 |
| <b>LABIRINTO COSMOPOLITA, ENTRE A TIPICIDADE DA TRADIÇÃO E O EXOTISMO DOS SENTIDOS</b>                |    |
| <b>A criação do lugar mourisco no aro de Lisboa</b>   | 31 |
| <b>Uniformidade irregular marcada pela proximidade</b>  | 35 |
| <b>Do fado e dos arraiais, ao acolhimento imigrante e à recentralização da autenticidade lisboeta</b> | 45 |
| <b>Coabitação ainda condicionada pela multiculturalidade</b>  | 50 |
| <b>PARTE 2</b>  | 65 |
| <b>ESTUDO DE CASOS</b>  |    |
| <b>Autóctone: solidão compensada pelo cumprimento das tarefas quotidianas</b>                         | 67 |
| A concretização de uma realidade pequena numa proximidade familiar                                    | 67 |
| Espaço privado: conformismo na herança familiar   | 70 |
| Rotinas circunscritas na imediação e na entreaajuda   | 78 |
| <b>Imigrante: a Mouraria como garantia de trabalho e estabilidade</b>                                 | 85 |
| O confronto de duas realidades – massificação versus individualidade                                  | 86 |
| Rentabilização do espaço privado transitório  | 91 |
| Comunidade, trabalho e religião   | 98 |

|   |     |
|---|-----|
| <b><i>Gentrifier</i>: estilo de vida alternativo no encontro com o genuíno</b>          | 107 |
| Uma trajetória global numa busca pela sua identidade                                    | 107 |
| Espaço privado informal e plurifuncional: colecionador de vivências                     | 117 |
| Cidadão do mundo, amante de Portugal e entusiasta da tipicidade da Mouraria             | 131 |
| <b>Três atitudes perante o mesmo território – conservação, etnicidade e regeneração</b> | 141 |
| O revelar da evolução individual através da trajetória residencial                      | 141 |
| Espaço privado como retrato pessoal   | 143 |
| Vizinhança, bairro e cidade – adaptação, integração e coabitação                        | 150 |
| <b>CONCLUSÃO</b>  | 155 |
| <b>BIBLIOGRAFIA</b>   | 159 |

## INTRODUÇÃO

A Mouraria é um bairro antigo e central da cidade de Lisboa, muito marcado pela confluência de vários processos de transição socio-urbanísticos que caracterizam a heterogeneidade populacional residente. A coabitação permanente entre as diferentes populações adota uma lógica de “cultura de convivência”, sendo que esta representa “uma nova dimensão cosmopolita (...)”, configurando-se como uma ‘abertura radical’ perante o seu passado colonial e face ao presente pós-colonial” (Mendes, 2012:17). Todo o seu conjunto de valores socioculturais e de dinâmicas socio-espaciais bastante singulares têm vindo a ser objeto de interesse por parte de uma população portuguesa alternativa, suscitando assim uma ação mobilizadora de revitalização. No contexto dessa característica liberal e cosmopolita do bairro, interessa perceber como são várias as interações entre essa mistura social e o território, e como é distinta a vivência do espaço privado por parte de cada população.

A reconstrução das trajetórias residenciais, a observação dos modelos de apropriação do espaço doméstico e a análise das vivências com o bairro/cidade possibilitará a caracterização dos modos de habitar dos três grupos sociais mais representativos da população do bairro – população autóctone, imigrante e *gentrifier*.

O estudo pretende compreender como três grupos sociais distintos coabitam o mesmo território, através da caracterização dos processos de transição socio-urbanísticos correspondentes, ilustrados por três casos singulares, no entendimento dos seus estilos de vida e atitudes de ação privada que abrangem diferentes escalas de relação: alojamento, vizinhança, bairro, cidade. A escolha dos casos justifica-se no cumprimento dos seguintes critérios:

Autóctone – indivíduo português que sempre residiu no bairro.

Imigrante – indivíduo imigrante residente no bairro.

*Gentrifier* – indivíduo português com curso superior completo e elevado capital cultural, residente, que se tenha mudado para o bairro em idade adulta.

O contributo deste trabalho sobre os modos de habitar destas três populações distintas residentes no mesmo território, encontra-se na análise do espaço habitacional

privado. Esta análise implicará a profunda compreensão dos motivos das opções arquitetônicas levadas a cabo pelos três moradores para transformar o espaço em que habitam segundo as suas necessidades, que são resultantes do contexto social onde se inserem, num território marcado pela diversidade.

O estudo destes casos específicos permite a compreensão dos fenômenos sociais ilustrados na sua totalidade, através da recriação das histórias de vida destas pessoas, “no condicionamento das percepções, vivências, avaliações e aspirações dos indivíduos e das famílias em matéria residencial” (Pereira, 2012:18). “Quando consideramos as diferentes escalas entre o privado e o público, na sua interdependência, fazemos sobressair os modelos de apropriação do espaço que variam não só de acordo com as categorias socioprofissionais, mas também em certa medida, com as idades, os sexos e as trajetórias de vida” (Grafmeyer, 1995:53). Todos os fatores que influenciam os modos de habitar de uma determinada população não são resultantes de acasos mas assumem um sentido inteligível. Essa compreensão é que possibilita utilizar estes fenômenos como bases para a caracterização de um indivíduo ilustrativo. As trajetórias residenciais materializam a capacidade que os indivíduos têm em se redefinir no momento de adaptação a novos territórios e práticas, seja ela uma mobilidade profissional, familiar ou residencial, onde é possível identificarem-se os elementos que permanecem no percurso, de forma a constituir-se uma evolução dos seus estilos de vida.

No contexto da esfera privada, os modos de habitar a casa são “a relação estabelecida por uma pessoa ou família com a sua casa, uma relação que pode ser analisada através do tempo passado na casa, do interesse que a mesma desperta nos seus moradores e sobretudo das práticas que aí são desenvolvidas” (Pereira, 2012:20-21). A casa reflete as relações mais íntimas do indivíduo com o espaço, que varia muito consoante as circunstâncias ou condições específicas da sua existência num determinado lugar, num registo de hierarquias de qualidade de integração neste mesmo território.

“Algumas sociabilidades estão ligadas ao lar doméstico e à sua envolvente imediata (relações familiares, laços de vizinhança), outras manifestam-se em diversos espaços exteriores à casa” (Grafmeyer, 1995:111), portanto, seja no prolongamento do ambiente familiar ou no corte com o mesmo, os indivíduos criam redes a diferentes escalas,

contribuindo para uma diversificada literacia espacial, diretamente influentes nas suas percepções da vivência quotidiana, opções e estilos de vida. A análise das vivências do espaço público vem ao encontro de uma melhor caracterização pessoal dos indivíduos e de sua própria integração no território.

Numa perspetiva comparativa, interessa demonstrar como são distintos os estilos de vida destes três indivíduos analisados, que transportam percursos de vida divergentes, interpretando as relações residenciais como intervenientes nas relações fora da esfera privada, num processo de integração neste bairro marcado pela coabitação heterogénea da população.

O trabalho estrutura-se e duas partes: a primeira parte (capítulo I) expõe e analisa os diferentes âmbitos que singularizam o bairro da Mouraria, desde a sua origem histórica, caracterização física, urbanística e arquitetónica do território e a caracterização da evolução do contexto social, que culminam na caracterização da própria coabitação e convivência presentes entre as diferentes populações; a segunda parte diz respeito à exposição dos três casos de estudo (capítulo II, III e IV), constituídos pela análise biográfica das trajetórias residenciais, modos de habitar e apropriação da casa e do espaço público, complementados com excertos das respetivas entrevistas; o capítulo V faz a relação entre os dados apresentados e analisados de cada caso singular, num registo comparativo. As notas conclusivas expõem as minhas próprias vivências, percepções e pensamentos tidas ao longo da realização do trabalho.

## METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado no âmbito do Laboratório de Sociologia integrado na vertente teórica do Projeto Final de Arquitetura. A investigação realizada para este trabalho divide-se em duas partes: a primeira parte está incluída num trabalho de grupo produzido no 1º semestre; na segunda parte, realizada no 2º semestre, é produzido o trabalho teórico de investigação individual.

### Trabalho de Grupo

Numa primeira abordagem aos processos de investigação, o trabalho de grupo consistiu numa aproximação ao bairro da Mouraria, através do levantamento de informação empírica e teórica: realização de entrevistas exploratórias a moradores, funcionários da Junta de Freguesia de São Cristóvão São Lourenço e do Socorro, pessoas integradas em associações do bairro, arquitetos, investigadores, entre outros; participação em visitas guiadas organizadas pela Associação Renovar a Mouraria; levantamentos fotográficos e pesquisas bibliográficas para contextualização histórica e social do bairro.

No âmbito da recolha bibliográfica, evidenciam-se os seguintes trabalhos: para caracterização urbana atual do bairro é de referenciar o trabalho realizado por Ribeiro (1993), Mendes (1996), Salgado (2006) e Fonseca (2012). Os artigos/estudos Malheiros (2012), Menezes (2012), e Fonseca (2012), Mendes (2012) permitiram compreender as lógicas sociais decorrentes no bairro.

O trabalho de campo realizado no âmbito do projeto GEITONIES, coordenado por Lucinda Fonseca do Centro de Estudos Geográficos e publicado em Fonseca (2012), facilitou o desenvolvimento da caracterização do bairro. Este trabalho incluiu a aplicação de um questionário individual a residentes do bairro que permitiu antever algumas dinâmicas demográficas e residenciais ocorridas durante as últimas décadas. Neste estudo (também muito apoiado nos dados dos Censos de 2001) é de evidenciar a realização de um levantamento, entre 2009 e 2010, do edificado existente numa área delimitada do bairro da Mouraria, representado em diversas plantas, nomeadamente os usos do

edificado, o número de pisos por edifício e o estado de preservação do edificado.

Para uma melhor fundamentação estatística dos assuntos levantados na fase de aproximação ao bairro, consultou-se ainda os dados dos Censos (Recenseamentos da População e Habitação) realizados pelo INE (1991, 2001 e 2011) para se perceber o contexto evolutivo da população. Contudo, é essencialmente através da análise cartográfica dos dados dos Censos 2011 que foi possível produzir-se um contexto territorial/social mais concreto: no âmbito do grupo, foram feitas plantas através dos dados dos Censos 2011 organizados geograficamente por secções e subsecções<sup>1</sup>, que possibilitaram a criação de uma cartografia genérica da ocupação social do território, segundo a população residente, na tentativa de especificar a localização dos diferentes grupos sociais.

#### Trabalho Individual

A análise da população residente feita em grupo despontou o interesse em continuar a estudar individualmente o caso da Mouraria. Foi, conseqüentemente, crucial para a identificação dos objetivos e objetos de estudo, para a especificação da problemática e para a delimitação da zona a ser estudada no âmbito deste trabalho teórico individual, tendo em conta a cartografia da ocupação social do território.

Pelo facto do bairro da Mouraria apresentar uma diversidade tão marcante e caracterizada pela forte componente de convivência, fez com que a investigação individual se desenvolvesse, como já foi dito, na análise dos modos de habitar e de conviver dos diferentes grupos sociais encontrados. Como o fator convivência é crucial para o desenvolvimento desta investigação, foi necessário identificar-se a zona mais diversificada do bairro, o que foi possível através das plantas criadas no trabalho de grupo.

<sup>1</sup> Secção Estatística- Unidade territorial, correspondente a uma área contínua da Freguesia, com cerca de 300 alojamentos, destinados à habitação. Constitui a área de trabalho do recenseador. Subsecção Estatística- Unidade territorial que identifica a mais pequena área homogénea de construção ou não, existente dentro da secção estatística. Corresponde ao quarteirão nas áreas urbanas, ao lugar ou parte do lugar nas áreas rurais ou a áreas residuais que podem ou não conter unidades estatísticas isoladas (in [www.ine.pt](http://www.ine.pt))

Tendo em conta os prazos e os meios existentes para a realização da investigação, o desenvolvimento desta problemática foi feito através do estudo de três indivíduos que não constituem por si uma amostra representativa da população alvo, mas são casos singulares que ilustram um determinado grupo social caracterizado por processos de transição socio-urbanísticos específicos. Desta forma pretende-se estudar aprofundadamente todas as características que os distinguem.

A abordagem direta às pessoas nos seus próprios contextos de interação permite a compreensão dos sistemas de práticas e atitudes de ação privada a diferentes escalas de relação: a trajetória residencial, a esfera privada da habitação, a convivência com a vizinhança e, finalmente, a utilização do espaço urbano do bairro e da cidade. A perspetiva temporal permite compreender o contexto da evolução dos modelos habitacionais e usos do espaço doméstico e a relação com o território onde vivem, na reconstituição das suas histórias de vida, para que se compreenda o fenómeno na sua totalidade.

A fase seguinte consistiu na recolha de informação bibliográfica que fundamentasse/explicitasse os princípios teóricos da problemática e justificassem os estilos de vida dos grupos sociais em questão. Nesta recolha bibliográfica distinguem-se os seguintes trabalhos: para caracterizar a vivência do perfil autóctone destacam-se os autores Teixeira (1992), Cascão (2011); para o perfil *gentrifier* a caracterização foi baseada fundamentalmente nos autores Hamnett (2003), Mendes (2006), Authier (2010), Malheiros (2012), Pereira (2012); a caracterização do perfil imigrante foi complementada com os autores Fonseca (2005), Malheiros (2008), Fonseca (2010), Fonseca (2011) e Malheiros (2011). Para a fundamentação e explicitação dos conceitos como modos de habitar, trajetórias residenciais, literacia do espaço, apropriações do espaço privado, vivência do espaço urbano, entre outros, destacam-se os trabalhos dos autores Grafmeyer (1995), Cascão (2011), Pereira (2011) e Pereira (2012).

Após este enquadramento teórico, passou-se à seleção dos moradores a serem entrevistados. Os critérios de seleção seguem características específicas quanto à localização de residência atual, trajetória residencial e perfil social indicado no texto introdutório.

Para cada caso selecionado foi feito primeiramente o levantamento dos elementos

gráficos da sua residência atual (principalmente plantas e alçados), para ser analisada a situação original do esquema da habitação. Este levantamento foi feito a partir da documentação disponível no Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Intermédio (Rua B, Bairro da Liberdade, lote 3 a 6, piso 0), nomeadamente os processos 33410 (para a autóctone), 38042 (para o caso imigrante) e 14704 (para o *gentrifier* analisado). O edifício onde reside o *gentrifier* não contém desenhos das plantas dos pisos superiores, o que tornou mais incompleta a posterior análise das transformações do espaço privado.

Com a informação recolhida sobre o edifício (configuração original das plantas, dados relativos a diferentes épocas da sua utilização), procedeu-se à realização das entrevistas com base nos guiões previamente escritos. Foram criados três guiões específicos para cada caso, mas todos seguem uma lógica muito semelhante, assente em quatro partes diferentes: identificação, trajetória residencial, espaço privado, vizinhança e espaço público. A parte da trajetória residencial baseia-se na clarificação das suas decisões, motivações e circunstância por detrás do percurso realizado até chegar à sua casa atual. No tema da esfera privada pretende-se perceber as especificidades da apropriação e vivência do espaço da casa: transformações, apropriações, usos, frequência de utilização, hierarquias, representações e significados, numa perspetiva também temporal. Finalmente na parte da vizinhança e espaço urbano, o objetivo é captar como são feitas as interações e como são estabelecidas as relações com a esfera pública, no território vizinho, no bairro e na cidade. A realização das entrevistas foi também complementada com o levantamento fotográfico de determinados compartimentos e vivências da habitação e com o desenho dos usos do espaço em planta.

A metodologia de levantamento, sistematização, tratamento e análise dos dados recolhidos especificamente sobre os modos de habitar no espaço privado, são uma adaptação da metodologia utilizada pela autora Sandra Marques Pereira, no desenvolvimento da sua dissertação para obtenção de grau de doutor em Sociologia, publicado em livro em 2012, com o título “Casa e Mudança Social: Uma leitura das transformações da sociedade portuguesa a partir da casa”.

No complemento da caracterização da arquitetura de cada edifício estudado foi utilizada a metodologia de registo do “Património Arquitetónico de Habitação Multifamil-

iar Século XX”, publicado pelo Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana (IHRU) e Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico (IGESPAR), para a realização de um inventário do património arquitetónico da habitação multifamiliar do séc. XX, os “Kits Património”.

Para representar as trajetórias residenciais em mapa foi utilizado o sistema interativo do site [www.trajectorias-residenciais.com](http://www.trajectorias-residenciais.com), criado no âmbito do projeto “Trajetórias Residenciais e Metropolização: continuidades e mudanças na Área Metropolitana de Lisboa”. Este projeto consiste numa investigação científica realizada no centro de estudo DINÂMIA’CET do ISCTE-IUL, financiado pela Fundação para a Ciência e a tecnologia ([www.dinamiacet.iscte-iul.pt/](http://www.dinamiacet.iscte-iul.pt/)).

Após a análise e sistematização dos dados levantados passa-se a um registo comparativo dos três casos estudados, dos seus estilos de vida, modelos de apropriação e usos da habitação e vivência do espaço urbano, e procura-se o enriquecimento da caracterização dos mesmos na medida em que confronta diferentes realidades.

Muitas das observações feitas para o caso do *gentrifier* vêm na linha das conclusões desenvolvidas por Pereira (2012) a propósito de um caso semelhante.

# parte I

LABIRINTO COSMOPOLITA, ENTRE A TIPICIDADE DA  
TRADIÇÃO E O EXOTISMO DOS SENTIDOS

## A CRIAÇÃO DO LUGAR MOURISCO NO ARO DE LISBOA

A Mouraria é um dos bairros históricos da cidade de Lisboa. A sua origem remonta à tomada cristã da cidade pelo rei D. Afonso Henriques, em 1147, constituindo-se como a zona onde foi permitida a permanência dos Mouros vencidos que quisessem ficar na cidade. Tratava-se de uma zona restrita aos Mouros, exterior à Cerca Moura já existente (figura 01). Os limites desse território funcionavam como uma semiclausura para o Mouros, tanto do ponto de vista espacial, como do ponto de vista social: era “uma cidade dentro de outra, (...) estruturada pelas relações familiares, com a sua religião e costumes, (...) quase sempre agrupados em torno de uma pequena mesquita” (Mendes, 1996:15,16). As casas eram caracterizadas pela sua introversão, com poucas aberturas para o exterior. Sendo este um bairro residencial, o tecido urbano é marcado pelas ruas labirínticas e sinuosas, muitas vezes sem saída, correspondente aos adarves muçulmanos<sup>1</sup>. Desta época de permanência moura, apenas ficou preservado este traçado urbano típico.

Exterior à cidade muralhada, este arrabalde desempenhara um papel importante nas trocas comerciais com o campo e era uma zona onde se exercia a atividade agrícola. (Ribeiro, 1993:76).

No reinado de D. Manuel I, séc. XVI, com a expulsão dos mouros e judeus, o bairro abre-se para a cidade e para a sua população cristã, tornando-se parte integrante da capital. Desta população que se muda para a Mouraria, fizeram parte grupos sociais mais nobres, que revitalizaram o lugar através da construção pontual de palácios, como é o caso do Palácio do Marquês de Alegrete, em 1694. Aqui a Mouraria desempenhou um papel preponderante “numa nova espiritualidade, ilustrada nos magníficos painéis de azulejos. Clero e nobreza empenhavam-se na construção de conventos, igrejas e palácios (...) *funcionando* como polos aglutinadores de uma expansão urbana”. (Ribeiro, 1993:76, itálico nosso)

---

<sup>1</sup> Características específicas do urbanismo islâmico em Portugal., correspondente a zonas residenciais (in [www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org))



Figura 01 – Traçado das muralhas de Lisboa – Cerca Moura e Cerca Fernandina  
Biblioteca Nacional de Portugal – Casanova, Enrique, 1892 – material cartográfico

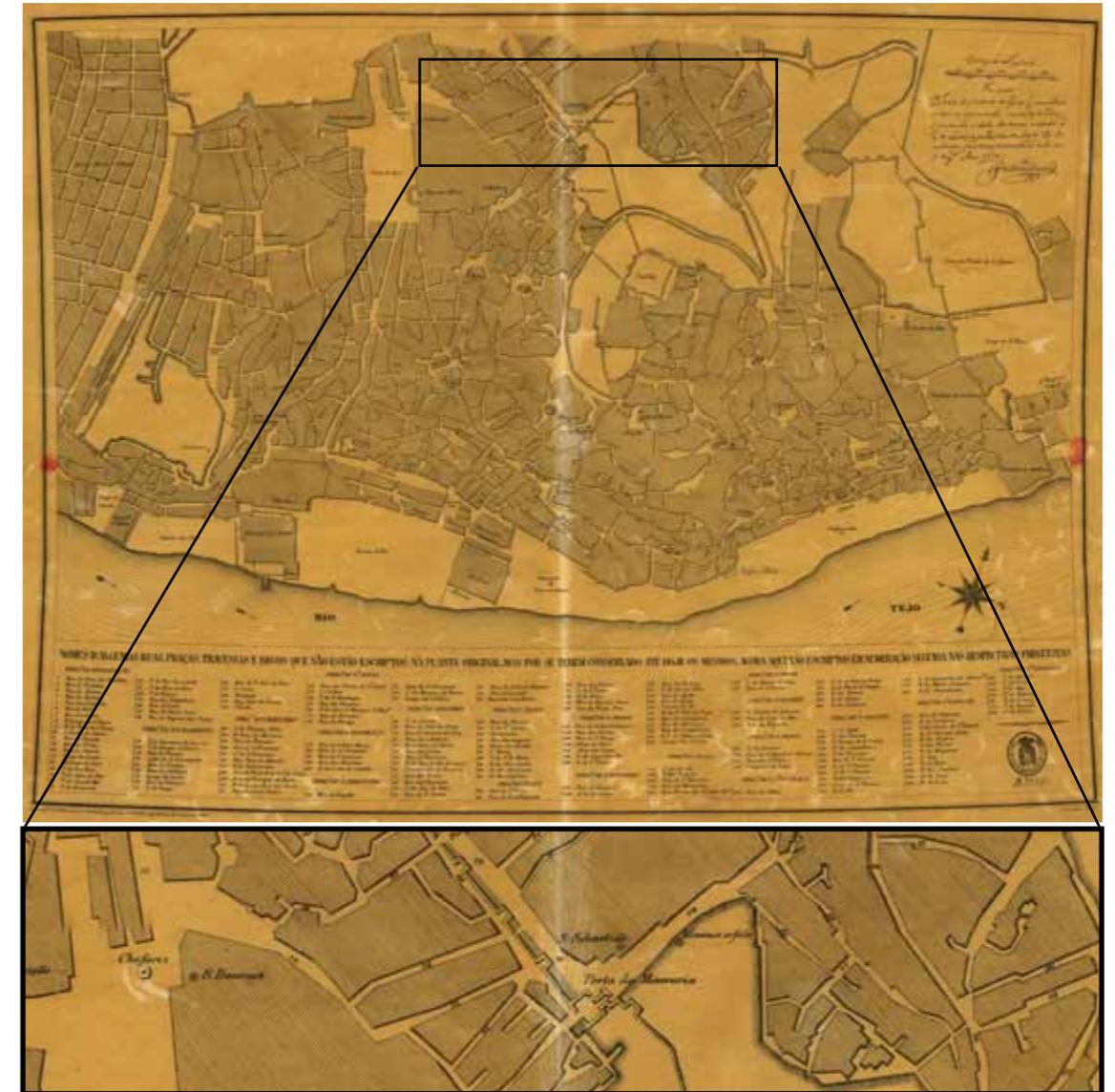
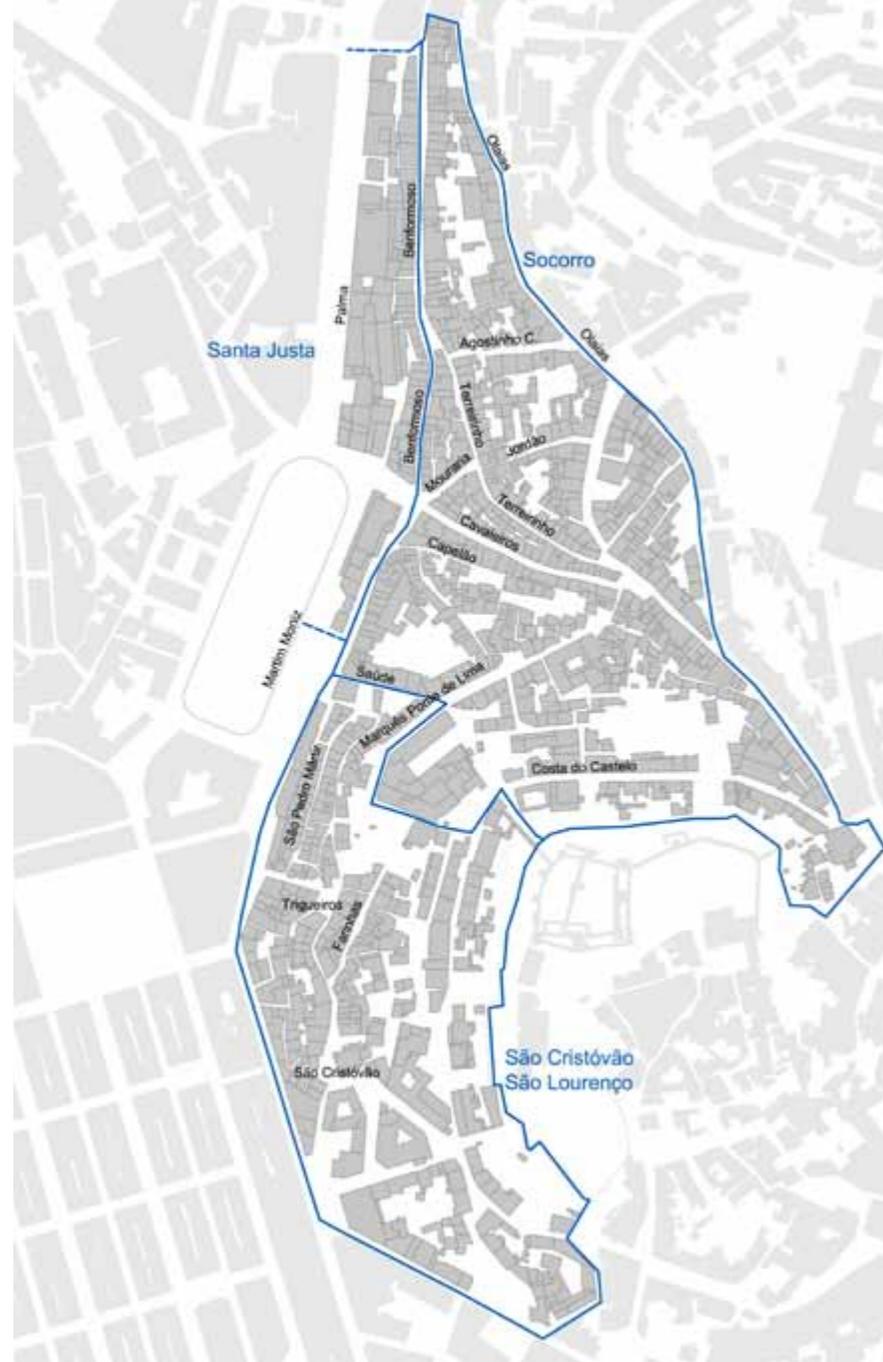


Figura 02 – Planta da cidade de Lisboa em 1650  
Biblioteca Nacional de Portugal – “Porta da Mouraria” – Tinoco, João Nunes – material cartográfico



## UNIFORMIDADE IRREGULAR MARCADA PELA PROXIMIDADE

A área selecionada para a caracterização do bairro corresponde à totalidade das freguesias de Socorro e São Cristóvão São Lourenço e ainda a parte da freguesia de Santa Justa que se localiza no lado Este da Rua da Palma e da Praça do Martim Moniz.

Este território arrabalde desenvolveu-se de forma espontânea, na adaptação à topografia acidentada do lugar e no aproveitamento de linhas de água e de fecho. A malha do bairro é marcada pelo traçado urbano orgânico, irregular e muito acidentado. Devido às suas características morfológicas, todo o bairro é pontuado por becos, pátios interiores, escadas, ruas estreitas e largos de pequenas dimensões. Este traçado apertado transforma o espaço urbano numa rede complexa, marcada pela proximidade, e cria uma espécie de unidade de vizinhança muito típica do urbanismo medieval.

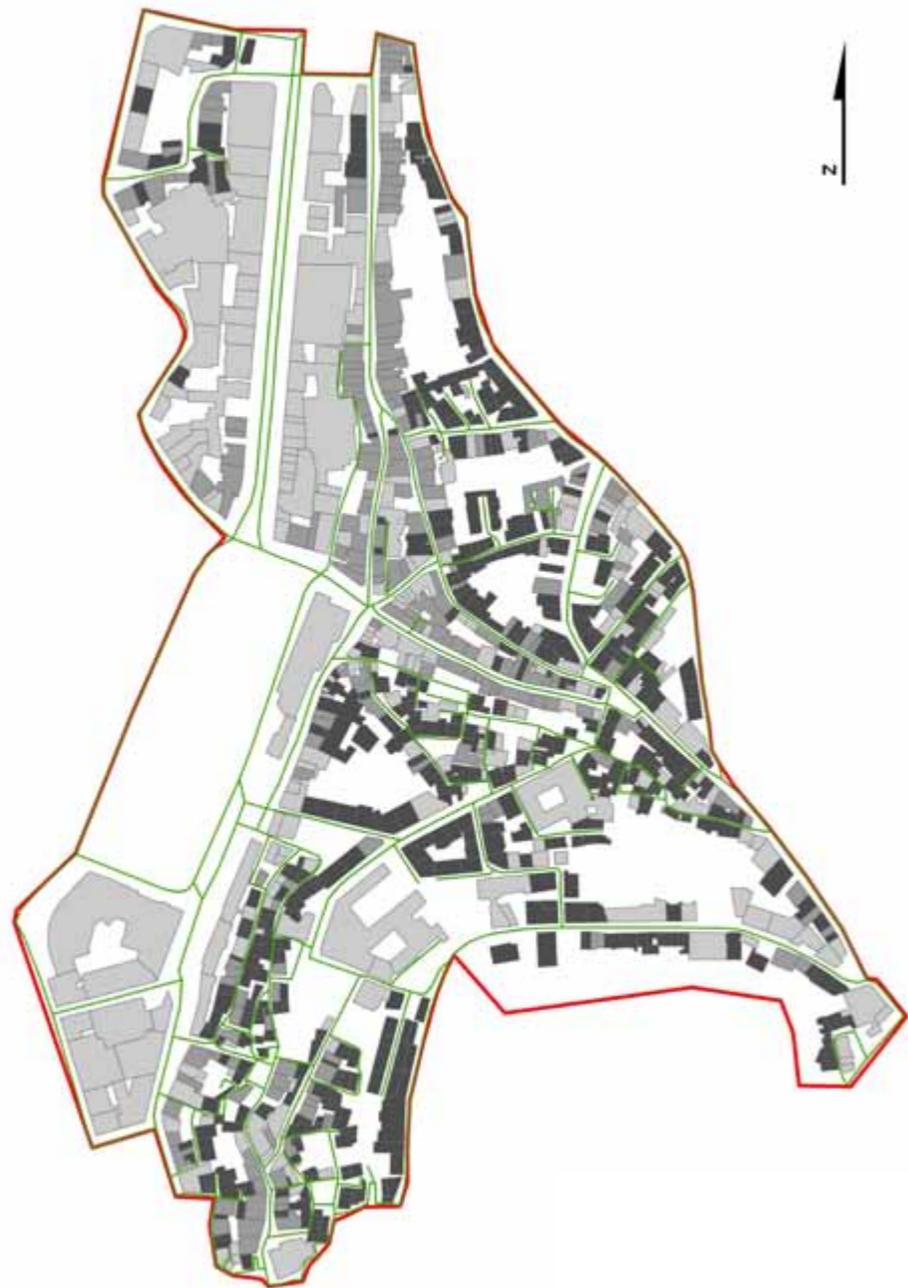
A tipologia arquitetónica presente na Mouraria caracteriza-se por lotes pequenos e estreitos, compostos por edifícios de habitação multifamiliar que se dispõem em banda, formando frentes de rua contínuas, aglomerados em quarteirões de forma irregular. O interior dos quarteirões é ocupado com logradouros privados ou partilhados por diversos prédios.

Os edifícios de uso misto aparecem principalmente nas zonas mais comercializadas, onde o piso térreo serve para uso comercial ou armazém e os pisos superiores para habitação. As zonas comerciais surgem contíguas aos eixos principais do bairro, como a Praça do Martim Moniz, Rua dos Cavaleiros, Rua do Benfornoso, áreas onde a malha urbana é menos sinuosa. Pontualmente surgem no bairro antigos conventos e casas nobres, sobretudo na zona da costa do Castelo, hoje reabilitados com equipamentos.

A composição das fachadas apresenta uma leitura regular, regrada através da forte métrica dos vãos, que atribui uniformidade ao conjunto do bairro, onde sobressai a arquitetura das igrejas e das casas nobres. Os tons vivos e pastel pintados nas fachadas dos prédios proporcionam uma atmosfera pitoresca muito caracterizadora da Mouraria.

Uma das tipologias arquitetónicas mais antigas do bairro são os edifícios com andar de resalto. Já são poucos os exemplares deste tipo de construções do séc. XV-XVII.





Planta 02 – Usos do edificado (levantamento realizado em 2009), in Fonseca, 2012:24

Exclusivamente Residencial

Principalmente residencial

Principalmente não residencial



Figura 03 – Tipologia das fachadas dos edifícios  
Rua do Benfornoso; Rua do Terreirinho – in Ribeiro, 1993:83.



Fotografia 01 – Edifícios com andar de resalto  
Rua do Benfornoso; Beco da Achada.

O bairro da Mouraria é ainda marcado pela existência de uma arquitetura operária, com o surgimento dos pátios operários no séc. XVIII-XIX, pensados para albergar os trabalhadores das fábricas, numa época marcada pelo desenvolvimento industrial. “Perante o rápido crescimento demográfico, os detentores da propriedade exploraram o alojamento da forma mais eficiente, construindo casas abarracadas nas traseiras das suas próprias moradias, com o objetivo de arrendá-las a operários, artesãos e outros trabalhadores, recorrendo a caves insalubres, reconvertendo velhos conventos, antigos solares e palacetes (nas freguesias do Socorro e do Castelo por exemplo), para serem arrendados em frações, muitas vezes apenas quartos e outras divisões.” (Casção, 2011:32)

Segundo o autor João Ribeiro (1993:170), estas construções em pátio, de carácter espontâneo, evoluíram para tipologias de alojamento mais adequadas no surgir da estrutura da vila. As vilas são construções operárias de maior dimensão, que formam conjuntos de habitações multifamiliares em banda, que contêm geralmente uma rua interior e são isolados do público por um portão.

À medida que a malha edificada vai-se encerrando em determinadas zonas do bairro, a volumetria torna-se cada vez mais marcada pela verticalidade, onde os lotes altos e estreitos formam as ruas sinuosas e os becos sem saída, o jogo de pátios e pequenos largos entrecruza-se, o acesso é dificultado pelo acentuado declive das ruas e a fraca exposição solar torna a atmosfera do espaço urbano um pouco sombria.



Fotografia 02 – Vilas operárias na Mouraria  
Vila Júlia; Vila Luz Pereira.

Fotografia 03 – Diversos espaços do bairro  
Largo dos Trigueiros; Travessa da Madalena;



Fotografia 03 – Diversos espaços do bairro  
Calçada de São Lourenço; Travessa do Jordão.



Apesar de toda esta riqueza urbanística e “tipicidade” residencial, toda a malha urbana da Mouraria sofreu um processo de desvalorização / degradação, pois grande parte do edificado insere-se na situação habitacional da população urbana dos finais do século XIX. As condições de habitação eram aqui muito caracterizadas pela precariedade: “sobrelotação do espaço, falta de ar e luz natural, acumulação de detritos e sujidade (por escassez de água e por falta de recolha dos lixos domésticos), habitação degradada (devido aos fatores anteriores e por causa da utilização de materiais de má qualidade). (...) Os seus interiores achavam-se mal divididos, com poucas e insignificantes acomodações, com pequenas salas e quartos, e com os despejos dentro, e nas traseiras faltas de luz; (...) os estreitos saguões lhes empatam o ar e a luz;” (Casção, 2011: 30-31, itálico nosso). A reconstrução do edificado do bairro deveu-se essencialmente ao facto de se encontrar num avançado grau de degradação e à necessidade de alojamento devido à sobreocupação de população. Através da planta 03, onde estão enunciadas obras de construção de raiz mas não obras de reabilitação, é possível verificar-se que todo o bairro sofreu alterações e reconstruções, embora tenha sempre sido mantido o traçado urbano original.

Apesar de não aparecer como maioria percentual na planta 03, algumas zonas contêm edificado construído no período entre 1980 a 2011, entre os quais edifícios habitacionais, multifuncionais, palacetes e igrejas, e localizam-se em eixos principais, como a Rua dos Cavaleiros e a Rua Marquês Ponte de Lima, que foram sujeitas a reabilitação por parte da Câmara Municipal de Lisboa.



## DO FADO E DOS ARRAIAIS, AO ACOLHIMENTO IMIGRANTE E À RECENTRALIZAÇÃO DA AUTENTICIDADE LISBOETA

Ao longo dos séculos, a Mouraria vai protagonizando diferentes papéis enquanto espaço de receção de diversas populações distintas, já desde a presença dos Mouros. Estas populações vão se adaptando e transformando o bairro numa multiplicidade de pessoas e espaços.

Com o surgimento da industrialização na cidade de Lisboa, o papel da Mouraria, do séc. XVIII ao séc. XIX, passa pela receção de população proveniente de outras regiões do país e também de Espanha, para a capital, no contexto do êxodo rural. Esta época é marcada por um aumento substancial da “procura de habitação de baixo custo (...) por pessoas de origem rural que migram para trabalhar nas indústrias de desenvolvimento”, assim como por população proveniente da periferia da cidade. “No início do século XIX as classes trabalhadoras de Lisboa ocupam velhos edifícios nos bairros populares da cidade, na vizinhança de implantações industriais”, numa “rápida sobreocupação dos edifícios existentes, onde se tornou necessário construir novas habitações destinadas a esta população”. A satisfação dessa grande necessidade de habitação de baixa renda é explorada principalmente por construtores privados, que constroem “um grande número de edifícios de habitação multifamiliar, destinados às classes trabalhadoras e aos estratos mais pobres das classes médias.” (Teixeira, 1992: 65-71)

É neste contexto que se desenvolve a imagem do bairro tradicional, num “misto de peculiaridade sociocultural, miséria e vício”, caracterizado pela grande variedade e densidade populacional que coabita num espaço urbano irregular e apertado. Aqui nascem temas como o fado, as marchas, os arraiais, onde as condições de vida eram decadentes, enfatizadas pelo próprio desenho das ruas povoadas pelas classes operárias (Menezes, 2012:74).

Com vivências e realidades muito diferentes, esta nova população apropria-se do território alterando um pouco a sua estrutura habitacional. Instalam-se em espaços que se configuram numa espécie de pequenas cidades, comprimindo muitas famílias em áreas pequenas e com pouca privacidade. A construção das vilas e dos pátios operários

Planta 03 – Maior percentagem de edifícios por data de construção (%)



surge na tentativa de recriação do que seria a vivência típica do campo, “no sentido de recuperar e manter as relações de vizinhança perdidas no processo de migração” (Mantias, 2007: 64).

A partir do século XX, no contexto da independência das colónias, o bairro da Mouraria transforma-se em espaço de receção de imigrantes. As primeiras vagas foram constituídas principalmente por imigrantes PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa). A partir de meados da década de 1980, a presença imigrante no bairro foi aumentando num registo mais diversificado, com a chegada de população proveniente do subcontinente asiático, contribuindo para a multiculturalidade populacional residente. Já no séc. XXI este processo de transição socio-urbanística tem-se transformado numa crescente fixação residencial, facto que é muito claro através dos dados dos Censos, onde se vê um crescimento, do ano 2001 para 2011, de 51,06% apenas de homens para a freguesia de Santa Justa, e de 32,65% para a freguesia do Socorro, as duas freguesias que abrangem a zona mais a norte do bairro da Mouraria e onde há uma maior concentração de imigrantes residentes.

Yves Grafmeyer (1995:95) evidencia a cidade antiga medieval, com as suas “configurações típicas”, como uma zona propícia à inserção de cidadãos em territórios e redes, sendo um lugar de notória fixação por parte das comunidades imigrantes, pois possibilita a união dos “seus habitantes através de múltiplos laços em que se entrecruzam a vizinhança, o parentesco, a amizade e as solidariedades profissionais (...) onde lhe (*imigrante*) é possível acumular os signos da sua identidade étnica” (Grafmeyer 1995:97, itálico nosso). O mercado de arrendamento próprio deste tipo de territórios, de rendas médias-baixas em habitações antigas e/ou degradadas, facilita o acesso à habitação para os imigrantes, funcionando como uma “plataforma de trânsito (em termos de distribuição e inserção de trabalhadores no mercado de trabalho, por exemplo)” (Malheiros, 2011:89).

O processo de fixação imigrante baseia-se essencialmente na reinserção da atividade comercial apoiada numa lógica familiar. É evidente o forte investimento empreendedor étnico no bairro, com a apropriação quase total dos centros comerciais (da Mouraria e do Martim Moniz) e grande parte das ruas principais (desde a Praça do Martim Moniz à praça do Chile), por proprietários asiáticos e africanos. Estas grandes áreas

comercializadas funcionam como “entradas sociais do espaço urbano”, isto é, um “ponto de referência e de contacto” para os indivíduos da mesma etnia que vão chegando à cidade. (Malheiros, 2008:149)

Segundo Malheiros (2011:38), o padrão de migração de cidadãos estrangeiros é muito semelhante em toda a Europa: “muito frequentemente é o elemento masculino da família que sai do seu país de origem por motivos laborais, deixando a companheira e os filhos, num processo migratório inicialmente planeado como temporário. A transição para um estatuto de legalização permanente no país anfitrião permite o reagrupamento familiar e dá continuidade ao fluxo migratório, sendo esse o principal modo de entrada.”

Portanto, à medida que as comunidades imigrantes vão ficando cada vez mais consolidadas a nível de inserção no território, o que é muitas vezes análogo à própria consolidação da atividade comercial, a estrutura das famílias vai-se tornando cada vez mais composta. O reagrupamento familiar varia muito de comunidade para comunidade, questão que está muito relacionada com a religião. Esta pode contribuir para “limitar a imigração feminina ou protelar no tempo da sua chegada aos territórios de destino (...) como no caso dos imigrantes paquistaneses (*religião islâmica*), onde a relação entre o número de homens e mulheres em idade ativa se aproxima dos 20 para um, o que parece confirmar a relevância deste elemento cultural no modo como as opções migratórias são desenhadas. Os chineses (...) parecem incorporar estratégias de inserção familiar em momentos relativamente mais recentes do ciclo migratório, (...) onde para além da sobre representação dos indivíduos sós (...) detetam-se valores elevados de famílias numerosas (com 5 ou mais indivíduos), o que parece apontar para a relevância dos contextos familiares.” (Fonseca, 2005:115, itálico nosso)

“Durante as últimas décadas, os núcleos históricos das cidades tenderam a degradar-se como consequência de um modelo de crescimento urbano favorável à expansão para a periferia. (...) O mercado habitacional concentrou os seus esforços num projeto imobiliário que se desenvolveu predominantemente (...) em áreas periféricas, cada vez mais afastadas dos centros, ao passo que estes sofriam um processo de despovoamento e de envelhecimento demográfico” (Mendes, 2006:58). No entanto, tem-se assistido, nos últimos anos, a uma tendência para a recentralização desses bairros.

Tal como acontece em muitas cidades europeias, após o processo de suburbanização da Área Metropolitana e conseqüente crescimento das suas áreas periféricas, Lisboa apresenta uma transformação significativa no mercado da habitação, que configura “o esboço de uma tendência de recentralização que (...) diz respeito à revalorização das áreas na cidade interior e compreende a reabilitação de sítios antigos e o reaproveitamento de áreas subocupadas” (Salgueiro, 2001:62). O bairro da Mouraria é um dos territórios centrais de Lisboa que apresenta uma significativa atenuação do ritmo de perda demográfica, evidente nos dados dos Censos: para a freguesia de São Cristóvão São Lourenço, a variação da população apresentava valores inferiores a -30% entre 1991 e 2001; já entre 2001 e 2011, a perda demográfica decaiu para os -16,81%. É também visível a recuperação de população, nomeadamente na freguesia de Socorro, onde a variação da população residente entre 2001 e 2011 é de 14,58%.

Mais recentemente, pelo esforço da Câmara Municipal de Lisboa, assiste-se a uma promoção da imagem cultural diversificada da Mouraria, através de várias iniciativas e intervenções urbanas e sociais, o que tem atraído novos moradores para o bairro. Os poderes públicos investem na imagem da cidade, na limpeza urbana e na preservação e reabilitação do património, revalorizando-o, num esforço que se reflete na procura de novos habitantes, visitantes e investidores públicos e privados, apelando assim ao retorno ao centro histórico.

É cada vez mais evidente na Mouraria que esta tendência revitalizadora está relacionada com um fenómeno de mobilidade social muito primário, numa espécie de “gentrificação marginal”, pois não é ainda muito manifesto. Este processo é caracterizado pela chegada de população portuguesa mais jovem, de classe média, a esta área central da cidade. (Malheiros, et. al., 2012:98).

“Gentrification is the social and spatial manifestation of the transition from an industrial to a post-industrial urban economy based on financial, business and creative services, with associated changes in the nature and location of work, in occupational class structure, earnings and incomes, life styles and the structure of the housing market.” (Hamnett, 2003:2402)

Os *gentrifiers* pioneiros são protagonizados por uma população muito diversifica-

da, pertencente às “novas classes médias”. Geralmente apresentam elevado nível escolar e cultural, mas um nível económico mais baixo, comportando estilos de vida muito próprios. São maioritariamente jovens e adultos entre os 25 e os 35 anos, podendo estender-se “até aos 40 anos, (...) pelo facto de em Portugal o percurso universitário acabar mais tarde (...) e, por outro, em virtude da dificuldade em suportar os valores praticados no mercado imobiliário aquando da sua afirmação social, profissional e familiar.” (Mendes, 2006:64)

Segundo Malheiros (2012:103), o processo de “gentrificação” na Mouraria encontra-se numa fase inicial, onde o *marginal gentrifier* valoriza as áreas antigas da cidade centro pelo seu urbanismo distintivo, pela sua arquitetura “típica” e pelos seus bairros históricos tradicionais, pelas suas “gentes” genuínas, pelo seu cosmopolitismo e pelo seu comércio de proximidade e de pequena escala”. A coexistência entre o antigo e o cosmopolita leva ao surgimento destes grupos sociais pioneiros (...) que procuram o “potencial emancipatório da cidade centro, criando uma nova classe urbana, culturalmente sofisticada e menos conservadora” (Malheiros, 2012:102). Aparecem esporadicamente no território, em áreas que demonstram estar desvalorizadas e marcadas pela perda de população inativa, da classe operária e de idosos (Hamnett, 2003). A multiculturalidade tão manifesta no bairro é também um fator que atrai essas novas classes urbanas, pois invocam a diversidade e a mistura social, na “criação de uma cidade aberta e tolerante”, ou seja, cosmopolita. (Malheiros, 2012:105)

Os *gentrifiers* recém-chegados apropriam-se das habitações vagas e desvalorizadas e geram mudanças não estruturais no edifício, pois o empreendimento da reabilitação é exclusivo do próprio, logo a apropriação é pontual e de pequena escala, caracterizada apenas por alguns fogos isolados ou eventualmente alguns quarteirões do bairro. O aspeto “decadente” do bairro facilita a instalação por parte desta população, pois encontram as habitações a preços médio-baixos. (Malheiros, et. al., 2012:103,104)

## COABITAÇÃO AINDA CONDICIONADA PELA MULTICULTURALIDADE

Como característica muito específica, o bairro da Mouraria tem sido marcado pela existência de dois processos de transição socio-urbanística, nomeadamente a fixação de imigrantes não europeus e um primário processo de “gentrificação” urbana, “cuja ocorrência paralela tem conduzido à diversificação cultural e étnica do bairro” (Malheiros, et. al., 2012:97). Ainda para além destes dois processos coabitam no mesmo território os autóctones, considerados a população tradicional do bairro. Esta “população autóctone, que tem vindo a diminuir nos últimos anos, caracteriza-se por um acentuado envelhecimento, por baixos níveis de instrução e por uma elevada concentração de indivíduos empregados no sector dos serviços pouco qualificados” (Fonseca, 2011:30). Apesar dessa crescente característica liberal e cosmopolita do bairro, são as poucas as evidências que demonstram interações significativas entre os diferentes grupos sociais.

A população autóctone é maioritariamente caracterizada por ser uma população envelhecida, predominantemente feminina e por apresentar um agregado doméstico reduzido, pois já vivem sozinhos ou em casal. As plantas 04.1 e 04.2 são um forte indicativo das zonas mais envelhecidas do bairro: indicam que existem dois núcleos com população residente mais tradicional, nomeadamente a zona envolvente à Travessa do Jordão, Rua do Terreirinho, Calçada Agostinho de Carvalho e a zona envolvente à Rua São Pedro do Mártir, Largo dos Trigueiros, Rua das Farinhas, Largo e Escadinhas de São Cristóvão. É curioso evidenciar que ambas as zonas apresentam um desenho urbano mais sinuoso.

O agregado doméstico com um a dois indivíduos, da planta 01, também enuncia a presença da população *gentrifier*, pois estes são caracterizados por ser uma população mono-residente, em geral. Apesar disso, o fator que mais os caracteriza é a obtenção de um curso superior completo. Em relação a este dado, torna-se clara a delimitação da zona que se encontra mais “gentrificada” – a Costa do Castelo.

A população imigrante está claramente instalada na zona a norte e a este da Praça do Martim Moniz. Esta situação é mais evidente ao caminharmos as ruas do bairro, através da presença dos letreiros das lojas étnicas e das pessoas que frequentam as ruas,

mas também pode ser demonstrado na planta 02 (usos do edificado), já apresentada anteriormente no trabalho. Atendendo ao forte investimento empreendedor étnico na Mouraria, esta planta permite localizar as zonas que são mais comercializadas, ou mistas, o que é um forte indicador da presença imigrante. A zona em volta da Praça do Martim Moniz (onde o Centro Comercial da Mouraria está totalmente apropriado por comerciantes imigrantes), Rua do Benfornoso, Rua dos Cavaleiros e Calçada da Mouraria são as áreas que mais manifestam a aglomeração imigrante. Um outro fator que comprova a concentração desta população nesta zona são os dados dos Censos 2011 da nacionalidade por freguesia: enquanto a freguesia São Cristóvão São Lourenço apresenta um total de imigrantes recenseados residentes de 16,72%, a freguesia de Socorro apresenta um total de 28,29%, o que mais uma vez indica que a zona a norte do bairro é, de facto, uma zona de forte presença imigrante.

Tabela 01- Indivíduos (%) por local de residência e nacionalidade (País), Censos 2011

|                               | Portugal | Europa | África | América | Ásia  |
|-------------------------------|----------|--------|--------|---------|-------|
| São Cristóvão<br>São Lourenço | 83,28    | 2,53   | 3,43   | 1,71    | 9,05  |
| Socorro                       | 71,71    | 4,13   | 3,92   | 2,30    | 17,94 |



Planta 04 – Cartografia dos dados dos Censos- Plantas realizadas no âmbito do trabalho de grupo.  
Agregado doméstico composto por 1 ou 2 pessoas (%)

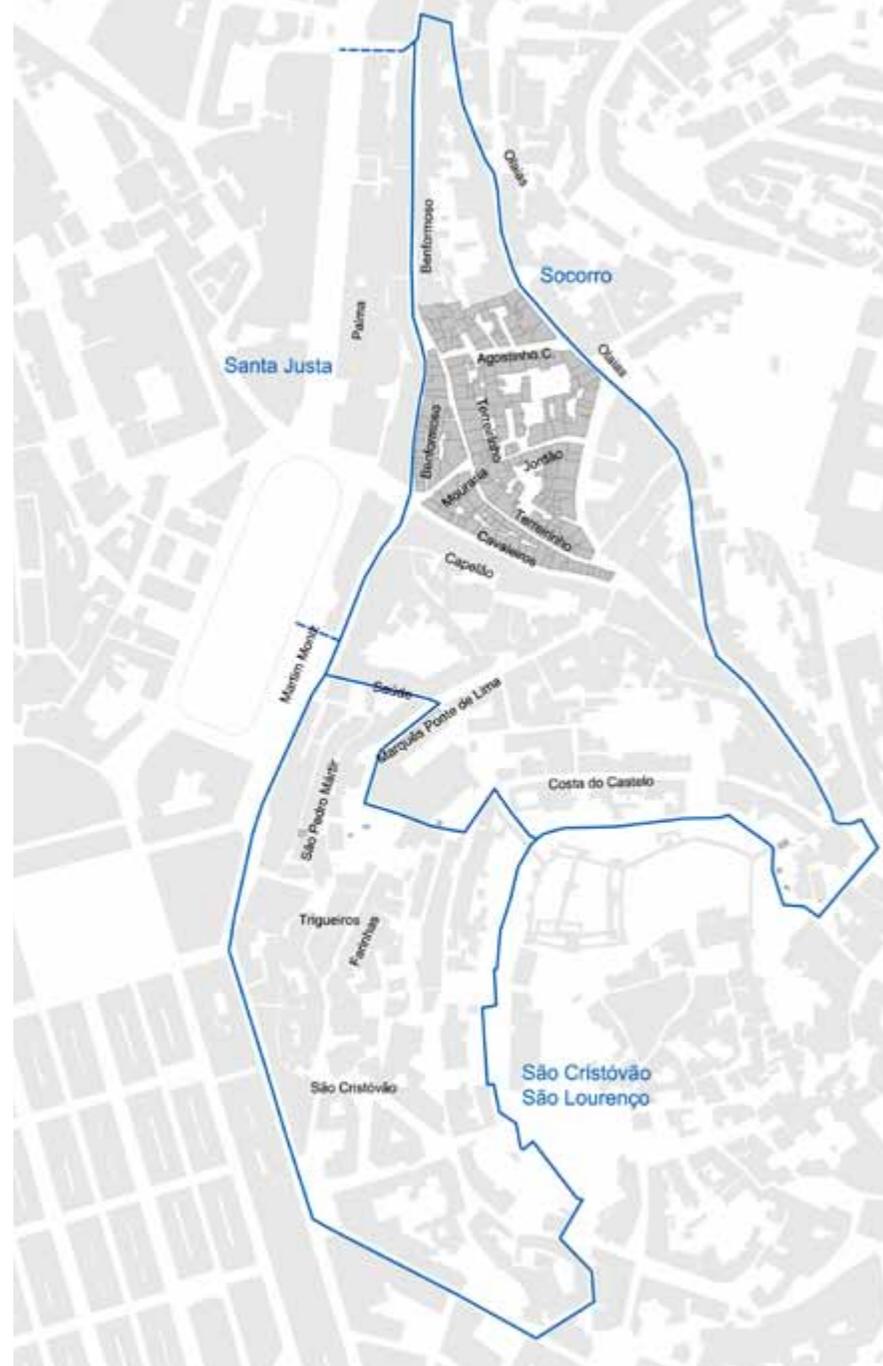


População com idade superior a 65 anos (%)



População com curso superior completo (%)





Tendo em conta a cartografia da ocupação social do território que surgiu desta breve análise, é possível eleger uma unidade de observação mais restrita na qual coabitam os diversos grupos sociais em estudo. É visível que a zona norte do bairro da Mouraria apresenta uma maior mistura social, tendo em conta que inclui um dos núcleos de residentes mais tradicionais, que é a zona onde está assente um processo de fixação imigrante e que é uma zona que também anuncia a presença de população *gentrifier*, comprovado pelo número de indivíduos residentes com curso superior completo presente nos dados dos Censos 2011. Além disso, o fato desta zona conter também uma maior densidade populacional facilita a procura dos indivíduos adequados à realização das entrevistas.

Esta área selecionada pode ser dividida em duas partes: uma parte maioritariamente residencial, que se implanta numa zona com terreno mais acidentado e é pontualmente marcada por edifícios de uso misto, com comércio, restauração ou armazéns no piso térreo que atendem à população local, e são geralmente explorados por comerciantes portugueses; a outra parte corresponde às áreas envolventes à Rua do Benfornoso, Calçada da Mouraria e Rua dos Cavaleiros, uma zona muito marcada pela atividade comercial e serviços, em edifícios de uso misto. Aqui são visíveis atividades como restaurantes, cafés, lojas com diversos tipos, *hostels*, armazéns de revenda, pequenas mercearias locais, alguns escritórios e locais de culto islâmico. É também a zona onde é visível uma maior apropriação do espaço urbano e residencial pela população imigrante, principalmente a asiática. A localização próxima das mesquitas (Calçada Agostinho de Carvalho e Rua do Terreirinho) indica que esta zona é, de fato, o núcleo de fixação da população imigrante muçulmana. Esta é também uma zona muito marcada pela arquitetura operária, pela presença de vilas e pátios (Vila Júlia, Vila Luz Pereira, Pátio do Jordão e um outro pátio sem identificação), o que é uma forte evidência do papel de bairro operário que esta zona já teve.



Planta 06 – Usos do edificado – unidade de observação

Zona principalmente residencial

Zona mista – comércio/habitação



Planta 07 – Edifícios de referência – unidade de observação.





Fotografia 04 – Rua do Terreirinho e Travessa do Jordão- zonas habitacionais com o pequeno comércio português; menor vivência na rua.



Fotografia 05 – Calçada da Mouraria e Rua do Benfornoso (hostels; vivência da rua nas zonas mais comercializadas por imigrantes)



A vivência entre essas duas zonas é muito distinta. A zona residencial tem um carácter de vivência de rua mais tradicional, mas, por outro lado, a zona mista tem uma maior presença imigrante. “Cada sociedade caracteriza-se por um conjunto de relações sociais que associam os indivíduos entre si e lhes permite, por isso mesmo, transformar coletivamente o meio natural, concedendo-lhe uma função e um sentido”. (Grafmeyer, 1995:32) Este espaço urbano é o reflexo das vivências próprias de cada grupo social residente. A sua distribuição no território, apesar de misturada ao nível do prédio, mostra uma certa segregação na conformidade do traçado e localização das ruas.

“Os restaurantes, cafés, tabernas e botequins são locais de convívio fundamentais no desenvolvimento das relações sociais no interior do bairro e na preservação do imaginário coletivo dos lisboetas – feito de histórias de fado e de fadistas, de santos e procissões, de jogos e ginjinha, de rixas, becos e ruelas.” (Ribeiro, 1993:79)

A comunidade de portugueses que nasceu e cresceu na Mouraria, por ser um grupo etário maioritariamente idoso e pelo confronto com as diversas mudanças sociais, fecha-se um pouco. Por sua vez, os imigrantes, culturalmente distintos, e com modos de viver em comunidade num território que não lhes pertence, também se fecham, e por consequência, os *gentrifiers* ao mudarem-se para um território que apresenta uma população extremamente defensiva, também tomam a mesma atitude. Ou seja, procuram mais propriamente uma “sensação de proximidade face à diversidade e ao genuíno, do que uma efetiva experiência destes valores.” (Malheiros, et. al., 2012:122)

Rodrigues (1992:96) afirma que, por vezes, a alteração da textura social por públicos diferentes aos existentes inicialmente no território pode provocar segregação e substituição da população. As pessoas convivem na rua, vivem e comercializam umas ao lado das outras, mas não partilham um espírito de vizinhança devido ao sentimento de barreira permanente.

Apesar disso, a população portuguesa *gentrifier* contribui fortemente no investimento em associações e questões locais (Authier, 2010:81), funcionando como “elementos de mobilização coletiva local” através da criação de associações (Associação Renovar a Mouraria) e espaços comunitários, inseridos no Programa de Desenvolvimento Comunitário da Mouraria, no âmbito do QREN Mouraria, e da organização de eventos de

“animação sociocultural do Bairro (Festival de Todos) ou a contribuição para as operações de regeneração” (Malheiros, et. al., 2012:123).

A revitalização do bairro da Mouraria também passou pela intervenção a nível do espaço urbano, a partir da década de 1980, num contexto de valorização dos bairros históricos centrais das cidades. A criação dos Gabinetes Técnicos possibilitou uma intervenção mais estratégica, encarando o território como uma totalidade social, económica e cultural e como um conjunto arquitetónico e urbanístico distinto. (Ribeiro, 1993:78)

Mais recentemente têm surgido iniciativas da Câmara Municipal de Lisboa para promoção da imagem do bairro da Mouraria:

- Programa de Ação da Mouraria (eventos e iniciativas promovidos pela Parceria Local);
- Programa de Desenvolvimento Comunitário da Mouraria;
- GABIP Mouraria (Gabinete de Apoio ao Bairro de Intervenção Prioritária da Mouraria) – “gabinete institucional que alicerça e congrega todo o trabalho de desenvolvimento comunitário da Mouraria”
- Candidatura ao QREN (Quadro de Referência Estratégico Nacional) – “Coesão Social – Política de Cidades / Parcerias para a Regeneração Urbana – Programas Integrados de Valorização de Áreas Urbanas de Excelência Inseridas em Centros Históricos, com o objetivo de beneficiar o território da Mouraria, que se estende do Largo do Intendente ao Largo Adelino Amaro da Costa, e se caracteriza pelos seus problemas sócio - urbanísticos.” (in <http://www.aimouraria.cm-lisboa.pt/>)

Estas iniciativas resultaram na realização de um Plano de Intervenção que abrange desde a zona do Intendente ao bairro da Mouraria, reabilitando espaços públicos que se localizam no próprio coração do bairro.



Figura 04 – Planta do Plano de Intervenção urbano da CML para o bairro da Mouraria e zona do Intendente, 2010. Planta retirada de <http://www.aimouraria.cm-lisboa.pt/>

A EPUL (Empresa Pública de Urbanização de Lisboa) que tem também investido na zona envolvente à Praça do Martim Moniz com novas residências, as Residências Martim Moniz, e renovação da própria praça, através de uma vasta campanha de publicidade urbana para um público específico: “ (...) desafiam-no a uma nova forma de vida, próxima do que é importante. Uma vida familiar tranquila, com fácil acesso à enorme oferta cultural e de lazer da Cidade e a uma ampla rede de transportes públicos, com a comodidade de poder usufruir de estacionamento privativo.” (in <http://www.epul.pt/>)

# parte II

ESTUDO DE CASOS

## AUTÓCTONE: SOLIDÃO COMPENSADA PELO CUMPRIMENTO DAS TAREFAS QUOTIDIANAS

A Dona Lurdes é uma senhora idosa, já viúva. Nasceu em 1928 (85 anos) no bairro da Mouraria, onde sempre viveu. Agora reside sozinha num apartamento T1. Tem apenas o 1º Ciclo do Ensino Básico da Escola Comercial (antiga 4ª classe), reformada, mas já trabalhou como costureira em casa, e depois nos hospitais civis onde o marido trabalhava, e também já foi roupeira.

### A CONCRETIZAÇÃO DE UMA REALIDADE PEQUENA NUMA PROXIMIDADE FAMILIAR

Os seus pais mudaram-se para a Mouraria (o seu pai era natural dos Olivais e a sua mãe era natural da zona de Leiria) porque o pai trabalhava numa “caixotaria” (termo utilizado para “loja de caixões”), na Rua do Terreirinho. Começaram por viver na casa da dona da loja, na Rua do Benfornoso, e apenas mais tarde, em 1933, é que se mudam para a sua casa atual, porque ficava mais perto da loja. Como a entrevistada apenas viveu na primeira casa até aos 4 anos de idade, tem muito poucas recordações:

“Só me recordo que havia um barbeiro defronte. Uma barbearia. Recordo-me porque continuei a ver sempre esse senhor. De maneira que eu era pequenita e acho que lhe chamava o barbeiro bonito (risos). Brincava comigo naturalmente. Eu ponha-me “à janela” na minha varanda, e o senhor, que estava à porta da barbearia, brincava comigo. Pronto. Depois vim para aqui.”

O edifício situa-se na Rua do Terreirinho, nº 52. É um edifício de habitação multifamiliar que se insere numa frente de rua contínua. O lote desenvolve-se em profundidade, muito marcado pela sua fachada estreita, onde a implantação da construção é de ocupação total, ou seja, não contém logradouro. É um prédio de propriedade privada construído para arrendamento livre.

O projeto inicial, datado de 1882, foi mandado construir por António da Silva, “no seu terreno sito na rua do Terreirinho entre os nºs 48 e 54 – Freguesia dos Anjos”

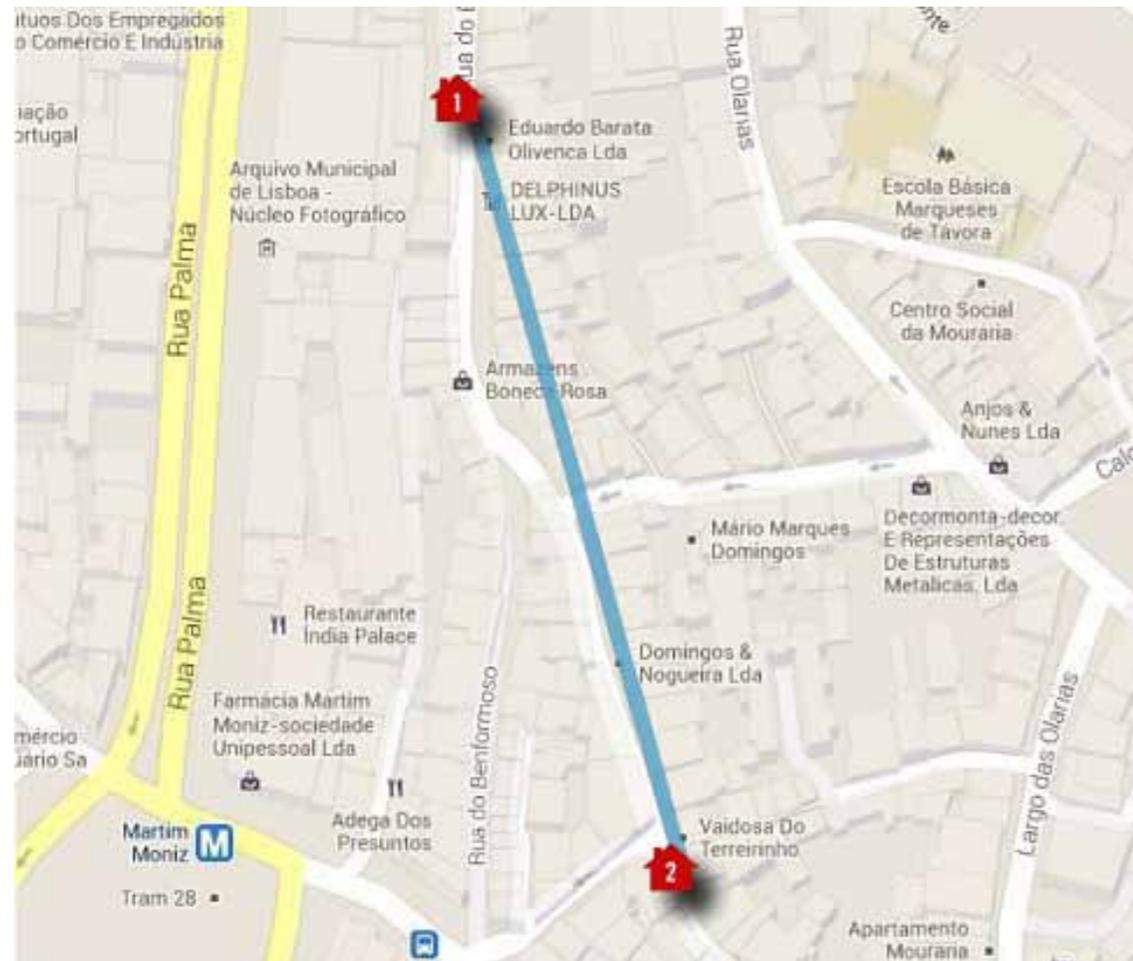


Figura 05 – Mapa da trajetória residencial, feito em [www.trajectorias-residenciais.com](http://www.trajectorias-residenciais.com)  
1. Rua do Benfornoso – infância 1928 a 1933; 2. Rua do Terreirinho nº 52 – casa atual.



Figura 06 – Localização do prédio; fotografia da rua.

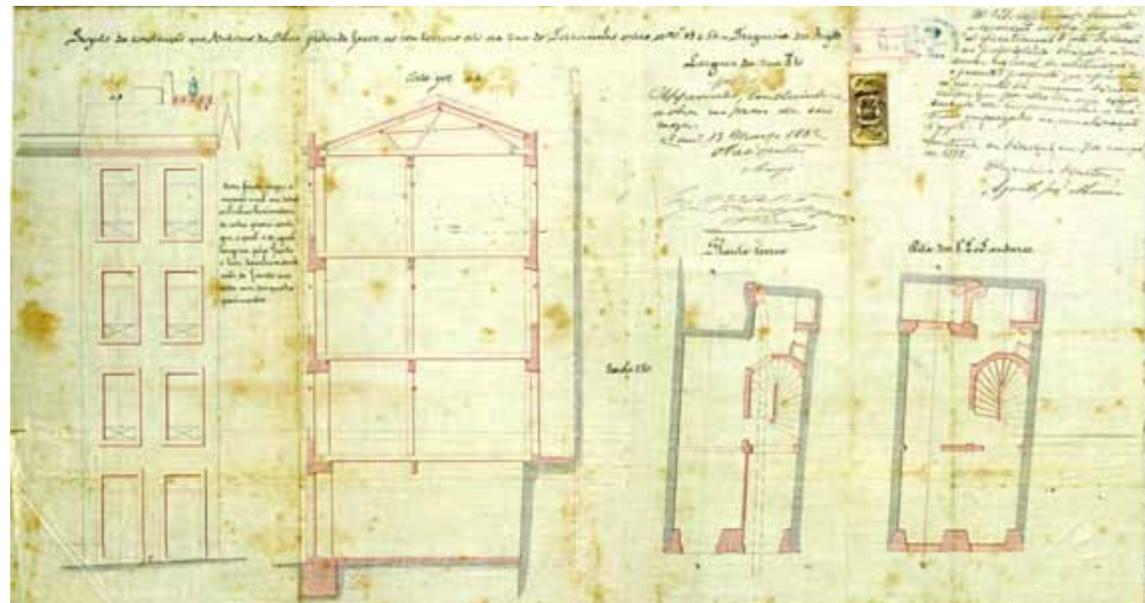


Figura 07 – Projeto do prédio mandado construir por António Silva, situado na Rua do Terreirinho nº 52 em 1882 – Arquivo Municipal de Lisboa Intermédio – Obra 33410- Processo 68-1ªREP-PG-1882 Folha 2

(freguesia já extinta, agora a zona pertence à freguesia do Socorro). Previa a construção de um prédio constituído por rés-do-chão, 3 andares e sótão, com um fogo por piso. Foi pretendido manter o desenho de fachada dos edifícios já existentes: “esta frente segue o mesmo nível em todas as linhas horizontais do outro prédio contíguo, o qual é de igual largura pela frente e tem também dois vãos de frente em cada um dos quatro pavimentos” (excerto retirado do texto que acompanha os desenhos ilustrados na figura 07). Porque o edifício está envolvido por empenas de outros edifícios adjacentes em três lados, o prédio apenas contém uma fachada, a de frente de rua.

Este edifício enquadra-se no período marcado pela industrialização da cidade de Lisboa, na segunda metade do século XIX, onde a lógica por trás da sua construção era “construir o mais possível na menor área possível. Este dado é, pois, crucial para se perceber a forma elementar assumida (...) que decorre (...) das opções do construtor com o objetivo de otimização dos seus loteamentos: edifícios retangulares em que a reduzida dimensão da largura é compensada pela ocupação do solo em profundidade.” (Pereira, 2012: 40-41)

O piso de entrada serve de armazém da loja de molduras do prédio vizinho e para arrumos de todos os moradores. Do primeiro ao terceiro piso situam-se três habitações (uma por piso), onde a habitação do terceiro piso tem o aproveitamento do sótão. Todas as habitações são servidas pela escada comum do prédio, iluminadas por uma pequena claraboia. O pé-direito é igual em todos os pisos, cerca de 2,90m. O prédio contém ainda um saguão com cerca de 1,62m<sup>2</sup> de área, articulado com o sistema de esgotos para cada habitação.

A planta tipo da habitação contém 3 “assoalhadas”, com total de área útil de 20,52m<sup>2</sup>. O desenho retangular do prédio não se reflete no desenho das habitações devido ao recorte do vão das escadas e do saguão, dando-lhe uma configuração mais deformada. No projeto inicial não é referida a função de cada compartimento desenhado. A organização interior segue uma lógica muito simples, condicionada pela área e pelo recorte que a planta permite: o espaço social localiza-se à entrada da habitação, os espaços privados numa zona mais recolhida e os espaços de serviço contíguos ao

saguão. Sendo assim, o compartimento adjacente à fachada da rua corresponde à sala (“salita” como lhe chama a entrevistada) de 9,69m<sup>2</sup>, no compartimento seguinte situa-se o quarto com 6,52m<sup>2</sup>, e junto ao saguão, a zona da “pia de despejos” e a cozinha com forno com 4,31m<sup>2</sup>.

O quarto é o único compartimento que não tem ligação direta para o exterior, apesar de estar previsto no projeto inicial a abertura de um vão para o saguão, não havendo assim entrada de luz natural. A ventilação é cruzada, conseguida através da abertura do vão na cozinha para o saguão e dos vãos na fachada da rua. Aqui são projetadas apenas as funções básicas, numa habitação com apenas três divisões com espaços de área minimamente necessária marcadas pela precariedade.

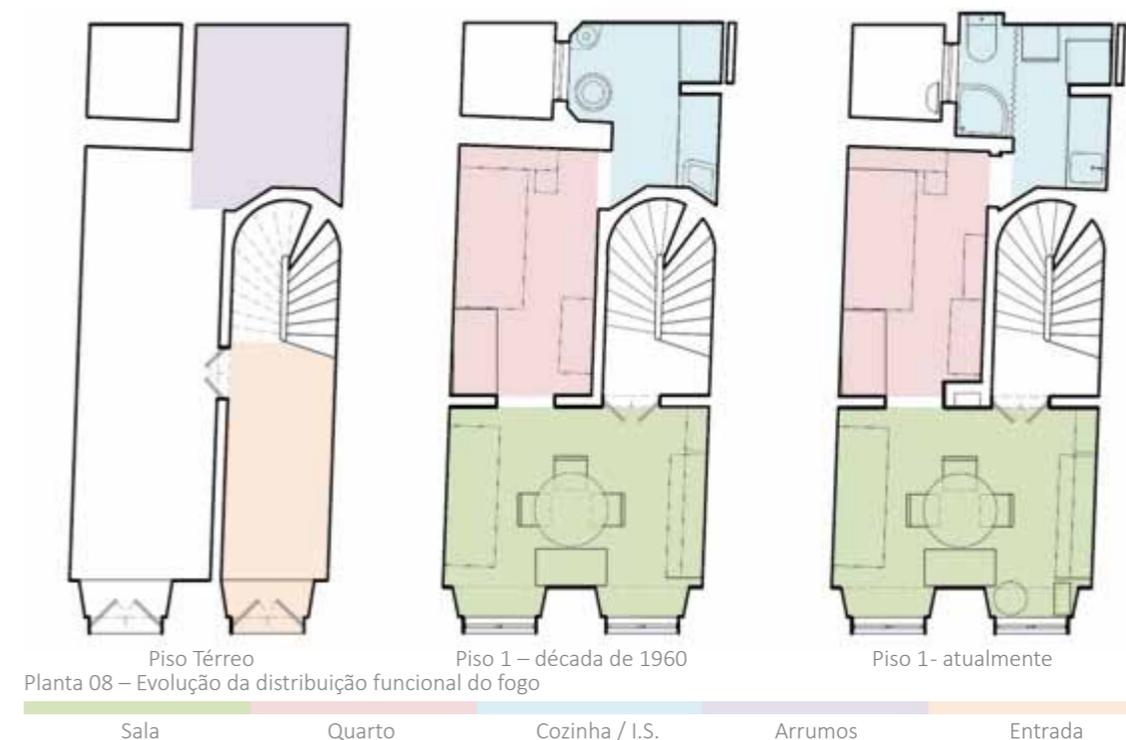
#### ESPAÇO PRIVADO: CONFORMISMO NA HERANÇA FAMILIAR

Quando se mudaram, casal com uma filha pequena, ao início apenas foram necessárias serem feitas obras de beneficiação, pois a casa já tinha um aspeto envelhecido. Depois de reposto o soalho, foram feitas pinturas interiores, e algumas modificações, mas principalmente a instalação de luz, pois só existia canalização de água. Mais tarde, por volta de 1960, houve a necessidade de se transformar o espaço de serviço, acrescentando-lhe uma casa de banho na zona da “pia de despejos”, apenas separada da cozinha por um cortinado de plástico. Essa alteração acabou por acrescentar um pouco de área a esse compartimento, para ser possível instalar-se uma sanita e um poliban. A cozinha também é equipada com o fogão e o frigorífico, deixando o forno de ser utilizado.

“De facto aquilo não tinha comodidades, não tínhamos lava-loiças, não tínhamos poliban, não tínhamos nada, não é? (...) Não digo que tenho casa de banho porque, como viu, não há muito espaço. (...) A gente tinha uma banheira. Banheira não, uma selha (...) redonda, em madeira, (...) donde tenho agora o poliban, estava ali. Então, lavava-se a roupa, e depois quando tomávamos banho, aquecia-se a água, (...) punha-se a selha no chão e tomávamos banho.”

Em geral, a habitação construída até finais do séc. XIX carecia de equipamentos básicos (como a casa de banho) e de canalização de água, situação que foi lentamente modificada com as políticas de reformulação higienista, das décadas de 70 e 80 do século XX.

Todas as modificações referidas foram feitas por investimento do próprio, apesar das modificações realizadas nos outros fogos terem sido feitas por despesa do senhorio. Em 2001, o edifício é integrado no programa RECRUA da CML, mas apenas são feitas obras de beneficiação geral na fachada exterior da casa<sup>1</sup>.



1 Informação retirada do processo da obra 33410 no Arquivo Municipal de Lisboa Intermédio

Sendo a casa muito pequena, e porque uma das preocupações da inquilina era poupar o rendimento da família, nunca houve possibilidade de serem feitas outras transformações. Apenas eram feitas alterações básicas necessárias para se atingir um melhor grau de salubridade e conforto, e outras questões técnicas como a mudança do contador da água da cozinha para a entrada, para não se passar pelo quarto, e algumas obras e arranjos de beneficiação.

“Foi a única coisa que se modificou, o resto não há possibilidade de modificar mais nada, como vê a casinha é pequena, mesmo que quisesse, não há possibilidade. Mas para mim agora chega muito bem.”

Após a morte do pai, e após o seu casamento, o seu marido muda-se para esta casa. Nesta altura, o casal vive na mesma casa com a sua mãe, e mais tarde com o seu primeiro filho. A condição precária da sua família está refletida na falta de autonomia por parte do casal recém-casado. Optam por viver com a sua mãe, adaptando o pouco espaço que têm para acomodar outras pessoas, outras vivências.

“A minha mãe dormia aqui (no divã da sala), e nós dormíamos no quarto. Quando não há outra possibilidade, não é? (...) Tive um menino, e ela ainda tomava conta dele, e a gente organizava-se assim. Para não a deixar sozinha. A minha mãe sempre que pôde trabalhou. (...) Mas depois não. Ela recebia o vencimento. Ficou em casa a tomar conta do meu filho até aos 3 anos, e eu estava a trabalhar fora, e o meu marido também. Nessa altura era enfermeiro, depois é que foi para radiologia. Depois a minha mãe faleceu e ficámos os três aqui.”

Ainda no séc. XX as condições de acesso à habitação pelas famílias era muito deficiente. Em meados do mesmo século, a percentagem de famílias que tinham habitação própria era muito baixa nos principais centros urbanos, como Lisboa, onde 90,1% das famílias vivia em casa de renda, segundo um recenseamento geral feito em 1950. (Cascão, 2011:41)

Agora que vive sozinha, pois o seu marido já faleceu e o seu filho, já com 60 anos, vive com a sua família em Telheiras, a entrevistada passa mais tempo em casa. Apesar do tamanho, da configuração e das condições, sente-se satisfeita com a casa, porque, acima de tudo, representa toda a sua vida. O único aspeto que lhe incomoda na casa é ter uma cozinha pouco iluminada e não ter uma vista mais bonita:

“Eu gostava que tivesse vista! Uma vista! O meu neto morou ali na vila, no cimo das escadinhas há uma vila (Vila Luz Pereira), morou aí. A casa não prestava para nada, mas a vista era tão linda! A única coisa é também ter uma cozinha muito escura. Uma cozinha clara, era tão bom, e a vista, porque tenho sempre este prédio aqui á frente, não é? Mas pronto.”

A “salita” é o compartimento da casa que mais utiliza, porque, do ponto de vista do conforto, tem mais iluminação natural, maior dimensão e maior proximidade com a rua, e porque nela realiza uma maior diversidade de atividades, é um compartimento de carácter mais versátil. É na sala que toma as suas refeições, que vê televisão à noite (as notícias) e realiza diversas atividades para passar as tardes em casa:

“Onde costuma ler? – Aqui (no banco junto à janela da sala), ao pé da pombinha (risos). Faço palavras cruzadas. Antigamente gostava de fazer renda. Mas agora, tenho dificuldade. Começo a fazer renda, começa-me logo a doer a coluna, não vale a pena. E de ler, também não posso estar continuamente a ler que dói-me muito a vista, mas leio, pronto, é a minha distração agora.”

A zona junto à janela é, de facto, uma zona em que se sente mais confortável, devido à proximidade com a rua e toda a vivência que nela acontece, apesar de afirmar não se sentir sozinha:

“Sinto-me bem ali porque vou vendo as pessoas a passar. Afasto um bocadinho as cortinas, e quando está bom tempo abro as janelas.”

Hierarquicamente, sendo o espaço social da casa, a sala contém uma maior importância. É um espaço de receção de pessoas de fora, suas amigas, familiares e vizinhos e é, portanto, a zona da casa que expõe o espaço privado ao público. Esta divisão representa a sua identidade, a sua família repleta de recordações em retratos, quadros, livros, “bibelôs” e é o compartimento mais decorado da casa.

O quarto é a divisão menos usada. Para além do uso óbvio do dormir, ou repouso de tarde, e principal zona de arrumação da casa, o quarto também é muito utilizado para circulação entre a cozinha/I.S. e a sala, devido à sua localização incomum, uma polivalência de carácter obrigatório para este espaço. Quando viviam mais pessoas na casa, a sala também servia para dormir, na qual a cama era o “divã da sala”. A cozinha e I.S. são as zonas de serviço da casa. Este espaço serve também para o tratamento da



Fotografia 06 – Entrevistada sentada no seu banco junto à janela da “salita”

roupa. As refeições são feitas na sala.

“Tenho uma banheira pendurada no saguão. Tiro a banheira, ponho detergente, água. – E tem sítio para estender a roupa? – Aqui fora (janela para a rua) (...) Quando são coisas maiores, como os cortinados (...) pego neles e vou ali ao balneário, há lá uma secção que lavam a roupa. Eu pago, e eles lavam me os cortinados.”

Não se sente sozinha. Costuma receber pessoas em casa, o seu filho, os seus netos, a sua vizinha do 3º andar e uma amiga que mora na Calçada da Mouraria. Recebe-as na sala, pois mesmo que quisesse, não tem outra alternativa.

“Antigamente enchia-se a casa, mas agora não. Coitadas, vêm cá me ver, e depois retiram-se. São todos amigos. E também vou lá visitá-las.”



## ROTINAS CIRCUNSCRITAS NA IMEDIAÇÃO E NA ENTREAJUDA

Apesar da sua idade, a entrevistada continua a ter uma forte vivência fora da esfera privada da casa, onde a presença e a vivência na rua acabam por ser relevantes para não sentir isolamento.

Como já foi dito antes, a zona em estudo é marcada por um fenómeno de fixação imigrante que tem vindo a crescer, mas há ainda uma presença muito relevante de habitantes portugueses, o que foi uma das características fundamentais para a escolha e delimitação da zona. A entrevistada afirma que ainda não havia estrangeiros na altura em que veio para esta casa morar, “ (...) nesse tempo era tudo portugueses.”

O prédio é uma clara amostra desta mistura de grupos sociais que partilha o mesmo território, e, muito frequentemente, o mesmo edifício. No 2º andar do prédio vivem imigrantes indianos. Como já foi mencionado antes, os imigrantes recém-chegados acabam por viver juntamente com outros indivíduos homens que estão na mesma situação, partilhando a mesma casa que, por vezes, apresenta poucas condições de habitabilidade para o numeroso agregado doméstico que chega a atingir. Os seus vizinhos são um exemplo desta situação:

“Agora as pessoas que cá estão no 2º andar, são 3, já chegaram a estar 5 e 6 pessoas. (...) Os que têm passado por aqui são sempre indianos”

“Agora os meus vizinhos são mais estrangeiros, imigrantes. (...) São 5, numa casa como esta, 5 homens. Tenho pena deles, vêm da Índia, não é? Coitados, só mesmo por necessidade que os faz estar numa casa assim, não é?”

Aqui estão transcritos excertos das entrevistas realizadas em datas diferentes (primeira a 07-12-2012 e a segunda a 20-05-2013). É de notar a transitoriedade demonstrada pelos moradores vizinhos que acabam por residir pouco tempo naquela habitação. As duas entrevistas feitas à autóctone (a primeira de carácter exploratório) revelam este facto: na primeira entrevista estavam a habitar 3 imigrantes homens e na segunda eram já cinco imigrantes.

“São todos adultos. Já cá estive um grupo com crianças, mas foram-se embora. – Quanto tempo estiveram cá? – Pouco tempo. Meses.”

Apesar da dificuldade que sente em comunicar com estes vizinhos, é mantida uma boa relação com eles. No 3º andar, vive uma senhora, mais nova, sua amiga, que acaba por ter uma relação mais chegada, e costuma visitá-la. Também tem outras amizades com pessoas que vivem na mesma rua, em frente, e arredores.

Quanto à utilização dos espaços do bairro acontece o mesmo. O sítio que acaba por usufruir com maior frequência é o café/pastelaria localizado na mesma rua. É um estabelecimento gerido por portugueses, e frequentado por portugueses, maioritariamente da mesma faixa etária, onde costuma ir conviver e conversar. É uma reunião diária indispensável:

“Não me sinto só, porque de manhã levanto-me, lavo-me, e vou ali ao café. Vou à pastelaria, tomo o pequeno-almoço. Depois vou ao pão, dou uma voltinha, se tenho que ir ao supermercado, vou ao supermercado, encontro-me com pessoas amigas, fico um bocadinho a conversar, e depois vou-me embora. Quando chego a casa vou tratar do almoço. Almoço. Depois de almoçar, saio um bocadinho, vou tomar ali um cafezinho. Depois venho, entretanto, vou lendo. Coser, tenho dificuldade.”

O bairro propicia uma determinada proximidade entre os seus moradores. Existe, de facto, um ambiente de vizinhança e de entreajuda. A entrevistada frequenta mais espaços comerciais que sejam portugueses, em lojas de conveniência e mini mercados, mas prefere as maiores superfícies, como o Mini Preço, na Rua da Palma, apesar da sua localização. Por vezes também frequenta espaços comerciais imigrantes:

“Vou à fruta às vezes a um indiano, na Rua do Benfornoso. Há um supermercado aí, que de facto costumo ir, mas vou muitas vezes ao Mini Preço.”

Estes espaços comerciais portugueses são os preferidos dos indivíduos idosos, porque são já conhecidas as pessoas que ali, eventualmente, sempre trabalharam e as pessoas que habitualmente frequentam os mesmos espaços, criando uma noção de conforto e vizinhança, onde as pessoas se conhecem.

Agora, pela idade que tem e porque os seus familiares têm horários muito ocupados devido ao trabalho, a rede social da entrevistada cinge-se muito à zona mais a norte do bairro da Mouraria, numa área muito envolvente à sua casa. Apenas se afasta mais do bairro para visitar o seu filho, ou para eventuais acontecimentos pela cidade:



Fotografia 07 – Restaurante onde costuma ir tomar o pequeno-almoço ou o café depois do almoço.

“Não costuma afastar-se muito dessa rua? – Não. Só quando vou ver o meu filho. Em Telheiras. Apanho o metro aqui. Saio lá, mesmo na rua donde o meu filho mora. De maneira que, combinámos, na hora que eu chego, já está ele à minha espera, vamos tomar cafezinho ao Colombo. (...) Se há alguma coisa que gosto de ver, também vou! Devagarinho, porque não posso andar muito. Por exemplo, o ano passado, aquela festa do Continente... – No parque Eduardo VII? – Também fui a esse (risos) para ver o Toni Carreira. Mas o ano passado foi no Terreiro do Paço. Também fui. Gosto de ver essas coisas. (...) Dantes passeava mais. Tinha o meu neto (quando o neto vivia na sua casa). Íamos ao Jardim Zoológico, íamos para a praia, mas agora já não. – E qual é a frequência que os visita? – Quando têm possibilidade, porque também trabalham, não é? Por exemplo, o meu neto vem sábado ou domingo de manhã, um bocadinho, porque depois entra às 11h, e pronto. Dantes ele viveu aqui, mas agora não, está a trabalhar. Tomara ele manter o trabalho. Isto está tão mau...”

Para a entrevistada, o bairro está muito diferente do que era quando se mudou. Vivem agora muito poucos portugueses e perderam-se já muitas vivências e tradições que antigamente enriqueciam e caracterizavam o bairro da Mouraria, como o fado:

“Eu, quase todos os dias, passo a ver quando é que a casa da Severa está pronta! Nunca mais está pronta! – (...) Já tem saudades dos tempos em que o fado era mais cantado pelo bairro? – Sim. – Era cantado nas tabernas. Não havia restaurantes, na Rua das Flores havia, mas não era aí que se

ouvia. Ouvia-se mais numa tasquinha. Ali na Rua do Capelão (...) – Ouvia falar das visitas guiadas que fazem para se ouvir o fado na Mouraria? – Sim. Já tenho observado as visitas guiadas. As tabernas são muito pequenas, e fica tudo lá dentro a ouvir na mesma. Eu também fui para lá assistir.”

Ou como a procissão da Senhora da Saúde, a mais antiga da cidade de Lisboa:

“A procissão (hoje em dia) é bonita, mas agora sinto uma grande tristeza porque é completamente diferente do que era antigamente. Era tão bonita aquela rua do Benfornoso, desde baixo até lá cima, todas as janelas com colchas, a atirarem pétalas de rosas. – Ainda vi chineses a fazerem isso... – Pois, mas como vê... ainda assim eles tentam. Mas eles coitados, ou não compreendem ou não estão para colaborar. Não é a religião deles, não é? A gente respeita. Mas faz pena, porque já não se vê o que se via. (...) Comovia a gente ver, e depois, quando passava a procissão, (...) ficava o cheiro das pétalas, era um cheirinho tão agradável... era dia de festa na Mouraria.”

Na sua perspetiva, a presença dos imigrantes, que foi crescendo ao longo dos anos, mudou completamente o carácter do bairro, mas aos poucos acabaram por se adaptar à forma de vida em comunidade do bairro.

“É um bocadinho difícil para eles se habituarem às nossas maneiras, não é? Agora já estão a entrar mais na linha, antes pegavam no lixo e atiravam da janela abaixo. (...) Dos imigrantes, os que se fecham mais são os chineses. Porque os outros mesmo assim, o que é, eles não nos entendem e nós não os entendemos. Têm dificuldade, um ou outro percebe um bocadinho de português. Tenho lá em baixo um papel a dizer em inglês para fecharem sempre a porta, antes estava em português, mas não funcionava. Agora já estão habituados, fecham sempre a porta.”

Apesar de acreditar que o bairro está a tornar-se melhor, e sente-se bem a viver nesta zona, ainda está muito presente a degradação e a pequena criminalidade, devido à toxicodependência ou venda de droga, que surge pontualmente no bairro, nomeadamente no Largo do Terreirinho.

“Sim. Sinto-me bem, porque, apesar de tudo, respeitam-me. Eu às vezes passo ali no largo (do Terreirinho), e alguns conhecem-me: “boa tarde”, “bom dia”, não custa nada a gente cumprimentar. Se eu mandasse dizia “oh filhinho, trabalha e deixa isso”, mas não vale a pena. (...) Ainda está muito degradada a Mouraria. Tenho muita pena. É que são as pessoas que cá moram que a estragam. Por exemplo, arranjam o pavimento, os passeios, e, ainda o outro dia, já estavam as pedras retiradas, e o lixo! É uma complicação com o lixo. Eu acho que tudo isto torna o bairro muito sujo.”

Toda a revitalização que tem sido feita no bairro da Mouraria tem mudado a

percepção das pessoas, tanto residentes como não residentes, acerca deste espaço de diversidade social. Uma das maiores preocupações é a revitalização do bairro, tanto do ponto de vista do espaço urbano como da própria vivência deste mesmo espaço, feita através das iniciativas como festivais de música, de gastronomia ou mercados ao ar livre.

“Sim, sim. É bom de ver! Tenho ido sempre. Ouço às vezes a música daqui. Quando foi lá a Mariza foi uma maravilha! Eu adorei! E o meu neto então, (...) vamos sempre ver, também com a vizinha do primeiro andar (Calçada da Mouraria). Ela é mais nova do que eu. Tem 67 ou o quê. Vamos sempre as duas. Ver as queijadas e ver as coisas e às vezes sempre compramos umas coisitas.”

A acompanhar toda essa transformação, que tem vindo a ser feita desde os anos 80, também afirma a entrevistada que, cada vez mais, muitas casas, situadas perto da sua casa, têm sido vendidas a novos moradores portugueses, mas não há muito contacto com eles, não ultrapassa um simples cumprimentar.

“São simpáticos, mas não convivem muito, naturalmente trabalham. A gente vê-os mas não falamos muito com eles. (...) Não convivo com eles, não é? “Bom dia”, “boa tarde”, “como está”, não há mais intimidade, (...) Pronto, e agora estão com ideias de modernizar mais um bocadinho isso aqui, faz falta para a juventude.”

## **IMIGRANTE: A MOURARIA COMO GARANTIA DE TRABALHO E ESTABILIDADE**

Para a escolha do caso do imigrante é interessante enunciar os diversos perfis que foram encontrados para uma possível entrevista, pois eram muito variados. A variedade consistiu na representação das diferentes fases do padrão de migração de cidadãos estrangeiros, como também através dos diferentes níveis de apropriação do espaço da habitação, o que dependia muito da própria nacionalidade dos indivíduos.

Nesta zona marcada pela presença imigrante é muito visível a fase primária do processo de imigração, onde o indivíduo masculino se instala sozinho no país de acolhimento, procurando uma situação mais estável através do emprego e da legalização permanente; e o carácter transitório da estadia destes mesmos indivíduos. Esta situação é protagonizada principalmente pelas comunidades muçulmanas, como já foi explicado no enquadramento deste trabalho. Ao instalarem-se no bairro, procuram casas a preços baratos, portanto os espaços habitacionais partilhados acabam por ser a opção a tomar. A partilha é sempre feita por imigrantes da mesma nacionalidade e que se encontram nas mesmas circunstâncias. Aqui foram apresentados homens, somente, bangladeshianos, que mostram condições de habitabilidade muito diferentes. Num dos casos, um apartamento T2, foi feita a transformação do espaço da sala em quarto, para poder albergar até quatro pessoas; num outro caso, sete imigrantes viviam num apartamento T3, onde o espaço era aproveitado ao máximo para se poder colocar mais um colchão para dormir.

A fixação residencial das comunidades imigrantes, cada vez mais presentes na zona norte do bairro da Mouraria, caracteriza-se também pelo crescente número de famílias imigrantes residentes. Para ilustrar esta fase do processo da imigração, apresento duas famílias de nacionalidades diferentes, uma bangladeshiana e outra chinesa.

Ambas as famílias desenvolveram atividades comerciais no âmbito da restauração. No caso da família do Bangladesh, o homem reside na Mouraria há mais de 10 anos, e apenas há uns anos reagrupou a sua família. Torna-se proprietário de um

prédio de 2 andares, onde reabilita o piso térreo transformando-o no seu restaurante, e o piso superior passa a ser a residência da família. No caso da família chinesa, o restaurante localiza-se no seu próprio apartamento, onde é transformada a sala de estar num espaço com mesas e cadeiras para os clientes. São aqui enunciados níveis distintos de apropriação do espaço que claramente transmitem a própria consolidação das comunidades imigrantes a que pertencem.

Mediante esta amostra, para o caso imigrante houve o cuidado de não se escolher um caso demasiado atípico, mas sim que representasse um maior conjunto da população imigrante residente no bairro da Mouraria.

Mamun é um homem casado, natural do Bangladesh. Nasceu em 1979 (34 anos), e reside na Mouraria há aproximadamente três anos, num apartamento T2, como arrendatário, com mais 3 outros imigrantes bangladeshianos. Trabalha como empregado de comércio numa loja de revenda e é licenciado em Gestão de Turismo.

#### O CONFRONTO DE DUAS REALIDADES – MASSIFICAÇÃO VERSUS INDIVIDUALIDADE

A sua cidade natal é Dacca, capital do Bangladesh, onde sempre residiu na mesma casa, um apartamento T4 no 3º andar de um prédio habitacional, que pertence à sua família. Aqui vivia com a sua mãe, a sua mulher e com o seu irmão.

Em 2005 ingressa no ensino superior, num curso de gestão de turismo na Universidade de Dacca. Ao concluir o curso, decide emigrar, como também já tinha feito o seu irmão. Dacca é uma cidade muito densa a nível populacional e apresenta uma elevada taxa de desemprego, apesar do crescimento económico, urbanístico e do investimento na modernização que se tem vindo a assistir, é, de facto, uma sociedade de emigração.

*“In our country we have a lot of job offers, but much competition, because our country is very crowded, too many people. If you try to get a job, there is like thousand candidates for a job, and we have to fight a lot to get a job. Just for one job, too many people applying.”*

A existência de alguém conhecido que já estivesse estabelecido no território e apresentasse uma situação estável no trabalho, foi o fator fundamental para a escolha do país a emigrar. Para além disso, outro fator importante era a rapidez na concessão do visto de residência.

*“When I finished my studying, I decided to see where I could emigrate and find a better country to work, (...) has my brother did. He went to Spain to work and live. But because we are from Bangladesh, a foreign country, we have a problem with the visa. (...) One day I was talking on Facebook with one of my friends that were living in Portugal, and he tells me – you can come to Portugal, they give you chance to stay permit, and within short time – that’s why I come in to Portugal. That’s it. I came here in 2010 in 25 of July.”*

Este amigo, também do Bangladesh, que o ajudou a entrar em Portugal, na altura estava a viver no bairro da Mouraria, logo o entrevistado acaba por arranjar casa também na Mouraria. Assim formam-se as comunidades de imigrantes, geralmente segregadas a diferentes escalas dentro de um determinado território da cidade. A comunidade é a forma mais fácil de integração de um recém-chegado imigrante, que enfrenta as distintas lógicas de vivência urbana nacionais, num equilíbrio “entre a tradição e a adaptação, entre a tolerância e o conflito” proporcionando uma experiência urbana que atua na progressiva integração social e cultural. (Grafmeyer, 1995:101)

*“It was very good. I adapted very quickly here. Here the weather is very nice, not so cold not so hot. And because here there are so many Bangladeshi people doing business here, so it got many opportunities for me, to stay here. Maybe I can open a business here also. So I adapted here quickly. Here is like a community. In Mouraria, in this area, there are a lot of Bangladeshi people, Indian, Pakistani, a lot of Asian people, so it’s like a community and it’s good for me and for my adaptation.”*

Atualmente vive num apartamento situado na Calçada Agostinho de Carvalho / Beco de São Marçal, nº 16. É um edifício de habitação multifamiliar que se insere no final de um beco com cerca de 1,80m de largura. O lote desenvolve-se paralelamente ao beco, e abrange ainda um logradouro privado que serve de entrada para a habitação situada no piso térreo do lado esquerdo do prédio.



Figura 08 – Mapa da trajetória residencial, feito em [www.trajectorias-residenciais.com](http://www.trajectorias-residenciais.com)  
1. Dacca, Bangladesh – até 2010; 2. Beco de São Marçal nº 16 – casa atual



Figura 09 – Localização do prédio; fotografia da rua.

Datado de 1900, o projeto para “modificação em uma propriedade (...) pertencente a Romão Gonçalves” (excerto retirado do texto incluído na figura 10). Do edifício pré-existente não há registros. Previa a construção de um prédio geminado, construído pelo piso térreo, 2 andares, sótão e saguão. O logradouro divide a fachada frontal do prédio em duas partes, pública para o beco e privada para o logradouro. O prédio contém ainda duas fachadas cegas sobre lotes adjacentes e uma fachada encostada ao edifício vizinho. É de evidenciar que a simplicidade do desenho da fachada frontal está em consonância com o contexto onde este edifício foi construído.

A sua configuração interior é geminada: o piso térreo contém dois fogos que ocupam metade da área bruta do prédio, pois a parte posterior encontra-se enterrada; os dois pisos superiores contêm ambos dois fogos e saguão. O acesso às habitações é feito pela porta 16 e pelas escadas centrais comuns do prédio, à exceção da habitação esquerda do piso térreo onde o acesso é feito pela porta 18 (logradouro). As habitações do 1º andar possuem acesso direto para o saguão (aqui dividido em dois espaços) e as do 2º andar usufruem do sótão para arrumos.

A configuração interior dos espaços é semelhante em todos os fogos, à exceção do piso de entrada. A lógica de compartimentação apresenta um desenho regrado geminado a partir do vão das escadas central.

Os compartimentos surgem em torno de dois pequenos corredores que fazem a ligação entre os espaços de convívio (sala de estar, sala de jantar) e os espaços de serviço (cozinha). Apesar do projeto não nomear cada compartimento, é possível identificarem-se os usos do espaço através de lógicas simples: os espaços de serviço surgem contíguos ao saguão, o qual a cozinha contém a “pia de despejos”; a sala de jantar localiza-se no compartimento em frente à cozinha; a sala de estar localiza-se no compartimento de entrada e, sendo o espaço social da casa, está contíguo à fachada de frente de rua; os restantes compartimentos seriam quartos de dormir, pois este edifício enquadra-se numa época marcada pela carência de equipamentos básicos como as casas de banho.

Apesar da importância que os espaços sociais geralmente assumem, a sala não é o compartimento de maior área (5,45m<sup>2</sup>). Os quartos (quarto principal com 8,15m<sup>2</sup> e



Figura 10 – Projeto do prédio mandado construir por Romão Gonçalves, situado no “Bêcco de S. Marçal nº 42 e 44” (antigos números das portas), em 1900 – Arquivo Municipal de Lisboa Intermédio – Obra 38042- Processo 1991-DAG- PG-1900 Folha 2

os restantes dois com 5,57m<sup>2</sup>), a sala de jantar (6,43m<sup>2</sup>) e a cozinha (6.481m<sup>2</sup>) apresentam áreas um pouco mais generosas.

### RENTABILIZAÇÃO DO ESPAÇO PRIVADO TRANSITÓRIO

Quando o entrevistado se muda para este apartamento, a configuração interior da casa já se encontrava como representado na planta 11, nomeadamente a construção de I.S. contígua ao saguão (provavelmente imposta pelas novas exigências de higiene e salubridade dos edifícios de meados do séc. XX) e a demolição da parede interior que formava o corredor de entrada. Como o prédio funciona em propriedade vertical, este tipo de modificações são consequentes de uma adaptação dos espaços da casa a novas necessidades de conforto mas principalmente pela rentabilização do espaço privado.





Fotografia 08 – Quarto do entrevistado.

Nesta habitação os quartos são alugados individualmente, numa lógica de partilha do espaço da habitação por pessoas que podem não ter qualquer tipo de relação antecedente, mas partilham as mesmas circunstâncias.

“I live here with 3 of my friends. One of them is Jahid, the other is Monshin, and the other is Abdul Ahad. All of them are from Bangladesh. (...) Abdul Ahad came to Portugal before 10 years, and has established here, he got nationality here, he has a shop/business here. And Jahid, he went to Italy first, and then he heard too that in Portugal they are giving stay permit quickly, so he came he like 1 or 2 years ago. And then Monshin also came straightly to Portugal some months ago.”

A continuidade do fluxo migratório é apoiada por indivíduos imigrantes já residentes no território onde se instalou a comunidade, que ajudam os recém-chegados a

encontrarem sítio onde morar, através do aluguer de quartos, normalmente em apartamentos onde já residam outros imigrantes da mesma nacionalidade. À escala do espaço privado, a segregação é muito clara. Não há, de facto, mistura social no interior da habitação.

Portanto, existe uma forte lógica de transição neste tipo de espaços habitacionais de receção de imigrantes recém-chegados. À medida que os residentes se vão consolidando na sociedade e no seu trabalho ou conseguem reunificar a sua família, acabam por mudar-se para habitações mais confortáveis, noutros prédios do bairro ou arredores.

As transformações que foram realizadas no fogo em causa vão ao encontro desta lógica de maximização do espaço para albergar a maior quantidade de pessoas possível, pois são espaços de trânsito. Foi então transformada a sala de estar em quarto duplo.

“Yes. It was the living room, and now it is a bedroom, because we are in need (risos). Here lives 4 people, the other bed is extra, for when someone comes here to visit. When I came here it was already a bedroom.”

As razões que levaram à demolição da parede que formava o corredor à entrada são desconhecidas, apesar de ser evidente que o aumento da área deste compartimento possibilitou a colocação de duas camas em vez de apenas uma. Para se conseguir uma maior privacidade entre os quartos, também foram fechadas as portas entre os dois compartimentos contíguos à fachada de rua. Uma das portas possivelmente nem fora construída como no projeto, ou já foi demolida; a outra porta encontra-se bloqueada com armários e móveis de arrumos.

Para além destas transformações ao nível da organização e usos do espaço, também foram feitos arranjos (canalização) e pinturas em alguns dos compartimentos. O quarto do entrevistado foi pintado com um tom verde forte, numa apropriação que transforma o ambiente do seu espaço privado característico da cultura do seu país natal.

Como o trabalho ocupa grande parte do tempo, para o entrevistado a casa serve-lhe apenas para descanso. O seu dia-a-dia é essencialmente vivido fora da esfera privada, numa constante convivência com a comunidade. Porque os espaços interiores do apartamento são pequenos e pelo próprio carácter de partilha que a casa tem, acaba



Fotografia 09 – Sala de jantar, ao fundo a luz da cozinha acesa pois um dos residentes estava a cozinhar o jantar; utilização das escadas do sótão para pôr os sapatos.

por usufruir mais do espaço urbano.

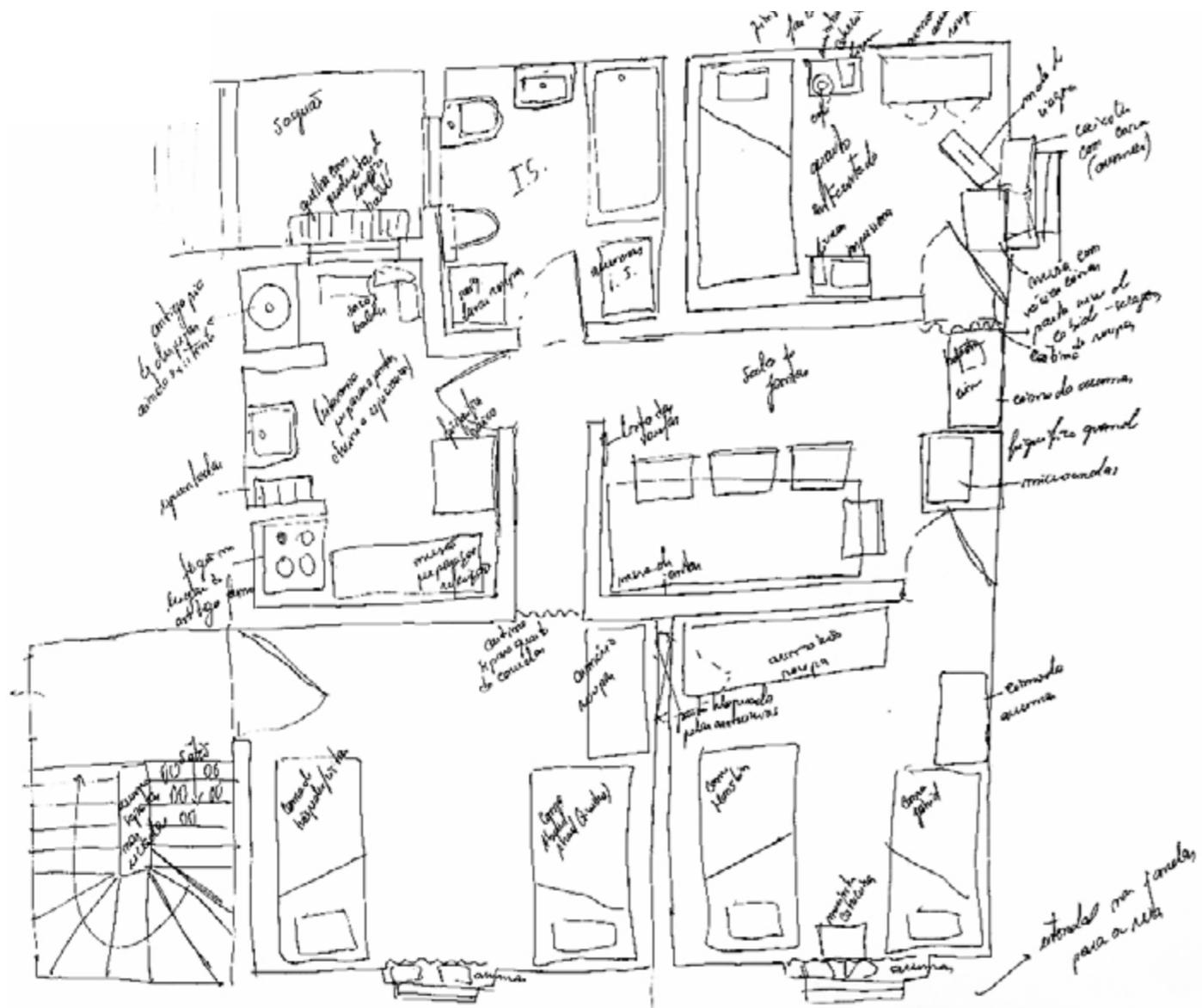
A sala de jantar e a cozinha são os espaços de convívio na casa. A preparação do jantar e a refeição em si são momentos de partilha de experiências, vivências e nostalgias entre os residentes, pois as comidas bem temperadas criam um ambiente familiar com o forte cheiro a especiarias que se espalha pelo apartamento. O compartimento que o entrevistado mais utiliza é o seu quarto, e como não o divide com outro inquilino é o espaço onde sente mais conforto e privacidade. Uma questão importante quando confrontada com a coabitação diária no bairro ou em casa. É onde costuma falar com a sua família:

“I wake up at 8h30, sometimes I take a shower, sometimes not, then I take some coffee and then I go to work at 9 o'clock am to 8 o'clock pm. After 8 o'clock pm I don't come straight to the house, I go around to walk in Rua Augusta, maybe in Rio Tejo, maybe go to a friend's house, and at 9h30 or 10 o'clock pm I come home, I take shower, sometimes not, and after we take dinner all together, and then every one of us go to the laptop, to internet, until 12pm or 1am, we are using laptop personally, or sometimes we are gossiping about some topics, politics in our country, or talking about Portugal, but only sometimes, because we usually get really tired from work, and we go to bed with the laptop.”

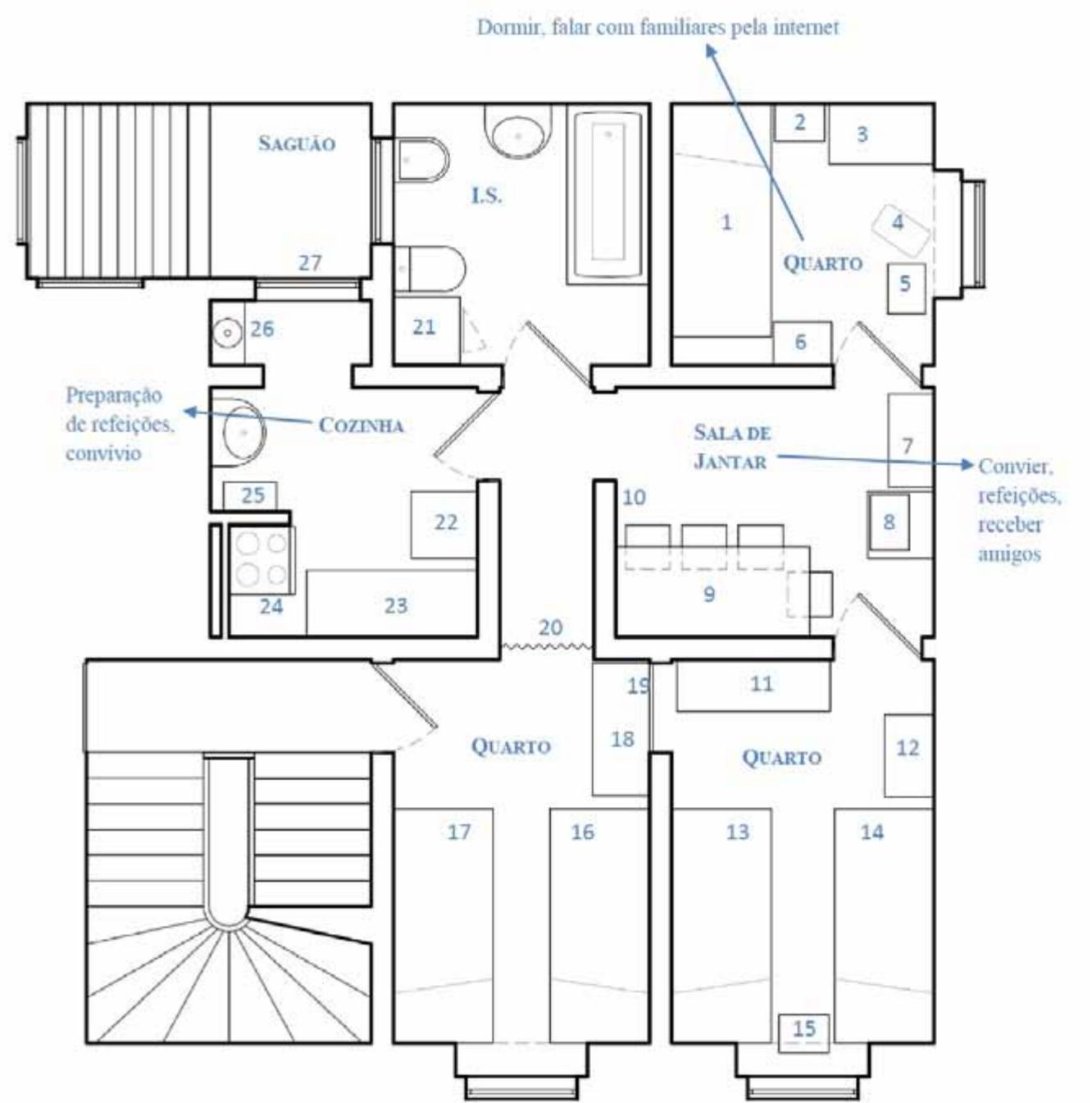
Pela casa não se encontram muitos objetos decorativos que recordem o seu país natal, ou a sua distante família, “I only have some gifts that some friends gave to me. And I keep that to remember them. That's all, because in Facebook I can see every one's pictures (risos).”

O entrevistado reconhece a condição transitória desta casa e espera, mais tarde, encontrar uma maior:

“It's a bit small and crowded. But I know some friends that live here in Mouraria, in houses more crowded than this one. You enter the house and you only see beds all over the floor. – Does it have some importance to you, this house? – No. Small houses, does not give me pleasure. A little bit bigger house is better, because we have room to make exercise or something. Feel like fresher.”



Planta 12 – modos de habitar e usos do espaço, desenhada durante a entrevista.



Planta 13- Habitação, usos do espaço

Legenda da planta:

1. Cama entrevistado; 2. Mesinha de cabeceira com chávena de café vazia e livros; 3. Armário roupa; 4. Mala de viagem com roupa em cima, atrás tem caixotes; 5. Mesa com vários objetos; 6. Mesa com impressora e livros; 7. Cômoda para arrumos; 8. Frigorífico alto com micro-ondas em cima; 9. Mesa de jantar; 10. Lista das tarefas; 11. Armário roupa; 12. Cômoda para arrumos; 13. Cama do Monshin; 14. Cama do Jahid; 15. Mesinha de cabeceira. Atrás das cortinhas caixotes; 16. Cama do Abdul Ahad; 17. Cama de hóspedes/visitas; 18. Armário roupa; 19. Porta bloqueada pelos armários; 20. Cortina de separação entre quarto e corredor; 21. Máquina de lavar roupa; 22. Frigorífico baixo; 23. Mesão da cozinha; 24. Fogão no lugar do antigo forno; 25. Esquentador; 26. Antiga "pia de despejos", com sacos e caixotes no chão; 27. Grelha com os produtos de limpeza e baldes.

## COMUNIDADE, TRABALHO E RELIGIÃO

O domingo é o dia de descanso. Aos domingos, o entrevistado costuma reunir-se com amigos, em sua casa, em casa deles. Conhece alguns imigrantes que já têm a família a viver em Portugal, mas na Mouraria convive principalmente com outros imigrantes homens que estão numa situação semelhante à sua:

“Do you usually receive people at your home? – Yes, my friends, and especially at Sundays. At Sunday our shop is closed, and almost every Sunday, some people, some friends come to my house, and we make some party, drink and eat something, special foods. – Who usually comes? Mostly men, or does it comes also their wives and children? – Mostly bachelors, no families, just friends. – But you know people that already brought their families here? – Yes. But they prefer to stay together at their homes or they are going out with all the family.”

No prédio onde vive o entrevistado também existe alguma mistura social, mas maioritariamente o prédio é habitado por imigrantes do Bangladesh. No piso térreo vive uma senhora portuguesa idosa com a sua filha; no piso 1 vivem imigrantes do Bangladesh em ambos os apartamentos, em situações semelhantes à do entrevistado (cerca de 4 a 5 homens por apartamento); no piso 2 o apartamento em frente ao entrevistado encontra-se desocupado. Com os vizinhos conterrâneos é mantida uma relação mais próxima, principalmente de partilha, e com os vizinhos autóctones do piso térreo a relação é principalmente de ajuda:

“It’s very good, we help each other, and we share things sometimes, and down stairs, with the Portuguese, sometimes we are talking with her also. Her mom is sick, so we help them sometimes.”

Como vive pouco a casa, acaba por não se relacionar muito com os vizinhos do prédio, mesmo os bangladeshianos, nem com a vizinhança dos prédios contíguos. No Beco de São Marçal é visível uma mistura social residente, autóctone e imigrante. Apesar da proximidade que o desenho do beco proporciona aos residentes, as lógicas de vizinhança acabam por manter uma certa segregação entre estes dois grupos sociais, onde, embora haja uma entreatajuda, cada grupo doméstico acaba por se fechar um pouco na sua própria esfera privada/social.

Toda a vivência do bairro por parte da população imigrante funciona como uma “aldeia na cidade”, em torno das relações e dos laços presentes no seio da comunidade a que pertencem, onde se acumulam as identidades étnicas ou religiosas como caminho para uma coesão social. A comunidade muçulmana apresenta um avançado nível de estabilização no bairro da Mouraria, numa zona onde existe um claro investimento empreendedor étnico: estabelecimentos comerciais diversificados, como armazéns de revenda, cabeleireiros, restaurantes, cafés, mercados, lojas de vestuário, todo um conjunto de serviços que possibilita o desenvolvimento de redes de entreatajuda, num conforto a nível da comunicação, trocas comerciais, vivências quotidianas, num ajustamento às exigências dos próprios clientes, entre outros, o que acaba por funcionar como “instrumentos de controlo social e da vizinhança”. (Grafmeyer, 1995:97-98)

“We have a shop here, also from Bangladesh, and they sell Bangladeshi food, at the corner of the street. It’s specially this shop, or sometimes Mini Preço, or Pingo Doce, like that.”



Fotografia 10 – Mercearia bangladeshiana.

O entrevistado trabalha como empregado de comércio numa loja de revenda bangladeshiana. A rede de serviços existente no bairro proporciona a oportunidade de empregabilidade dos imigrantes recém-chegados, numa lógica familiar, facilitando a inclusão dos mesmos na própria comunidade.

“When I came here, I started working in another shop from a friend, and last year, September, I came to work at that shop where I’m working now.”

Este empreendedorismo étnico também funciona como fator dinamizador das áreas comerciais degradadas e em declínio onde se instalam. (Malheiros, 2008:139)

A rede social mais próxima do entrevistado também cinge-se fundamentalmente às relações intrínsecas à comunidade. Destas relações é importante evidenciar, como já foi feito ao longo do texto, a ajuda que existe entre os indivíduos da comunidade, que funciona como uma grande família, transformando o bairro num lugar essencial à fácil adaptação na cidade de acolhimento. Fora deste território, as minorias étnicas instaladas em outras partes da cidade de Lisboa e arredores (apenas unidades de famílias) não sentem a mesma facilidade de adaptação que os indivíduos residentes na Mouraria sentem e, portanto, são frequentes as suas visitas ao bairro:

“It’s important because of the community. In Mouraria we have our community that we don’t have in other places of the city, not so many Bangladeshi people living nearby. We have a strong community here. So it’s easier to live here. (...) I know one family. They are living in Ericeira. In Ericeira there are not so many Bangladeshi people, one or two families live there. (...) They went there and they are living there and they are working on their restaurant, both of them, husband and wife, working in a restaurant. Sometimes they come to Lisbon to be with us, because there they don’t find many people to talk with, so they come here.”

Para além deste vínculo muito forte entre as pessoas da comunidade, também são mantidas relações com os outros imigrantes e outros residentes do bairro, mas a um nível mais superficial:

“We know a lot of Pakistani, Indian, Mozambican, Chinese, we know them but we never go to their houses, we just know them, talk with them, share some things.”



Figura 11 – Localização das duas mesquitas

Ainda na esfera da comunidade, o fator mais importante que torna coerente a sua uniformidade é a religião. Este grupo social considera-se “tanto mais integrado quanto mais os seus membros estejam unidos por crenças partilhadas, por maneiras de agir comuns e por relações interpessoais” (Grafmeyer, 1995:97). Na Mouraria existem duas mesquitas cuja localização não está identificada com placas ou letreiros, mas sim por divulgação, e a proximidade entre as duas indica que a zona, também onde reside o entrevistado imigrante, é o coração da comunidade muçulmana do bairro da Mouraria.

A forte crença islâmica e a forte presença muçulmana no bairro são claramente comprovadas às sextas-feiras, pois é o seu dia santo. A sexta-feira é o dia em que a comunidade muçulmana se reúne na mesquita para a oração do meio-dia. Normalmente é um dia de descanso, mas a adaptação às práticas da sociedade de acolhimento impõem alterações nos seus próprios costumes.

“We Muslim we have a special day, on Friday, but, because we are working, it’s not that different from the other days. We have a Mosque, there are two Mosques here nearby, and on Fridays we go there pray, during the lunch hour. There is a lot of Muslim. It’s like Christian’s Sundays, who goes to the church.”



Fotografia 11 – Calçada Agostinho de Carvalho e Rua do Terreirinho numa sexta-feira pelas 14h20  
À esquerda: mesquita da Calçada Agostinho de Carvalho; à direita: mesquita na Rua do Terreirinho.

Todas as sextas-feiras, pelas 14h20, as ruas envolventes às mesquitas ficam repletas de indivíduos, homens paquistaneses, indianos, bangladeshianos de várias faixas etárias, numa multidão conjunta que transforma a paisagem urbana do bairro.

No seu tempo livre, o entrevistado usufrui muito do espaço urbano do bairro e arredores, como a Praça do Martim Moniz com os seus eventos noturnos, assim como outros espaços da cidade.

“When we are free, especially at Sunday, we get together with a car, we have friends with car, or sometimes we arrange two cars, and we go sometimes to Cascais, Ericeira, Cais do Sodré, Belém. We go around.”

A comunicação é uma das maiores dificuldades para a adaptação de um imigrante recém-chegado, apesar de grande parte dos indivíduos falarem inglês. A Associação Renovar a Mouraria abriu recentemente um curso de língua portuguesa de dois meses a um preço muito acessível, preparado para os imigrantes, principalmente os que praticam alguma atividade comercial.

“In Mouraria they are teaching Portuguese language for foreign people. And I go there, I try to learn Portuguese, and I try to tell that to all the Bangladeshi community people. They started that only last November. Before that they were not very organized.”

A Associação preocupa-se em criar iniciativas que promovam o bem-estar e a sociabilização de todos os residentes no bairro, numa partilha deste território que alberga distintos perfis sociais. Há, de facto, uma intenção comunitária que ajuda na interação e na integração de novos residentes, sejam eles imigrantes ou não.

Apesar de toda a vivência que facilitou a adaptação do entrevistado a este novo lugar, a degradação urbana ainda existente ou o próprio traçado antigo, é um fator influente na sua satisfação com o bairro. Ainda assim, sente-se satisfeito com a acessibilidade, a localização ao conforto característico que oferece este território central da cidade de Lisboa.

“The level is not so high (risos), living in this area of Mouraria. Because this area is not very clean all the time. And another thing is that this area is very old, very old city, not new city, not planned with all the buildings, does not have plan wise behind. This building or the street is all very tight.”

And also there is no park, like children park or things like that. But now they are trying to make some arrangements, and it's better now. It is getting better, but still very old. The satisfaction level is not so high, the facilities we cannot get easily in this area. I'm from Dhaka capital of Bangladesh, and all around we have a lot of facilities. In other parts of the city we can get more facilities, but in this area, there are not too many facilities. (...)

Yes it's easy, metro or shopping, everything is easy because it's centered. To do a tourist activity is very easy from here, in Lisbon. For example in my birth city, I couldn't find any tourist there.”

Ao comparar a cidade de Lisboa com a sua cidade natal, Dacca, assume ser um lugar muito mais fácil de se viver, pois é mais segura, mais limpa, menos sobrelotada e existe, de facto, uma maior acessibilidade no geral. É um lugar muito mais calmo para se viver e estabelecer uma jovem família.

“The city of Dhaka, some areas are better, but most of the areas of Dhaka are not so clean, (...) and there is not much security on the streets, because there are too many people on the streets (...). Comparing with Lisbon, it's not like that. Here security is very good, if we have some problems we can call the police, and the police can come quickly to help us. But in Dhaka city is not possible. Police cannot come by helicopter (risos) it has to come by car, and it's almost impossible. About the clean, about safety and security, about the superstructure, everything is different between our city and Lisbon, very different. – Do you think it's easier to live here? – Yes it's easier. Not a doubt.”

Num futuro próximo os seus planos passam por iniciar o seu próprio negócio no bairro ou noutro sítio da cidade, e talvez procurar uma casa mais cómoda para viver, ou seja, com menos inquilinos a partilhar o mesmo espaço. Talvez mais tarde, quando já estiver estabelecido e consolidado o seu negócio, trará a sua família para Portugal:

“To Mouraria, or other place? – (...) To Mouraria, because we cannot live without our community, it's very difficult.”

A possibilidade de um dia regressar definitivamente ao seu país natal não está nos seus planos, pelo menos não é uma opção evidente.

“Why do you think immigrants tend to come to live here? – In my country I have a lot of opportunity but a lot of people. In every sector we are not satisfied, the transportation: there is a lot of people, so whenever you want to go somewhere, in the capital city, you catch one bus or taxi or something like that, you have to wait a lot of time, because there are too many cars, so if you want to go to another place you lose a lot of your time. So, we are people from Bangladesh, and we are used to crowded places, so why we are here? Because in Portugal, there are not so many people, we can find the roads free, in this area or all Portugal, it is not so crowded like Bangladesh or India, and so this is one of the reasons why we come here to live.”

## **GENTRIFIER: ESTILO DE VIDA ALTERNATIVO NO ENCONTRO COM O GENUÍNO**

Paulo é um homem português, solteiro, nascido em 1971 (42 anos). Reside na Mouraria há cerca de oito anos, num apartamento T1 de que é proprietário. A sua condição de viajante deve-se ao facto de ter tirado o doutoramento no estrangeiro e de presentemente trabalhar como historiador/investigador.

### **UMA TRAJETÓRIA GLOBAL NUMA BUSCA PELA SUA IDENTIDADE**

Quando nasceu, os seus pais encontravam-se no Funchal, ilha da Madeira, numa licença de três meses para férias, o que se chamava “férias/licenças graciosas”, pois estavam a trabalhar em Benguela, Angola, como funcionários públicos. No contexto da colonização portuguesa em África, havia um grande intercâmbio de funcionários públicos entre Portugal e Angola. Este território apresentava zonas muito apelativas para se viver, e as pessoas que conseguiam ir trabalhar para lá acabavam por ter uma boa qualidade de vida.

“Em Angola vivemos em dois sítios diferentes, na mesma cidade. Tinha a ver com o trabalho do meu pai. Mudámo-nos para uma residência de um diretor de uma escola de artes e ofícios, no caso. E portanto aí há duas casas.”

Com a independência das colónias, em 1975, e devido à instabilidade da situação nestes territórios, regressam a Portugal: passam um mês em Lisboa e depois retornam à Madeira. Ao início, a família instala-se na casa dos seus avós paternos (cerca de 6 meses) e depois muda-se para a casa dos seus avós maternos, onde vive até 1980. Ambas as casas no Funchal.

Em 1980, a família muda-se para Lisboa, onde compra uma casa nos Olivais. Esta casa pertencia à Cooperativa de Funcionários Públicos do Ultramar, da qual o seu pai fazia parte. Esta distribuição de habitações estava incluída num processo de reinserção dos retornados, por parte do Governo Português, que facilitava e resolvia a situação de

estabilidade destas famílias, na qual a maior parte das pessoas tinham formação superior, o que facilitava o processo principalmente na procura de emprego.

“A casa era bastante espaçosa. Era um apartamento com 3 quartos e uma sala, mas com áreas bastante generosas, com 140/150m<sup>2</sup>, um apartamento bastante generoso. A sala é grande, os quartos são grandes, um corredor amplo, a cozinha ampla.”

Aos 26 anos, em 1997, sai de casa dos pais e muda-se para Florença e, mais tarde, em 2000, para Paris, no contexto da realização do seu doutoramento. Estudar no estrangeiro é uma frequente opção para o investimento numa melhor formação e enriquecimento pessoal. Geralmente o facto de ainda não se ter responsabilidades profissionais ou de ainda não se ter constituído uma família, são motivos favoráveis à decisão de se estudar num país estrangeiro, mas também a vontade de se conhecer culturas diferentes.

Na sua estadia no estrangeiro para fazer o doutoramento acaba por ter um estilo de vida de carácter transitório, numa procura de casas a preços mais acessíveis, ou seja, de menor área. Viveu em três casas em Florença e em duas casas em Paris, por períodos variados:

“Em Florença estive, para aí, um ano numa casa, pelo menos. Depois devo ter estado, para aí, uns 9 meses noutra e 6 meses noutra. (...) Depois em Paris, estive sempre em apartamentos, enfim, à escala de Paris, não é? Muito pequenos. Portanto, no primeiro, aquilo tinha uns 15m<sup>2</sup>, era aquilo a que se chama uma *studette*<sup>1</sup>. (...) Tive, para aí, um ano e meio nessa *studette*. E depois estive mais dois anos num outro que era um *petit studio*, já teria uns 22m<sup>2</sup>. (...) Mas isso naquela altura era fácil, porque eu fazia as mudanças com duas malas de mão (risos). Também porque fazia outra coisa, que era, tentava ter o mínimo de coisas possíveis, e a maior parte dos livros que ia comprando, tenho uma boa biblioteca, ia trazendo para Lisboa, (...) e ia enchendo a casa da minha mãe, coitada!”

As casas em que viveu, enquanto esteve no estrangeiro, eram caracterizadas pela partilha do espaço da habitação por indivíduos que se encontravam na mesma situação, no caso estavam todos a fazer o doutoramento. Estas casas apresentam, a nível

<sup>1</sup> *Studette* é um tipo de apartamento francês composto por um quarto individual, com ou sem casa de banho, geralmente encontrados nos últimos pisos superiores de prédios de classe média, muito característicos do centro histórico da cidade de Paris. Estes espaços são uma adaptação da *chambre de bonne* – o quarto da criada. São quartos com áreas muito pequenas (de 6 a 12m<sup>2</sup>), por vezes instalados no sótão da casa, equipados com instalações mínimas: o piso contém um corredor de distribuição para uma série de pequenos quartos, e apenas uma casa de banho adjacente ao saguão. Nestes quartos residiam as criadas que trabalhavam num dos apartamentos do prédio. O acesso é feito pelas escadas de serviço do prédio. Hoje em dia são os espaços mais baratos no mercado da habitação, e são principalmente alugados por trabalhadores e estudantes menos endinheirados, que se instalam no centro da cidade. Este tipo de aluguer é muito marcado pela convivência entre os diversos residentes. (in [www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org))

organização interior, uma clara distinção entre os espaços privados e os espaços comuns, porque, apesar de existir esta vivência comunitária tão marcante e igualmente pretendida, há a necessidade de existir sempre um espaço individual. São, normalmente, aproveitamentos de casas antigas de zonas centrais da cidade, reabilitadas e preparadas para acolher estudantes ou trabalhadores. São casas muito compartimentadas, e, por isso, muito aptas para esses tipos de transformações. Apesar da pouca área ou do espaço apertado que, por vezes, encontrava, não era motivo de incómodo, porque sempre fora mantida a noção de transitoriedade da sua estadia e da procura dos preços mais acessíveis.

“Cada um tinha o seu quarto, e depois a cozinha e as casas de banho e o resto eram espaços comuns, havia também uma sala que funcionava como espaço comum. Em todas elas, portanto era uma lógica de apartamento partilhado (fala sobre uma casa em Florença). Os quartos, bem eu não me posso queixar dos quartos onde estive, tirando a última casa, que fiquei com o quarto da criada, que era mesmo minúsculo, e ao lado da cozinha e dava para o saguão. Aí o quarto era pequeno, mas também eu sabia que ia embora dali a pouco tempo, portanto não me importei de ficar lá, e por acaso a casa era ótima, eu é que estava num quarto pior, também pagava menos.”

Entretanto, a sua mãe muda-se para um apartamento na Estrada da Luz, mais pequeno do que a sua casa nos Olivais:

“Ela mudou-se porque o meu pai faleceu, e basicamente era uma questão de corte com o espaço, uma espécie de luto. E a outra casa era grande (...) e não se estava propriamente a sentir muito bem lá, (...) depois, porque havia uma das minhas irmãs que morava também lá na Estrada da Luz. (...) Foi um bocado esta lógica muito portuguesa, ou talvez não só, de criar redes de um certo apoio ou de uma certa complementaridade dentro da família (...) e o facto de morarem próximas umas das outras (mãe e irmã) é uma segurança. De certa forma acaba por facilitar um conjunto de lógicas de apoio ou de complementaridade.”

Como já foi referido num dos excertos da entrevista, a casa da sua família era agora o seu “armazém”, pois o entrevistado agora passava lá muito pouco tempo, mas ia guardado a sua extensa biblioteca, entre outras coisas, em casa da sua mãe.

É em 2004/2005 que regressa de Paris para Lisboa e começa a procurar casa para viver sozinho, para poder desocupar a casa, agora mais pequena, da sua mãe. O objetivo era encontrar uma casa que se localizasse no centro da cidade, nomeadamente na Baixa de Lisboa, mas os preços eram demasiado altos. Assim acabou por comprar a casa onde vive atualmente, na Mouraria.

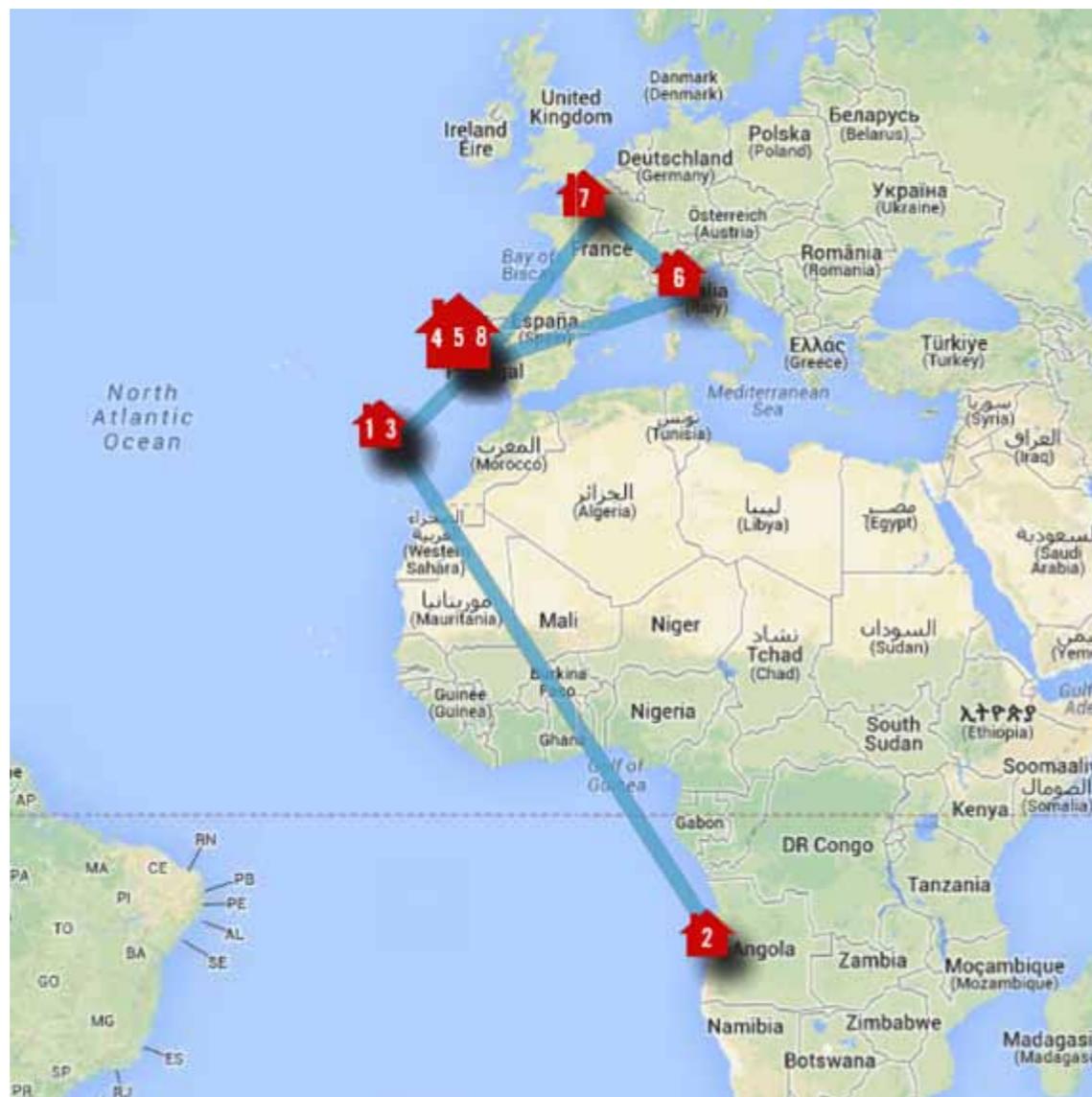


Figura 12 – Mapa da trajetória residencial, feito em [www.trajectorias-residenciais.com](http://www.trajectorias-residenciais.com)

Legenda trajetória residencial:

1. Funchal, Madeira – nascimento três meses;
2. Benguela, Angola – duas casas, infância até 1975;
3. Funchal, Madeira – duas casas, até 1980;
4. Olivais, Lisboa – adolescência até 1997;
5. Estrada da Luz, Lisboa – até 2005, em paralelo com estadia no estrangeiro;
6. Florença, Itália – doutoramento, 1997 a 2000;
7. Paris, França – doutoramento, de 2000 a 2004;
8. Calçada da Mouraria, nº 9 – casa atual;

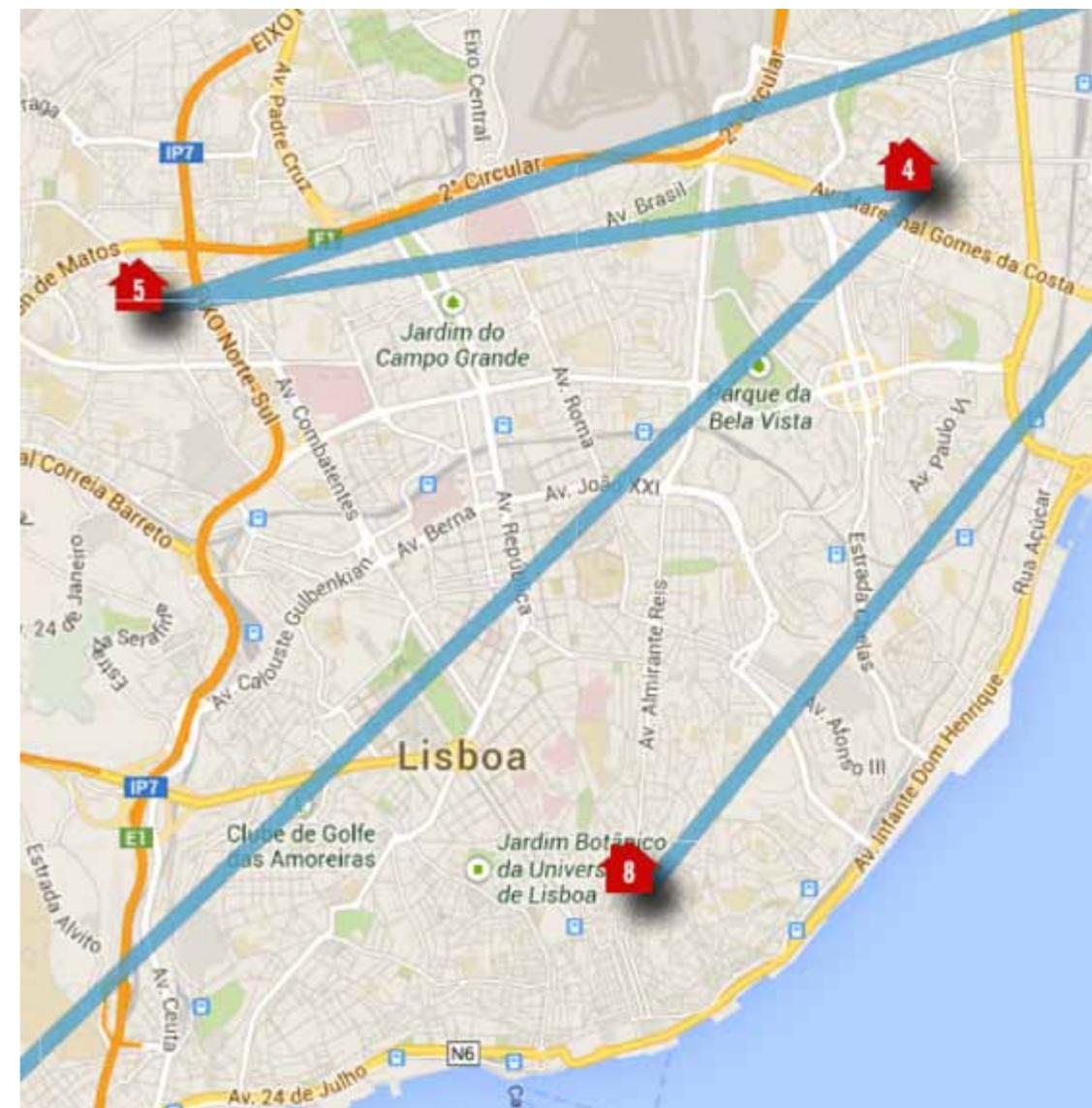




Figura 13 – Localização do prédio; fotografia da rua e do beco.

“De facto habituei-me, tive sempre sorte, quer em Florença quer em Paris, de morar no centro, e acho que oferece-nos um outro tipo de conforto, do meu ponto de vista, (...) de quem não tem uma família, ou de quem não precisa de um carro permanentemente, ou de quem não tem de fazer deslocações muito grandes dentro do próprio espaço urbano, morar no centro, numa zona bem servida de transportes públicos, consegue ser muito cómodo. (...) Não queria queimar a minha qualidade de vida para pagar a casa, por isso continuo a achar que fiz uma boa escolha. (...) Aqui o que me interessou foi procurar um apartamento que fosse central, o mais próximo possível do centro da cidade, que tivesse bastante luz, que tivesse janelas em todas as divisões, e perto do metro (...), e obviamente barato.”

O edifício situa-se na Calçada da Mouraria, nº 9 e 11. É um bloco de habitação multifamiliar, composto pela junção de dois edifícios. O conjunto contempla um desenho dissonante do perfil de rua, pela sua complexa volumetria e tratamento arquitetónico. O lote desenvolve-se paralelamente à rua, e é composto por uma frente sobre o lote adjacente e três frentes livres: dupla fachada frontal para a Calçada da Mouraria; fachada lateral para o Beco da Oliveira e dupla fachada tardoza para o logradouro privado do interior do quarteirão.

Este conjunto de edifícios foi concebido para albergar espaços comerciais, assim o seu desenho é marcado por uma hierarquização em altura, onde o piso térreo é mais alto, com pé-direito de 3m, e os pisos superiores são destinados à habitação, com pé-direito mais reduzido, pelos 2,50m.

Os estabelecimentos comerciais são unidades totalmente isoladas: com entrada na porta nº 7 encontra-se um café/restaurante gerido por indivíduos imigrantes chineses, e na porta nº 11 encontra-se o estabelecimento “Nova Paris Cabeleireiro”, também explorado por indivíduos chineses.

As habitações têm entrada comum na porta nº 9 e acesso pelas únicas escadas do bloco: o piso 1 contém 3 fogos (dois no lado esquerdo, e um no lado direito; os dois fogos do lado esquerdo deste piso eram anteriormente apenas um fogo); o piso 2 situa-se nas águas-furtadas dos edifícios e contém 3 fogos (dois no lado esquerdo e um no lado direito; aqui o pé-direito diminui nas extremidades até aos 1,30m); e ainda no sótão existe mais um fogo e arrumação destinada a todos os moradores do bloco. O facto da habitação do piso 1 já ter sido maior, ou o facto das habitações superiores

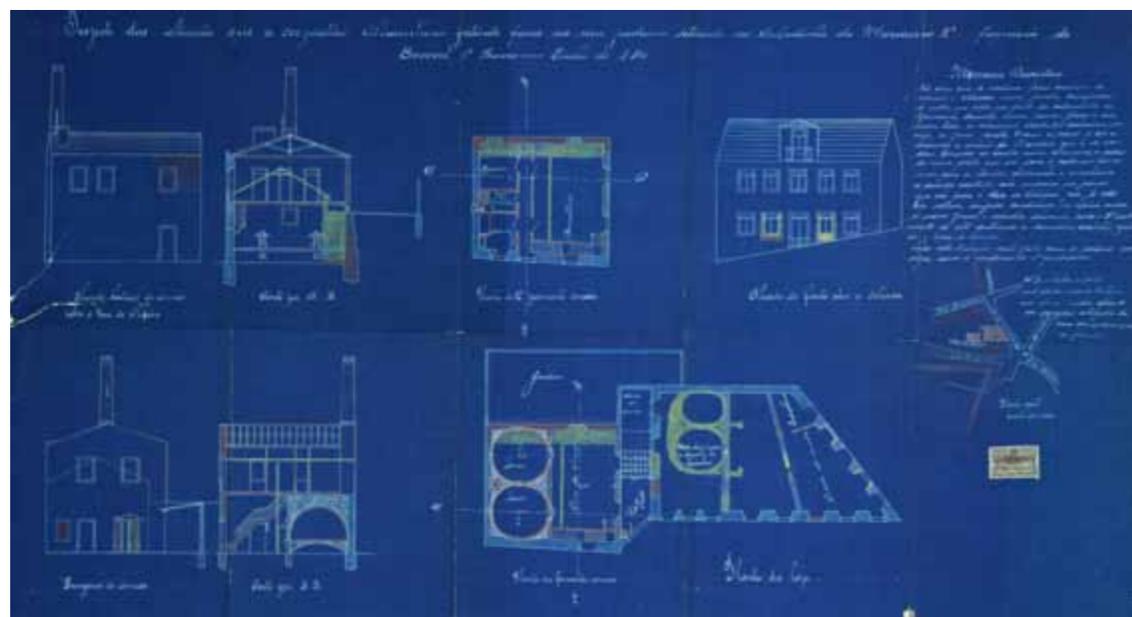


Figura 14 – “Projeto das alterações que a cooperativa alimentícia pretende fazer” em 1911: “Calçadinha” da Mouraria nº 7 – Arquivo Municipal de Lisboa Intermédio – Obra 14704- Processo 3924-PG-1911 Folha 5  
Construção do anexo no Beco da Oliveira para albergar os fornos da padaria.

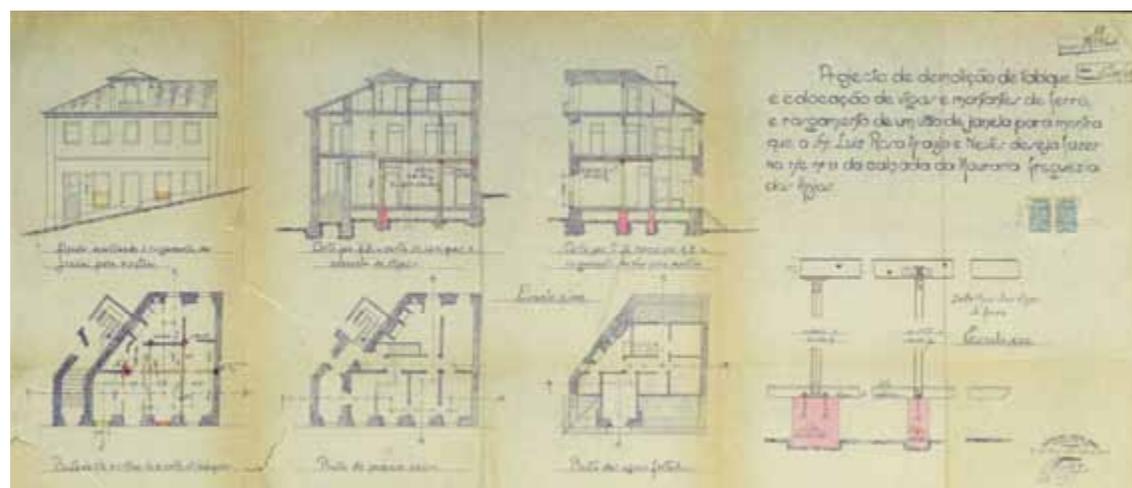


Figura 15 – “Projeto de demolição de tabique e colocação de vigas e montantes de ferro, e rasgamento de um vão de janela para montra que o Sr. Luiz Rosa Araujo e Neves deseja fazer” em 1944: Calçada da Mouraria nº 11 – Arquivo Municipal de Lisboa Intermédio – Obra 14704- Processo 33288-DSC-PG-1944 Folha 12  
Demolição de paredes no piso térreo para criar um espaço mais amplo para albergar lojas de comércio.

se encontrarem nas águas-furtadas e no sótão, revela também a continuação da lógica de hierarquização em altura. A divisão do maior apartamento do bloco é feita com o propósito de rentabilização do espaço.

A volumetria do bloco torna-se complexa pela existência das águas-furtadas, das coberturas inclinadas de várias águas, meios pisos e mansarda. O bloco usufrui ainda de um logradouro no interior do quarteirão (com acesso direto ao piso térreo e acesso por um portão de ferro a partir do Beco da Oliveira) partilhado pelos prédios a ele adjacentes.

Em 1911 é mandado construir um anexo pertencente à padaria que existia na porta nº 11 para se construírem os grandes fornos. Este anexo vai posteriormente ser transformado para albergar mais habitações, formando um condomínio composto pelos três edifícios. É de notar também o aproveitamento das obras para se rasgarem os vãos do piso térreo para se criarem montras (figura 16) e a demolição de paredes interiores, do mesmo piso, para albergar espaços comerciais mais amplos.

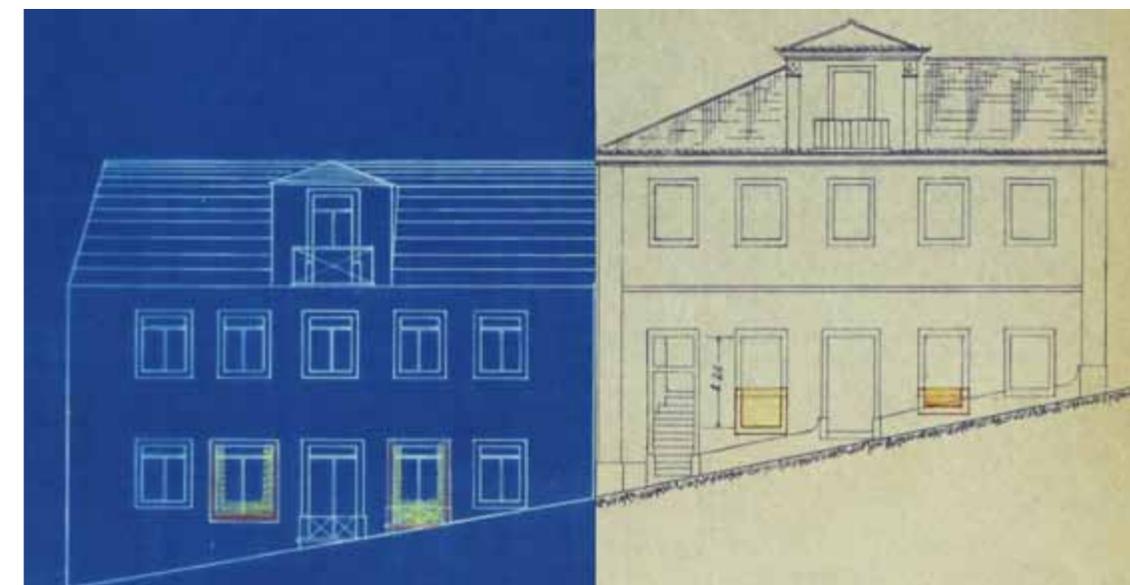


Figura 16 – Composição dos alçados com desenhos contidos nas figuras 14 e 15, datados de 1911 e 1944 respetivamente.



A nível da planta, os fogos têm áreas muito semelhantes. Devido à junção dos dois edifícios, que apresentam volumetrias não reticuladas, e à inserção da caixa de escadas central através de um eixo enviesado, a configuração interior de cada fogo torna-se irregular, numa lógica de encaixe ao espaço que lhe é imposto.

O fogo em estudo situa-se no 2º andar, com fachadas para o Beco da Oliveira e para o logradouro privado (planta 14). A sua organização interior é marcada pela existência do hall de entrada, que funciona como núcleo distribuidor para todos os outros compartimentos. A localização dos restantes compartimentos entra numa lógica de separação entre o público e o privado, onde a sala surge como espaço intermediário: o quarto e a casa de banho localizam-se na fachada para o logradouro privado e a cozinha surge na frente pública para o Beco da Oliveira. É também de evidenciar a intenção de situar o espaço da sala no compartimento com maior luz natural.

O apartamento do entrevistado contém um hall de 4,10m<sup>2</sup>, com ligação direta à cozinha (6,45m<sup>2</sup>), à sala (18,80m<sup>2</sup>) e ao único quarto (11,90m<sup>2</sup>). A I.S. é acedida apenas pelo quarto, e tem 5,30m<sup>2</sup>. A sala é o maior compartimento do fogo e é o que contém maior luz natural, pois localiza-se no canto, com a abertura de dois vãos.

#### ESPAÇO PRIVADO INFORMAL E PLURIFUNCIONAL: COLECIONADOR DE VIVÊNCIAS

O entrevistado compra o apartamento em 2003, mas muda-se definitivamente apenas em 2005, pois ainda “andava cá e lá” por causa do doutoramento. Entretanto, alugava o apartamento a investigadores universitários estrangeiros, seus conhecidos, que vinham a Lisboa em trabalho, o que ajudou na amortização da casa.

Em 2003, quando o encontrou, o prédio estava a ser todo recuperado e reabilitado. Antes das obras, o edifício pertencia a vários donos, mas, por acaso e ao juntar-se a um sócio, o empreiteiro consegue comprar os edifícios e formar o condomínio (planta 14). Era intenção do empreiteiro fazer uma ligação entre o bloco e o edifício posterior, cuja construção estava quase pronta, quando foi mandada destruir pelo Gabinete Técnico da Mouraria da CML, por ser uma obra ilegal que destruía a própria caracterização do edificado daquela zona.

“Isto é daquelas coisas estranhas, (...) Eles (...) tinham feito um acrescento ilegal que juntava este prédio ao outro do lado. Aliás, quando eu vim aqui ver a casa pela primeira vez, desta janela para lá era tudo junto com o outro prédio, (...) e isto era uma sala imensa. E aqui o empreiteiro dizia-me: “bem ainda não sei... Talvez vá ter que demolir aquela parte dali, mas ainda estou a falar com a Câmara”; ou seja aquilo era ilegal e ele tinha mesmo que demolir (...) para dar passagem aqui atrás (o acrescento bloqueava a passagem do Beco da Oliveira), e o apartamento acabou por ficar mais pequeno do que quando eu vim ver. Ficou mais pequeno, mas, na prática, ficou com mais luz.”

Aquando da compra, apenas estava ocupado um apartamento por um casal autóctone, e o apartamento do entrevistado estava a ser utilizado para armazém ilegal de uma empresa imigrante, o que provocou danificações principalmente nos pavimentos, devido ao arrastar de objetos de mercadoria pesados.

“Nessa altura (...) já só morava uma pessoa aqui por baixo do meu apartamento. Em vez de serem dois, era só um apartamento, onde morava uma senhora (vivia com o marido) (...) aqui no andar por baixo, e penso que essa família já viveria aqui há bastante tempo, que ela disse que a avó já morava cá. (...) E o resto do prédio estava desabitado, e estava a servir de armazém, para indianos (...) estavam mesmo aqui no meu apartamento. (...) Portanto este apartamento (...) antes de eu vir para cá, (...) funcionou também como armazém para essa firma.”

Ainda a aproveitar o encaminhamento das obras de reabilitação do prédio, o entrevistado pede ao empreiteiro para se realizarem algumas transformações ao interior do apartamento. Os motivos das transformações eram principalmente estéticos e de procura de um maior conforto, como o criar a ilusão de um espaço mais amplo do que realmente é. Para além disso também é feita uma abertura de 1,50m entre a sala e o quarto, uma transformação que revela a adaptação da casa a novos estilos de vida:

“A casa tinha essa disposição um bocado em compartimentos (...) quadrados que a mim, me agradam. A única coisa que eu lhe pedi foi para deixar os tacos no chão, para pôr a cozinha toda branca, (...) tinha a ver com a luz, porque ali o esconso na cozinha é relativamente baixo (devido às águas furtadas), e a janela é baixa, portanto, é uma maneira de maximizar a luz, e também para parecer um bocadinho maior, (...) e na casa de banho, fiz a mesma coisa, (...) e pedi foi para tirar o bidé, que não faz sentido. E depois também pedi (...) para fazer esta abertura aqui, para a casa ficar mais ampla, pelo menos, para dar um aspeto de alguma continuidade entre as duas divisões. Até porque, como ia estar sozinho (...) não fazia muito sentido os dois espaços fechados.”

O facto de se abrir este vão entre a sala e o quarto mostra a necessidade de se criar uma certa flexibilidade e abertura que o espaço anteriormente não permitia. Sem preocupações com a atenuação da separação entre os espaços privados e os comuns, esta apropriação do desenho da compartimentação do fogo entra na procura do conforto à medida dos seus modos de habitar o espaço da casa.

Como a área é pequena são feitas uma série de pequenas adaptações para tornar o espaço mais útil, numa lógica de plurifuncionalidade e maior fluidez entre os diferentes compartimentos.

“Isso para mim não havia problema. Quer dizer, o que é que se pode ter num quarto que as pessoas não possam ver? (...) É uma lógica de compartimentação, (...) quem tem espaço continua a querer ter um quarto só para si. Agora, quem não tem espaço, ou tem pouco espaço, precisa de encontrar soluções que sejam flexíveis (...) como os tais móveis (...) da cadeira que se torna estante de acesso aos livros ou do outro carrinho de chá que se fecha todo e que se mete ali debaixo da bancada da cozinha, e que serve de “criado-mudo” (...). Quando se tem pouco espaço, se tu conseguires ter essa plurifuncionalidade, faz com que as coisas pareçam maiores, mais amplas, porque (...) há sempre uma lógica de acumulação, mesmo que tu tentes contrariar, se a casa for mais plurifuncional, o mesmo objeto vai servir para várias coisas (...). E eu acho que aí é completamente diferente de quem pode comprar um apartamento de 200m<sup>2</sup> em que tem a cozinha de um lado, tem a sala do outro, tem o... que hoje em dia até se vê muito, o quarto de cama com a suite com casa de banho privada de casal e o closet, as coisas que hoje em dia tu vês num apartamento assim para uma classe média-alta endinheirada, que é o que tu não vês obviamente em apartamentos com 50m<sup>2</sup> ou 48, já nem sei quanto é que isto tem (risos).”

Com a abertura do vão entre a sala e o quarto, que proporciona um percurso mais fluído pelo apartamento, a porta de ligação entre o hall e o quarto deixou de ser utilizada. Assim o espaço aí compreendido é transformado em zona de arrumos de livros, com estantes feitas à medida, com o objetivo de concentrar os livros na entrada e, aos poucos, retirá-los da sala.

“Chamo a isto de sala, embora isto seja um escritório na prática (risos), não é uma sala é um escritório, mas deve ser para me enganar a mim próprio (risos) deve ser para eu acreditar que ainda cabe mais um livro. (...) Já estou atulhado de livros, mas quero chamar isso de sala para poder continuar a imaginar que ainda tenho uma sala (risos).”



Planta aquando das obras, 2003  
Planta 15 – Evolução da distribuição funcional do fogo

Planta atualmente

Sala de Estar      Quarto      Cozinha / I.S.      Escritório      Hall

A sala é o espaço que mais caracteriza a sua representação individual do que é o espaço da casa e o seu próprio perfil pessoal e profissional, pois acabou por ser transformada num escritório e repositório de livros. A casa é, então, um espaço que serve para trabalhar, questão relacionada com a sua profissão, e é o espaço que serve para construir a sua própria biblioteca privada, o que caracteriza o seu elevado capital escolar e cultural. Este compartimento acaba por ter um carácter mais plurifuncional, pela sua dimensão e maior entrada de luz natural e, por isso, tem uma maior importância na vivência da casa. É o espaço de trabalho, de refeição, de receção de pessoas, de convívio e, eventualmente é o sítio onde dormem amigos, hóspedes, por períodos de estadia curtos. É clara a divisão, neste compartimento, do que é a sala e do que é o escritório, através da secretária que se posiciona no centro do espaço.

Devido a toda essa concentração de atividades no mesmo compartimento, é necessário serem feitas diversas pequenas apropriações e transformações para tornar o espaço da sala cada vez mais organizado e confortável, sempre num jogo de encaixe, para aproveitar ao máximo o espaço disponível.

“É que eu vivi em casas maiores e em casas muito pequenas. Eu sei como é que elas se adaptam (risos), quer dizer, conheço alguns truques que são fáceis, como (...) móveis que sejam de organização vertical (...), é uma das velhas táticas de meter muito num pequeno espaço, e isso implica móveis altos e pouco profundos.”



Planta 16 – Próximas modificações da organização do apartamento  
Legenda da planta:

1. Substituição das duas secretárias por uma grande mesa de jantar que também servirá para trabalhar; 2. Substituição do sofá antigo por um sofá-cama novo, para ser mais fácil hospedar os amigos; 3. Fechar o canto da porta com estantes de livros; 4. Colocação de um estendal no exterior; 5. Substituição das prateleiras de madeira móveis, por umas prateleiras de vidro fixas.

Quando recebe amigos em casa para almoços, jantares ou lanches, também é necessário transformar um pouco a disposição da sala para caberem até 6 pessoas, “temos que tirar aquela mesa daquele lado (secretária de trás) e empurrar isto para trás (secretária da frente), juntar aquela mesa a esta, e aproveitar este espaço para comer-mos aqui 6, que é o limite”. Na sua sala é possível encontrarem-se objetos únicos e dos mais variados, que servem este lado plurifuncional e de lógica de encaixe de coisas (especialmente dos livros), como por exemplo os “módulos de caixas de vinho”:

“Os livros começaram a crescer (...), e eu descobri essa solução fantástica, que são as caixas de vinho, que são uma espécie de módulos que tu vais tirando ou arrumando e são bastante práticos. São de borla, eu apanho-os ali na rua da Garrafeira Nacional. (...) Houve uma altura que até eu trazia (...) para dar a amigos meus. Oh António, tens o quê? Três no Algarve, mais umas três em tua casa. E portanto eu já não sei a quem mais dei. (...) É um bocado esta gestão complicada do espaço, em que tu no fundo vais tentando adaptar a tua acumulação e a tua necessidade de acumular ou ter objetos não só para o teu próprio prazer pessoal, porque gostas deles ou porque precisas deles, tens que ir adequando a espaços pequenos.”

Ou também se encontram uma série de móveis antigos plurifuncionais de arrumação vertical para casas pequenas, como é o caso da escrivaninha, onde “na parte de baixo pode funcionar como cómoda, porque tem 4 gavetas, depois tens um sítio para te sentares e para trabalhares, e depois tens por cima um sítio para pôr livros”; ou a cómoda “chest on chest” e os camiseiros; ou as cantoneiras. Todos estes são móveis altos e pouco profundos, e muitos deles contêm mais do que uma função, o que, do ponto de vista da organização, dá uma grande otimização e maximização de um espaço relativamente pequeno para a quantidade de livros e coisas que são acumuladas. Todos estes móveis mais antigos são reutilizados:

“Uma boa parte da casa foi mobilada com restos de outras casas (risos), foi sendo reaproveitado ou foi sendo comprado em segunda mão, um pouco de forma empírica, tentando respeitar o elemento matricial disto, que são os livros, não é? (risos) o excesso de livros condiciona o resto.”

Portanto, as paredes da sala são quase invisíveis, pois estão cobertas de estantes e módulos de caixas de vinho repletos de livros. O entrevistado contém um mapa mental das estantes da sala, que indica onde estão os livros mais importantes e os que

já considera “arquivo morto”. E, um pouco por toda a casa, vão aparecendo livros: em módulos, encostados a recortes nas paredes, em cima de cadeiras, a ocupar mesas e móveis, etc.

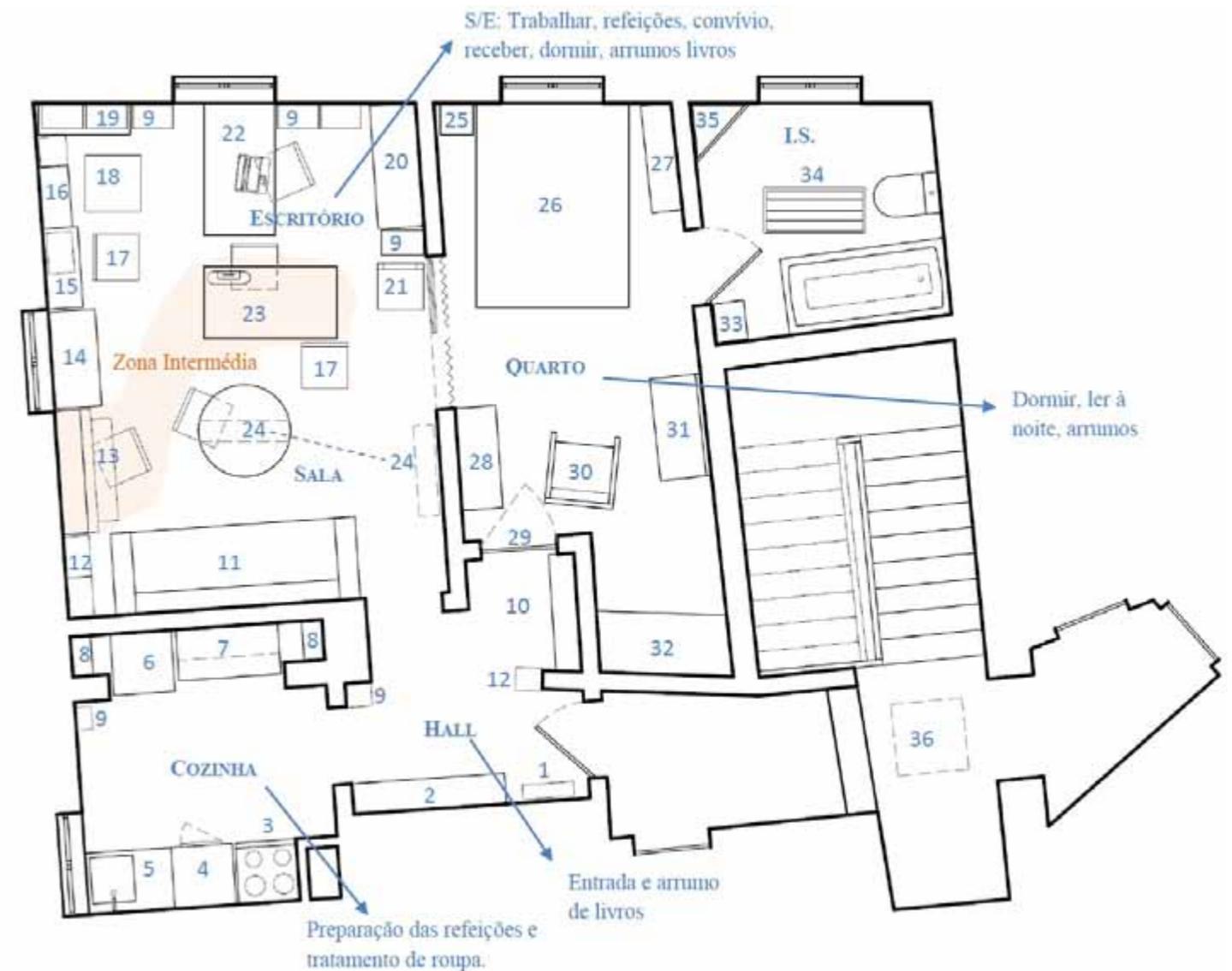
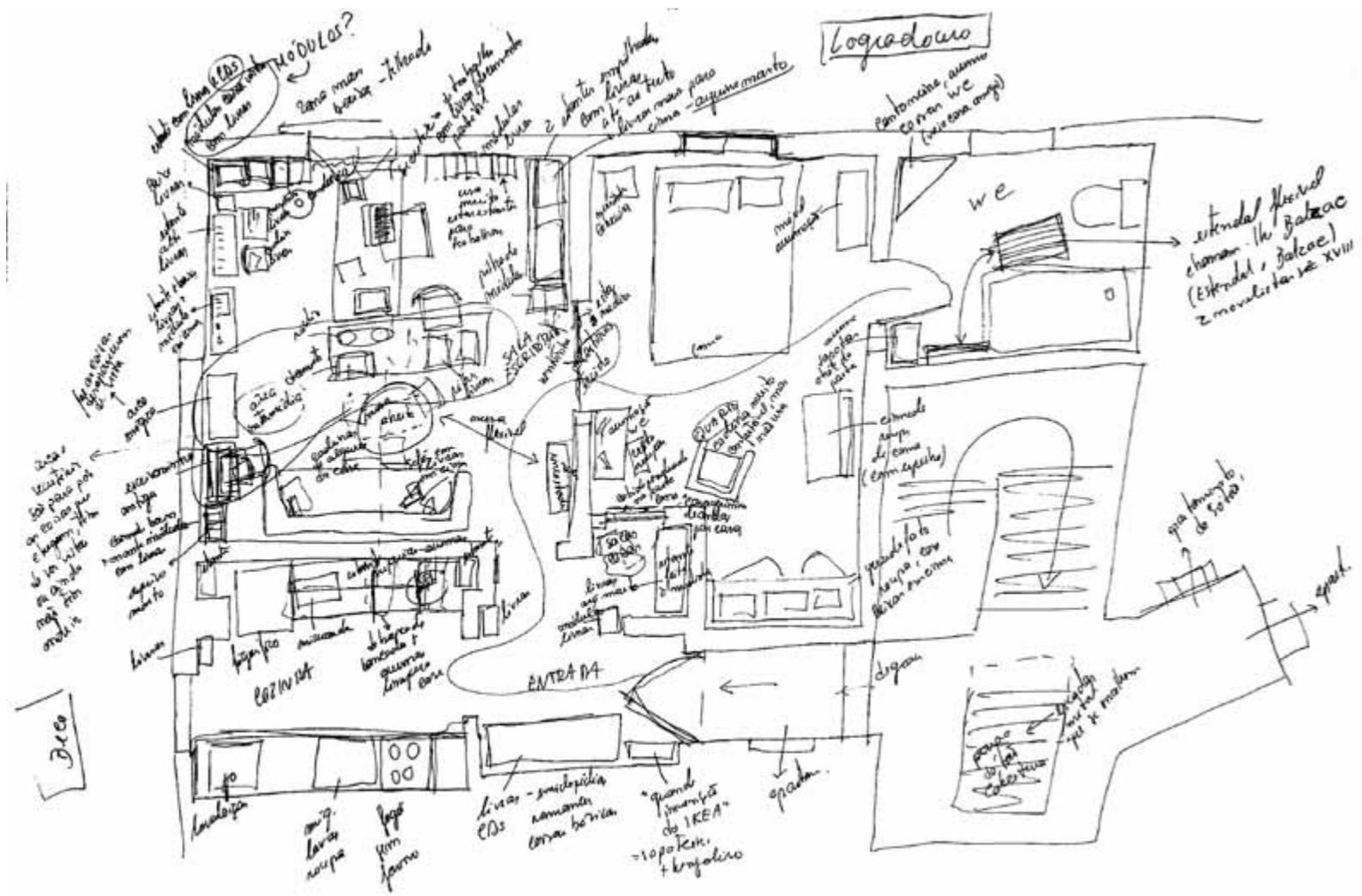
A cozinha é outro espaço que também é bastante utilizado porque é habitual cozinhareem-se as refeições “coisas assim mais fáceis e mais cruas (risos), saladas, sopas rápidas, massa, cuscuz, esse género de coisas”, apesar de não ter instalado o forno que faz falta. O quarto e a I.S. são utilizados para as funções comuns.



Fotografia 12 – Zona do escritório



Fotografia 13 – Estantes colocadas na cozinha e no hall; abertura entre a sala e o quarto; escrivaninha e módulos de caixa de vinho na sala



Planta 18- Habitação, usos do espaço

Legenda da planta:

1. Sapateira do IKEA; 2. Estante da literatura básica; 3. Fogão sem forno; 4. Máquina de lavar roupa; 5. Lava loiças; 6. Frigorífico baixo; 7. Móvel que veio da casa da mãe, serve para guardar alimentos frescos, leite, bilhas de gás, portadas da janela (no Inverno tira as portadas para deixar entrar mais luz), e mesa de chá que se dobra; 8. Pequenas prateleiras de madeira da irmã; 9. Módulos de caixa de vinho empilhadas com livros; 10. Antigo acesso ao quarto, agora com sacos “de coisas” e estante feita à medida com livros; 11. Sofá antigo, da casa da tia; 12. Módulos com livros “arquivo morto”; 13. Escrivadinha antiga; 14. “arca mágica” de madeira, que serve para fazer desaparecer coisas; 15. Estante baixa com livros e módulos caixa de vinho; 16. Estante alta com livros; 17. Cadeira com livros; 18. Mesa baixa com livros; 19. Estante com livros e CDs de música; 20. Duas estantes empilhadas (a de cima é “arquivo morto”; 21. Cadeira de madeira antiga que se transforma em escada de biblioteca; 22. Secretária de trabalho, com portátil, livros e documentos; 23. Secretária de trabalho com rádio, livros e documentos; 24. Mesa de jantar redonda que se dobra, encostada à parede; 25. Mesinha de cabeceira; 26. Cama, com colchão por baixo para os hóspedes; 27. Móvel de arrumação; 28. Móvel camiseiro antigo de arrumação; 29. Cabides pendurados na porta com os “casquinhas de andar por casa”; 30. Cadeirão confortável mas não é utilizado; 31. Móvel antigo com espelho de arrumação; 32. Guarda-fato para arrumação; 33. Arrumação de sapatos no espaço atrás da porta; 34. Estendal “Balzak” em memória aos grandes romancistas do séc. XVIII, Stendhal e Balzak; 35. Cantoneira antiga; 36. Acesso ao sótão através de escadas de metal retrácteis.



Planta 17 – Modos de habitar e usos do espaço, desenhada durante a entrevista.



Fotografia 14 – Objetos flexíveis ou plurifuncionais  
À esquerda: mesa de chá que se retrai; à direita: cadeira antiga que se transforma em escada de biblioteca mesa redonda que se dobra) – “Isto aqui é tudo mutável!”

O desafio de se criar um equilíbrio entre a quantidade de livros que se vão acumulando e o tentar arranjar espaço para os arrumar e, ao mesmo tempo, manter uma boa organização no interior da casa, vai contribuindo para que o entrevistado sinta cada vez mais este espaço como sua casa.

“Eu acho que a casa é agradável para o espaço que tem e para a quantidade de tralha e de livros (...) Isto em termos de situação ideal, gostava de ter uma casa maior em que estas coisas pudessem respirar melhor, do que estar permanentemente a pensar “epá, espera aí! Onde é que vou roubar mais espaço para meter mais uma caixa com livros?”

Devido ao seu trabalho e percurso académico, o entrevistado estabeleceu uma rede social um pouco espalhada pelo continente europeu e americano. É, portanto, mantida uma tendência de mobilidade entre as pessoas que fazem parte dessa rede social, onde é habitual realizarem-se viagens de trabalho ou de descanso, entre os países onde residem. Para isso são oferecidas as suas próprias casas para estadia dos hóspedes amigos. Assim como já estive a viver, desde semanas a meses, em casa de amigos/colégas de profissão, como em Paris ou nos EUA ou mesmo dentro do país, também acolhe pessoas que vêm a Portugal por motivos profissionais, académicos ou mesmo passar uns dias de férias.

“Bem, são quase todos portugueses, mas há alguns estrangeiros. Os meus amigos estrangeiros, (...) são pessoas que trabalham sobre Portugal e têm deveres académicos ligados a Portugal, ou seja, vêm cá com alguma regularidade, no Verão eventualmente, na altura de algum colóquio – provavelmente vai estar cá este Verão um amigo meu americano durante um mês, aqui em casa, eu não vou estar cá e eu vou emprestar-lhe o apartamento – e de estrangeiros cá são muito poucos, e já estão, digamos assim, muito aportunados, já vivem cá há muito tempo. (...) Mesmo esses meus amigos portugueses são uma situação parecida. (...) Por exemplo estive um mês em casa de uma amiga minha em Paris, porque ela também teve que vir para Portugal e então trocamos de casas, e fui para lá um mês de férias descansadito (risos), e se puder aproveitar esse tipo de coisas aproveito. Ajuda-te a relativizar as coisas e dá-te outra perspetiva sobre as coisas e torna-te mais otimista. (...) A única vantagem que se pode ter de trabalhar a recibos verde é que tu tens a tua gestão de tempo bastante livre. Trabalhas por tua conta, e se te der na cabeça para ir trabalhar um fim-de-semana para a casa de uma amiga tua numa aldeia do Ribatejo tu vais (risos), levas o teu computador e vais passar uma semana para o Ribatejo, ou para o Algarve.”

## CIDADÃO DO MUNDO, AMANTE DE PORTUGAL E ENTUSIASTA DA TIPICIDADE DA MOURARIA

Uma das características mais marcantes da malha urbana do bairro da Mouraria são os pátios/logradouros que vão surgindo por entre os edifícios antigos, que muitas vezes são espaços públicos (como pequenos largos). Este traçado urbano funciona numa lógica de convivência que se reflete também na própria arquitetura dos edifícios. Há, de facto, uma forte relação de proximidade entre os diversos moradores do bairro, de certa forma imposta por estas antigas lógicas de desenho urbano. Mas nem sempre a convivência entre vizinhos de perfis sociais tão distintos é fácil. No caso do entrevistado, todo o condomínio a que pertence o seu apartamento está inserido num quarteirão que partilha um grande pátio/logradouro no seu interior. Este espaço, antes das obras de reabilitação, estava preenchido com barracões, que entretanto fora libertado, segundo as leis descritas no Regulamento do Plano de Urbanização do Núcleo Histórico da Mouraria. Hoje em dia o espaço não está a ser utilizado. Apenas uma das partes do logradouro acabou por ser privatizada pelos moradores de um prédio vizinho.

Ao mudar-se para este apartamento, o entrevistado tentou fazer com que o logradouro fosse utilizado por todos, através de uma lógica de ação coletiva a nível da vizinhança, novamente na questão de maximização do espaço disponível, mas sem sucesso:

“Chegamos aqui os “novos”, os que vinham de fora, que tentaram, com uma espécie de boa intenção da classe média, e chegamos cá – “Epá isso é tão giro! O que é que podíamos fazer aqui? Vamos comprar umas cadeiras e vamos combinar aí uns almoços para nos conhecermos!” – Claro que nunca houve almoço. (...) Ainda fui lá durante alguns tempos apanhar uns banhos de sol, ou ia ler um livro para lá, (...) sempre com um olhar inquisitorial da minha vizinha louca aqui de cima, e dos outros do lado, que eu cumprimentava e respondiam-me assim com um aceno. E a lógica era nitidamente “o que é que este gajo está a fazer aqui? Está a ocupar o meu espaço. (...) Eu cheguei primeiro, eu estou aqui há mais tempo, e vem aqui este gajo de fora, que tem a mania que é doutor, invadir-me o espaço.”  
“Portanto, mesmo o pouco espaço disponível sabe-se que é de todos e que não é de ninguém, o que é pena, mas Lisboa deve estar cheio de casos destes”.

O prédio onde reside o entrevistado é também muito marcado pela diversidade social. O mesmo edifício habitacional é partilhado por imigrantes do Bangladesh, famílias portuguesas autóctones e ainda novos moradores portugueses que apresentam um perfil social semelhante ao do entrevistado.

No primeiro andar direito, vivem os seus vizinhos orientais. São já uma família completa, onde o homem reuniu toda a sua família, e vive com a mulher e dois filhos. Como já foi explicado no trabalho, quando é conseguido um estatuto permanente no país de acolhimento, é mais fácil atingir uma certa consolidação da atividade comercial. Neste caso, o vizinho é sócio de um restaurante na Mouraria, o que possibilitou o reagrupamento da sua família. Ainda no lado direito reside um casal autóctone, já mencionado acima no texto. No lado esquerdo, o apartamento pertence a uma família que vive na Suíça (casal na casa dos 50 anos e filha) e apenas o utiliza quando vêm de férias.

A partilhar o 2º andar com o entrevistado, existe um apartamento desocupado que está à venda. Pertence a uma senhora que o comprou para a sua filha que nunca chegou a mudar-se para lá; do lado esquerdo, o seu vizinho é cantor lírico e, de vez em quando, dá aulas de canto em sua casa. Vive com a sua mãe, Dona Mimi, de 80 e tal anos, e o cão Rodolfo:

“Eu presumo que o cão se chama Rodolfo por causa daquela ópera “La Bohème”, não é António? A “La Bohème” tem uma Mimi, e há um Rodolfo, e eu acho que ele chamou assim o cão porque ele comprou o cão para dar à mãe (risos). Acho que foi por causa disso, porque é muita coincidência, o gajo ser cantor de ópera, ter uma mãe Dona Mimi e um cão Rodolfo.”

No último piso, no aproveitamento do sótão, vive o filho do empreiteiro que fez a recuperação do prédio, o Miguel. É um jovem artista de rua que agora vive sozinho:

“É complicado porque o indivíduo vive num planeta muito próprio, (...) ele não paga condomínio, recusa-se a pagar; acha que não é preciso limpar as escadas; tem uma estrela assim tatuada no meio da testa e vende bugigangas e quinquilharias e uns quadros. (...) Ele vivia lá com a cadela e com uma filha. A cadela chama-se Laranja, e a filha chama-se Rosa. Isto foi ele que me disse: (...) então todos os quadros dele tinham sempre rosa e laranja (risos).”

É mantida uma boa relação entre todos os vizinhos, dentro do possível. O entrevistado acha que não é fácil terem-se iniciativas de ação coletiva porque cada um vive no seu mundo. Apenas há uma maior comunicação quando é necessário serem tratados problemas do condomínio que digam respeito a todos. Pedro é o vizinho com quem acaba por conseguir ter uma relação de maior proximidade, vive no prédio de trás que pertence ao condomínio (1º andar), pois “é uma pessoa que tem um espírito desenrascado, é uma pessoa que resolve problemas”.

A diversidade de mundos que existe no prédio é um fator que qualifica, de certo modo, a experiência individual do que é habitar a sua casa:

“Eu acho graça! Acho bastante piada entrar em casa e ouvir os vizinhos do primeiro andar a falar urdu ou não sei que raio de língua será aquela, alguma língua do Indostão, e depois subir a escada e ouvir alguém a fazer exercícios de canto lírico (acompanhado com piano). Acho bastante engraçado, dá essa vontade de rir, nem que seja pelo contraste. Embora sejam dois mundos que não se comunicam.”

Para além de todos estes vizinhos mencionados, ainda existem uns outros que representam um perfil muito peculiar da população portuguesa autóctone residente no bairro da Mouraria:

“Depois aqui do lado, temos (...) destes que aparecem no centro histórico, que são estas famílias que, às vezes, já podem estar aqui há gerações, que são os tais que “chegaram primeiro”, e que são de uma má educação e de uma falta de tudo, que vivem precisamente no apartamento do outro lado deste beco contíguo ao meu. (...) Primeiro o filho põe a música altíssima no fim-de-semana, que é um adolescente malcriadíssimo (...), passado um bocado, ouve-se o pai, que é mais calado e está sempre a ver a bola (...), estes se fossem embora é que não se perdia nada (...) são pessoas que estão sempre a levantar problemas.

(...) E depois está tudo próximo. Isto chega o verão, (...) e a tendência natural é abrires a janela, e a partir do momento que nós todos temos isto aberto, é uma cacofonia de sons, que é complicado até para estar aqui dentro a trabalhar. (...) E são estas pequenas coisas que é muito engraçado, têm as suas vantagens, e tem este lado cosmopolita (...). Mas, quer dizer, à partida não estás à espera que isto interfira na tua vida quotidiana (risos). Esse é o grande problema de morar em casas pequenas (...) a vizinhança “entra” por todo o lado (...) o que consegue ser um desafio.”

Quanto aos espaços comerciais do bairro, há, geralmente, uma preferência pelas maiores superfícies, como o Pingo Doce, ou o Dia, ou o Mini Preço, “depende de onde estacionamos o carro, de onde é que saímos de metro”. Por vezes, os pequenos mercados de proximidade proporcionam maior comodidade, aquando das compras mais pequenas. Apesar de eventualmente serem utilizadas lojas imigrantes, há uma preferência pelo pequeno comércio português, “tem um bocado a ver com a hora a que eu chego (do trabalho). (...) Os chineses ainda provavelmente estarão abertos, mas usamos mais os portugueses”.

Toda a sua vida fora da esfera privada da casa abrange uma rede social e territorial muito além dos limites do bairro. Como investigador/historiador, o entrevistado trabalha em casa ou nas bibliotecas da cidade, principalmente a Biblioteca Nacional, ou faz trabalho de investigação em arquivos. Apesar dessa vivência, nos seus tempos livres acaba por usar muito os espaços do bairro e da zona histórica da cidade circundante ao Castelo e da Baixa:

“Vamos à Casa independente, de vez em quando, (...) vamos ali às vezes ao café da Joana (atrás do Centro Comercial da Mouraria), quando estamos assim mais em casa; ou vamos assim mais para o lado da Baixa; às vezes vamos a Alfama, ao Pizza al Taglio – pizza à fatia – ali na Rua dos Remédios, que são dois pizzaioli italianos, que fazem boa pizza, o Massimo e o Stefan fazem boa pizza. (...) E depois (do jantar) vamos dar uma voltinha, é quase certo. (...) Um dia que não nos apeteça cozinhar, podemos ir ali aos menus da Renovar a Mouraria, são bons, 7,50€, é um bom preço, e o pessoal é simpático, ou vamos às senhoras dos gatos, que é um restaurante ali no Largo do Trigueirinho, (...) são duas senhoras que às vezes têm lá um gato dentro do restaurante e nós então chamamos as “senhoras dos gatos”. Ou então às vezes vamos (...) a uns restaurantes baratos ali na zona da Graça, porque há uns amigos que moram ali ao pé, e às vezes comemos juntos. (...) Se for um sábado, a única diferença é que acordamos, se calhar, um pouco mais tarde, subimos aqui até à Feira da Ladra, às vezes ficamos um bocadinho de tempo em casa desse nosso amigo em São Vicente, ou vamos a um café que fica ali na rua de São Vicente. Na Feira da Ladra andamos ali a ver se encontramos alguns livros interessantes a 1€... – E vendem outros não? – Já vendemos sim, mas isso foi uma má experiência, não deu muito resultado (risos). (...) Ou ficamos para almoçar na casa de uns amigos nossos que moram aí por perto, ou então voltamos cá para baixo e fazemos uma comidinha simples, e ficamos aqui a trabalhar o resto da tarde. Ao domingo vamos sempre correr para Belém, mas durante a semana vamos ali para o Mártires da Pátria, porque eles puseram, e muito bem, umas máquinas de exercícios, ali ao pé da Faculdade de Medicina. E tem outras máquinas que, por acaso, estão num sítio impecável, que é o Jardim do Torel, e estão assim mesmo com vista para a cidade, impecáveis, fantástico. (...) Não vamos muito ali para o Bairro Alto. Curiosamente, vamos só para o Bairro Alto quando há amigos nossos estrangeiros que estão cá ou que vêm de fora cá, aí vamos sempre para aquele lado.”

O entrevistado tem uma forma de viver o bairro caracterizada por uma forte lógica de ação coletiva. Acha importante a união e mobilização participativa de associações de moradores ou pessoas interessadas em revitalizar o bairro, pois apenas dessa forma é conseguida a importância suficiente junto das instituições públicas. Portanto, é membro “inativo” da associação Renovar a Mouraria, “sou mais um daqueles que está lá a pagar a cota e aparece lá e que vai às iniciativas da associação”. Apesar de não ser muito ativo nas iniciativas que a associação faz para o bairro, o facto de ser mais um membro integrante é indispensável:

“Não me custa nada pagar 15€, (...) acho que o trabalho deles ou de qualquer outra associação daquele género, é absolutamente notável e necessário. E é necessário aqui na Mouraria, como é necessário pela cidade toda. Aliás, eu gostava era que houvesse associações daquelas pela cidade toda, porque era uma forma (...) de criar (...) uma espécie de rede densa de relações entre os vizinhos, entre as pessoas.”

Como morador interessado no bairro onde escolheu viver, toma uma posição crítica em relação às iniciativas que têm sido tomadas por parte da Câmara Municipal de Lisboa para reabilitar/revitalizar o bairro da Mouraria e renovar a sua imagem:

“A Câmara fez uma coisa inteligente que foi começar por arrumar o espaço público, o que eu acho que dará os seus frutos, mas vai ser uma coisa que vai demorar bastante tempo. Talvez, daqui a uns anos, se viva ainda melhor aqui. Com a tal dose de paciência (risos). Vai mudando. (...) O que eu sinceramente gostava era que houvesse mais investimento (...) na habitação, obviamente ajudando também o mercado e os agentes privados, não é só o Estado que vai resolver os problemas da habitação com investimento público. (...) É óbvio que tem havido um esforço enorme de renovação do espaço público, têm havido algumas iniciativas interessantes, mas o facto é: o que é que foi construído, ou o que é que a Câmara apoiou em termos de construção de habitação, ou recuperação de habitação aqui na zona? (...) Também não consigo perceber outros edifícios aqui na Mouraria, em que se fez aquelas recuperações à Santana Lopes, ou seja, tiraram as pessoas de lá de dentro, pintaram o prédio por fora, arranjaram aquilo mal e porcamente (...). As pessoas ficaram a morar noutras zonas da cidade e os prédios, acho eu, que ainda estão devolutos.”

A peculiaridade deste caso, escolhido para protagonizar o perfil *gentrifier* residente no bairro, é de que possui já uma opinião crítica pessoal, formada e informada, acerca do assunto da “gentrificação” em si e, mais especificamente, o caso de Lisboa e da Mouraria. Apesar de tudo, o entrevistado não se considera um *gentrifier*:

“O que tu tens aqui é tipo mobilidade social, de transformação do perfil social do bairro, são coisas muito incipientes ainda. São mais notórias do lado de São Cristóvão, do que aqui deste lado. (...) Não são arquitetos, ou jornalistas, ou historiadores ou outro tipo de coisas a recibos verdes que vão ‘gentrificar’ coisa alguma.”

Cada vez mais é visível um processo de transformação social do bairro, mas é um processo que está muito no início e que funcionará como “um caminho para” uma suposta “gentrificação”, não na sua essência, mas muito caracterizado pela conservação de uma forte mistura e diversificação social, essencial para se manter uma boa vivência descontraída e em comunidade. A extrema equidade de um determinado perfil social segregado no mesmo território, como um bairro inteiro, seria um fator de “enlouquecimento”, segundo o entrevistado, assim como a diversidade é essencial para a vivência de uma cidade – “as sociedades humanas não são entidades amorfas, mas sim conjuntos diferenciados e estruturados. A cidade é a configuração socio espacial que corresponde às formas mais manifestas desta diferenciação das atividades e dos indivíduos.” (Grafmeyer, 1995:40)

“Eu acho é que a cidade como espaço, e como ecossistema humano, como sociedade, quanto mais diversa melhor.”

Como já foi analisado, a Mouraria é um território dentro de Lisboa marcado por uma forte vivência cosmopolita, tal como acontece em muitas outras grandes cidades europeias onde existem bairros semelhantes, pois são territórios circunscritos em zonas antigas, caracterizados pelas mesmas fases: acolhimento de população operária, comunidades imigrantes, degradação do edificado, etc.

“E quando eu digo “cosmopolita”, não é como, bem custa-me sempre generalizar, mas como este lado às vezes um bocado parolo das pessoas quando falam em ser cosmopolita, é só ir a Paris ou a Roma ou a Nova Iorque ou a Los Angeles ou a Miami, não sei bem que cosmopolitismo é que as pessoas têm na cabeça, mas o facto é que isto que nós temos aqui na Mouraria é cosmopolitismo.”

É uma forma de habitar muito distinta do resto da cidade de Lisboa. Há uma maior abertura e aceitação por parte dos indivíduos residentes do que se passa à sua volta, apesar da existência de uma determinada segregação entre os diferentes grupos sociais.

Por outro lado, o facto de ser uma zona tão diversificada, principalmente pela presença imigrante, faz com que, na opinião do entrevistado, seja “uma espécie de zona de não direito”:

“Ou seja, todo o tipo de regras que são criadas e postas em execução nos outros sítios da cidade, aqui não são. Eu não consigo perceber como é que durante anos, havia camiões TIRE com atrelados, que desciam a Avenida Almirante Reis e estacionavam ali no Martim Moniz para descarregar a carga para o Centro Comercial da Mouraria”

Ou de existência de pequena criminalidade:

“Há, de facto, tráfico de droga ali no Largo do Terreirinho, há ali uma redezinha de tráfico de droga, e é gente que sempre morou ali, portanto é difícil desmantelar aquilo.”

Ou, ainda, da coabitação com a pobreza:

“O que há bastante é outro tipo de violência, que é sair à rua e ser confrontado com pobreza, parecendo que não, há aqui uma população de sem-abrigo e de toxicodependentes.”

Fatores que tornam complicada a convivência com o espaço público por parte de novos, ou possíveis novos, moradores. Apesar disso há uma grande dinâmica na vivência urbana muito relacionada com uma lógica de bairro, “mas depois quando isso se traduz numa acumulação de lixo em tudo o que são cantos, aí tu comesas a contar outras coisas.”

“Eu gostava que a CML fosse muito mais ativa em fazer as pessoas portarem-se de uma forma civilizada, e terem o uso civilizado do espaço público, o que infelizmente não acontece, mas eu gosto muito desse lado cosmopolita e vivo, (...) e de não estar tão turístico como o Bairro Alto, ainda tem alguma vida de bairro.”

Quanto à percepção que as pessoas de fora têm da Mouraria, é evidente a criação do estereótipo do “bairro perigoso”, devido ao mau aspeto do bairro, degradação do edificado, ou até mesmo à existência de imigrantes. Esta percepção negativa tem vindo a melhorar, principalmente depois da abertura do bairro através dos planos realizados no

final do séc. XX, com a criação de atravessamentos pelo bairro ou até mesmo a construção da Praça do Martim Moniz e, mais recentemente, com o surgimento de bares e esplanadas, nesta mesma praça, e todas as iniciativas festivas, que convidam ao convívio e à utilização daquele lugar.

“Tinhas em 2007, 2008, 2009, (...) no telejornal “Mega operação da PSP com cento e não sei quantos elementos” e depois tinhas os gajos a mostrarem as carrinhas das polícias e não sei o quê, e depois dizia “foram presas duas pessoas por estarem em situação ilegal”, imigrantes (risos) mas como é que nunca apanhavam nada? (...) Criou-se, à custa dessas mega operações, (...) uma imagem que já era má, ainda se amplificou nessa altura. E, de facto, com esse projeto de recuperação da Mouraria, e do Intendente, (...) aí as coisas começaram a mudar. (...) Na altura, o que é que as pessoas achavam da sua mudança para a Mouraria? – (...) Basicamente a minha mãe achava que era uma espécie de excentricidade minha, “olha aquele maluco vai-se mudar lá para baixo, ele podia comprar um apartamento tão bom aqui na Estrada da Luz, (...) para que é que aquele doido foi comprar uma casa no Martim Moniz” (risos). A minha mãe (...) normalmente vem cá na altura da procissão da Nossa Senhora da Saúde, de resto nunca cá vem. Mesmo as minhas irmãs pouco cá vêm.”

Pelo percurso pessoal que já teve, pelas viagens que já realizou, pelas distintas vivências que já presenciou, o entrevistado cada vez mais compreende o que a cidade de Lisboa tem de tão único. Por outro lado, reconhece que ainda existem muitos problemas por resolver, nomeadamente o facto de ser uma cidade muito envelhecida, a nível social e do edificado, ou o facto de não haver um domínio efetivo por parte da CML sobre o espaço público, o que talvez será mais controlado noutras cidades que já visitou. A sua mobilidade social e territorial dá-lhe a possibilidade de comparação entre diferentes ambientes e, por conseguinte, de criar uma perceção crítica quanto ao sítio onde vive e como o vive.

“Uma das coisas que me incomodam em Lisboa é esta atitude que se encontra muito, e também em pessoas mais intelectuais, que é este pensamento muito negativo sobre o próprio país, porque depois muitas vezes na minha opinião, têm uma imagem completamente mistificada do exterior. (...) Às vezes, depois de passares algum tempo fora e regressas, dá uma espécie de choque inicial, que é fácil de cair num discurso um bocado pessimista. É ver como a cidade tem um potencial tão grande, é tão cenográfica, tem coisas tão bonitas, mas depois parece que as pessoas não percebem a própria cidade, e que não gostam da cidade.”

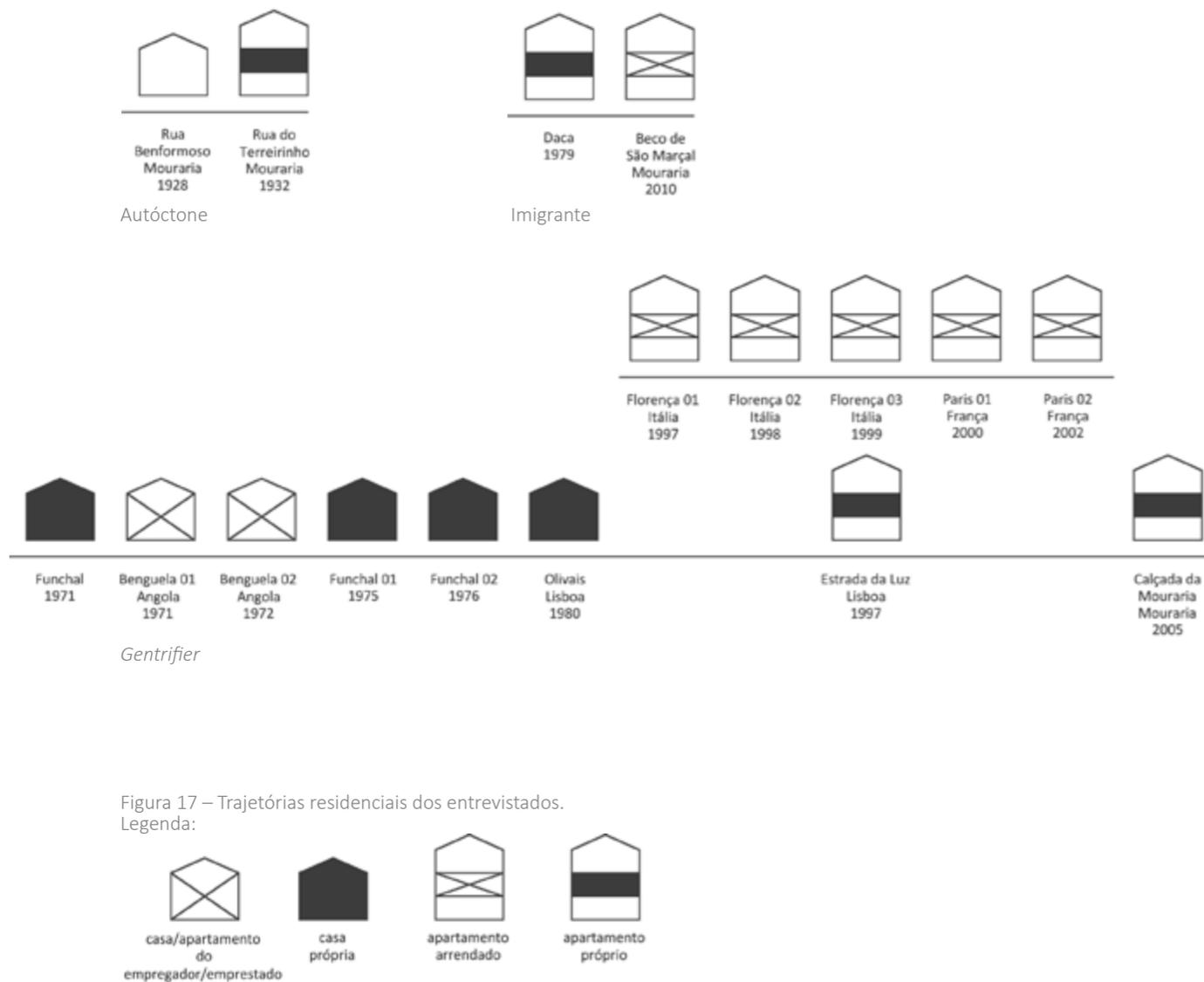


Figura 17 – Trajetórias residenciais dos entrevistados.  
Legenda:

Adaptado de Castro, Alexandre (1994), “Apropriação do Espaço e estratégias Identitárias do Grupo Étnico Cigano no Bairro da Malagueira”, in Guerra, Isabel (2006), “Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo”, Estoril, Principia

## TRÊS ATITUDES PERANTE O MESMO TERRITÓRIO – CONSERVAÇÃO, ETNICIDADE E REGENERAÇÃO

O objetivo principal deste estudo foi analisar as formas de habitar de três indivíduos ilustrativos dos três grupos sociais mais representativos da população residente no bairro da Mouraria. Esta análise consistiu numa abordagem a diferentes níveis – trajetória residencial, alojamento, vizinhança, bairro, cidade num registo biográfico que permite uma caracterização ampla dos fenómenos sociais revelados pelos entrevistados.

Numa perspetiva comparativa, interessa confrontar os distintos modelos de apropriação do espaço, para se descortinarem as semelhanças e diferenças que contribuem para uma melhor caracterização destes três indivíduos.

### O REVELAR DA EVOLUÇÃO INDIVIDUAL ATRAVÉS DA TRAJETÓRIA RESIDENCIAL

A análise das trajetórias residenciais permite fazer um enquadramento individual dos entrevistados, na medida em que revela o seu nível de mobilidade (social, familiar, profissional, residencial), essencial na criação de redes de relações e no desenvolvimento dos seus estilos de vida e perspetivas, distinguindo “o sentido que as próprias pessoas atribuem às experiências que tiveram, bem como ao desenrolar das suas existências”. (Grafmeyer, 1995:31)

O esquema apresentado revela três trajetórias residenciais distintas que determinam realidades próprias a escalas muito diferenciadas. A autóctone apenas conhece a realidade da esfera do bairro onde sempre viveu. A sua mobilidade cinge-se a um território muito pequeno e a sua noção de modos de habitar, tanto o espaço da casa como o espaço público, entra num registo muito familiar, onde a partilha da casa aconteceu sempre no seio da família, e as suas redes sociais desenvolvem-se em torno desta proximidade geográfica.

No caso imigrante, são vividas duas realidades distintas: Daca e Lisboa. O trabalho é o grande fator influente na mobilidade do entrevistado, uma necessidade que o

leva a sair do seu país natal, deixar a sua casa e a sua família. Aqui cria ruturas culturais, geográficas e de modos de viver no desenvolver da sua experiência, pondo à prova a sua capacidade de se redefinir e de criar novas relações. A adaptação imposta ao confrontar esta nova realidade é feita através da reorganização de atitudes e comportamentos que contribuem para o seu desenvolvimento pessoal.

Aqui, o caso estudado ilustra uma trajetória tipo, evidenciada pela primeira fase de instalação na cidade de acolhimento, numa zona central degradada. O fator social é o principal condutor das oportunidades e das condições de acesso ao alojamento para o imigrante, que entram numa lógica familiar.

O *gentrifier* distancia-se muito das características apresentadas nos casos anteriores. O seu processo de mobilidade inicia-se muito cedo: a sua juventude é muito marcada pela migração dos pais para um país de cultura étnica muito distinta. Apesar disso, este não é o fator que mais marca o seu estilo de vida hoje em dia, pois deixa Benguela com apenas 4 anos, mas sim a condição transitória das suas estadias em criança (Benguela e Funchal) e adolescência (Lisboa). Contudo, o maior contributo para o seu estilo de viver mais cosmopolita está na fase da formação universitária, quando decide doutorar-se no estrangeiro, pela conjugação de experiências diferentes em cidades europeias, numa atitude “resultante de um protagonismo mais voluntarista.” (Pereira, 2012:178)

Como estudante, o entrevistado aceitou a sua condição transitória, transportando um estilo de vida muito específico, expresso em menores exigências a nível de conforto, maleabilidade do espaço, no sentido de oportunidade, adaptabilidade, rede de relações temporárias, da partilha do espaço da habitação, numa abertura a novas perspetivas, e sobretudo adotou uma vivência própria de cidade centro. Numa lógica de retorno, ao terminar a sua estadia no estrangeiro, escolhe mudar-se para um bairro pertencente ao centro de Lisboa, pela sua autenticidade, genuinidade, diversidade de funções, de pessoas, principalmente pelo estilo de vida cómodo (proximidade, acessibilidade aos transportes públicos, etc.); “por oposição à monótona uniformidade construtiva e humana da cidade nova. (...) De facto, o que está em causa é um outro atributo relativo a uma certa ideia de cosmopolitismo, mais ou menos folclorizado, que se

traduz: i) na recriação para o contexto da vida quotidiana dos cenários, urbanos, observados, experimentados e valorizados em contexto de viagem ou mesmo de estadia mais prolongada no exterior.” (Pereira, 2012:177)

## ESPAÇO PRIVADO COMO RETRATO PESSOAL

Passando para a análise comparativa das casas, é importante enquadrar-se o contexto onde aparecem as três habitações que, como será evidenciado, apresentam distintas características ao nível do projeto original, desde a sua localização, implantação, ao desenho da fachada e relação com a rua (figura 18).

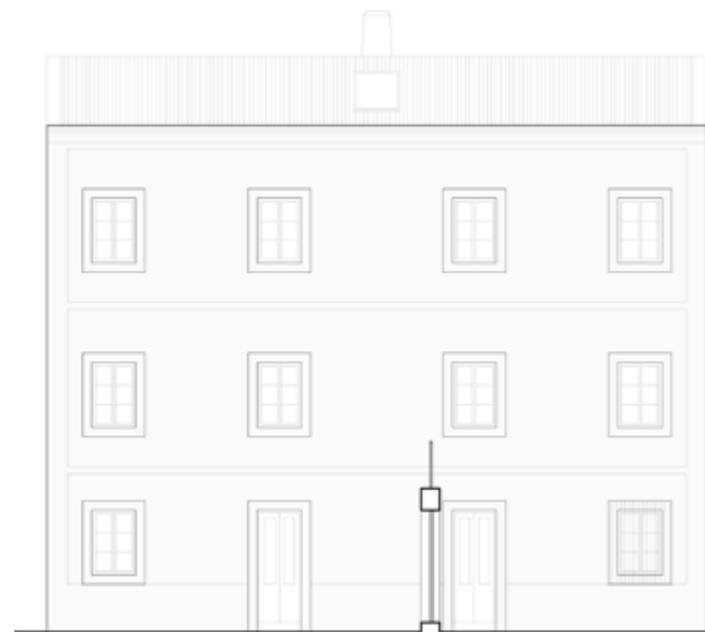
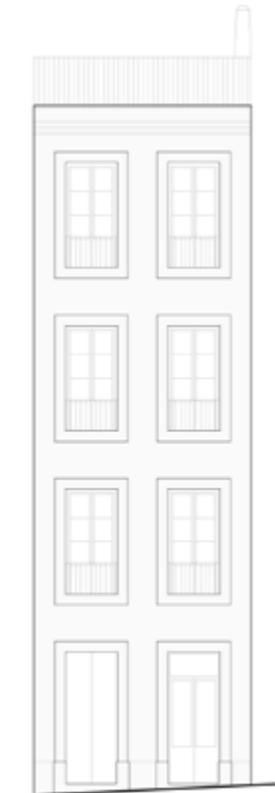
Em qualquer um dos alçados existe uma clara simplicidade quanto ao seu desenho e ornamentação, o que faz todo o sentido tendo em conta o território onde foram construídos e a própria função que lhes foi atribuída – habitação multifamiliar. Apesar disso, é visível uma diferença a nível da complexidade do desenho da fachada.

Comparando as habitações da autóctone e do imigrante, ambas têm um princípio muito semelhante, originário do projeto inicial – a rentabilização do espaço privado. Apesar da diferença de área bruta dos dois prédios (é de se evidenciar a estreiteza do prédio da autóctone), as lógicas são análogas ao máximo aproveitamento do espaço. A fachada é, então, resultante deste desenho em planta de encaixe. Ainda é visível uma dissonância quanto ao desenho das fachadas: o prédio da autóctone apresenta um desenho mais cuidado, mais regrado, com a presença das varandas não salientes e das maiores dimensões dos vãos, em contraste com a fachada do imigrante, menos regrada com vãos mais pequenos. Este facto está relacionado com a localização dos prédios.

O bloco onde reside o *gentrifier* apresenta uma lógica de desenho de fachada mais complexa, através da hierarquização em altura. O piso térreo serve para espaços comerciais, logo contém um maior pé-direito e é visível também uma distinção entre os pés-direitos das habitações do piso 1 e das águas furtadas. A fachada para o Beco da Oliveira exhibe um desenho mais simples, característico de uma zona de serviços, de traseiras.

O fator de degradação, visível através das fotografias das fachadas públicas é

Autóctone  
Rua do Terreirinho



Imigrante  
Beco de São Marçal

Figura 18 – Representação das fachadas dos edifícios estudados.



Gentri-fier  
Calçada da Mouraria e Beco da Oliveira



Planta 19 – Evolução da distribuição funcional do fogo dos entrevistados



também determinante para se perceber o contexto onde os edifícios de encontram. O edifício que se mostra mais degradado é o do imigrante. Este localiza-se numa zona menos valorizada desta parte do bairro, onde ainda está muito presente o traçado sinuoso das ruas e becos sem saída, e onde se encontram, por exemplo, vilas operárias. Já o edifício do *gentrifier* encontra-se numa zona mais próxima da Praça do Martim Moniz e das aberturas inerentes ao plano de intervenção do largo, uma zona mais comercializada e claramente mais valorizada.

Tendo em conta o esquema da evolução das alterações e apropriações do espaço da habitação por parte de cada caso de estudo, identificam-se três modos de habitar distintos, cujas especificidades revelam características específicas de cada grupo social ilustrado.

Em relação ao projeto original, o caso que apresenta menos alterações é o da autóctone. Apesar de ser a habitação com menos espaço disponível, a entrevistada não abdicou da sala de estar para ter mais um quarto (como aconteceu no apartamento imigrante) mesmo quando residiam 3 adultos e uma criança. O divã da sala era o suficiente para servir de dormitório. Sendo que o espaço social e mais versátil da casa é a “salita”, a sua importância fez com que este compartimento não fosse transformado, pois é também o espaço de receção de pessoas fora do agregado doméstico. É, então, um espaço de ostentação da sua vida privada, familiar, das memórias que a definem como indivíduo. As alterações mais significativas passam, como já foi dito, pelo melhoramento da cozinha com novos equipamentos e a construção de uma I.S. pequena e são, portanto, transformações meramente práticas, em resposta à carência de necessidades básicas.

Para a autóctone, a casa “transmite (...) um sentimento de confiança na ‘continuidade da sua autoidentidade pessoal e na constância dos ambientes sociais e materiais envolventes (...) num sentido de fiabilidade das coisas e de credibilidade das pessoas’ (...), um sentimento de segurança”. (Pereira, 2012:23)

O apartamento do imigrante mostra uma lógica de rentabilização do espaço disponível, logo é evidente a transformação da pequena sala em quarto. Aqui a casa serve essencialmente de dormitório. A forte característica imposta pela coabitação dos residentes faz deste espaço um espaço de todos, pois, muitas vezes, até mesmo o próprio

quarto é partilhado. Consequentemente, não existe por parte dos indivíduos um nível de apropriação evidente: o imigrante não mostra uma necessidade de sobressaírem temas do passado e da sua família distante no seu quarto. Este carácter transitório da casa traduz-se numa reduzida vivência e apropriação doméstica.

O rígido modelo de compartimentação do fogo possibilita uma certa privatização dos espaços. As alterações que foram feitas, nomeadamente a remoção de algumas paredes interiores, foram no sentido de conferir ao espaço uma maior área, e não no sentido de haver uma maior permeabilidade interior (como acontece no caso do *gentrifier*).

A coabitação serviu também como fator importante à adaptação do imigrante entrevistado ao bairro que o acolheu, alterando aos poucos as suas percepções e o seu estilo de vida. Portanto, do ponto de vista simbólico, para o imigrante esta casa ficará para sempre associada à sua fase de integração e promoção social dentro da comunidade.

Estes dois últimos casos apresentam uma lógica de vivência do espaço marcada pela formalidade e institucionalidade associada às funções específicas de cada compartimento. O facto do regime de ocupação ser arrendamento é também um fator importante na medida em que as alterações feitas ao interior apresentam um carácter cirúrgico, justificadas por necessidades básicas.

O *gentrifier* é um caso muito divergente dos acima mencionados. Primeiramente trata-se de um indivíduo que revela um elevado grau de reflexividade e racionalização, já evidenciados no seu discurso ao longo da entrevista, relativamente à sua trajetória, à sua habitação, ao seu estilo de vida, à sua relação com o bairro, às suas redes sociais. É, portanto, o caso que melhor materializa os seus próprios valores e atitudes na apropriação da casa. Por exemplo, a abertura criada entre a sala e o quarto visa atingir uma maior funcionalidade, na intenção de atenuar a separação entre o público e o privado. É a “permeabilidade do espaço que tende a ir ao encontro da crescente informalização e liminaridade de alguns dos estilos de vida contemporâneos”. (Pereira, 2012:316)

Este é um caso que mostra uma clara intenção de informalização da habitação, no sentido de configurar-lhe uma maior permeabilidade entre os espaços previamente

marcados pela compartimentação. “Na realidade, *esta* lógica habitacional (...) inscreve-se num quadro de afirmação da diferença e de distanciamento à norma: uma norma social e cultural” (Pereira, 2012:297, itálico nosso). Este distanciamento também se traduz numa espécie de renúncia às lógicas de habitar atualmente caracterizadoras do estilo de vida das classes médias altas “endinheiradas”, que tendem a criar uma individualização dos espaços, cujas dimensões são mais generosas.

A sua experiência de longa residência no estrangeiro, marcada pela transitoriedade reflete-se na apropriação que faz da casa, relativamente aos objetos que nela exhibe. O entrevistado *gentrifier* não demonstra necessidade de expor objetos relacionados com o seu passado, como a infância em África, ou até mesmo retratos de familiares e amigos, mas sim uma vertente cultural intelectual, manifesta pela acumulação de objetos variados, que funcionam como um “arquivo de uma cultura material do quotidiano: do passado *viajante* e do presente, do rural e do urbano, do local e do cosmopolita, do ocidental e do étnico, do privado e do público, do familiar e do anónimo” (Pereira, 2012: 298). Tudo na casa é transitório e reciclável, desde grandes móveis a pequenos objetos, até mesmo os quadros fixados na parede. O ato de acumulação é ainda evidenciado através do objeto que impera no seu espaço – os livros. Aqui claramente é exposta a condição social intelectual que tanto o caracteriza. O “atulhamento” racionalizado dos livros é a apropriação que mais corporiza a sua vivência na casa e que mais influencia a própria organização da mesma.

Um outro fator distintivo desta habitação é a maleabilidade do espaço, cuja presença não está relacionada com a lotação de residentes, como acontece com o imigrante, mas sim com a lotação de livros e coisas. O facto da sua sala/escritório estar lotada de livros, principalmente, obriga à existência de uma lógica de encaixe, para que se aproveite o espaço ao máximo, onde entra o protagonismo dos diversos móveis antigos multifuncionais, que acrescentam um valor artesanal. Portanto, existe de facto uma racionalização e consciência do espaço a um nível muito diferente do caso autóctone e imigrante. Também o facto de ser proprietário do apartamento, e não arrendatário, e de viver sozinho confere-lhe um maior grau de intervenção e apropriação no espaço da habitação, o que não acontece com o imigrante, pois este reside numa habitação

totalmente partilhada, onde apenas o quarto possibilita a apropriação individual, a qual é quase inexistente. A autóctone, quando passou a viver sozinha não sentiu necessidade de se readaptar ou de se apropriar da casa de uma forma diferente, pois esta sempre pertenceu à sua família desde pequena, ou seja, é um espaço que desenvolveu com ela.

O *gentrifier* e a autóctone são os indivíduos que passam mais tempo em casa. No caso do *gentrifier*, porque a casa é também espaço para trabalhar, ao passo que no caso da autóctone, porque já está reformada e realiza poucas atividades no exterior para além do convívio pontual. Estes são também os casos que recebem mais pessoas em casa, por isso há um maior investimento no espaço de receção – a sala.

#### VIZINHANÇA, BAIRRO E CIDADE – ADAPTAÇÃO, INTEGRAÇÃO E COABITAÇÃO

A vivência do espaço urbano depende essencialmente das relações sociais que cada indivíduo mantém, tanto na esfera privada como na esfera pública, assim como do estilo de vida que protagonizam. Apesar de distintos, é possível afirmar que, para todos estes casos estudados, a sociabilização acontece principalmente no espaço urbano, por razões muito diversas.

A autóctone entrevistada é mono-residente, o que traz uma maior importância às relações criadas no exterior (família, amigos, vizinhos). Esta interação exterior condiciona, numa inversão de sentidos, o seu próprio estilo de vida, a partir do momento que deixa de ter uma vivência familiar centrada na casa e passa a tê-la no espaço urbano, tornando-o a sua nova “casa”. A autóctone utiliza muito a sua rua, o restaurante onde se encontra diariamente com amigos e, pontualmente, os outros espaços do bairro e da cidade, consoante atividades particulares ou rotinas como compras ou passear com o seu filho.

O imigrante, apesar de coabitar com outros elementos do agregado doméstico e criar relações próximas com estes, não vive muito a casa. A comunidade funciona a partir do espaço público, através do fator centralidade: a proximidade do comércio que possibilita as trocas económicas de produtos específicos; a própria associação da comunidade que controla, redistribui e instrui regras de coexistência; as lógicas de inte-

gração social no trabalho; a forte componente religiosa (Grafmeyer, 1995:17-18). Aqui a vivência é marcada pelo companheirismo, onde a rede social dos indivíduos acaba por ser muito restrita à comunidade a qual pertencem, usufruindo muito do espaço urbano onde esta se instalou. Quanto à cidade, o imigrante entrevistado usa-a apenas para lazer, passear com os amigos, principalmente aos domingos, numa semelhança com o caso autóctone.

O *gentrifier* contém uma rede ainda mais complexa do que os anteriores. A sua condição intelectual intensifica a diversidade dos laços e redes sociais (colegas, amigos, associações, etc.), que são geralmente estabelecidas no espaço público, cosmopolita, num território também diverso e mais extenso, tando dentro da cidade como até mesmo fora do país. (Grafmeyer, 1995:111)

O *gentrifier* usa a área próxima do bairro e zona em volta do Castelo para se encontrar com amigos e frequentar espaços de restauração que lhe são familiares; usufrui do pequeno comércio existente na sua proximidade, seja imigrante ou português; e a sua integração na associação é reduzida. A cidade é mais vivida pelo *gentrifier*, pois este contém uma rede de amizades mais extensa, e tem uma vivência mais dinâmica, tanto pelo lazer como também pelo trabalho.

Esta proximidade, característica dos territórios medievais antigos da cidade centro, com uma morfologia apertada, ruas sinuosas, aglomeração de edifícios, permite aos indivíduos encontrarem situações que favorecem a criação de novos relacionamentos. Numa lógica de unidade de vizinhança, são desenvolvidas lógicas de solidariedade local (mais evidente nas comunidades imigrantes), que resultam numa entreajuda na escala da vizinhança, baseada em contactos a níveis distintos, dependendo de cada grupo social.

Apesar desta vivência de “aldeia na cidade”, “a proximidade física não é o garante da proximidade social, pois o espaço não é o único obstáculo à comunicação, e a distância social nem sempre é mensurável, de forma adequada, em termos puramente físicos”. A coabitação heterogénea de grupos sociais no mesmo território pode favorecer relações como pode impulsionar tensões (Grafmeyer, 1995:51-52). Nesta mistura social

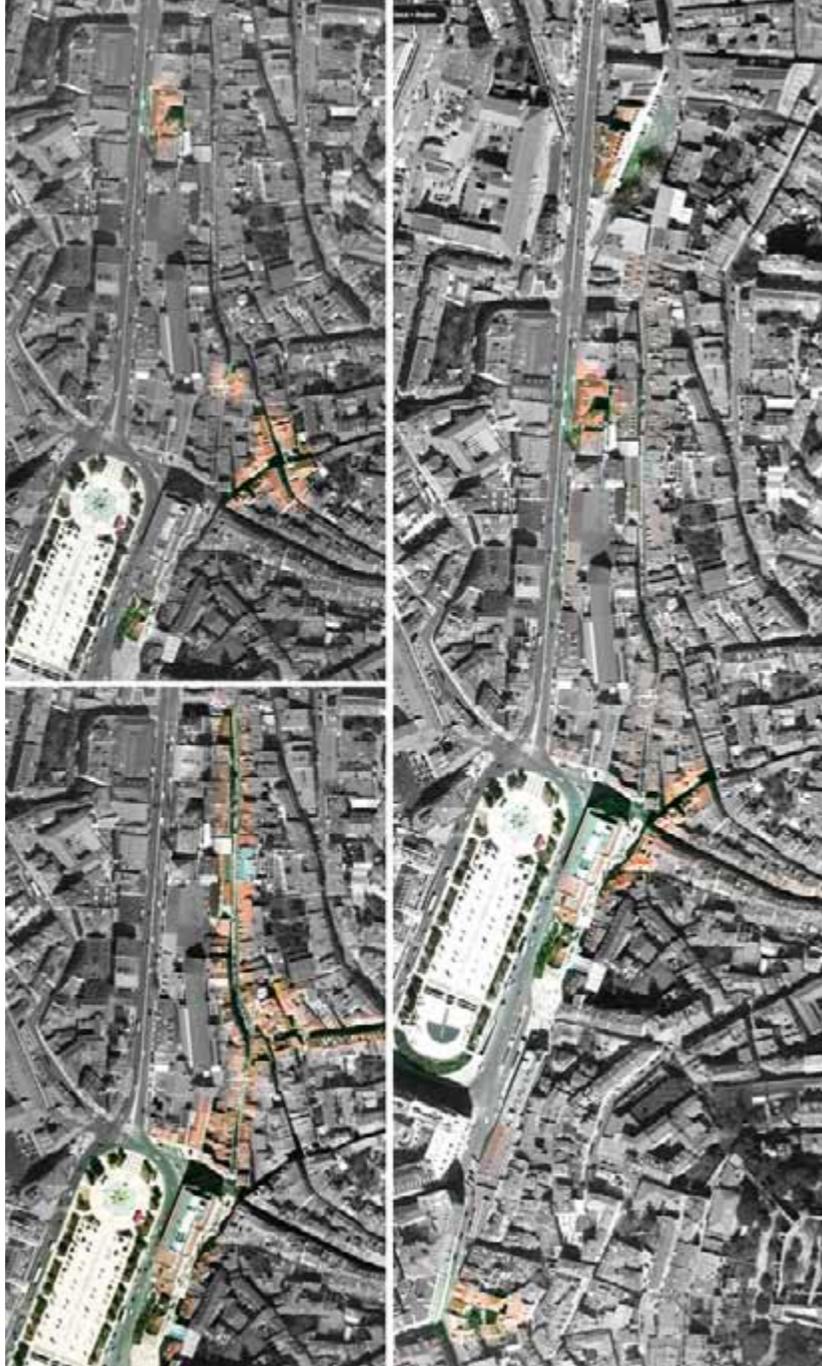


Figura 19 – Vivência no bairro dos entrevistados (superior esquerdo – autóctone; inferior esquerdo – imigrante; direito – *gentrifier*)

presente no bairro da Mouraria, são visíveis segregações ao nível do espaço urbano, mas a escalas muito restritas ao prédio ou ao fogo, e de certo modo também presentes nas próprias interações quotidianas, pois os grupos sociais apropriam-se do território de formas muito distintas. Apesar da proximidade entre os habitantes, os contactos são estabelecidos numa natureza mais superficial. A população imigrante mantém as relações essencialmente dentro da comunidade; o envelhecimento da população autóctone condiciona-os a manterem uma menor rede de amizades; os *gentrifiers*, apesar da valorização do discurso cosmopolita e da condição social do seu local de residência, acabam por estabelecer laços mais fracos com a vizinhança, ao contrário das relações mantidas com amigos ou conhecidos que vivem perto da área.

Contudo, a presença de uma população heterogénea como a residente na Mouraria, confere-lhe uma espécie de coesão coletiva, na medida em que são feitos ajustamentos evidentes e intencionais por parte de cada grupo social, para se manter a coabitação saudável e o respeito pela diferença.

A imposição pública também é uma influência nos modos de viver desta população, na medida em que “os habitantes encontram-se desigualmente implicados nos processos de transformação que ora lhes são unilateralmente impostos em nome do interesse geral, ora lhes solicitam a participação mais ou menos ativa”. (Grafmeyer, 1995:121)

## CONCLUSÕES

Ao olhar para a arquitetura como um suporte de movimentos e de práticas, as pessoas passam a ter um papel preponderante no reconhecimento de uma configuração arquitetónica. O diálogo entre a arquitetura e a sociologia é, nesta medida, constante. A forma como é projetada a arquitetura, e o urbanismo, influencia a coabitação de diferentes grupos sociais, exigências culturais, necessidades individuais, apropriações, num edifício ou até mesmo num território mais vasto, aqui observado como “espaços sociais”.

O bairro da Mouraria é um território que inclui tanta diversidade populacional, num misto de tradição, multiculturalidade e cosmopolitismo, o que lhe confere uma riqueza em conteúdo histórico, urbanístico, arquitetónico e social, apesar do fator de degradação e de desvalorização, replicando o sentido viável de se viver novamente nestas zonas da cidade.

O processo de investigação desenvolvido para este trabalho contribuiu para o desenvolvimento pessoal de uma melhor compreensão acerca da relação entre as vivências urbanas/privadas e o espaço construído. Na medida em que a observação de um edifício ou de uma rua passa a ter um contexto onde se insere uma sociedade singular, com vivências e necessidades específicas, foi interessante perceber como é construída a apropriação de grupos sociais diferentes, que chegaram em períodos distintos a um dos territórios mais antigos da cidade de Lisboa. Foi, de facto, a descoberta de uma Lisboa muito diferente, pitoresca, que nos faz experimentar a proximidade, a multiplicidade, a densidade, num palco de apoio a práticas ainda de carácter muito efémero.

São as pessoas que determinam as formas de viver o espaço; a questão sociológica ajuda a que a arquitetura consiga responder às novas exigências das sociedades de hoje, que estão em constante evolução e mutação. A investigação desenvolvida no contexto do bairro da Mouraria pode contribuir para um modelo de análise que se desdobra num levantamento à escala da população, ou seja, na recolha de um maior número de casos ilustrativos.

Desta forma serão cada vez mais perceptíveis as lógicas evolutivas das sociedades

de determinados territórios, pois engloba uma caracterização mais profunda, que vai desde a esfera privada à esfera pública, descortinando as vivências, atitudes, escolhas, aspirações dos indivíduos ilustrativos dos cenários quotidianos. É um modelo de investigação igualmente extensível a outros territórios.

Analisar o bairro da Mouraria foi um desafio, por ser um território complexo no traçado urbano, na densidade populacional e na diversidade arquitetónica, mas foi um desafio principalmente pela expectativa da aproximação e contacto direto às pessoas e no transpor do espaço íntimo das suas casas. O facto da abordagem a estes casos singulares ser a um nível muito individual, na partilha de experiências, de opiniões, de assuntos do âmbito privado, conferiu ao processo um aprofundamento também pessoal de uma sensibilidade, talvez mais sociológica, de nos pormos no lugar do outro. Desta forma foi possível compreender estas fornas de vivência tão distintas.

Ao chegarmos à zona do Martim Moniz, começa-se a ouvir a música étnica que toca nos pequenos restaurantes e quiosques, onde estão os turistas, grupos de amigos e jovens famílias a experimentar os diversos sabores lá servidos.

As ruas próximas ao largo encontram-se cheias da azáfama dos comerciantes imigrantes, das obras de reabilitação das ruas e dos edifícios, das trocas de impressões e contactos rápidos, olhares curiosos e a mistura de sons, línguas e expressões, mistura de cores das vestimentas das mulheres muçulmanas, num ambiente múltiplo e muito colorido. À medida que se penetra nas ruas mais sinuosas, ou se sobe umas escadinhas recatadas, começa a imperar o sossego, pautado pelo passar de uma pessoa, ou pelo falar, aqui cada vez mais aporuguesado, entre vizinhos que conversam à porta das suas casas ou um grupo de velhos amigos a jogar cartas na esplanada de um café.

Deparei-me com situações marcadas pela tipicidade e pela imposição de certas condições, que dificilmente se vão alterar na forma de viver o bairro pelos imigrantes muçulmanos, nem mesmo pelo facto de se encontrarem num território tão longínquo: uma mulher islamita vem a descer as escadas da Travessa do Jordão, com os seus filhos. Ao chegar ao fim das escadas para, e observa os três rapazes a irem para as cerimónias de oração do meio do dia de sexta-feira, na mesquita (da qual a mulher não se aproximou), ao mesmo tempo que, num pequeno restaurante típico português, se assavam as sardinhas para a hora do almoço, na rua, onde ainda chegava um pouco do calor do sol.

A procissão da Nossa Senhora da Saúde, a mais antiga de Lisboa, foi uma outra experiência que determinou a minha perceção da essência do que são as gentes que vivem e passam na Mouraria: diversas ruas importantes do bairro encontravam-se cheias de pessoas à espera da procissão passar, e pelas varandas pousavam famílias portuguesas e espreitavam imigrantes. A procissão, confusa pela variedade de santos e santas em desfile, por entre inúmeras entidades que se distinguiam pelas suas fardas e estandartes, de onde sobressaia a devoção e o carinho dos mais idosos, a curiosidade dos viajantes passageiros e o respeito dos imigrantes em tentar perceber as nossas tradições.

A experiência que vivi nas casas dos três entrevistados é também muito rica pela diferença de ambientes. Tudo encerrava significados, desde a forma como me recebiam à forma como dispunham as coisas pelo espaço.

A Dona Lurdes mantinha a sua casa num ambiente sempre muito fresco e um pouco sombrio, muito delicada em receber-me, na sua sala, como que um ritual já muito fixo. O seu discurso era calmo e ponderado na descrição das suas tarefas diárias e da sua história, por vezes interrompido pelos ruídos feitos pelo seu pombo de estimação.

O apartamento do Mamun encontrava-se numa mistura de coisas e de padrões, das cortinas, dos cobertores nas camas, num ambiente mais alegorizado pelo cheiro das especiarias do jantar. O entrevistado, já ciente dos procedimentos dos trabalhos académicos, sempre foi muito prestável no seu discurso e atitude, assim como os seus co-residentes mais novos, em contraste com o homem mais velho que se mostrou sempre muito impessoal, mesmo quando tirava as fotografias. A hospitalidade destes homens revelou-se quando me ofereceram, no final da entrevista, chá preto e biscoitos (pois não bebem café). Ainda assim sempre se sentia algum constrangimento pela presença de alguém de fora.

O Paulo foi, de facto, a entrevista mais divertida. O espaço da sua casa, muito denso, carregado de coisas antigas que se impõem e os livros que quase não deixam ver as paredes brancas, despertava a curiosidade de cada vez que olhava para um canto diferente. O entrevistado, muito sociável, estava sempre cheio de histórias para contar, num discurso interessado, analítico, por vezes irónico e muito divertido.

Esta mistura social que existe no bairro, nas ruas, nos prédios, nas casas, é natu-

ralmente um fator de dinamização, que torna, tanto este espaço em particular como a própria cidade que o acolhe (e é composta por outras tantas áreas diversificadas) interessante.

Este trabalho modificou o meu olhar sobre a arquitetura e o urbanismo, numa atitude de antecipação e reflexão sobre o próprio processo criativo. O que aprendi enriqueceu o projeto desenvolvido na vertente prática da cadeira de Projeto Final de Arquitetura, na medida em que o espaço passa a ter uma profundidade mais relacionada com a sociologia, onde tive em conta as vivências correspondentes ao perfil de pessoas que contêm um contexto social e que, por isso, contêm distintas dinâmicas e práticas de uso do espaço.

Além de todo o referido, apercebi-me que a História de um lugar, assim como a apropriação das marcas arquitetónicas do Histórico pelos que dele se aproximam, são um outro modo de delinear o espaço.

A investigação desenvolvida pode ser estendida a uma maior amostra, desenvolvendo conclusões cada vez mais fundamentadas sobre a evolução da adaptação e coabitação destes grupos sociais na Mouraria e os próprios fenómenos de transição socio-urbanística a eles correspondentes. Esta análise é igualmente aplicável a outros territórios, o que possibilita também um estudo comparado dos modos de habitar de diversos bairros/territórios que acolham outros padrões sociais, urbanos e arquitetónicos.

## BIBLIOGRAFIA

Appleton, João Guilherme (2001), “A reabilitação de edifícios “gaioleiro”: estudos de um quarteirão nas Avenidas Novas, Tese de Mestrado em Construção, Lisboa, Instituto Superior Técnico

Authier, Jean-Yves; Grafmeyer, Yves; Mallon, Isabelle; Vogel, Marie (2010), “Sociologie de Lyon”, Paris, Éditions La Découverte

Cascão, Rui (2011), “Modos de habitar”, in História da Vida Privada em Portugal: A Época Contemporânea, Mattoso, José (dir.) e Vaquinhas, Irene (coord.), Lisboa, 1ª edição, Círculo de Leitores e Temas e Debates, Lisboa, pp. 22-55

Fonseca, Maria Lucinda (coord.), et. al. (2005), “Reunificação Familiar e Imigração em Portugal”, Lisboa, Alto-Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME)

Fonseca, Maria Lucinda, McGarrigle, Jennifer e Esteves, Alina (2010), “Possibilities and limitations of comparative quantitative research on immigrant’s housing conditions”, PROMINSTAT Thematic Study on Housing, nº. 6

Fonseca, Maria Lucinda, Amaro, Margarida Roque, Pereira, Sónia, Esteves, Alina (2011), “Imigração, Diversidade e Política Cultural em Lisboa”, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos

Fonseca, Lucinda, McGarrigle, Jennifer, et. al., (2012), “Modes of inter-ethnic coexistence in three neighbourhoods in the Lisbon Metropolitan Area: a comparative perspective”, Lisboa, Edições Colibri / Centro de Estudos Geográficos, integrado no projeto GEITONIES

Grafmeyer, Yves (1995), “Sociologia urbana”, Mem Martins, Publicações Europa-América, col. “Saber”

Gonçalves, Catarina de Jesus Charneco da Costa Telo (2012), “Transformação na configuração e apropriação da casa”, Tese de Mestrado em Arquitetura, Lisboa, Instituto Superior Técnico

Hamnett, Chris (2003), “Gentrification and the Middle-class Remaking of Inner London, 1961–2001”, Londres, Urban Studies, vol. 40, nº. 12, pp. 2401–2426

Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana, Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico (2010), “Património Arquitetónico – Património Arquitetónico de Habitação Multifamiliar do Século XX”, Lisboa, IHRU, IGESPAR (Kits património, nº 2, versão 1.0), url: [www.portaldahabitacao.pt](http://www.portaldahabitacao.pt); [www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt); [www.igespar.pt](http://www.igespar.pt).

Malheiros, Jorge (2008), “Comunidades de origem indiana na Área Metropolitana de Lisboa – iniciativas empresariais e estratégias sociais criativas na cidade”, in Oliveira, Catarina Reis e Rath, Jan (org.), Revista Migrações- Número Temático Empreendedorismo Imigrante, Outubro, 3, Lisboa: ACIDI, pp. 139-164

Malheiros, Jorge, Fonseca, Lucinda (coordenadores), et. al. (2011), "Acesso à habitação e problemas residenciais dos imigrantes em Portugal", Lisboa, Edição Alto-Comossariado para a Imigração e Diálogo Intercultural ACIDI

Malheiros, Jorge, Rui Carvalho e Luís Mendes (2012), "Etnicização residencial e nobilitação urbana marginal: processo de ajustamento ou prática emancipatória num bairro do centro histórico de Lisboa?", in Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Número temático: Imigração, Diversidade e Convivência Cultural, pp. 97-128

Matias, Ana (2007), "Imagens e Estereótipos da Sociedade Portuguesa Sobre a Comunidade Chinesa, Interação multissecular via Macau" ISCTE

Mattoso, José (dir.) e Vaquinhas, Irene (coord.) (2011a), "História da Vida Privada em Portugal: A Época Contemporânea", 1ª edição, Círculo de Leitores e Temas e Debates, Lisboa

Mattoso, José (dir.), Almeida, Ana Nunes de (coord.) (2011b), "História da Vida Privada em Portugal: Os nossos dias", Lisboa, 1ª edição, Círculo de Leitores e Temas e Debates

Menezes, Marluci (2012) "Debatendo mitos, representações e convicções acerca da invenção de um bairro lisboeta", in Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Número temático: Imigração, Diversidade e Convivência Cultural, pp. 69-95

Mendes, Luis (2006), "A nobilitação urbana no Bairro Alto: análise de um processo de recomposição sócio-espacial", in Finisterra, vol. XLI, nº. 81, pp. 57-82

Mendes, Maria Manuela (2012), "Bairro da Mouraria, território de diversidade: entre a tradição e o cosmopolitismo", in Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Número temático: Imigração, Diversidade e Convivência Cultural, pp. 15-41

Mendes, Vera (1996), "Socorro, Freguesia Mourisca, Berço do Fado", Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa

Padilla, Beatriz e Azevedo, Joana (2012), "Territórios de diversidade: e convivência cultural: considerações teóricas e empíricas", in Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Número temático: Imigração, Diversidade e Convivência Cultural, pp. 43-67

Pereira, Luz Valente, Gago, Maria Amélia Corrêa (1983), "O uso do espaço na habitação", Lisboa, Laboratório Nacional de Engenharia Civil

Pereira, Luz Valente, Gago, Maria Amélia Corrêa (1984), "Inquérito à habitação urbana", Lisboa, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, vol. 1 e vol. 2

Pereira, Sandra Marques (2011), "Cenários do quotidiano doméstico: modos de habitar", in História da Vida Privada em Portugal: Os nossos dias, Mattoso, José (dir.), Almeida, Ana Nunes de (coord.), Lisboa, 1ª edição, Círculo de Leitores e Temas e Debates, pp. 16-47

Pereira, Sandra Marques (2012), "Casa e mudança social : uma leitura das transformações da sociedade portuguesa a partir da casa", Lisboa, Caleidoscópio Edições

Portas, Nuno (1999), "Funções e exigências de áreas da habitação", Lisboa, Laboratório Nacional de Engenharia Civil

Ribeiro, João, Cunca, Raúl, Clemente, Augusto (1993) "Pelouro de Reabilitação Urbana dos Núcleos Históricos", Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa

Rodrigues, Walter (1992), "Urbanidade e Novos Estilos de Vida", in Sociologia Problemas e Práticas, nº. 12, pp. 91-107

Rodrigues, Walter (2010), "Cidade em Transição. Nobilitação Urbana, Estilos de Vida e Reurbanização em Lisboa", Lisboa, Celta Editora

Salgado, Manuel e Lourenço, Nuno (2006), "Atlas urbanístico de Lisboa", Lisboa, Argumentum Edições

Teixeira, Manuel C. (1992), "As estratégias de habitação em Portugal 1880-1940", in Análise Social, vol. XXVII, n.º 1, pp 65-89

Websites:

[www.aimouraria.cm-lisboa.pt/](http://www.aimouraria.cm-lisboa.pt/)

[www.epul.pt/](http://www.epul.pt/)

[www.trajectorias-residenciais.com/](http://www.trajectorias-residenciais.com/)

[www.ine.pt](http://www.ine.pt)

**vertente  
prática**

**grupo**

marca  
texto  
espacio



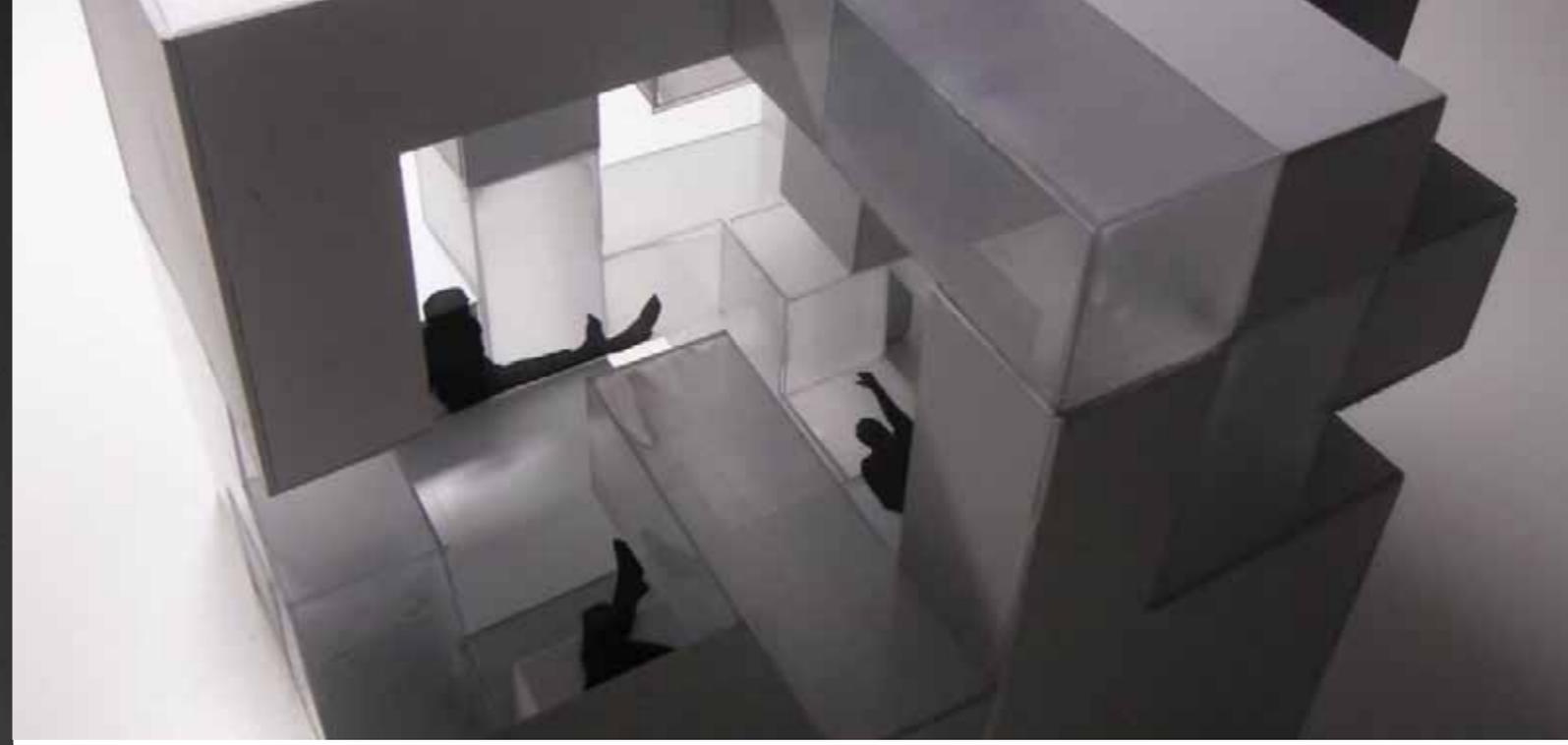
a marca

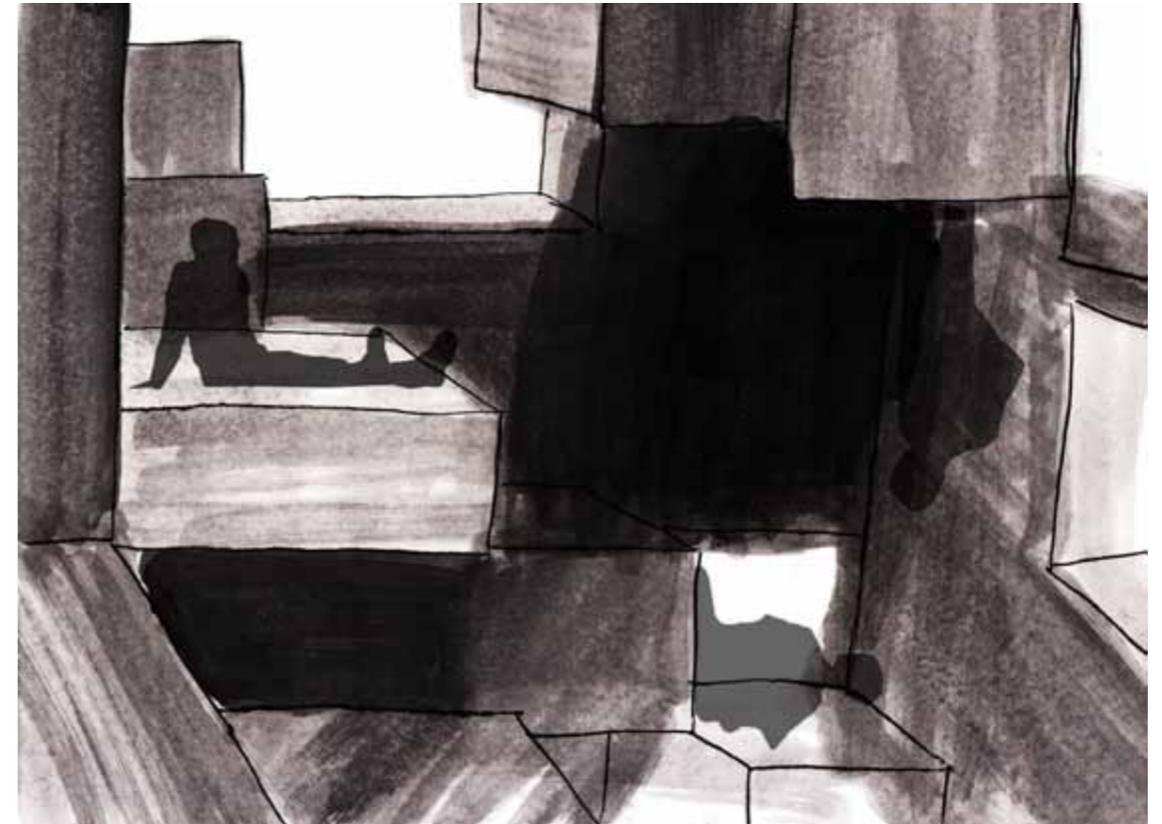
A partir de um objecto de uso comum, o cubo Rubik, produzimos a marca gráfica, usando o cubo como carimbo embebido em tinta-da-china, sobre papel cavalinho, num processo de repetição, sobreposição e rotação do objeto.

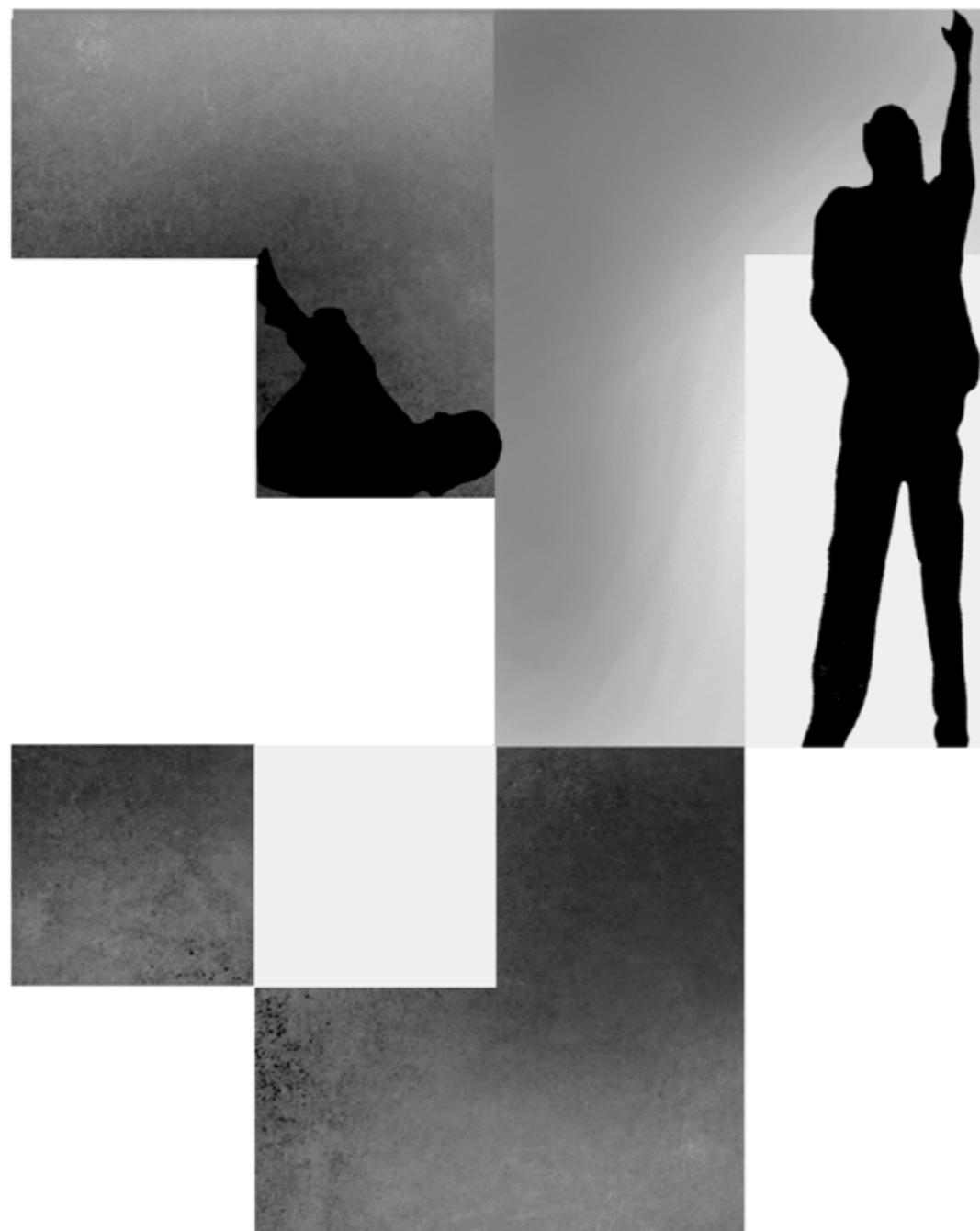
“Se comparássemos uma divisão de residência japonesa com um desenho a tinta-da-china, os *shōji* corresponderiam à parte em que a tinta está mais diluída e o *toko no ma* ao sítio em que se encontra mais espessa. De cada vez que contemplo um *toko no ma*, essa obra-prima do requinte, fico maravilhado por constatar até que ponto os Japoneses conseguiram penetrar nos **mistérios da sombra**, e com que engenho souberam utilizar **jogos de luz e sombra**. E isto sem visar especialmente um efeito determinado. Numa palavra, sem outro suporte para além de simples madeira e paredes nuas, compôs-se um espaço recatado onde os **raios luminosos** que aí deixamos penetrar produzem, aqui e além, **recantos** vagamente escurecidos. E no entanto, contemplando as **trevas** escondidas atrás da viga superior, em redor de uma jarra de flores, sob uma prateleira, e sabendo perfeitamente que são sombras insignificantes, experimentamos a **sensação** de que, nesses locais, o ar encerra uma **espessura de silêncio**, que uma **serenidade** eternamente inalterável reina nessa **escuridão**. Afinal, quando os Ocidentais, falam de “mistérios do Oriente”, é bem possível que se refiram a essa **calma** um pouco **inquietante** que a sombra segrega quando possui essa qualidade. Eu próprio, nos meus tempos de criança, quando arriscava uma olhadela ao fundo do *toko no ma* de um salão ou de uma “biblioteca”, que os **sol** nunca aflora, não conseguia evitar uma indefinível apreensão, um calafrio. Mas onde está, então, a chave do mistério? Muito bem, vou trair o segredo: vendo bem, é apenas a **magia da sombra**; expulsem essa sombra que se forma em todos os recantos e o *toko no ma* regressará imediatamente à sua realidade banal de **espaço vazio e nu**. Porque foi aí que os nossos antepassados se mostraram geniais: souberam conferir ao universo de sombra deliberadamente criada, delimitando um espaço rigorosamente **vazio**, uma qualidade estética superior à de qualquer fresco ou decoração. Aparentemente, trata-se apenas de um puro artifício, mas de facto as coisas são muito menos simples que isso.” (Tanizaki, 2008:45-46).



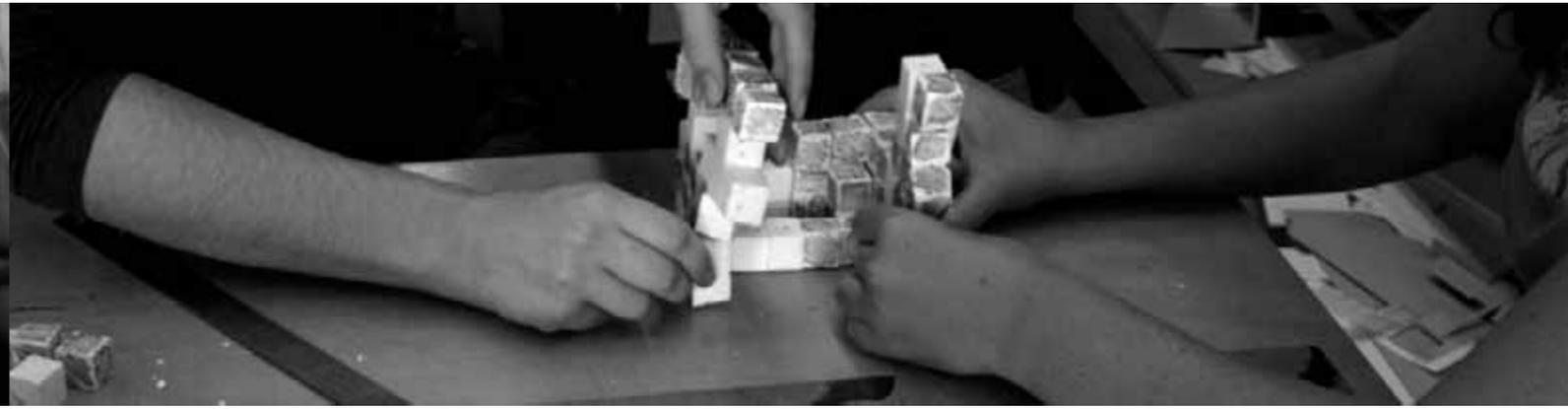
o espaço



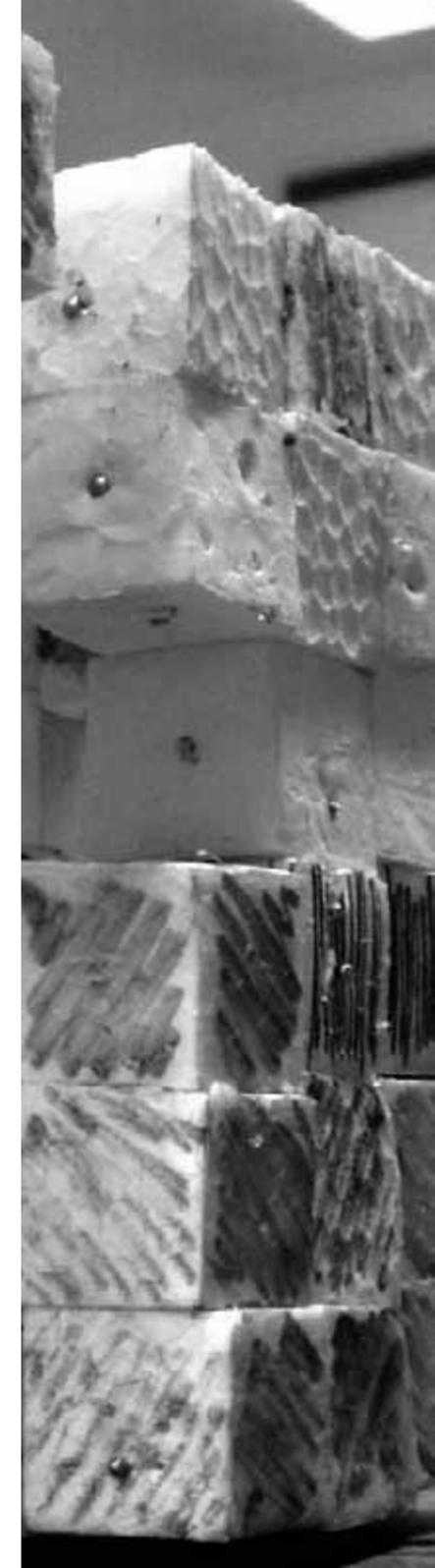




Secções do objeto



storyboard



Maqueta de estudio

benefit

Mais do que uma simples resposta formal ao programa, a nossa proposta parte de uma reflexão sobre o sítio. Um confronto entre a arquitetura funcional pré-existente, o hospital, com uma estrutura que, apesar de efêmera, deixa uma marca simbólica da sua presença, oferece um novo caráter à cidade: uma maior abertura à diversidade cultural, muito característica de Bafatá.





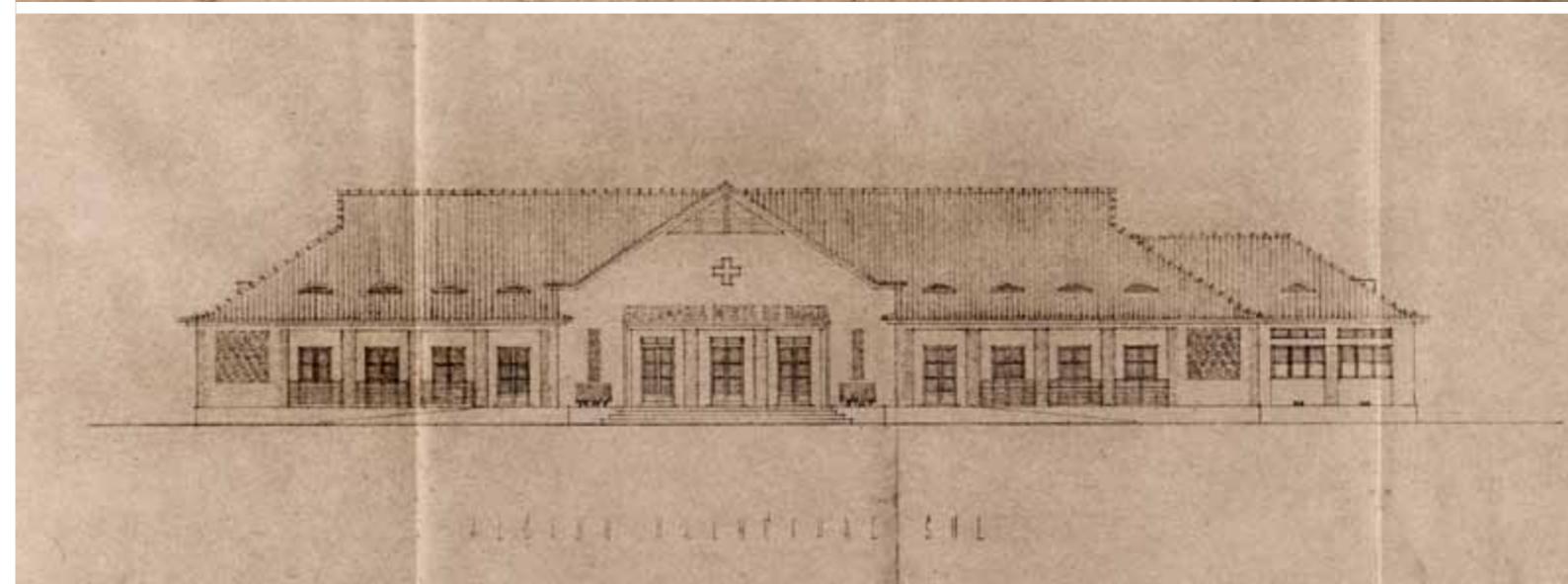
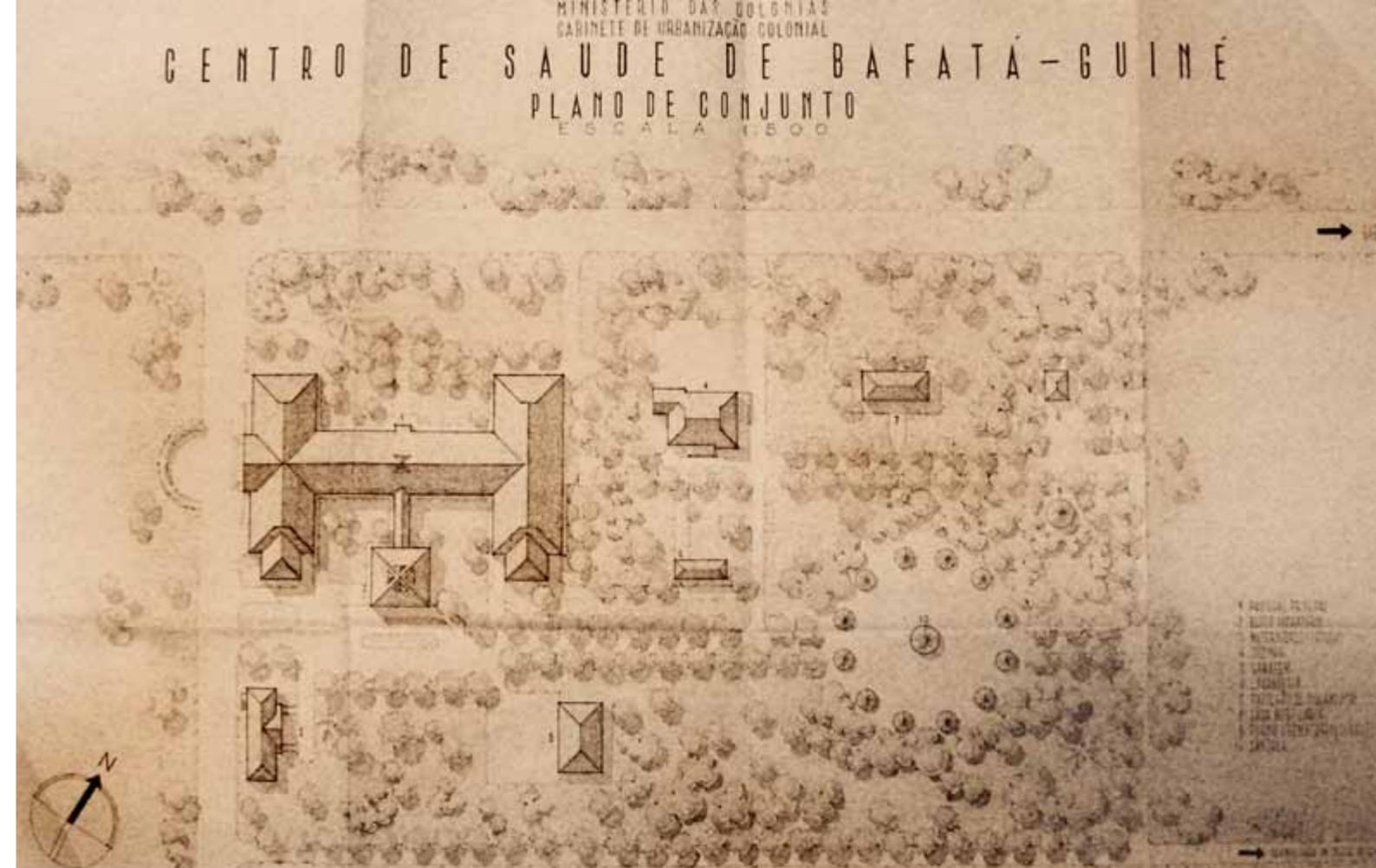
#### o lugar

O projecto do Centro Interpretativo será implantado junto ao hospital, relacionando-se com a avenida principal da cidade e a rua que culmina na casa onde nasceu Amílcar Cabral. Esta localização é estratégica pela sua proximidade com a entrada da cidade e com o seu eixo estrutural urbano, ao longo do qual surgem os edifícios públicos.



O Hospital de Bafatá, anterior Enfermaria Mista, foi projetado em 1946, pelo arquiteto João Simões enquanto funcionário do Gabinete de Urbanização Colonial. Trata-se de um edifício que se desenvolve apenas num piso térreo, assente sobre um embasamento. Da volumetria simétrica, destaca-se um corpo central de frontão triangular ladeado por galerias alpendradas que permitem a ventilação do edifício e o protegem do calor. O edifício segue uma filosofia de desenho pragmática, que pretende resolver os problemas inerentes ao clima caraterístico do sítio, juntamente com um entendimento moderno do programa com uma linguagem de configuração tradicionalista portuguesa. É possível afirmar que o Hospital de Bafatá é uma obra de arquitetura tropical assente em princípios funcionais, construído, segundo a linha de pensamento de João Aguiar em *L'Habitation dans les pays tropicaux*, "com características especiais adaptadas ao clima, exigindo a adoção de elementos de proteção destinados a contrariar a influência de agentes climáticos" (Milheiro, 2011, p.10). Neste contexto, propomos confrontar a funcionalidade extrema do desenho de João Simões, com a ideologia inerente ao efêmero e à forma do Centro Interpretativo, acentuado pela informalidade dos percursos pedonais existentes, integrados na nossa proposta.

Hospital de Bafatá, João Simões, 1946.  
Fonte: AHU





#### a forma

A planta em circunferência surge da reinterpretação da vivência tradicional nativa guineense. Esta organização remete para uma lógica que acontece desde a forma das habitações tradicionais (cubatas), ao traçado dos aglomerados nativos e até mesmo a forma de interação das pessoas. Para criar alguma dinâmica, optamos por desenhar os limites do espaço através de duas circunferências não concêntricas, de forma a adaptar gradualmente as diferentes áreas do programa. A entrada acontece na zona mais estreita e de maior relação com o hospital, seguidamente as zonas de acolhimento e serviços (loja, instalações sanitárias e arrumos), as zonas mais específicas (Centro de Formação, Centro de Estudos e Pesquisas e Arquivo e Centro de Documentação), e finalmente a zona desafogada, um espaço que convida à reunião.

o conceito

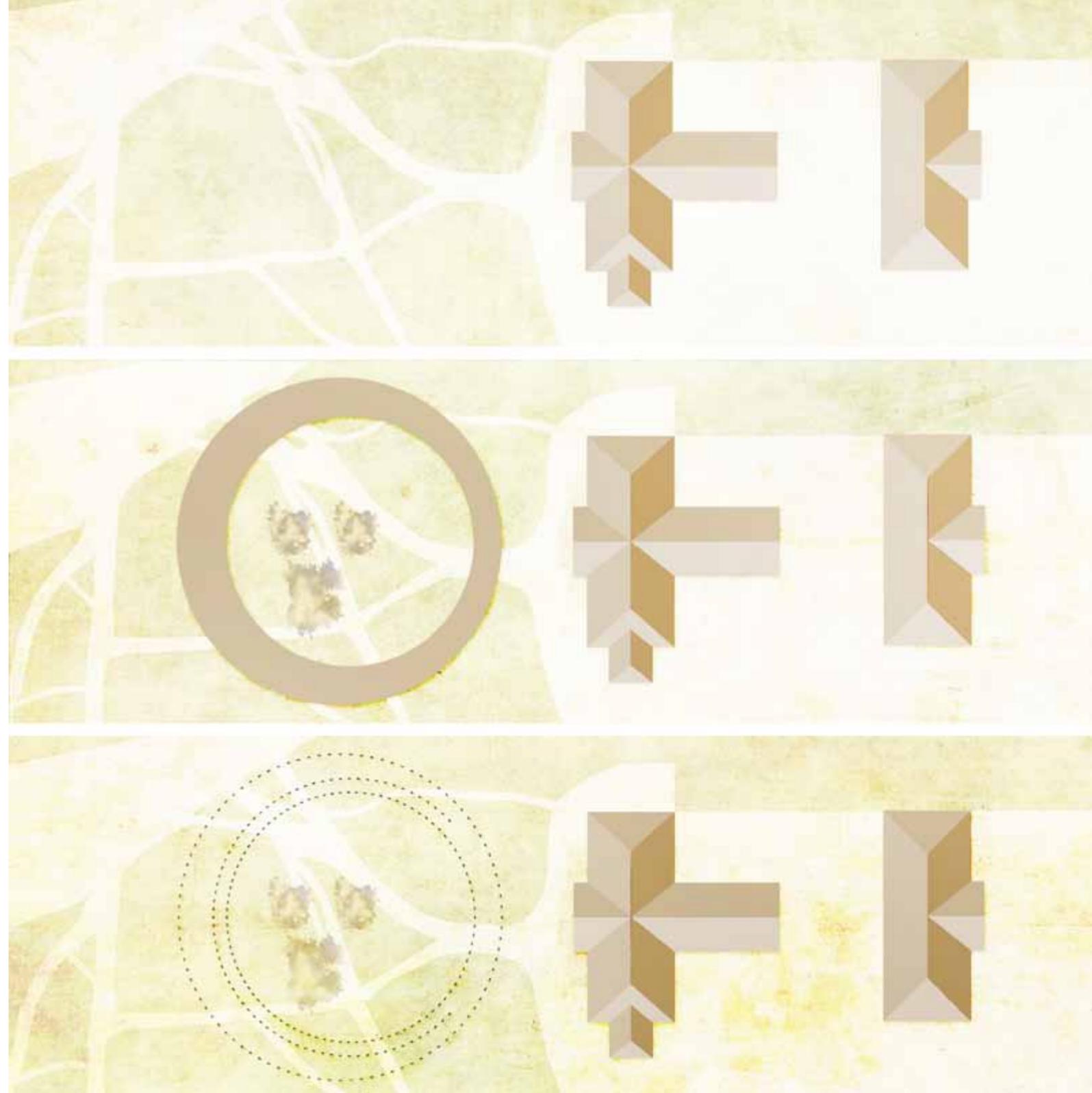
No Exercício de Arranque trabalhamos a ideia da sombra dando-lhe uma lógica de materialização, espacialidade e gravidade. Como referência às ideias desenvolvidas, reinterpretámos esta mesma lógica através da estrutura, onde criamos uma gradação visual que funciona como um filtro, deixando entrar ou não a luz, num jogo de sombras. Todo o projecto é envolvido por uma ideia de convergência gravitacional, relacionando-se constantemente com o seu coração, através de diversos elementos – inclinação da cobertura, galeria, ligação visual, bancos do auditório. Este coração não é formalmente definido, mas sim enunciado pelas árvores propostas e por percursos pedonais que atravessam este espaço, onde funciona o “palco” do auditório.

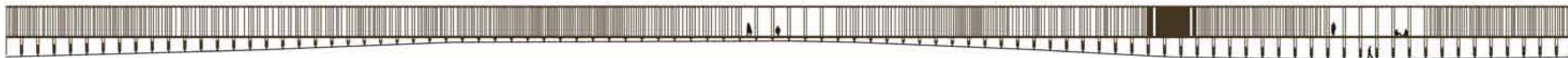
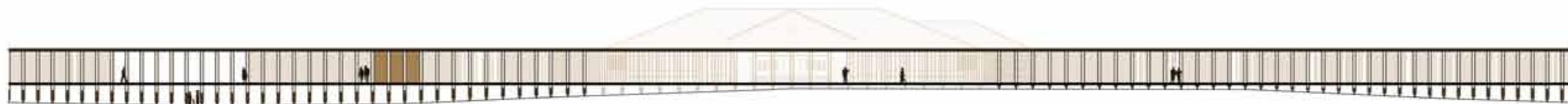
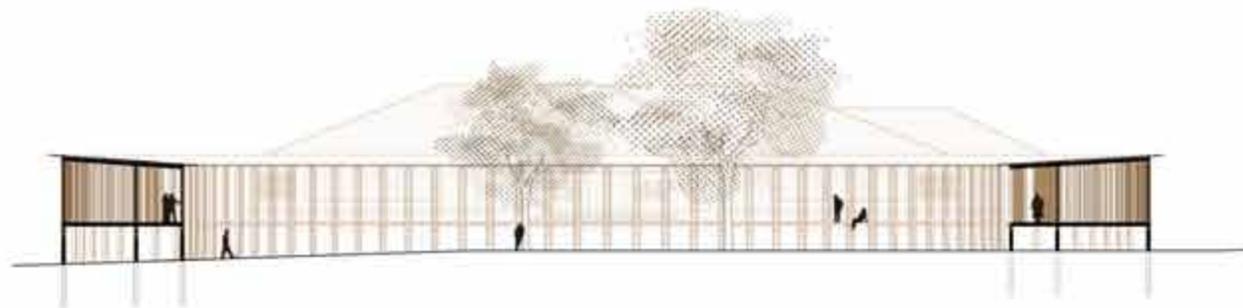
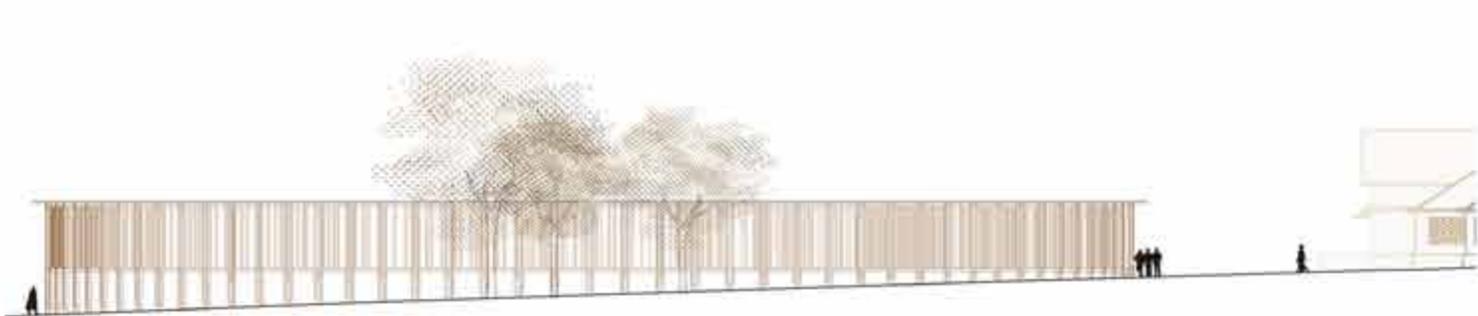




Em cima  
planta centro interpretativo

À direita  
esquema relação do centro interpretativo com o hospital  
(antes, durante e após intervenção)





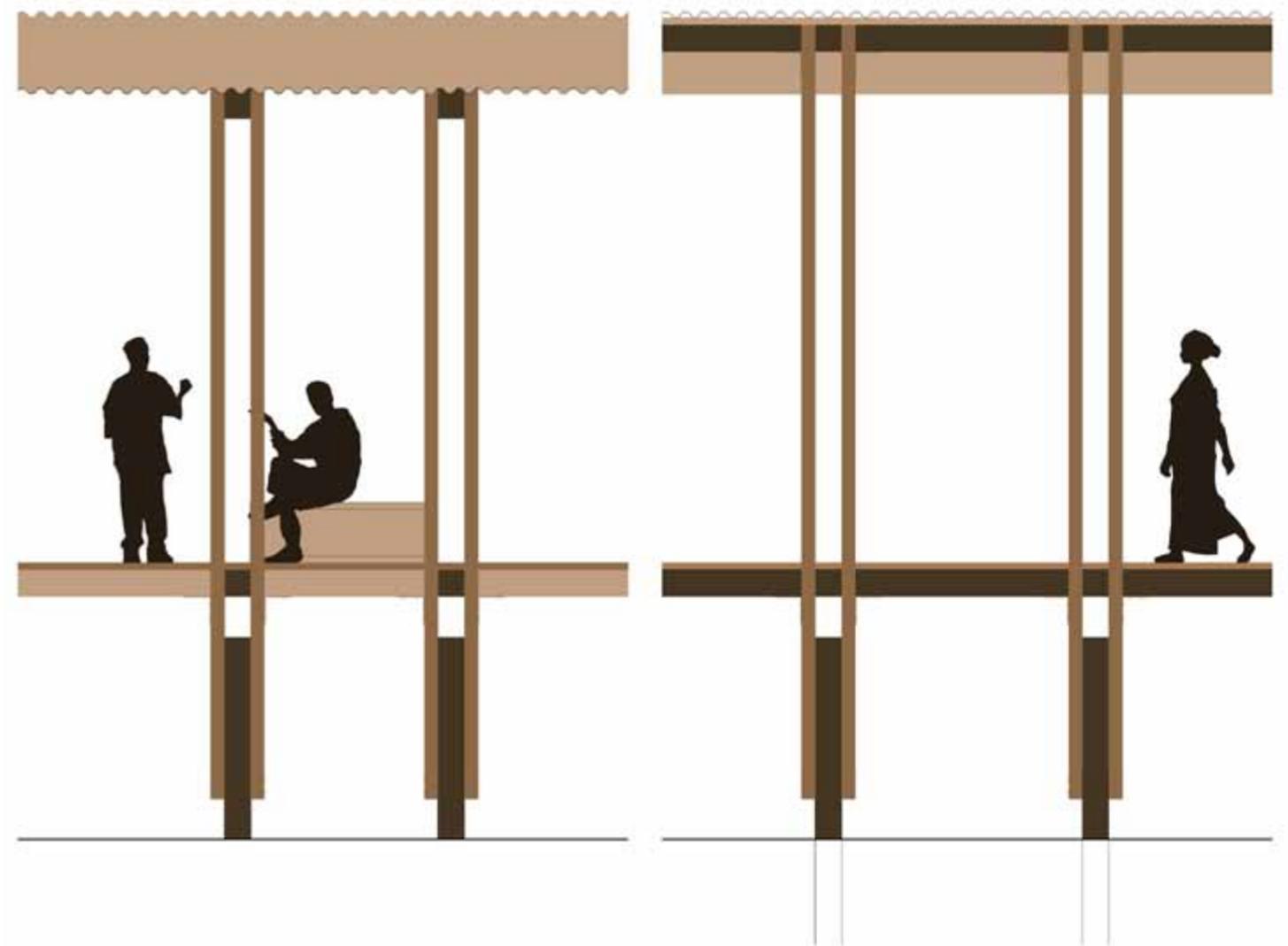
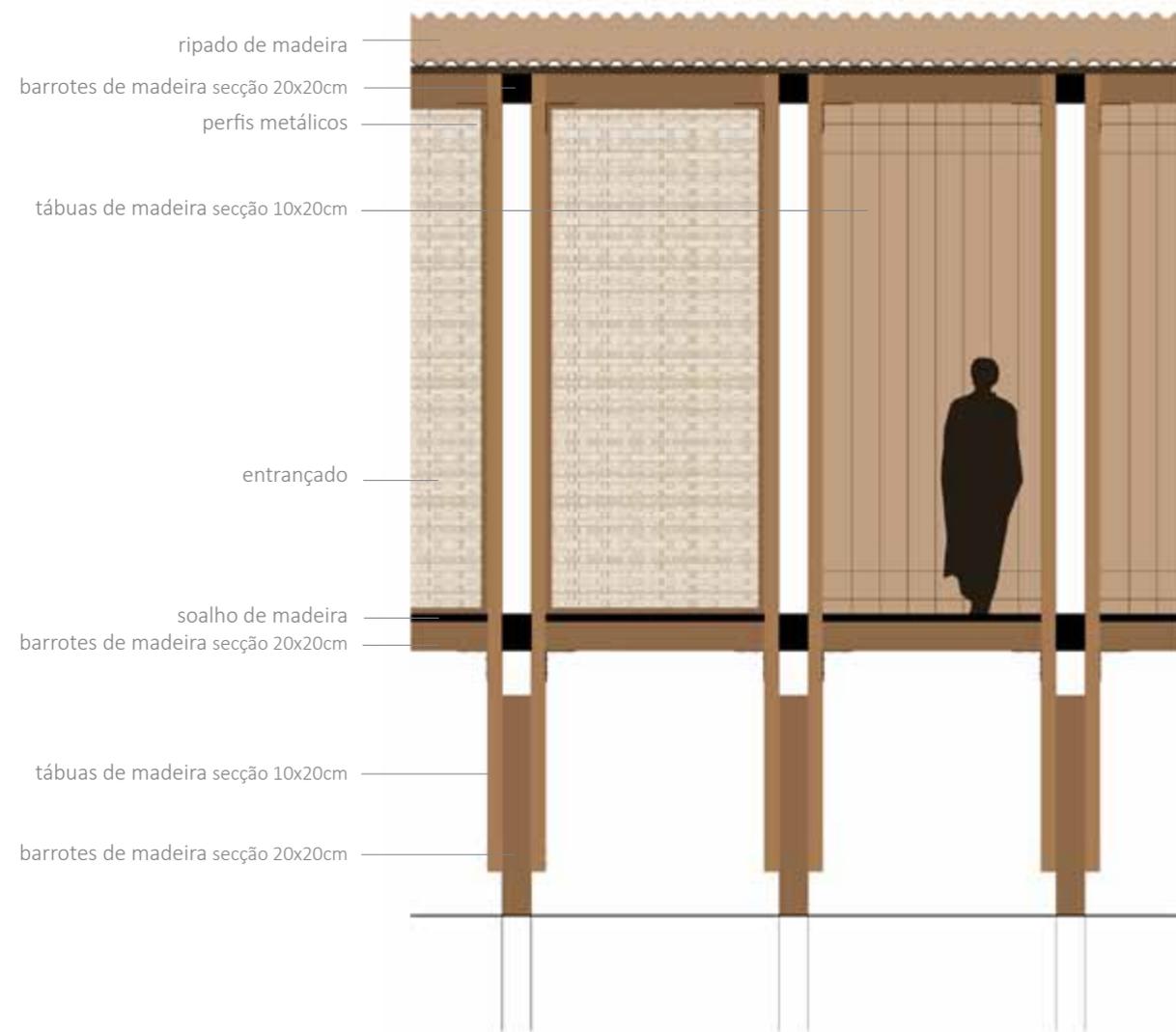
Em cima:  
Alçado e .corte  
Em baixo:  
Planificação interior e exterior

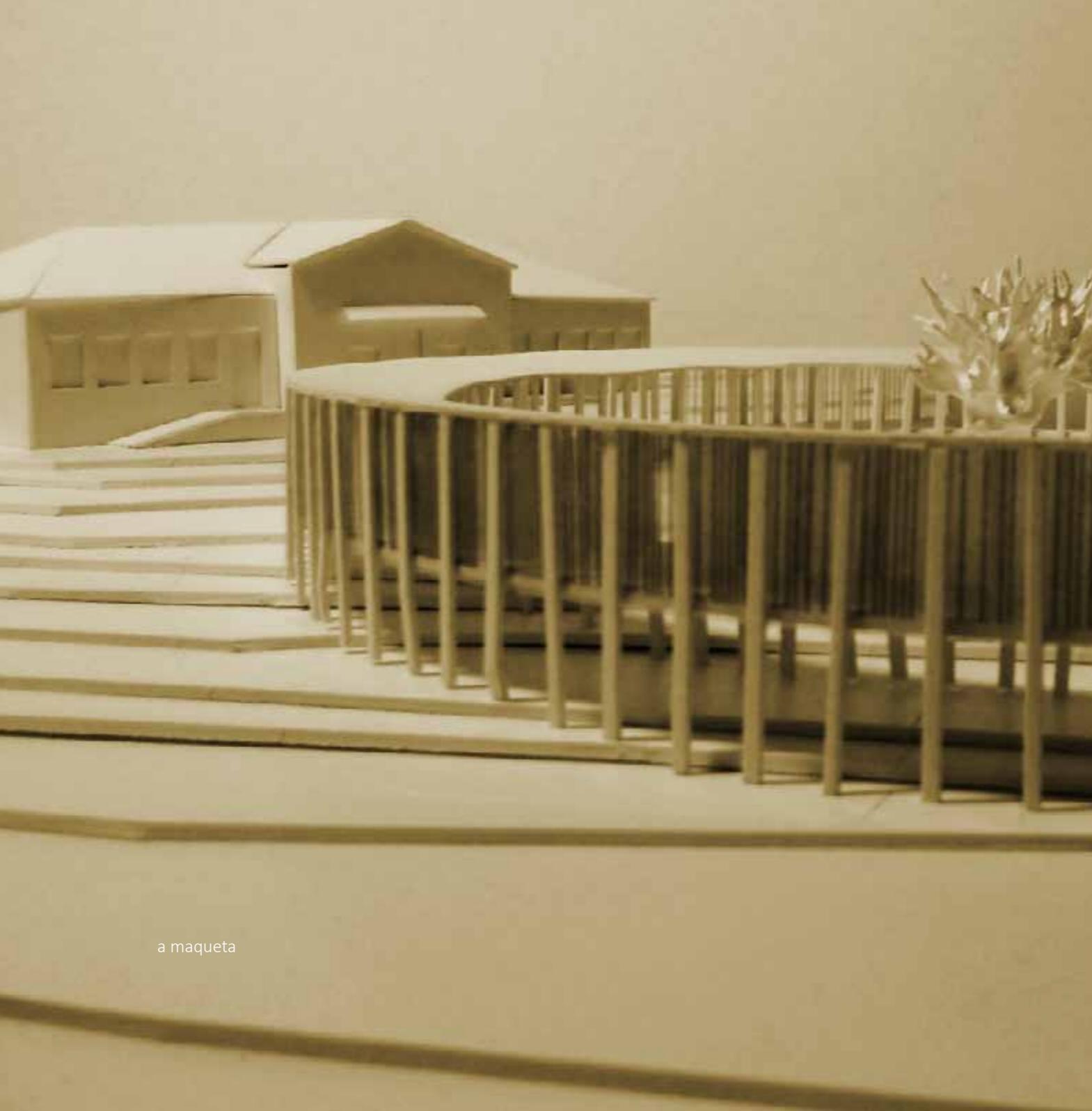


a estrutura

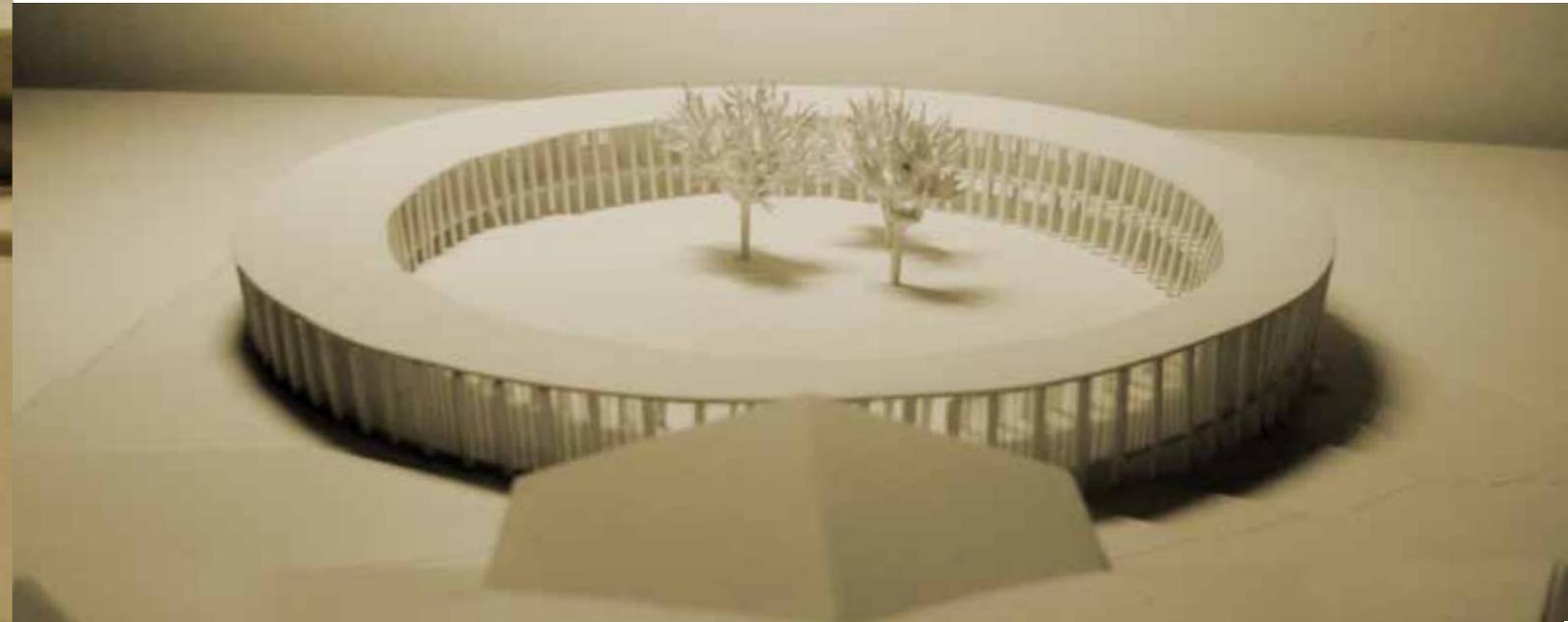
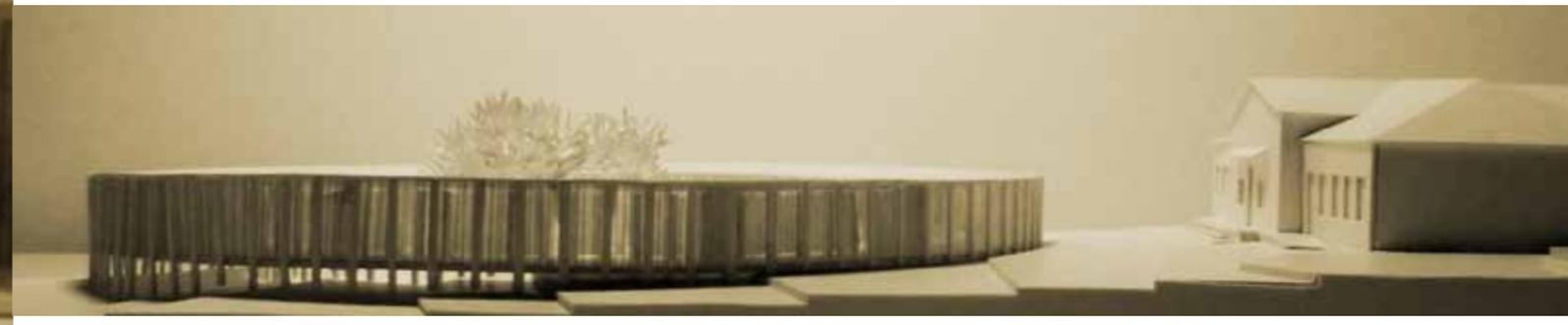
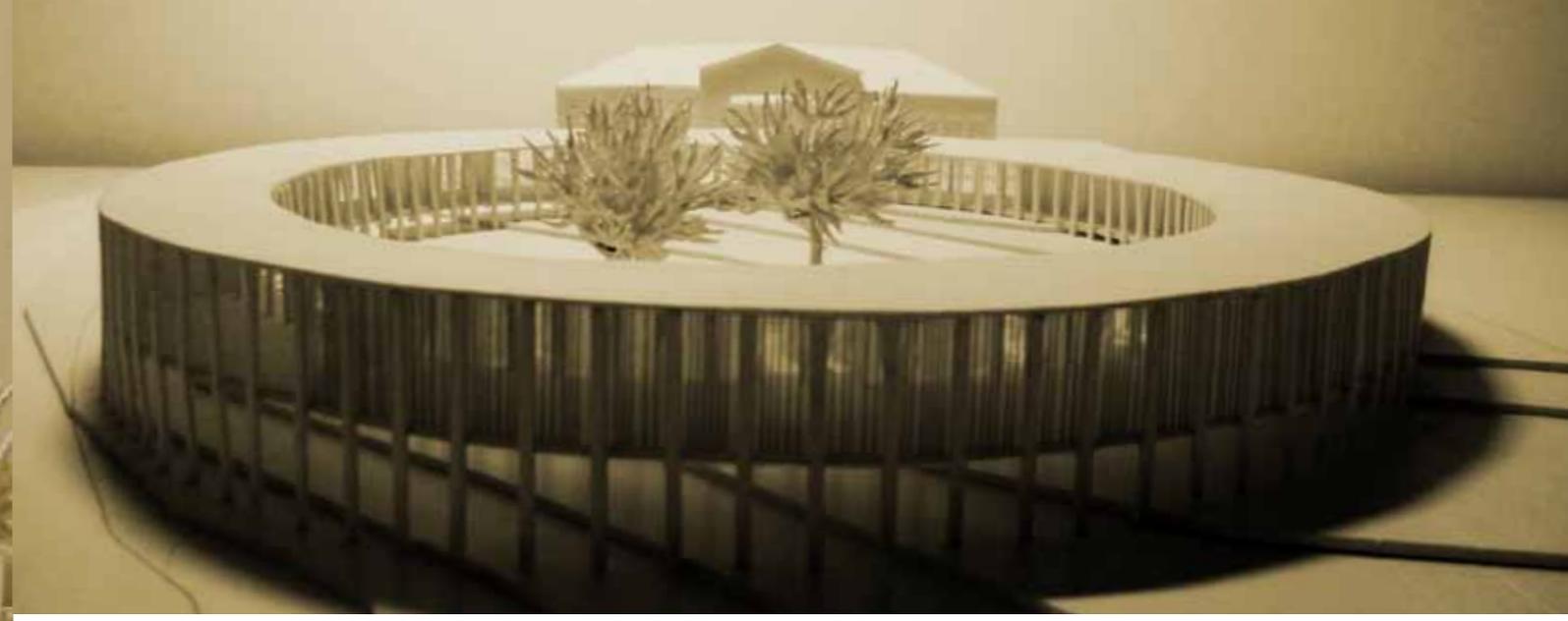
Com o objetivo de acentuar o carácter efêmero da estrutura e distanciar-se do lugar, elevámo-la do terreno através de um sistema de estacas, o que é aproveitado para resolver a questão das cheias e da humidade do solo. Todo o sistema construtivo é composto por elementos de madeira, desde barrotes de fundação, às tábuas que compõem as paredes e suportam a cobertura. Também houve uma preocupação de ir ao encontro dos materiais locais, neste caso a utilização dos painéis de entrançados de bambu que resolvem as paredes da galeria. É no detalhe do sistema construtivo proposto que se encontra o interesse arquitetónico do projeto. Ao mesmo tempo que resolve questões técnicas em resposta ao clima tropical, como por exemplo o espaçamento entre as tábuas que compõem as paredes, cria um jogo de sombras e também permite a ventilação cruzada. Deste modo tentámos conciliar os 3 princípios Vitruvianos- solidez, utilidade e beleza.







a maqueta





a marca

Como marca da presença do centro interpretativo, propomos manter as árvores plantadas, os percursos pedonais e os barrotes estruturais, delimitando um espaço que poderá, posteriormente, ser utilizado para diversas atividades da comunidade.

amoreiras  
2033

### evolução histórica

A zona das Amoreiras, atualmente beneficiada quer pela sua proximidade ao centro tradicional quer pela periferia imediata da cidade, deve o seu desenvolvimento mais considerável à presença do Aqueduto das Águas Livres (1713-1748). Até à sua construção, toda a área era somente ocupada por alguns conventos e quintas, como é exemplo o Convento das Trinas do Rato (1614-1721). O tema da água era de extrema importância ao garantir a autonomia da cidade. A sua qualidade, quantidade e forma de abastecimento eram relevantes nos rituais de implantação, fundação e expansão da cidade, e consequentemente, no seu desenho urbano. De acordo com o *Journal Entranger de Paris*, em 1755, o aqueduto das Águas Livres era a “mais magnífica e a mais sumptuosa empresa deste género sem excluir as dos Romanos e dos Franceses”. A sua construção concedeu ao Largo do Rato um novo carácter: espaço de intercâmbio entre o urbano e o rural. É importante mencionar que o aqueduto, construído sobre uma falha sísmica, foi edificado paralelamente a vestígios encontrados de um aqueduto romano. Apesar do interesse de D. João V na sua construção, a obra foi inteiramente paga pelo tributo da população ao longo de várias décadas. O soberano unicamente zelou pelo andamento da obra e pela justeza dos gastos e estabeleceu que a expropriação dos terrenos deveria ser feita mediante um preço justo. Em simultâneo, foram edificadas casas, fábricas e rasgados novos arruamentos junto ao Largo do Rato.

Zona de intervenção 1856  
redesenho sobre o levantamento de Lisboa de Filipe Folque

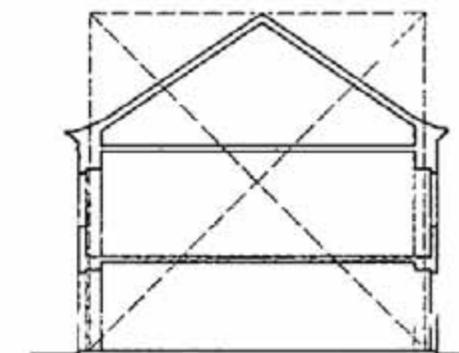
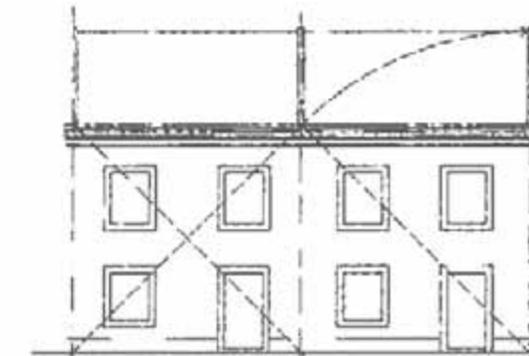
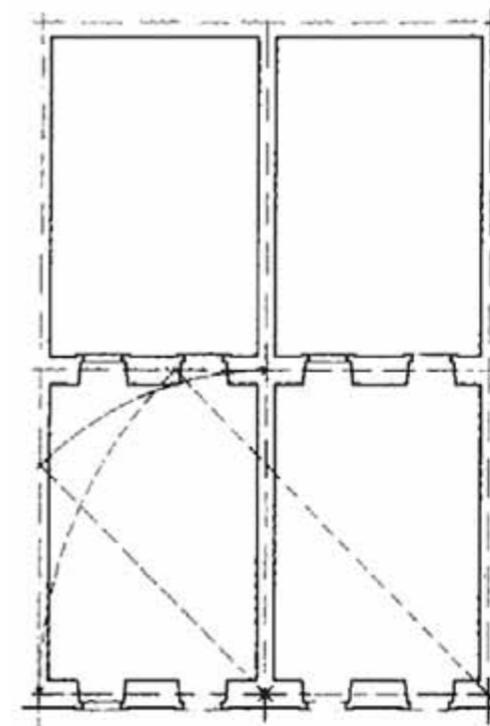


Aquando do terramoto de 1755, a zona das Amoreiras foi uma das mais poupadas na cidade. Conhecidas as suas potencialidades naturais e planeadas, e comprovada a sua segurança em termos sísmicos, o Estado mostrou interesse em construir no local, prevendo o crescimento da cidade sobre o eixo do já existente núcleo joanino da Fábrica das Sedas (reinstalada como Real Fábrica das Sedas em 1757), proibindo qualquer construção dentro dos limites definidos para a cidade. Aí foram instaladas novas indústrias: o Real Colégio das Manufacturas, a Fábrica dos Pentes (1764), a Fábrica dos Relógios (1765) e a Fábrica de Louça do Rato (1767). Foram criadas instalações provisórias para o Convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo, na actual Praça das Águas Livres, e para o Convento de São Francisco. A proibição foi repetidamente violada com a construção de barracas no Largo do Rato, nas quintas a norte e na muralha da Mãe de Água e a construção de casas burguesas em toda a zona. A rua das Amoreiras rapidamente foi ladeada de casas até ao Largo de Campolide. Em 1759 foi desenvolvido um plano de urbanização do então conhecido Bairro das Águas Livres, compreendido entre a Mãe de Água, a actual rua Artilharia 1, o Rato e o Campolide. Enquadrando-se na reestruturação da Fábrica das Sedas, a agora Real Fábrica das Sedas “passava a ser uma unidade urbana pombalina de elite”, encarregue da construção de 60 casas com as quais se iniciou o processo de urbanização. A solução adoptada, de Carlos Mardel, datada de 1759, procurava respeitar, na generalidade, o plano anteriormente desenvolvido em 1756, pelo próprio, Eugénio dos Santos, Elias Poppe e Carlos Andreis: “a ideia da praça junto aos arcos e aproveitamento de muro de suporte criada pela Mãe de Água e o alto de São Francisco para nivelamento da encosta; a regularização do traçado da rua que o Rato e a para São Sebastião da Pedreira, actual Francisco Sales e Artilharia 1; o estabelecimento de uma malha ortogonal variada que articulasse as novas praças”. O desenho de Mardel propunha uma malha quadrada uniforme onde a praça correspondia à ausência de 2 quarteirões, marcando o eixo da praça pelo meio da arcaria e fechando por completo no seu limite poente sem libertar os cantos no enfiamento das ruas opostas. O Largo do Rato foi revisto segundo um eixo de simetria do chafariz. A largura das vias era de 40 palmos. Esta solução, em comparação com as restantes, revelava uma “maior calma e maturidade”, assumindo “um maior respeito e capacidade de valorização pela forte presença do conjunto final e monumental do Aqueduto”.

Fábrica de Tecidos de Seda, actual Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva  
Fonte: AML



Apenas os 4 quarteirões que ladeiam a praça foram ocupados na época, com um total de 56 fogos. Quanto à construção dos fogos, estes apresentam uma estrutura do “tipo tradicional, com arcos de alvenaria e sobrado”, sendo que o ritmo entre os vãos varia com a mudança do fogo. “A cobertura é em duas águas longitudinais com tacaniças de remate nos topos. O beirado é nas traseiras directamente assente sobre a alvenaria, ao contrário do que sucede nas fachadas públicas. Como único elemento decorativo surgia um pequeno botão em calcário ao lado das portas. As peças de cantaria dos vãos têm dimensões que permitem o uso de uma peça em posições diversas o que, mais uma vez, confirma a produção seriada dos elementos construtivos” (Rossa, 2009, p.27). Cada quarteirão era definido com duas frentes de casas separadas por um pátio. Cada alçado apresentava duas janelas, de guilhotina quadrada, rectangulares no primeiro andar, e uma porta e janela, quase quadrada, no rés-do-chão. No centro da praça foi construído um chafariz, ladeado por 331 amoreiras plantadas pelo Marquês em 1771. No entanto, em 1863, foram substituídos por um jardim romântico e um novo chafariz. Da época desta intervenção é também a Capela de Nossa Senhora de Monserrate (1768), substituindo a barraca de madeira no Alto de São Francisco. De nave oitavada, apresenta no seu exterior uma fachada simples que se estrutura a partir de um quadrado com frontão sobreposto, “procurando inserir os frisos na continuidade dos do aqueduto” (*idem*, 2009, p.). Sobre a porta, com trabalho de cantaria simples, encontra-se uma janela.



Esquemas de composição dos espaços, alçados e volumes originais para os lotes do Bairro das Águas Livres  
Fonte: Rossa, 2009, p.27

No século XIX, a Revolução Industrial provocou um considerável aumento da classe operária na cidade de Lisboa. Consequentemente foram construídos novos bairros (Estefânia, Campo de Ourique, o Bairro de Camões e, posteriormente, a Almirante Reis e as Avenidas Novas). A classe operária não tinha capacidade económica para ocupar estes bairros, alonjando-se em habitações deprimentes, palácios arruinados e conventos. Foi neste contexto de habitação precária que surgiram os pátios e as vilas operárias. Na zona das Amoreiras destacava-se o Pátio do Biaggi, na rua das Amoreiras, composto por centenas de habitações. Tratando-se de um pátio, é provável que fosse desprovido de qualquer tipo de instalações sanitárias e de abastecimento de água, sem as condições mínimas de salubridade. As vilas eram edificações multifamiliares, sendo estas de dois tipos: edifícios alongados, em forma de corredor, e edifícios tipo bloco, com quatro fachadas de acesso central, em forma de pátio. Muitas vezes, a fachada principal fazia parte de um prédio burguês (pequena burguesia), sendo a vila ou o pátio destinado às famílias do operariado desenvolvidas nas traseiras. De materiais baratos, como o tijolo, o remate das coberturas era presente na maioria das vilas. Na zona das Amoreiras é possível ainda hoje encontrar a Vila Romão da Silva (pátio), a Vila Bagatella (com frente para a rua, de pátio alongado, 1890), o Pátio do Monteiro e a Vila Raul.

zona de intervenção 1910  
redesenho sobre o levantamento de Lisboa de Silva Pinto  
● vilas e pátios operários



A estrada da Circunvalação de Lisboa, construída em 1886, estabeleceu os novos limites da cidade. No seguimento dos estudos do Plano de Urbanização, iniciados em 1938 por Duarte Pacheco, foram rasgados novos arruamentos na zona das Amoreiras, por exemplo a rua D. João V (1942). Já em 1943, foram construídos vários prédios destinados à habitação da classe média alta, na área compreendida entre a rua das Amoreiras, a rua Silva Carvalho e a rua D. João V. Devido às ordens de Cristino da Silva, responsável por esses empreendimentos, os arquitectos do movimento moderno português, foram obrigados a sacrificar cordatamente ao novo gosto do tempo oficial, em contraste com as suas realizações inovadoras ainda recentes. A construção da Avenida Engenheiro Duarte Pacheco (1940) surge como elo de ligação entre a Rotunda Marquês de Pombal e a Estrada da Circunvalação, e quebra a zona das Amoreiras em 2 partes.



Nessa mesma zona, entre 1955-1959, foi construído o Bloco das Águas Livres, projetado pelos arquitetos Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral em colaboração com artistas plásticos e o arquitecto paisagista Gonçalo Ribeiro Teles. Ao desenvolverem o projeto, estes arquitetos inspiraram o seu desenho no Bloco de Habitação de Marselha, de Le Corbusier. Por essa razão, a unidade de habitação, propondo um modo de vida coletivo ou comunitário, impunha-se como edifício moderno, diferente e de grande qualidade em relação à sua envolvente. Este bloco, pensado para ser auto-suficiente, é composto por um corpo principal com 12 piso, dos quais oito são de habitação, um de escritórios e um de comércio, sendo também equipado com uma sala de festas, reuniões e exposições, terraço e habitação para o porteiro. Cada piso tem sete fogos que variam entre quatro diferentes tipologias. A sua fachada nobre foi pensada para os residentes enquanto que a fachada oposta para acesso dos serviços vários.

Bloco das Águas Livres  
Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa, 1953  
Fotografia de Claudia Diniz



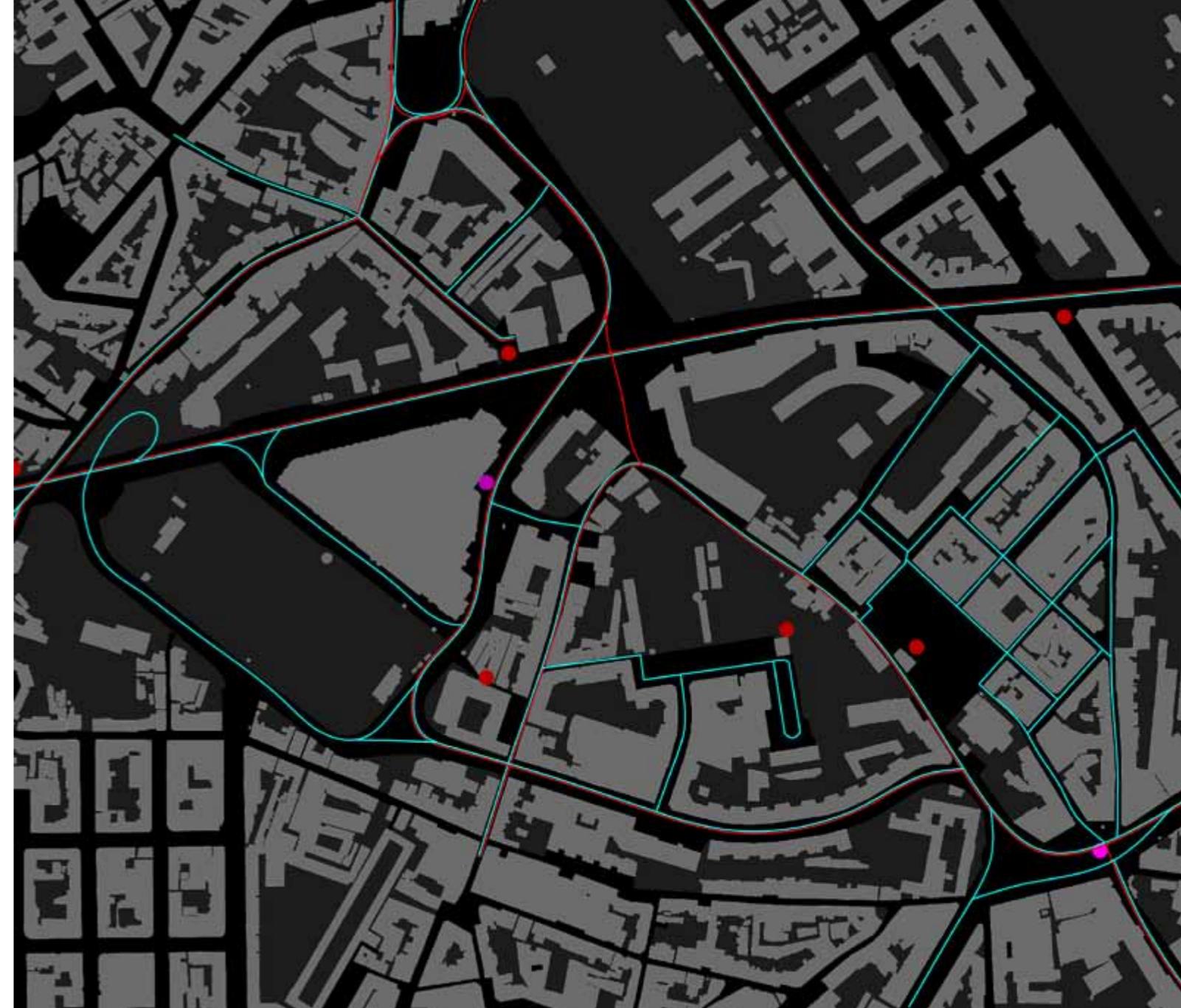
Um dos projectos que maior impacto teve sobre a zona foi o Complexo das Amoreiras (1980-87), pelo arquitecto Tomás Taveira. Este localiza-se na Avenida Engenheiro Duarte Pacheco, no alto da Colina das Amoreiras. Desenvolvido numa altura em que o abandono das actividades ligadas à indústria tinham libertado grandes espaços dentro das cidades, foram construídos edifícios funcionais destinados a escritórios e comércio de modo a renovar essas zonas, criando assim um novo centro urbano. Neste complexo trabalham pelo menos sete mil pessoas em actividades ligadas ao serviço, comércio, actividades culturais e administração. A implantação deste complexo teve impactos consideráveis na zona, como por exemplo no aumento do tráfego, alteração do carácter da área, quer pelas suas formas arquitectónicas, quer pelos usos, e a renovação da estrutura urbana da área, não só reorganizando o espaço urbano privado, como também definindo-lhe um desenho mais compacto. No entanto, o maior impacto deu-se na alteração da imagem de Lisboa quer pela sua localização quer pela sua altura, sendo visível de vários pontos da cidade. A sua implantação fomentou a construção nesta área, contribuindo assim para a sua regeneração: o Diana Park, no novo edifício da Mundifer e o Hotel D. Pedro. Atualmente, a zona das Amoreiras mantém-se uma área da cidade de grande valor imobiliário. Apesar de uma heterogeneidade, quer a nível de usos, quer a nível de população, prevalecem pessoas com algum poder económico. Enquanto que algumas das vilas operárias são ocupadas por pessoas de baixo rendimento, algumas estão a ser transformadas em equipamentos de apoio ao serviço terciário (restauração, comércio). Apesar do abrandamento do desenvolvimento do centro de escritórios causado pelo desenvolvimento da zona da Expo, mantém-se um centro importante na zona que influencia toda a sua envolvente. Ainda é possível encontrar comércio tradicional.

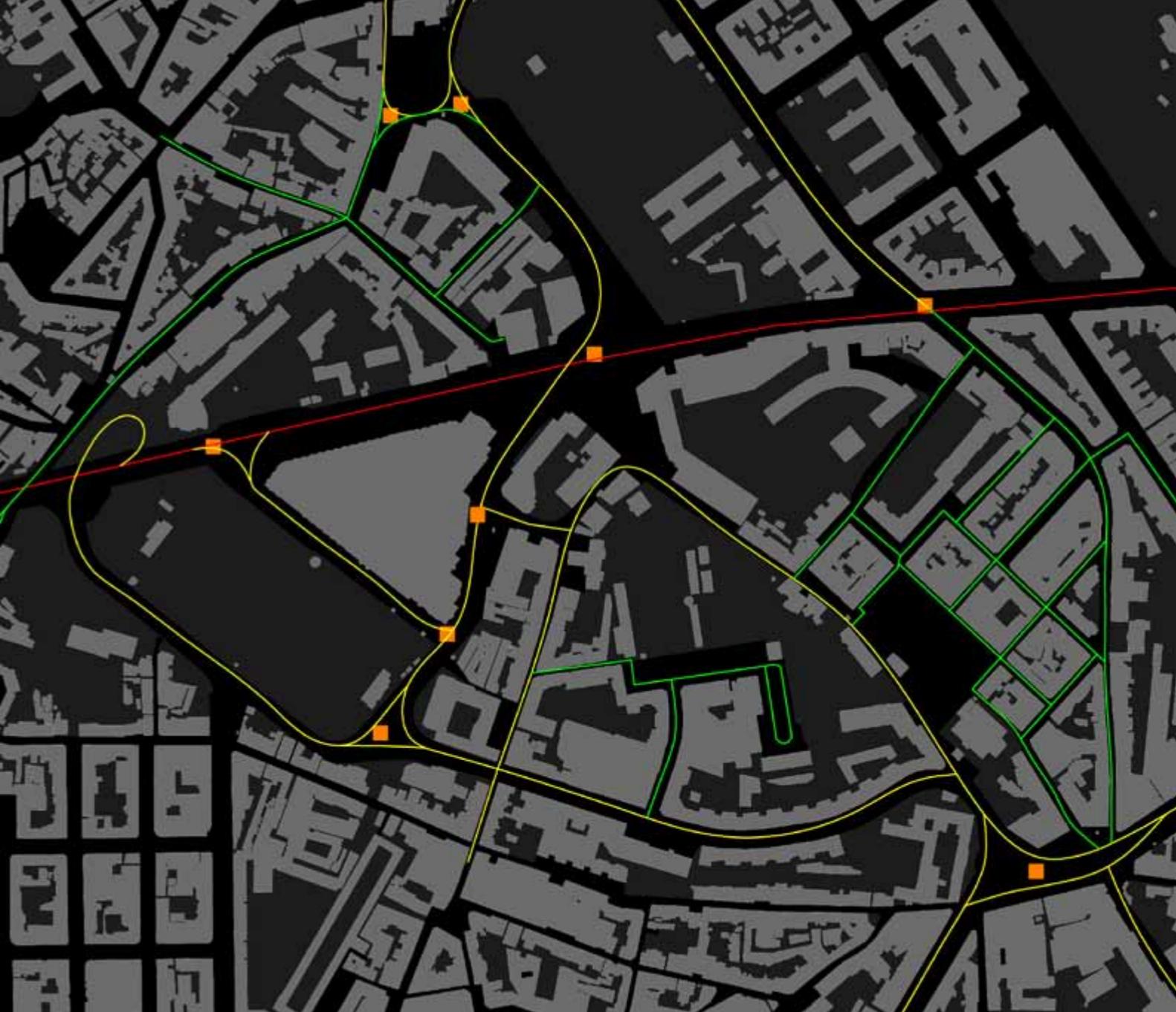
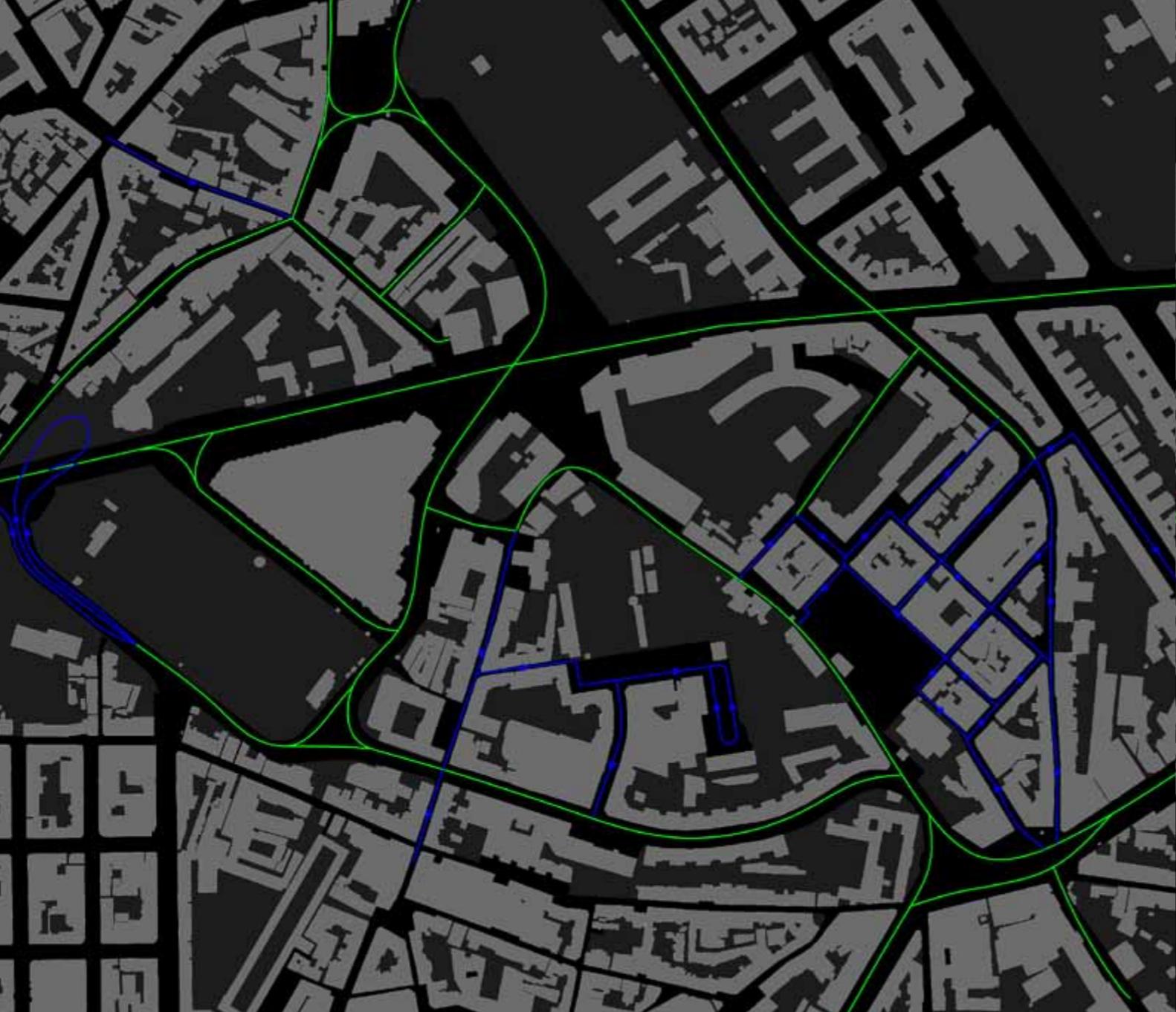
Complexo das Amoreiras  
Tomás Taveira, 1980-87  
Fotografia de Rita Patinha



## mobilidade

Do ponto de vista do peão, a circulação nesta zona é considerada normal. Sendo que por normal considera-se a privilegiação dos transportes rodoviários, e dada que esta é intensa e em grandes quantidades, por existirem grandes vias e cruzamentos de grande densidade automóvel, mais vezes e mais demoradas são as interrupções no percurso pedonal. O percurso pedonal contínuo (ininterrupto) é inexistente. Não existem ciclovias. O meio de transporte predominante é o carro. A circulação na cidade, ao longo dos anos, tem vindo a aumentar em relação á densidade automóvel. Há 20 anos a circulação na cidade seria mais sustentável e no futuro também deveria ser, privilegiando-se o percurso pedonal, de bicicleta e os transportes públicos eléctricos. Devido à tão vasta rede viária, que vive dentro desta zona, e por as Amoreiras se localizarem praticamente no centro geométrico de Lisboa, a deslocação a partir de qualquer ponto até aqui é feita de forma extremamente acessível: chega-se rapidamente, vindo de várias direcções, através de vários meios transporte e possível a todos os visitantes. O transporte colectivo predominante é o autocarro, cujo maior número de carreiras ligam as Avenidas Novas à periferia da cidade, passando pelas Amoreiras. Existe a necessidade de integrar as Amoreiras na rede de Metropolitano de Lisboa, para aumentar a diversidade do transporte colectivo. Por haver uma dispersa e ampla rede viária, os seus cruzamentos tornam-se frequentes. Estes são de grande dimensão e intensidade, devido à densidade de transportes e às necessárias mudanças de direcções. Assim, o acesso pedonal torna-se limitado de certa forma, e sendo o peão quem vive e constrói a cidade, limita-se a si próprio, pois quem conduz os automóveis, que não ele próprio?





Meio de transporte — 2 sentidos — 1 sentido — sentido

Fluxo/tráfego — alta densidade automóvel — média densidade automóvel — baixa densidade automóvel



bom

intermédio

mau

Estado de conservação do edificado



ocupado

em construção

devoluto

Ocupação do edificado



espectante

equipamentos/estacionamento

largos/pátios

espaços verdes

Espaços vazios



habitação (comércio pontual)

escritórios

serviços

Usos do edificado

aqueduto das águas livres

CONTÁGIO

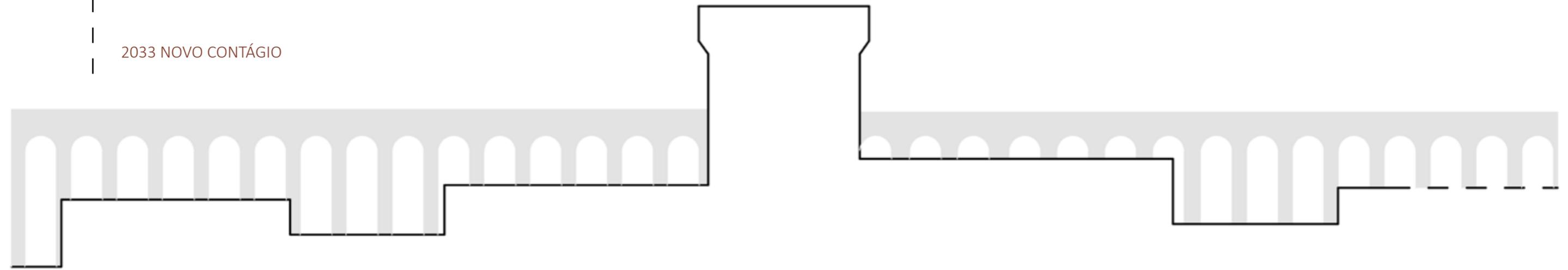
séc. XVIII/XIX/XX INDÚSTRIA  
(bairro das amoreiras, pátios e vilas operárias)

anos 40 HABITAÇÕES  
para classe média alta

anos 80 COMPLEXO DAS AMOREIRAS

2012-2032 INDIVIDUALISMO

2033 NOVO CONTÁGIO





As Amoreiras, local geograficamente privilegiado na cidade de Lisboa, é caracterizada por uma paisagem urbana heterogénea formada por uma série de ocupações distintas ao longo da história. Interpretámos estes diferentes momentos como vários “vírus” que se sobrepuseram e adaptaram, criando um traçado urbano e arquitetura contrastantes. O Aqueduto das Águas Livres, infra-estrutura impulsionadora da ocupação da zona, manteve-se inalterado, servindo como elo de ligação entre toda a heterogeneidade: a partir do século XVIII, a indústria fez surgir tanto o bairro das amoreiras, como os pátios e as vilas operárias; nos anos 80, o carácter e escala residencial existentes, viram despontar um novo estímulo, o Complexo das Amoreiras. Consideramos de extrema relevância a manutenção deste carácter heterogéneo, tão evocativo da sua evolução histórica. Contudo, cremos que, em 2033, a globalização e a mobilidade criarão novas formas de vida, de habitar e de utilização do espaço público.

# 東方商務中心

的餅乾

中國大店

中國大店

我們擁有一切



Essa forma de interação com novos territórios, de caráter global e de transição, supõe novos modos de habitar a casa, transformando o sentimento de apropriação do indivíduo. No passado, a casa era um bem que passava de geração em geração e era alterada consoante as necessidades familiares. Atualmente, e com as alterações à lei do arrendamento, essas mesmas necessidades são resolvidas pela troca de residência cada vez mais flexível. Acreditamos que a habitação estaria cada vez mais direcionada para a vida em comunidade, pois serão espaços de transição, onde as zonas privadas servem somente para a satisfação das necessidades básicas dos seus moradores (espaços de áreas mínimas), e as zonas comuns teriam uma maior importância (espaços de convívio, confecção de alimentos, refeição, serviço). Suportado pelas novas tecnologias, a distância entre a casa e o trabalho seria menor. Na cidade surgiriam espaços destinados ao aluguer temporário de gabinetes e salas de trabalho *coworking*, ou até mesmo espaços de trabalho nas próprias habitações.

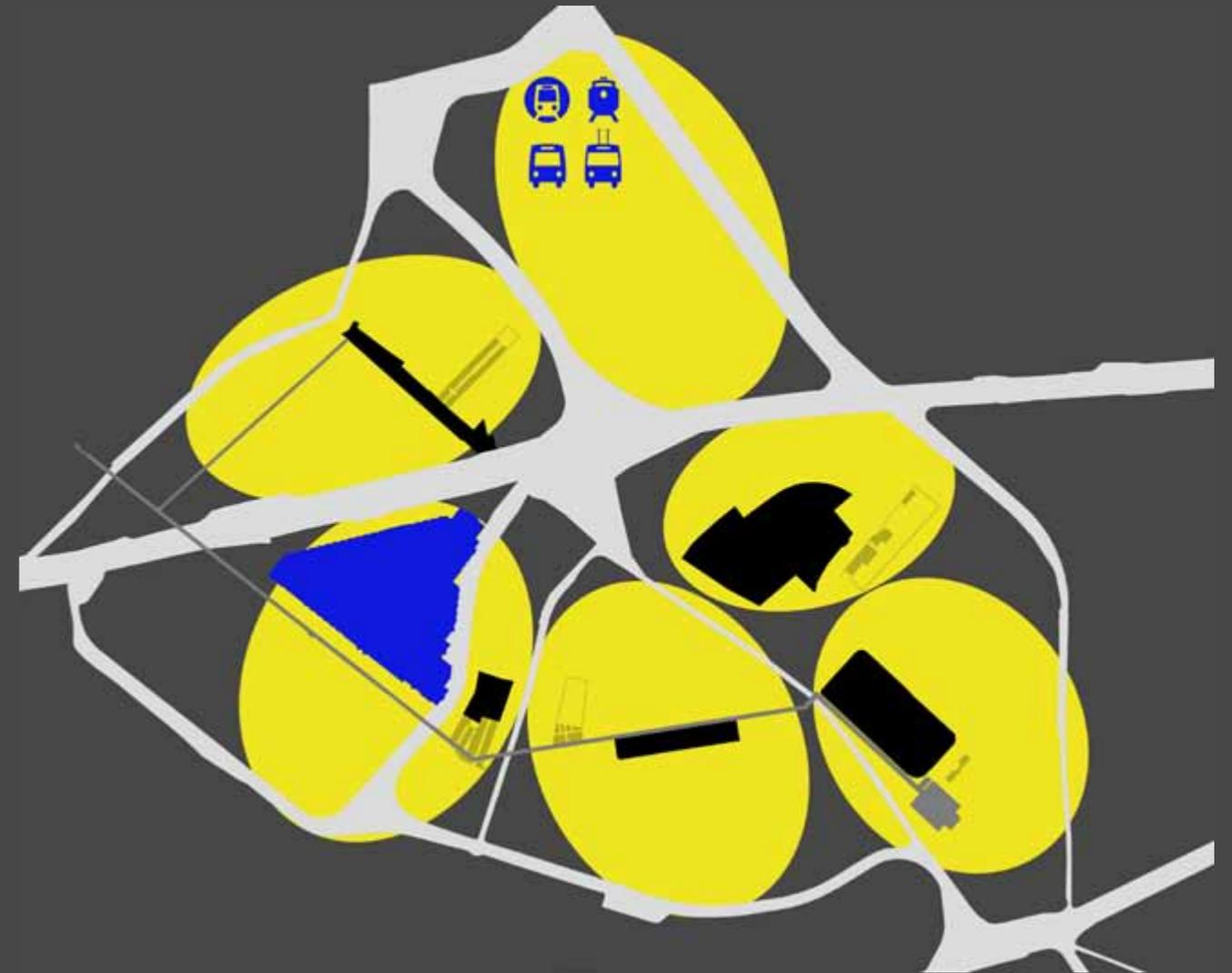
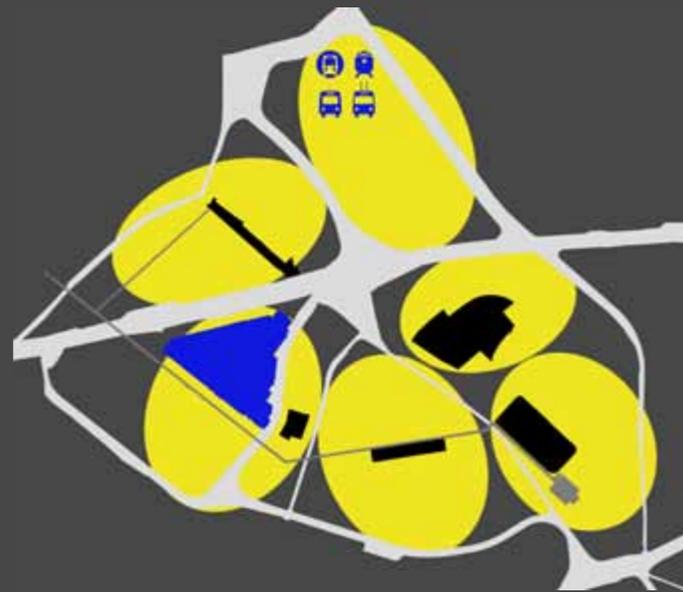
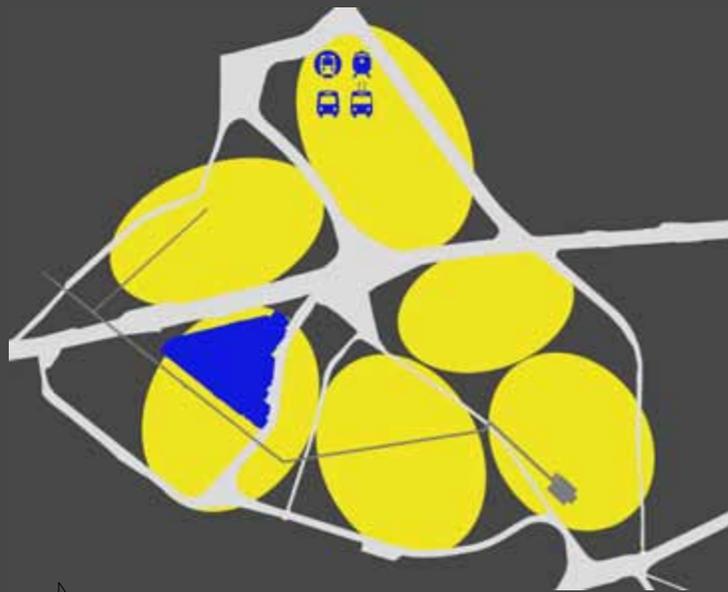
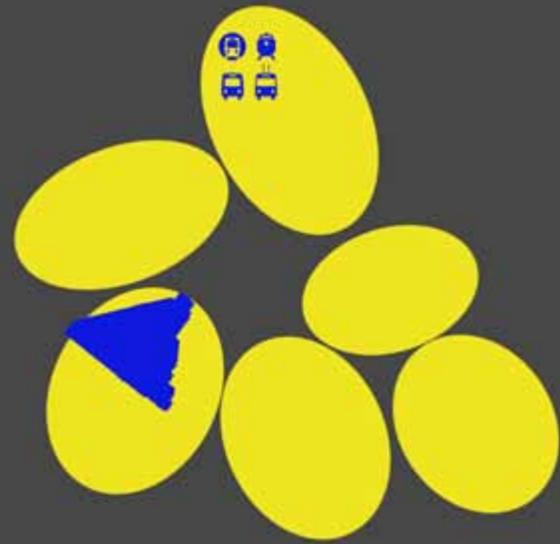
Em cima: Hotel Cápsula Shinjuku, Japão  
Fotografia de Ko Sasaki  
Em baixo: NextSpace Community





Esta nova forma de habitar pressupõe não só alterações no desenho das casas como também do espaço público. Os espaços de convívio seriam alargados para a vivência no exterior, pois acreditamos que a globalidade e a mobilidade incentivam a um estilo de vida cosmopolita. O espaço público torna-se assim um momento de encontro e reunião, cada vez mais importante na vida social, como forma de integração e convivência (cafés, esplanadas, jardins e novos espaços comunitários).

Jardim das Amoreiras  
Fotografia de Claudia Diniz

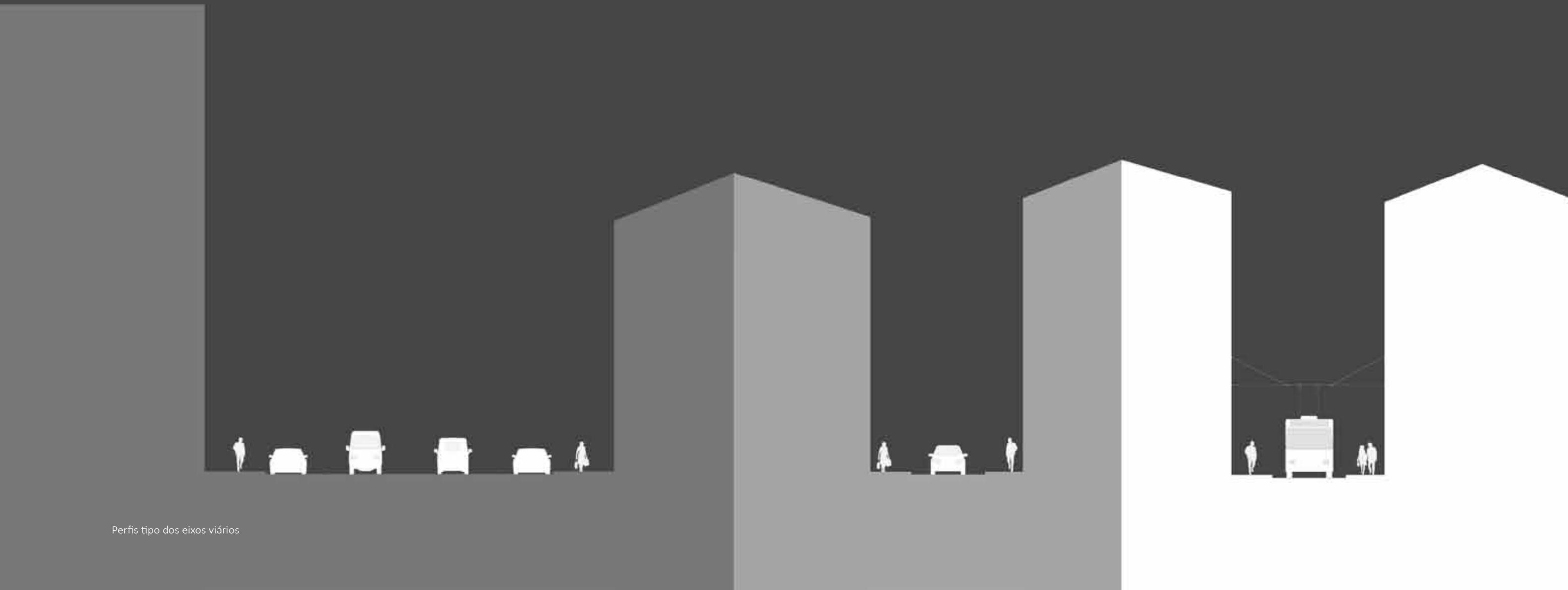


zonas centros aqueduto vias de circulação centralidades projetos individuais





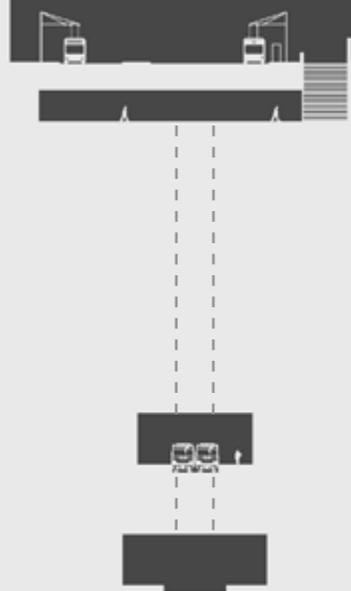
A proposta urbana passa por revelar e intensificar o caráter heterogéneo da colina das Amoreiras. Para tal, intervimos no território dividindo-o em seis zonas segundo determinadas características morfológicas. Para cada zona é definida uma centralidade muito própria que serve de suporte à sua vivência urbana, capaz de criar zonas de convergência- os espaços de convívio. O desenvolvimento desses espaços públicos é feito em articulação com os projetos das habitações, na medida em que se complementam de acordo com os preceitos do perfil social proposto. São maioritariamente intervenções de nomeação, com operações cirúrgicas de restauro e reabilitação. No conjunto destacam-se dois centros pela articulação que têm com o resto da cidade, nomeadamente o Complexo das Amoreiras e o futuro interface de Campolide, na Avenida Conselheiro Fernando de Sousa, centro de confluência de pessoas para onde é proposto a convergência da linha de metro, comboio, autocarro e *trolleybus*. No prolongamento da linha a Sul desta estação, é ainda proposta uma outra estação de Metro – a das Amoreiras. Tornamos a circulação pedonal prioritária em detrimento da circulação rodoviária. O automóvel, meio de transporte atualmente indispensável, será progressivamente menos utilizado devido aos custos de manutenção (inspeções, impostos, etc.) e alimentação (combustível, gás, etc.). Para isso, propomos ruas exclusivamente pedonais e ruas cuja circulação pedonal é prioritária, sem no entanto prejudicar os moradores. Tais transformações poderão ser implementadas pelo simples calcetamento das ruas. Propomos um sistema de reestruturação ao nível da mobilidade que poderá questionar a utilização do automóvel no quotidiano. A revitalização de parte da antiga rede de elétricos que atravessa a zona, em função dos *trolleybus*, unindo as diferentes centralidades, é importante para a redução dos carros nos núcleos residenciais. Consideramos a implementação de uma rede de aluguer de bicicletas, vulgar em grande parte das cidades europeias. Esta estratégia constitui um ensaio que poderá ser alargado ao resto da cidade de Lisboa.



Perfis tipo dos eixos viários



A proposta interface de Campolide, onde no subterrâneo se situam a estação de Metropolitano, a estação de caminho de ferro- à cota do actual Túnel ferroviário do Rossio- e à superfície é dada primazia ao peão e ao transporte público: os passeios são alargados em detrimento da circulação automóvel, e são implantadas paragens da linha proposta de trolleybus.



Metropolitano

Comboio

Secção transversal

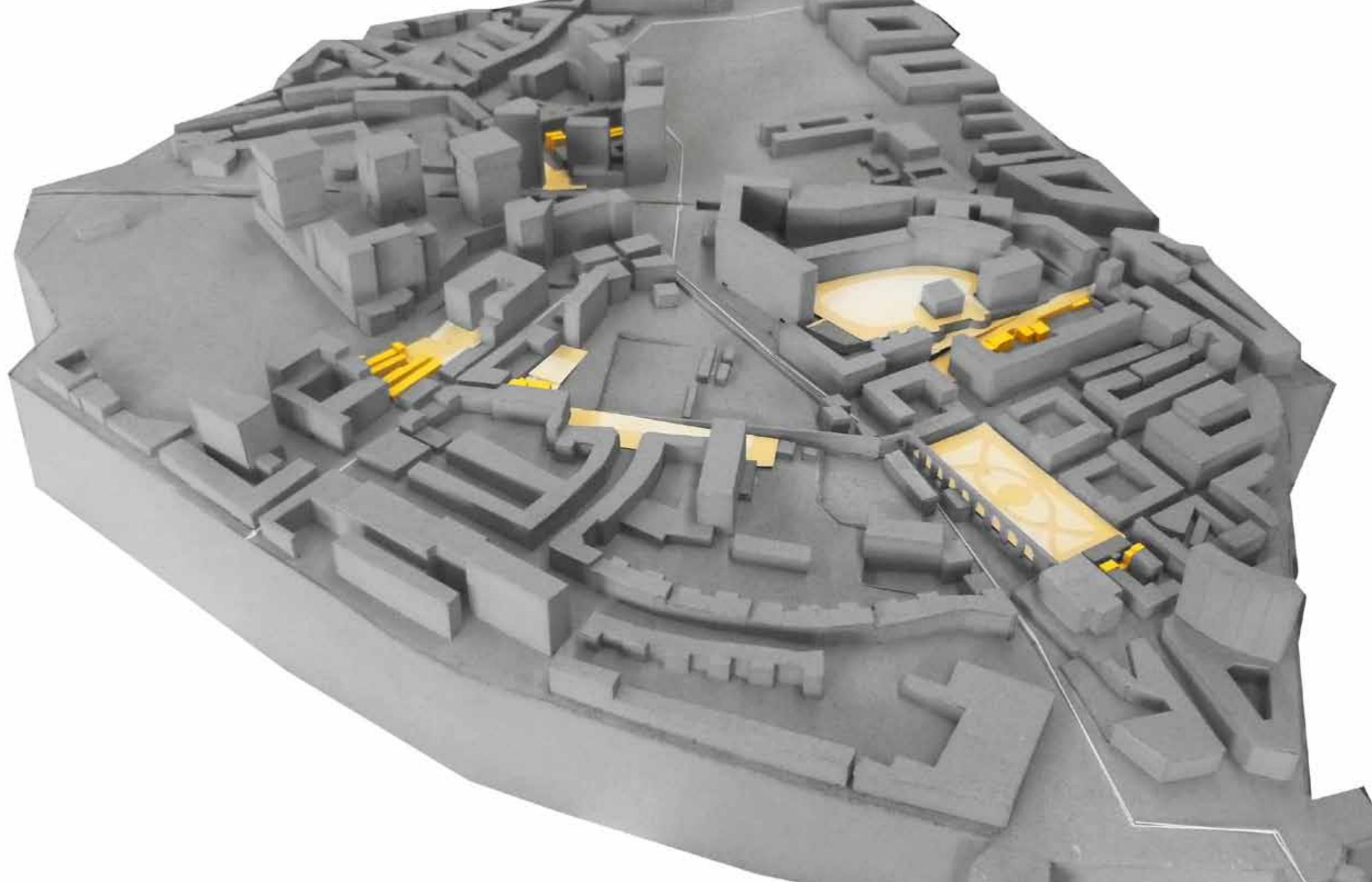


Em cima: Actual  
Em baixo: Proposta

10m

Propomos um novo meio de transporte público para o local, o Trolleybus. Tratando-se aparentemente de um comum autocarro urbano, utiliza electricidade como fonte de alimentação. É uma opção mais eco-friendly e reutiliza as catenárias dos eléctricos, actualmente desaproveitadas.





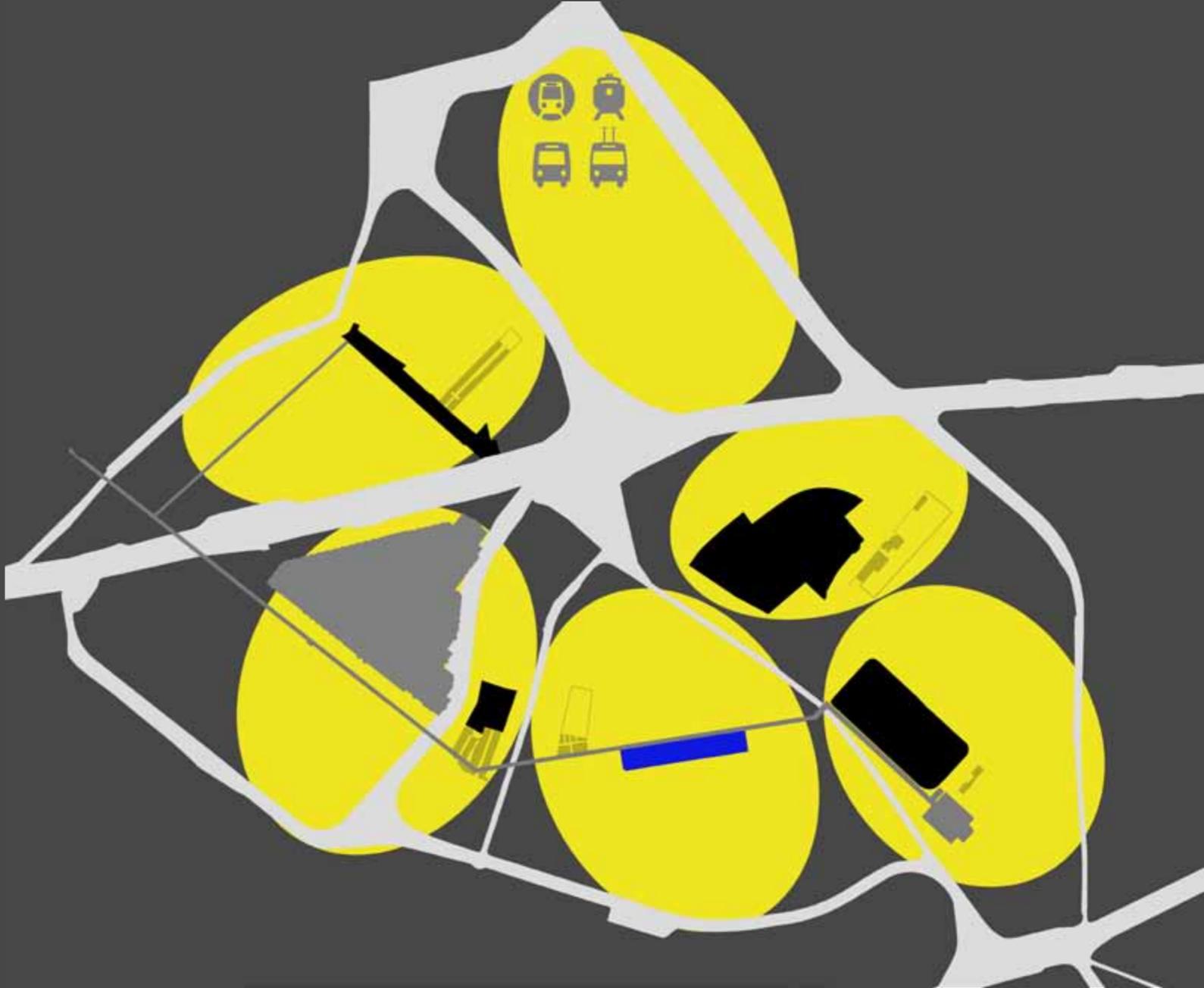
maqueta escala 1/1000

**individual**

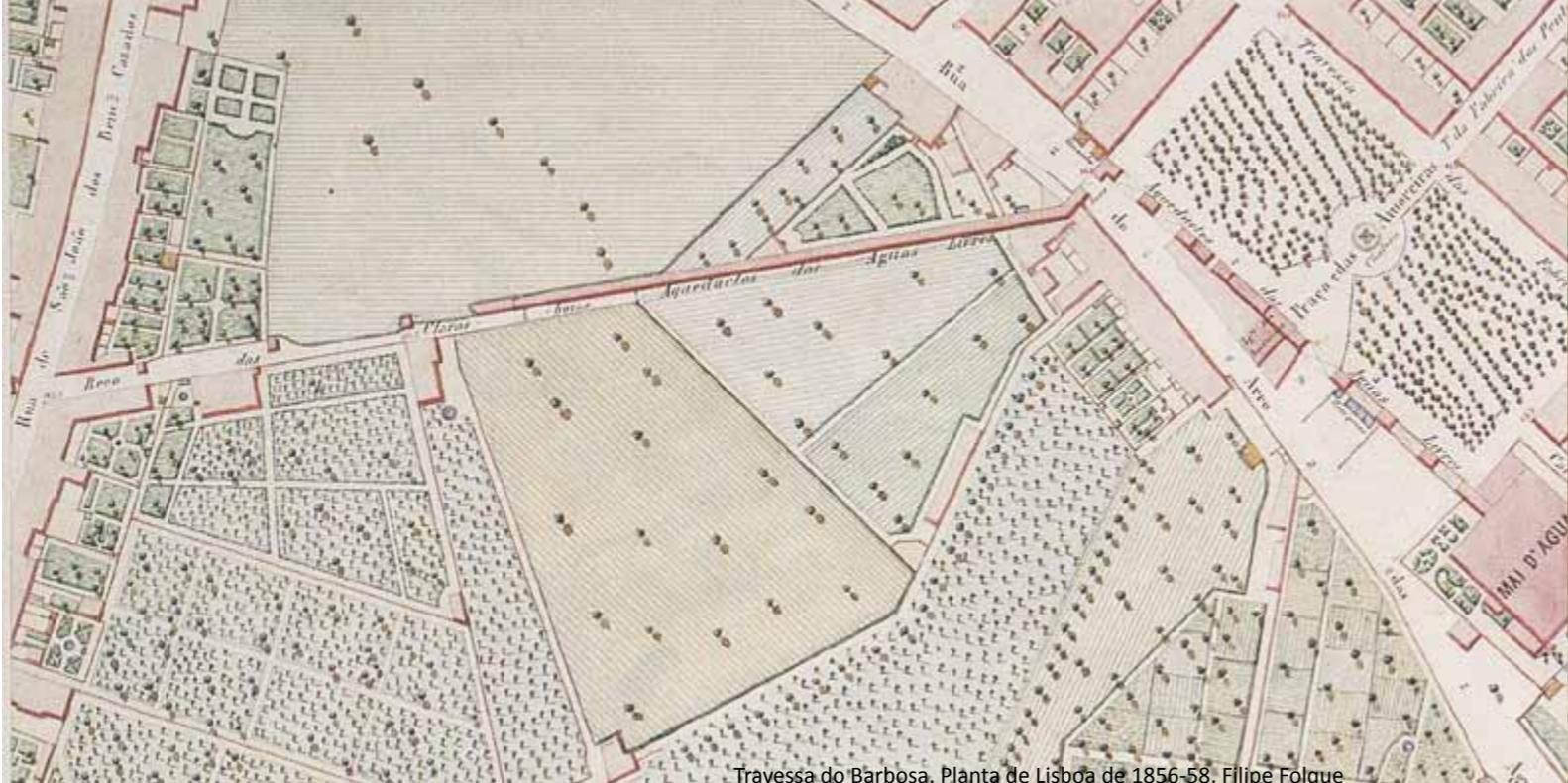


esquisso Amoreiras- Rita Rodrigues

espaço  
público



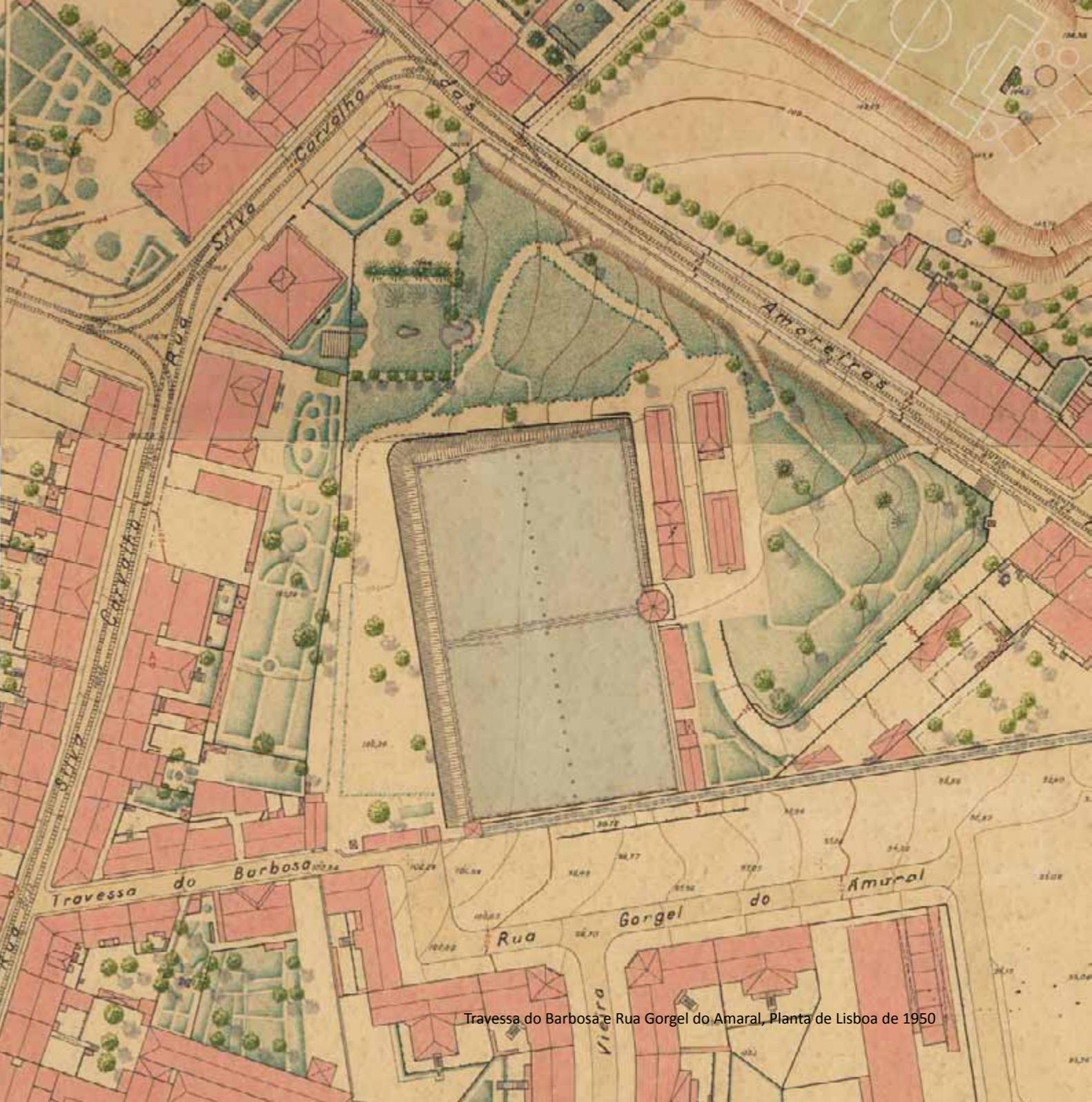




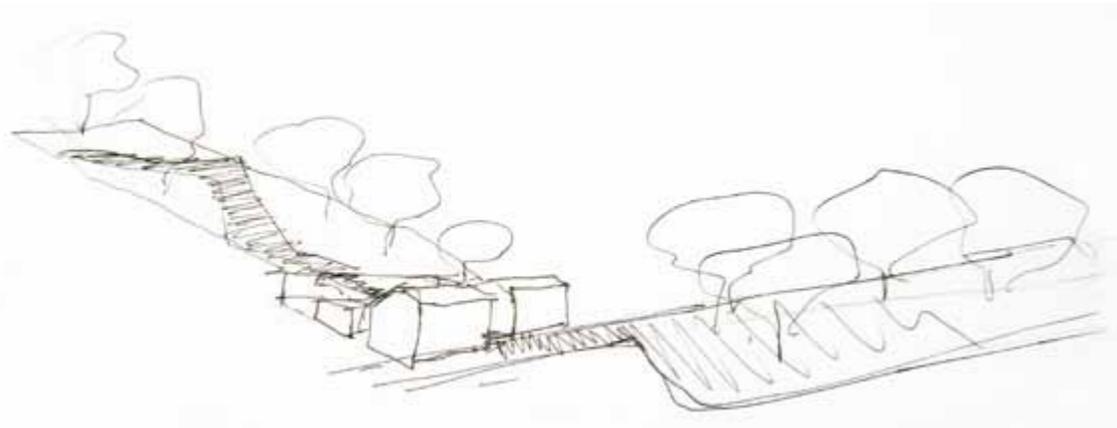
Travesa do Barbosa, Planta de Lisboa de 1856-58, Filipe Folque



Travesa do Barbosa, Planta de Lisboa de 1904-11, Silva Pinto



Travesa do Barbosa e Rua Gorgel do Amaral, Planta de Lisboa de 1950

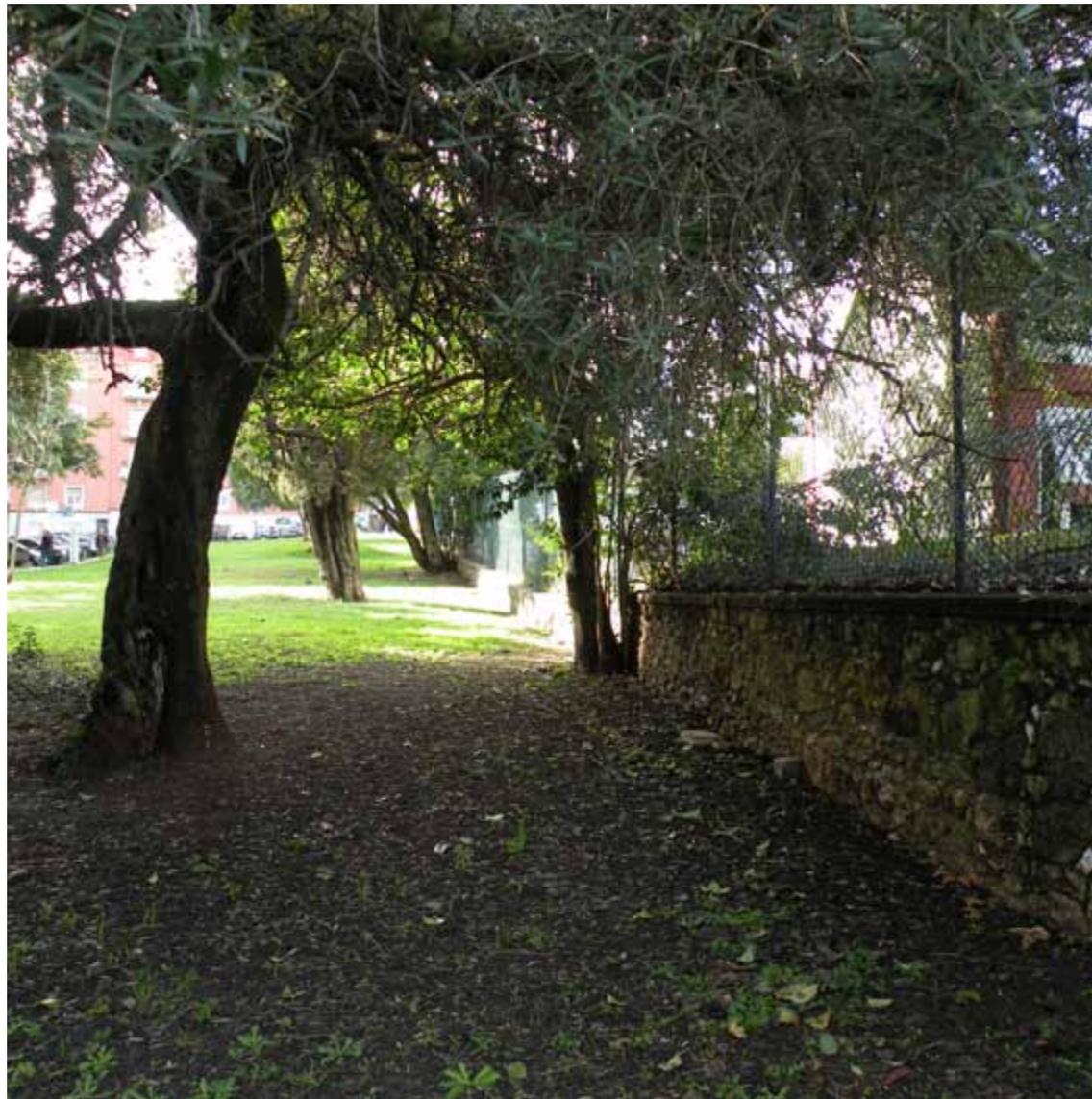


Esquiço intenção da proposta

A zona escolhida para intervir no âmbito do projeto individual está compreendida entre as ruas Silva Carvalho, Dom João V e Amoreiras, e tem como nova centralidade o espaço público delimitado pela Rua Gorgel do Amaral. Através das plantas cartográficas de Filipe Folque, 1856, de Silva Pinto, 1910, e a planta de 1950, observa-se uma grande evolução da malha urbana deste lugar a partir do estabelecimento de importantes indústrias. Trata-se de uma zona residencial, ampla, ajardinada que é assinalada pela presença do Aqueduto das Águas Livres. É uma zona pouco movimentada, bastante preenchida por estacionamento e muito pouco servida de espaços comerciais (apenas tem um mini mercado e uma pastelaria). O jardim, central na zona, é um importante momento de abertura mas está pobremente equipado com iluminação e zonas de permanência, por isso, servindo apenas para atravessamento, e a presença do aqueduto acaba por perder a sua importância. Esta zona apresenta uma grande diversidade volumétrica, onde se destaca um conjunto de quatro pequenas volumetrias que se situam à margem de um grande jardim privado. Devido à proximidade que existe na sua implantação, o conjunto apresenta um carácter muito contido, o que se torna evidente quando confrontado com a envolvente próxima que se desenvolve em altura. A intervenção passa por criar uma união entre a nova centralidade e a nova forma de habitar que o projeto das 4 Habitações transporta.



Foto aérea da zona a intervir



Jardim adjacente ao muro do Aqueduto, Rua Gorgel do Amaral. Na imagem da direita, ao fundo, o espaço para o quiosque  
Fotografias de Rita Rodrigues



Rua Gorgel do Amaral, estacionamento e equipamento urbano (bancos e postes de luz)  
Fotografias de Rita Rodrigues



Relações visuais- Travessa do Barbosa e jardim da Rua Gorgel do Amaral  
Fotografias de Rita Rodrigues





Esquícios das intenções na proposta de intervenção sobre o espaço público

Através da criação de um percurso contínuo que liga a nova centralidade e as 4 Habitações, a proposta pretende reabilitar este espaço urbano convergente dando-lhe um carácter de permanência e pretende realçar a passagem do aqueduto. O desenho do percurso segue o gesto do aqueduto e, simultaneamente, cria pequenas zonas para sentar no jardim. Como a zona pertence a um dos núcleos residenciais das Amoreiras, e como está previsto na estratégia de grupo, a intervenção também passa por diminuir a importância do automóvel e, consequentemente, dar a prioridade às pessoas (mas ainda mantendo algum estacionamento), através do redimensionamento dos passeios, remoção do estacionamento do lado sul da zona, e calcetamento da via para os automóveis. O quiosque segue uma forma já familiar, semelhante ao quiosque do Jardim das Amoreiras. Desta forma é mantida uma linguagem de continuidade, pois são quiosques que surgem por toda a cidade de Lisboa.



Planta e perfis das intenções na proposta de intervenção sobre o espaço público

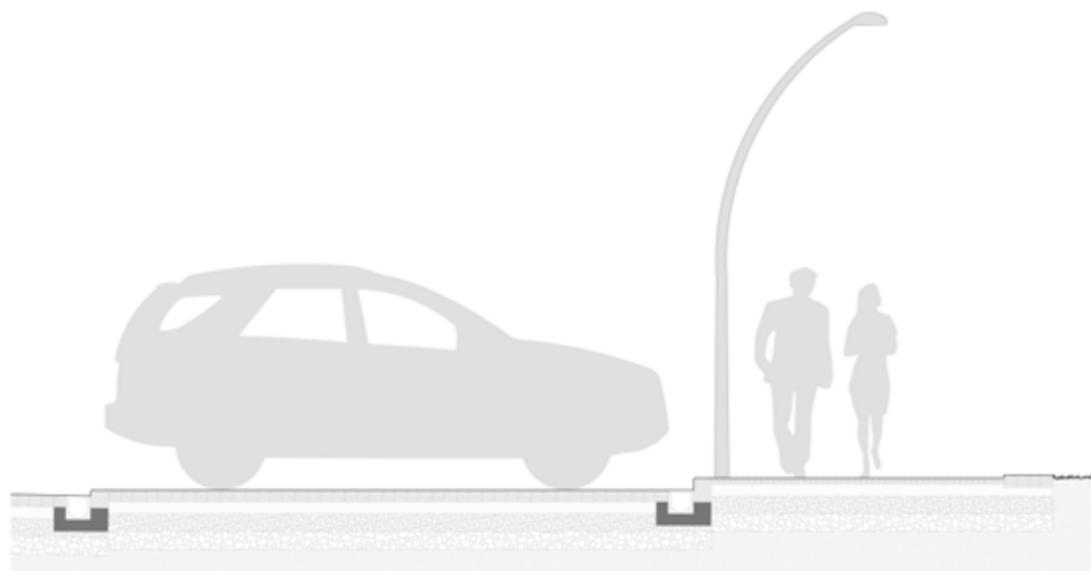
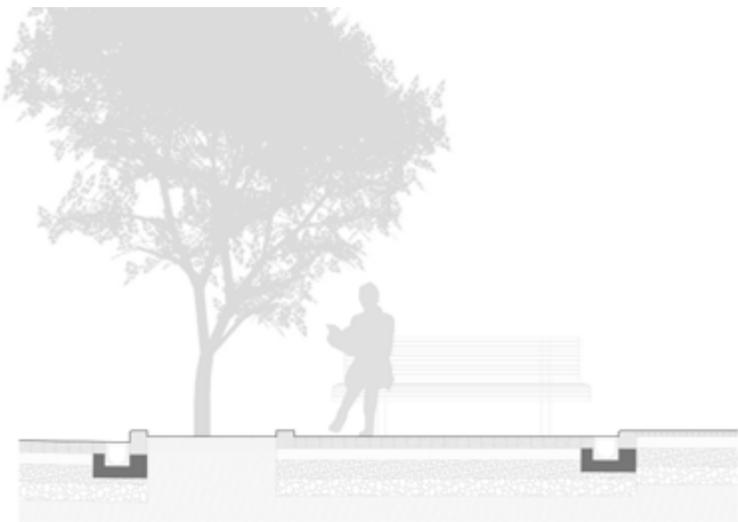


Zona do quiosque- muro do aqueduto

O projeto das habitações cria um diálogo muito claro com o espaço público. Tornando a Travessa do Barbosa numa via pedonal e dando continuidade ao pavimento presente na nova centralidade (calçada branca), surge a entrada do atravessamento que divide as habitações, reforçada pela vista do jardim do interior do quarteirão, numa analogia ao jardim da nova centralidade. Este jardim atrás das habitações também oferece uma zona de permanência e contemplação mais resguardada para os residentes dos arredores. High Line de Nova York é um caso de estudo que mostra o carácter de passagem e permanência pretendidas para essa nova centralidade. Com a presença do jardim e com a imagem do aqueduto, cria-se uma zona agradável, ampla, propícia para uma zona residencial. A intervenção é complementada com o quiosque que traz mais reunião, convívio e vivência à zona, o que apoia a ideia criada na estratégia de grupo quanto à sociedade daqui a vinte anos, onde as pessoas utilizam mais o espaço público para os seus encontros e convívios.



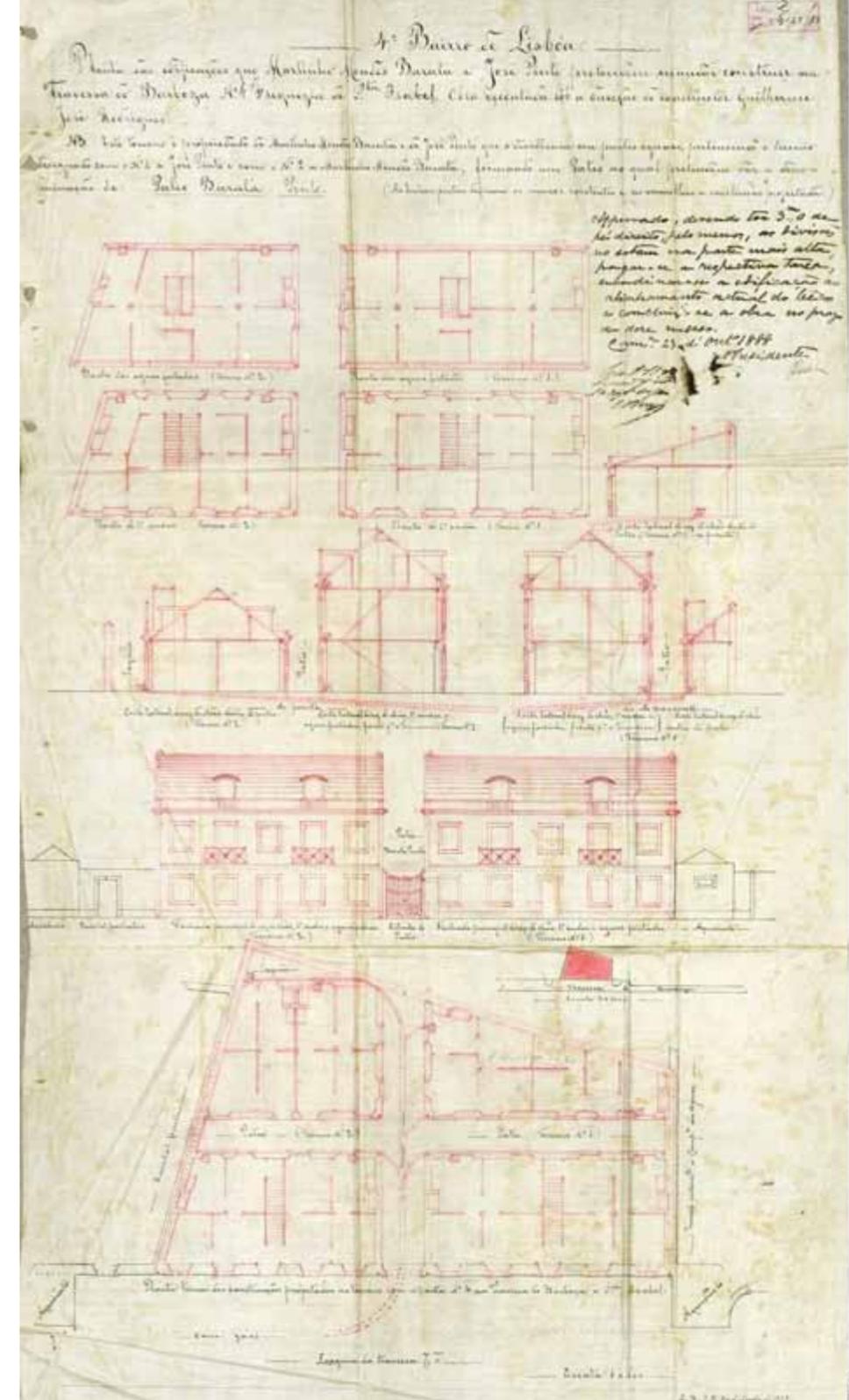
Corte Transversal do Percurso- jardim Rua Gorgel do Amaral e aqueduto; atravessamento pelas 4 Habitações com o jardim interior



quatro  
habitações

O conjunto de edifícios elegido para propor 4 Habitações para as Amoreiras 2033 é constituído por dois prédios de habitação multifamiliar geminados. Os dois volumes são separados pelo atravessamento de acesso ao jardim de interior do quarteirão (com entrada através de um portão de ferro), onde surgem dois anexos. Este conjunto foi construído para albergar um pátio operário numa época onde a este tipo de arquitetura respondia às necessidades trazidas pelo desenvolvimento industrial na cidade de Lisboa. A zona das Amoreiras era, como já foi demonstrado, uma zona de grande concentração de indústrias. O projeto é datado 1888, e previa a construção de dois prédios multifamiliares e dois anexos que albergam também habitações, pertencentes a dois proprietários que dividiram o terreno em partes iguais: “Planta das edificações que Martinho Mendes Barata e José Pinto pretendem mandar construir na Travessa do Barboza nº 4 Freguezia de S.ta Isabel (...) formando um Pateo ao qual pretendem dar a denominação de Pateo Barata Pinto.”

in Arquivo Municipal de Lisboa Intermédio – Obra 3082 - Processo 6125-1ªREP-PG-1888 Folha 2





A passagem do Aqueduto das Águas Livres pela Travessa do Barbosa era muito presente através das claraboias (hoje em dia inexistentes) e do marco fontenário (hoje sem utilidade). A forma regrada da implantação dos quatro volumes que compõem o pátio apresenta características singulares no contexto da sua envolvente, pelo seu carácter muito contido. Apesar da distinta volumetria entre os edifícios de frente de rua e os anexos posteriores, existe uma relação muito forte entre os diferentes volumes. Como muitos outros pátios operários, os volumes de frente de rua apresentam uma arquitetura mais cuidada, com fachadas cobertas de azulejos, “escondendo” os anexos que albergavam os trabalhadores operários.

Travessa do Barbosa, 1955 (à esquerda marco fontenário; à direita a fachada das habitações)  
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Do que foi construído, apenas os anexos posteriores acabaram por seguir um desenho diferente do projeto, onde é perdido o atravessamento para o jardim de interior de quarteirão. Todos os quatro volumes pertencem a proprietários diferentes. Do lado direito, a habitação multifamiliar de frente de rua está ocupada (arrendamento) e em bom estado de conservação, e o anexo foi recentemente reabilitado para albergar uma família. Do lado esquerdo, ambos os volumes encontram-se desocupados e num avançado estado de degradação.





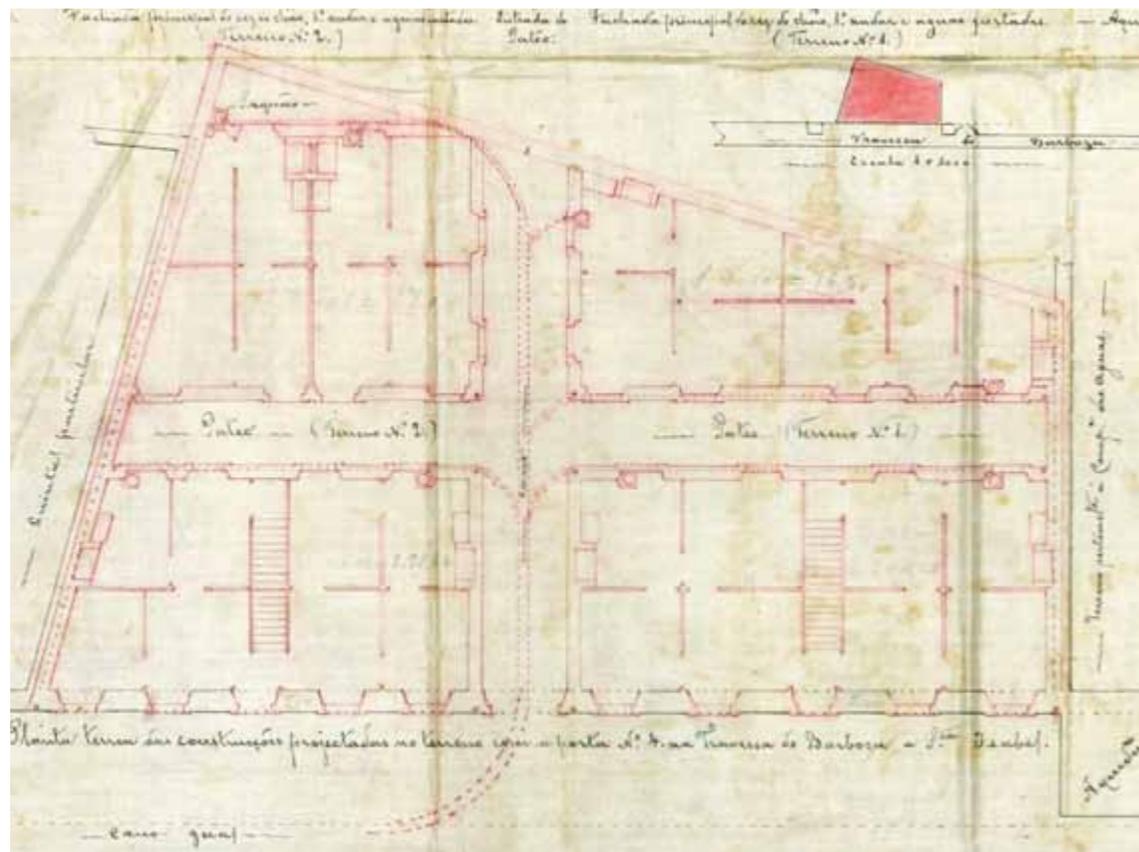
Numa das visitas feitas ao local, quando já suponha que a habitação do lado esquerdo estivesse devoluta, conheci a Sra. Eduarda. Vive no fogo do piso térreo esquerdo, com o seu marido. Devido à sua amabilidade, ao deixar-me entrar em sua casa, foi possível confirmar que a construção é constituída por paredes estruturais exteriores de alvenaria de pedra e paredes interiores em madeira (não existem, de facto, paredes estruturais interiores para vencer o vão de cerca de 8 metros, o que foi crucial para o entendimento do sistema estrutural existente das habitações e para definir como seria o novo sistema construtivo das 4 Habitações do âmbito deste trabalho. Apesar da avançada degradação do edifício (o piso superior do fogo direito ruíra enquanto a inquilina dormia) nunca o abandonou, mas recebera recentemente uma ordem de despejo. Outro fator importante que descobri nesta visita foi o facto das paredes de alvenaria de pedra não apresentarem espessuras diferentes à medida que sobe por piso, como está representado no projeto encontrado no Arquivo Intermédio de Lisboa.

Interior do edifício do lado esquerdo: vão de escadas; apartamento que ruíu  
Fotografias de Rita Rodrigues

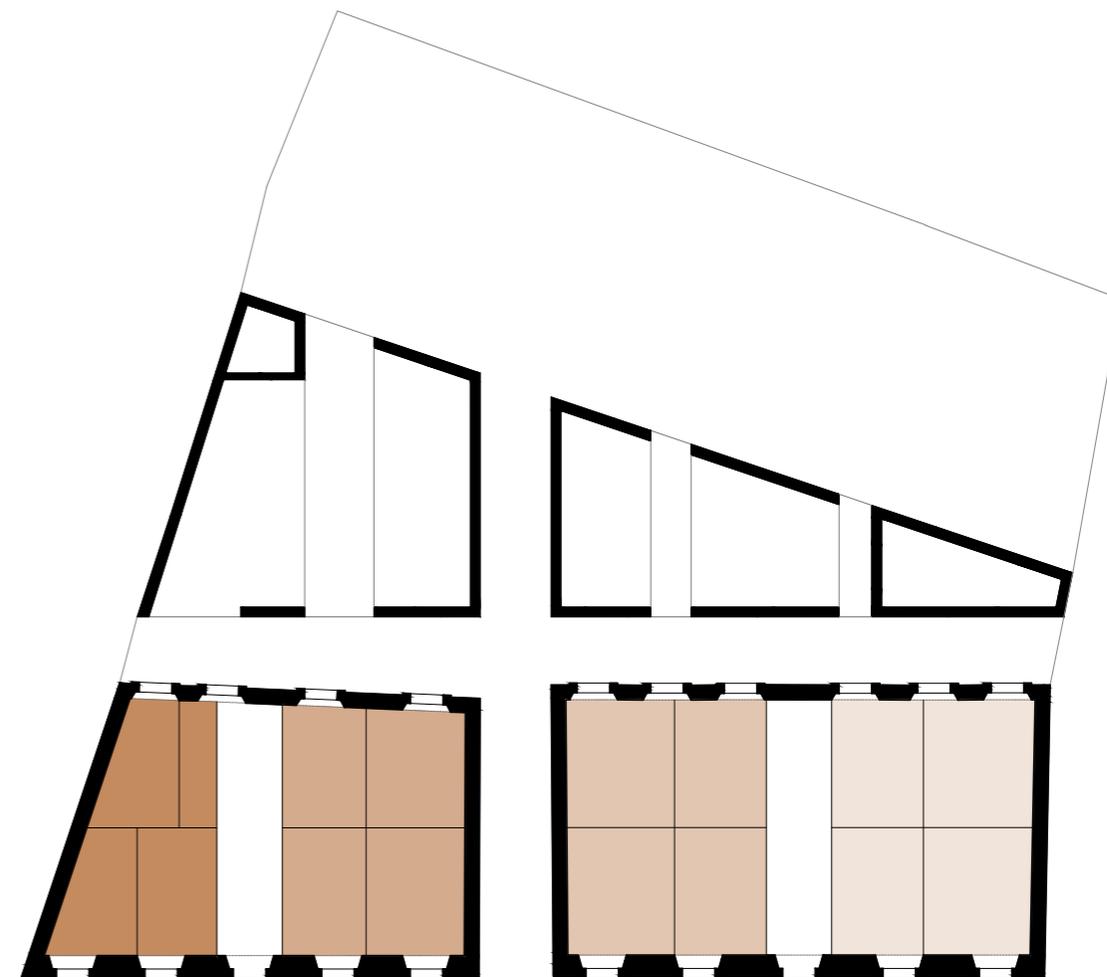


Sendo que o lugar das Amoreiras em 2033 se transformará num centro de grande mobilidade, convivência e multiplicidade, onde diferentes pessoas irão partilhar as suas vivências no mesmo espaço habitacional e onde a necessidade de apropriação do espaço privado irá diminuir (numa lógica de arrendamento temporário), a minha proposta desenvolve não 4 habitações mas sim 4 formas de habitar. Numa partilha de princípios como a MOBILIDADE e a COMUNIDADE. O projeto impõe uma forma de habitar em comunidade muito particular, pois destina-se a 4 perfis de pessoas específicos, distintos nos seus estilos e experiência de vida, mas análogos nas características que procuram para o seu espaço/casa: Backpacker; Estudante Erasmus; Jovem família; Trabalhador móvel. Estas pessoas apenas procuram um espaço para habitar temporariamente. Procuram a convivência e vivência em comunidade num espaço que seja versátil e divertido, proporcionando uma forte experiência de coabitação. As habitações, então, funcionam como uma espécie de *hostel*.





A organização dos espaços interiores baseia-se no esquema explorado nas antigas plantas dos edifícios. Uma organização de carácter industrial que divide cada edifício em duas partes. Pelos dois edifícios criam-se então 4 núcleos diferentes, separados pela circulação (escadas centrais), para os 4 tipos de habitar. O desenho do volume posterior segue também o traçado dos anexos do projeto. Este novo volume vai-se rasgando para deixar o jardim entrar nos edifícios da frente de rua e recuperar o atravessamento que não foi concretizado na construção do conjunto. O espaço interior destes novos volumes fecha-se para o jardim, mas mantém uma forte relação entre si, reforçando a ideia de carácter comunitário.

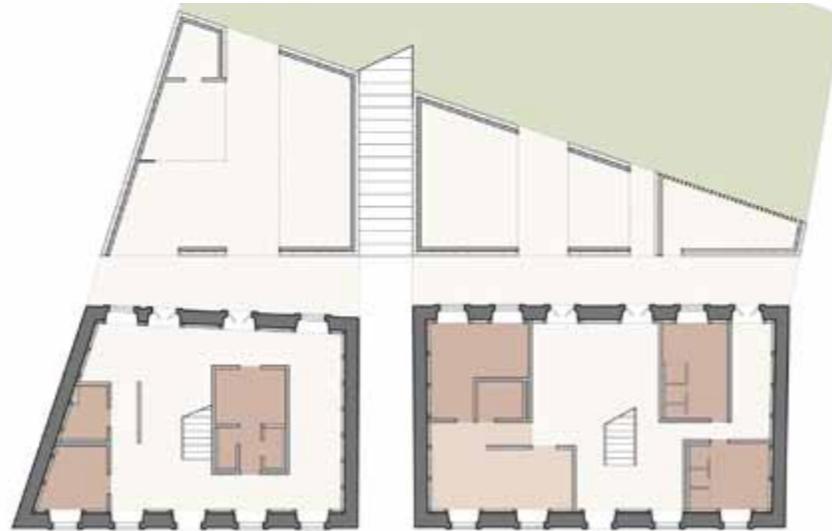
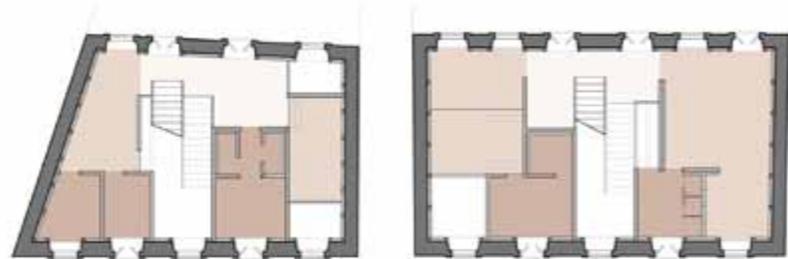
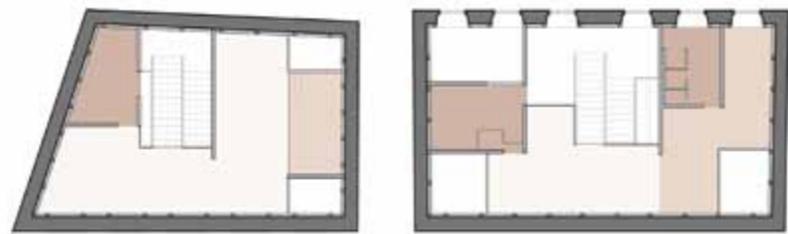


Backpacker

Estudante Erasmus

Jovem família

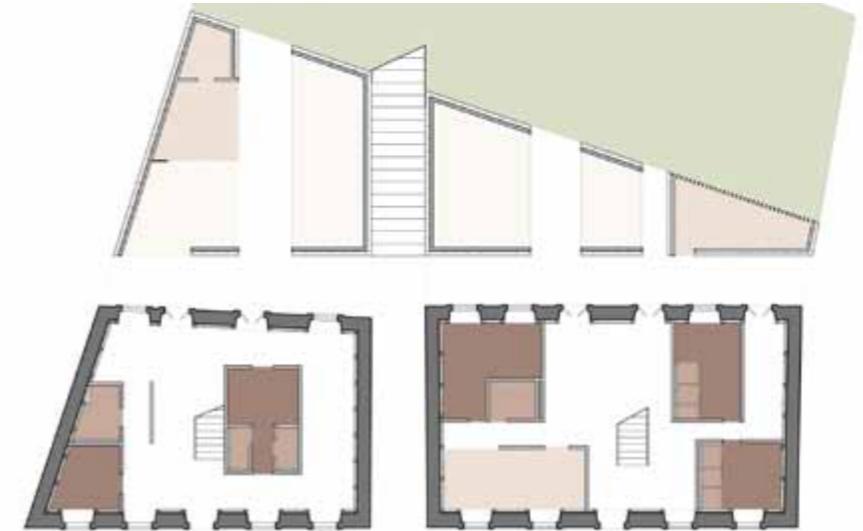
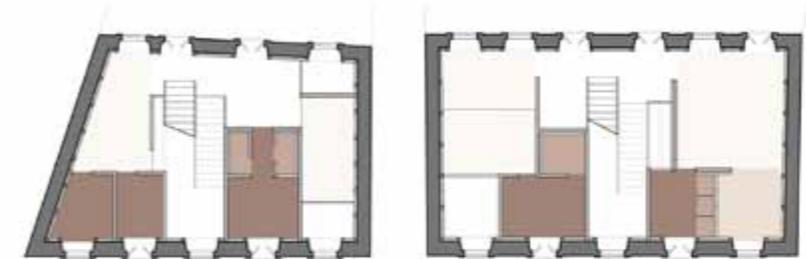
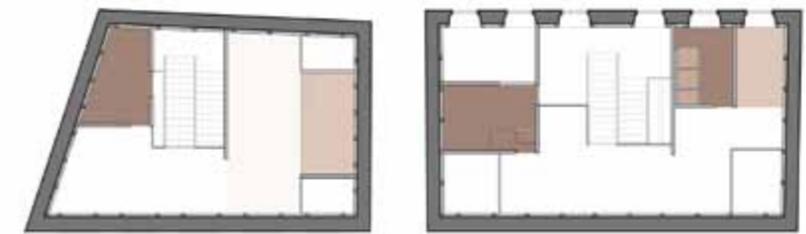
Trabalhador móvel



zona partilhada

zona transição

zona privada



Espaço de convívio

Cozinha/Lavandaria

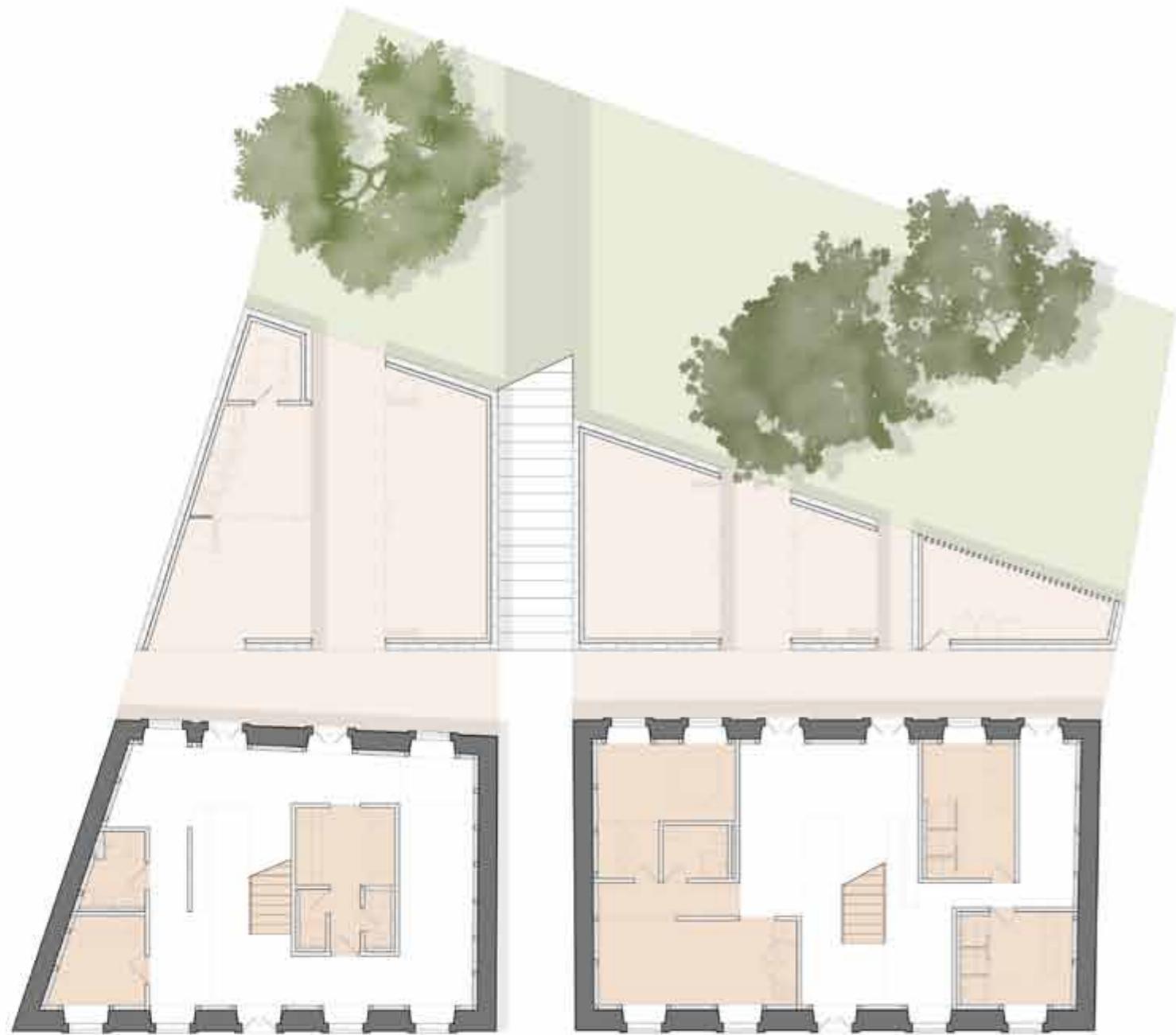
Espaço Coworking

WC

Quarto

Os espaços dispõem-se desde o mais privado ao mais partilhado, apoiados pelos volumes posteriores onde se encontram os maiores espaços de convívio e de comer. Apesar da grande abertura entre os diferentes núcleos, é importante a existência de espaços destinados apenas para cada perfil de pessoas conviver à parte dos restantes, daí surgirem os espaços de transição entre o privado e o partilhado. As tipologias de cada núcleo variam consoante as necessidades dos seus utilizadores, numa escala a nível de fluidez e abertura espacial até à própria funcionalidade e organização do espaço. O núcleo da jovem família e dos estudantes Erasmus apresentam uma maior abertura tanto em planta como em corte, em contraste com o núcleo dos backpacker e dos trabalhadores móveis que apresentam espaços mais divididos e fechados. Em corte os espaços intersectam-se consoante o nível de abertura procurado para cada núcleo habitacional, através da criação de um meio piso. O jogo de cheios (quartos) e vazios criados tanto em planta como em corte proporciona uma vivência divertida deste espaço, onde vão surgindo zonas de convívio ou de trabalho.

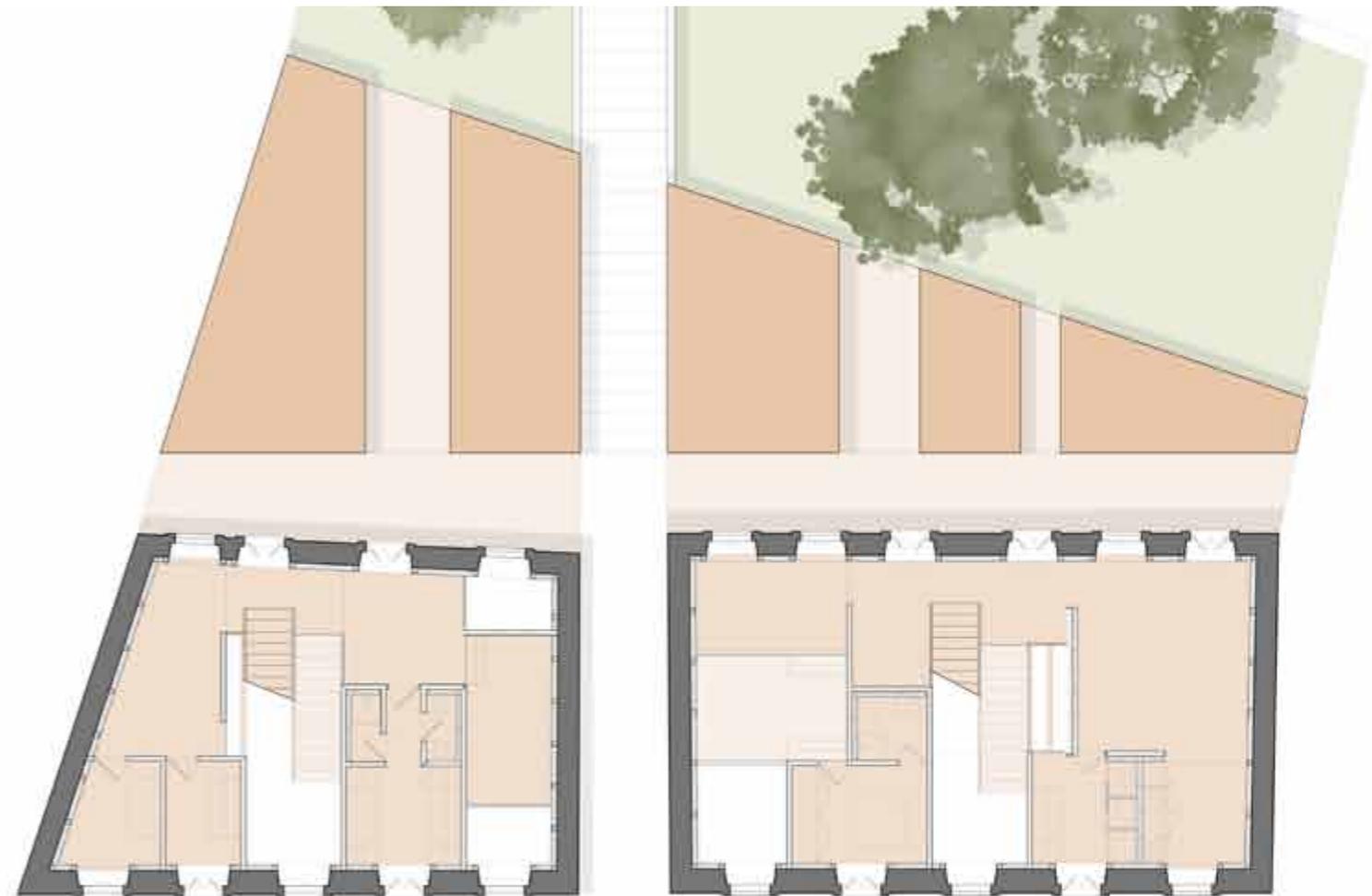
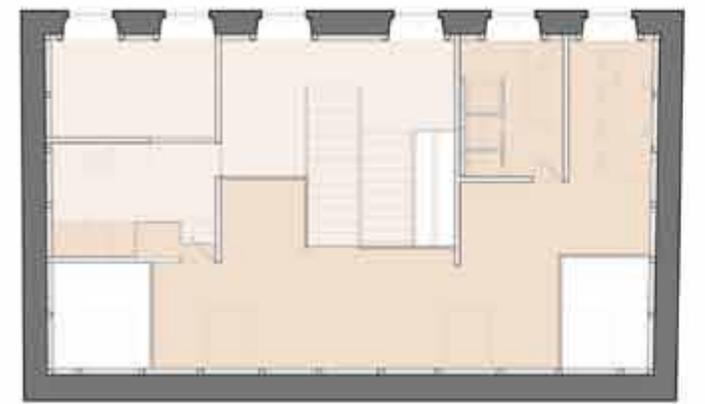
Organização funcional de cada núcleo consoante necessidades específicas dos diferentes modos de habitar: Backpacker- 4 quartos individuais + 1 WC; Estudante Erasmus- 2 quartos duplos com WC incluído; Backpacker e Estudante Erasmus partilham a cozinha e despensa existentes no anexo; Jovem família- 2 quartos de casal + 1 quarto duplo (filhos) + 2 WC + cozinha; Trabalhador móvel- 4 quartos individuais com WC incluído + cozinha; No anexo encontra-se a lavandaria e os espaços de convívio para todos os residentes.



Piso Térreo



Águas Furtadas



Piso 01



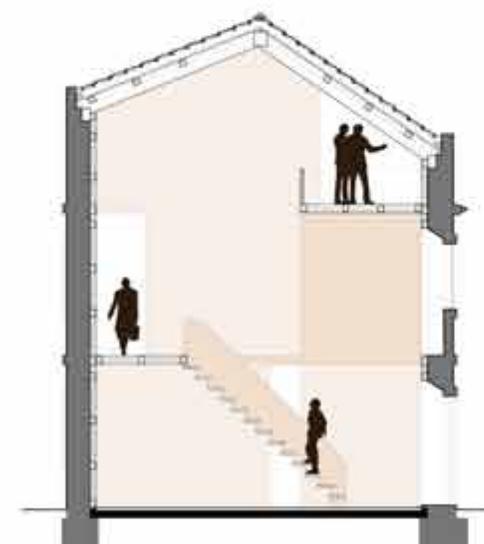
Alçado Backpackers



Alçado Estudantes Erasmus



Alçado Jovens Famílias



Alçado Trabalhador Móvel



Corte Backpackers



Corte Estudantes Erasmus



Corte Jovens Famílias

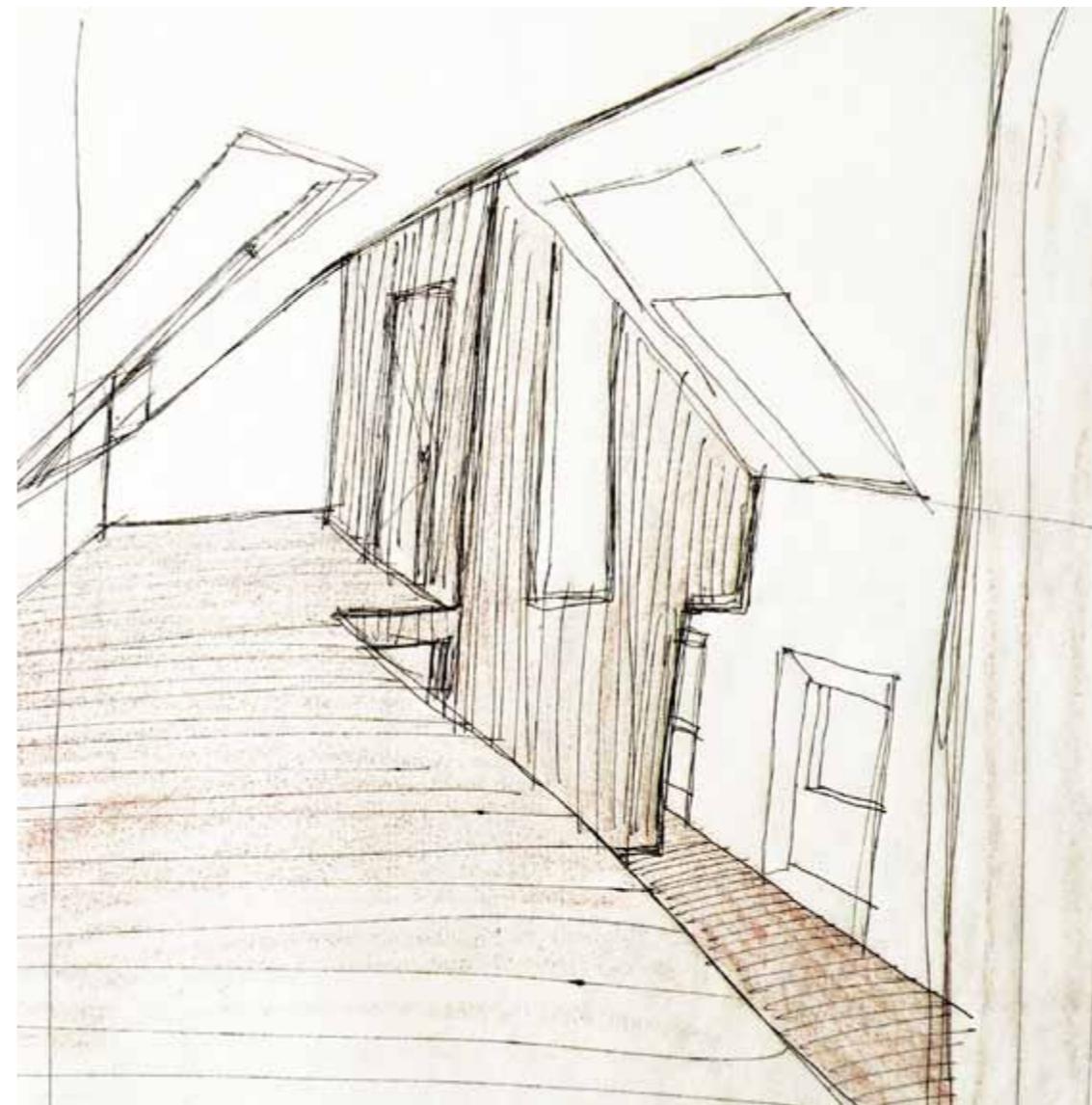


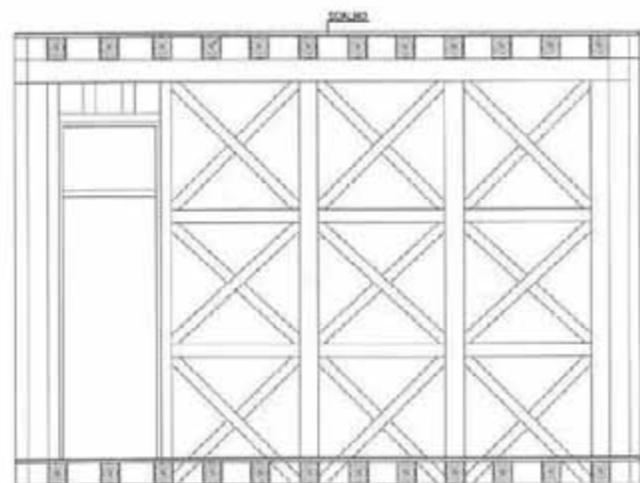
Corte Trabalhador Móvel



A intervenção passa por reabilitar estas construções pelo seu valor histórico, sendo um antigo pátio operário. Mantendo apenas as paredes exteriores, a nova materialidade – a madeira – constrói uma nova espacialidade e uma nova forma de habitar no interior da casca pré-existente e antiga, e procura relacionar-se com o jardim de interior de quarteirão através dos anexos e do passadiço também em madeira.

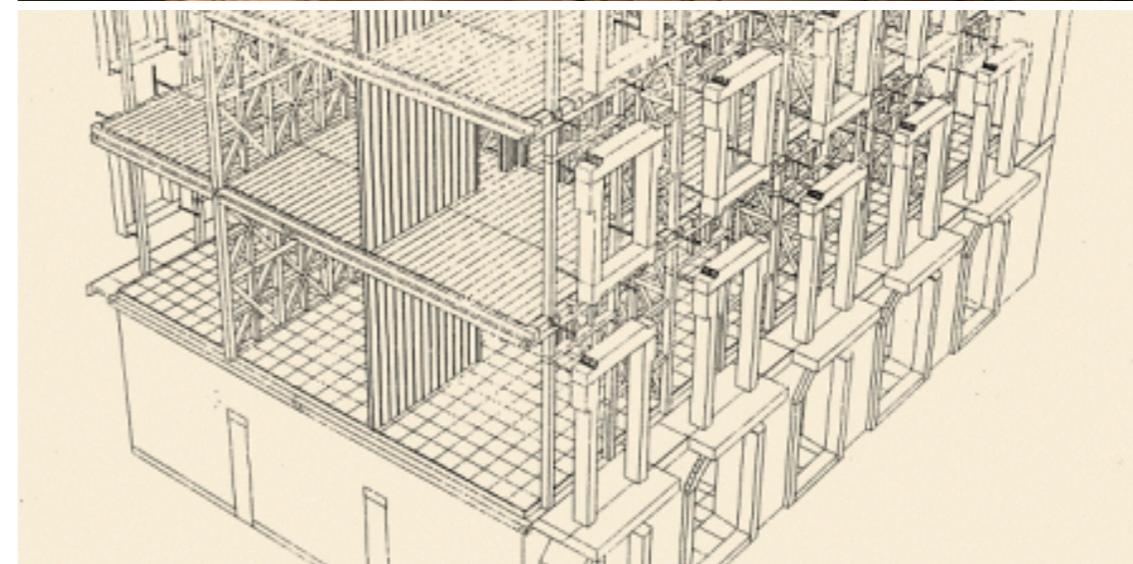
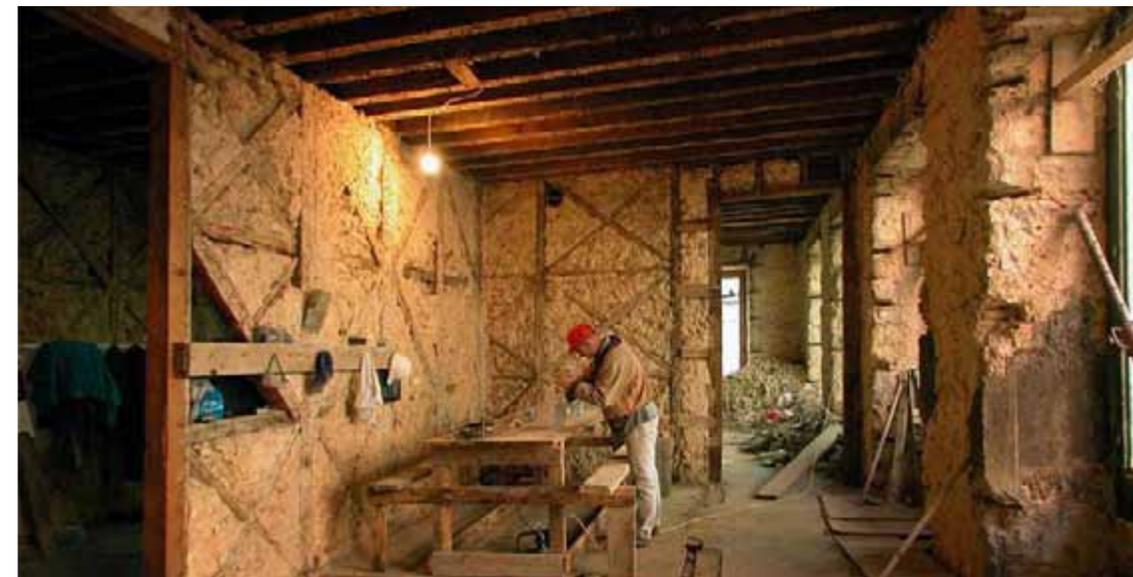
Todo o interior funciona à parte da estrutura de alvenaria de pedra, na medida em que é um novo elemento que se instala dentro de outro, onde a estrutura também se desenvolve uma dentro de outra. Com o objetivo de criar uma estrutura independente e mais resistente, o interior constrói-se através de uma estrutura de madeira lamelada colada num sistema que se aproxima ao sistema de construção antissísmica da Gaiola Pombalina.



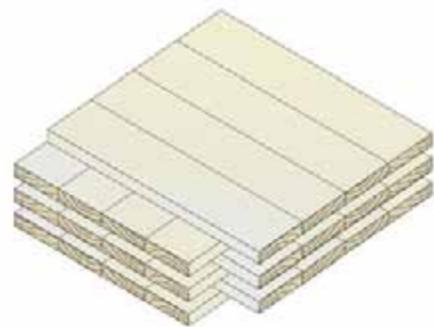


Exemplo de um painel interior (parede frontal) composto por elementos em madeira, prumos, travessanhos e diagonais formando a cruz de Santo André (Teixeira, 2010:13)

A gaiola pombalina é um sistema de construção antissísmica utilizado nos edifícios de rendimento da Baixa Pombalina de Lisboa após o terramoto de 1755. Mantendo ainda o mesmo tipo de paredes exteriores tradicionais (alvenaria de pedra), a gaiola é uma estrutura tridimensional de madeira “constituída por uma matriz de elementos verticais, os prumos, de elementos horizontais, os travessanhos, e de elementos em diagonal que forma várias cruzes de Santo André (formando triângulos). (...) Ao nível do pavimento, os vários painéis da estrutura são travados pelas vigas do pavimento” (Mascarenhas, 2005:83-85). A estrutura envolvente da gaiola era “embebida” nas paredes de alvenaria de pedra, e ligada por gatos metálicos, criando um sistema misto, onde a parede de alvenaria é reforçada com uma estrutura reticulada de madeira, melhorando o travamento e a ductilidade da construção de alvenaria de pedra. Os painéis interiores, paredes de frontal, eram colocados de forma reticulada para que toda a gaiola estivesse interligada de forma a dissipar as energias transmitidas pela acção do sismo, sem que a estrutura sofresse danos consideráveis. A gaiola assentava sobre um piso de fundação, o piso térreo, em pedra.

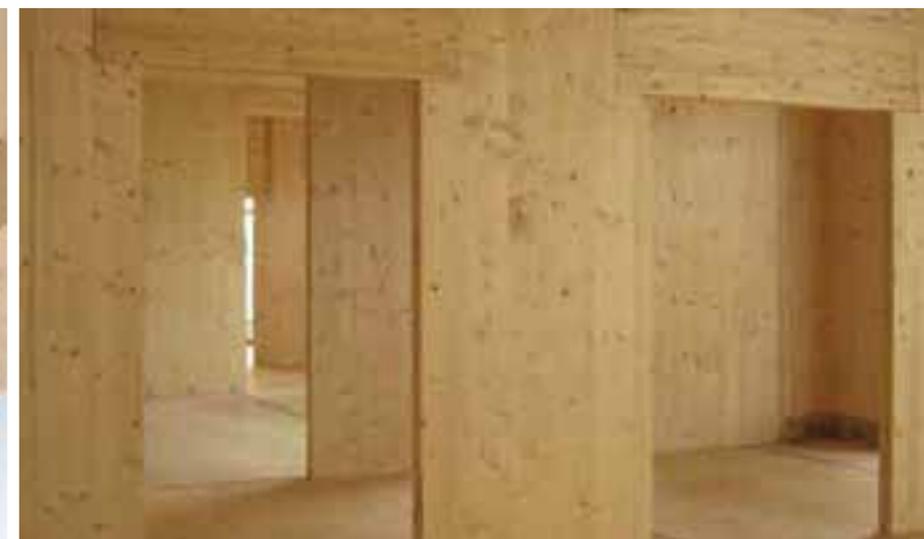


Em cima: fotografia do interior de um edifício de rendimento pombalino (in <http://anavedobomgosto.blogspot.pt/2013/09/gaiola-pombalina.html>); Em baixo: exemplo de construção de gaiola pombalina (in <https://oaborges.wordpress.com/2009/07/>)

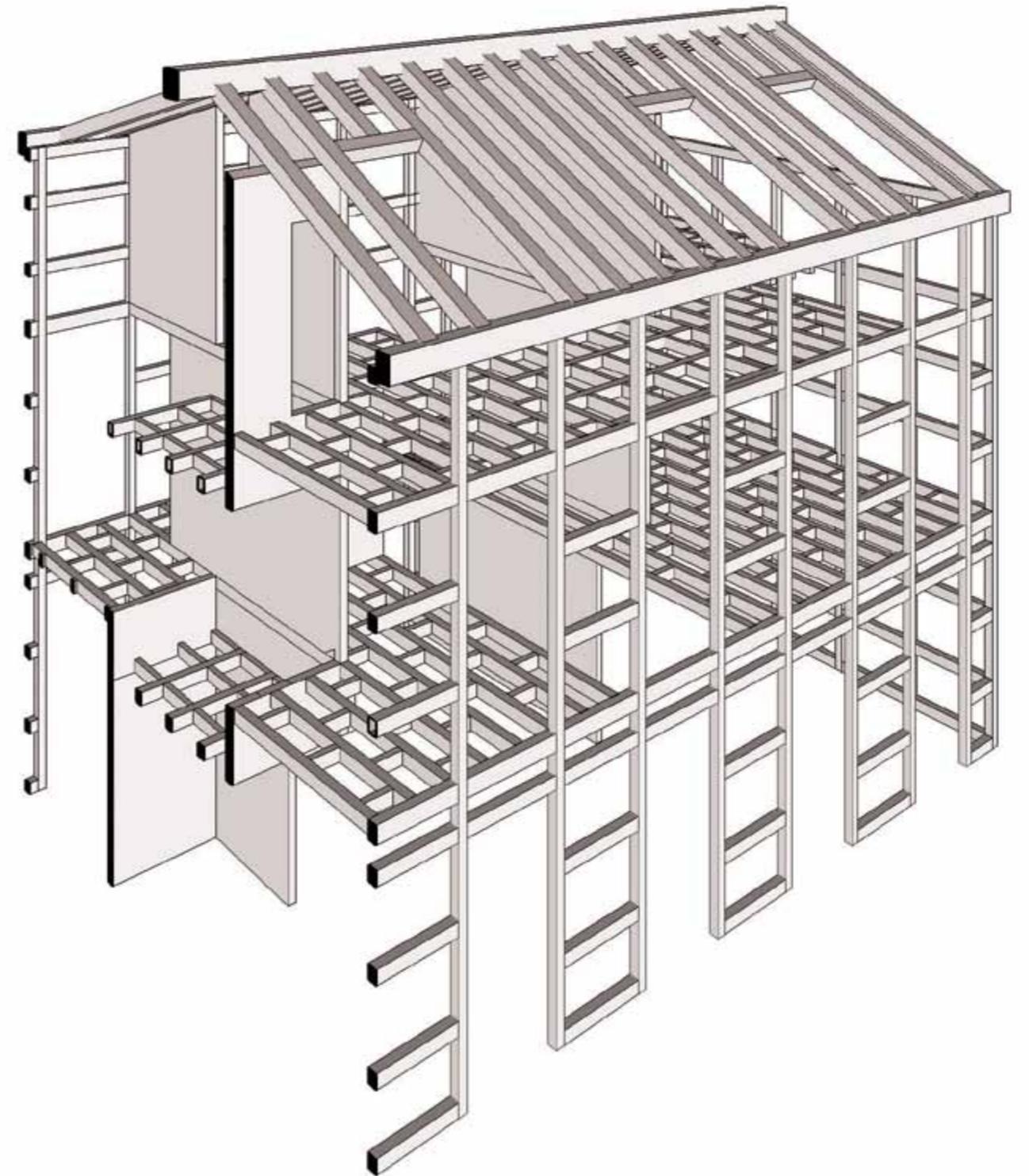


Fonte imagem: <http://www.jetsongreen.com/2011/12/cross-laminated-timber-construction-innovation.html>

Numa das aulas de PFA foi apresentado o conceito dos painéis X-LAM, pelo convidado Eng.º Luís Jorge, que expôs o trabalho desenvolvido pela empresa TISEM. A madeira lamelada colada cruzada (X-LAM) é produzida a partir de lamelas de madeira coladas ortogonalmente, onde a disposição em grelha das lamelas longitudinais e transversais aumentam consideravelmente a resistência e a rigidez do painel. “Comparativamente a estruturas tradicionais em madeira, as estruturas com painéis de madeira lamelada colada cruzada oferecem diferentes formas de transferência de carga. Para além da transferência unidirecional de carga, como por exemplo numa viga ou pilar, é possível transferir cargas de forma bidirecional, comportamento tradicional de elementos planos tais como lajes” (in [www.tisem.pt](http://www.tisem.pt)). Estes painéis proporcionam uma enorme estabilidade e capacidade estrutural e um elevado desempenho antissísmico, pela sua rigidez e leveza.

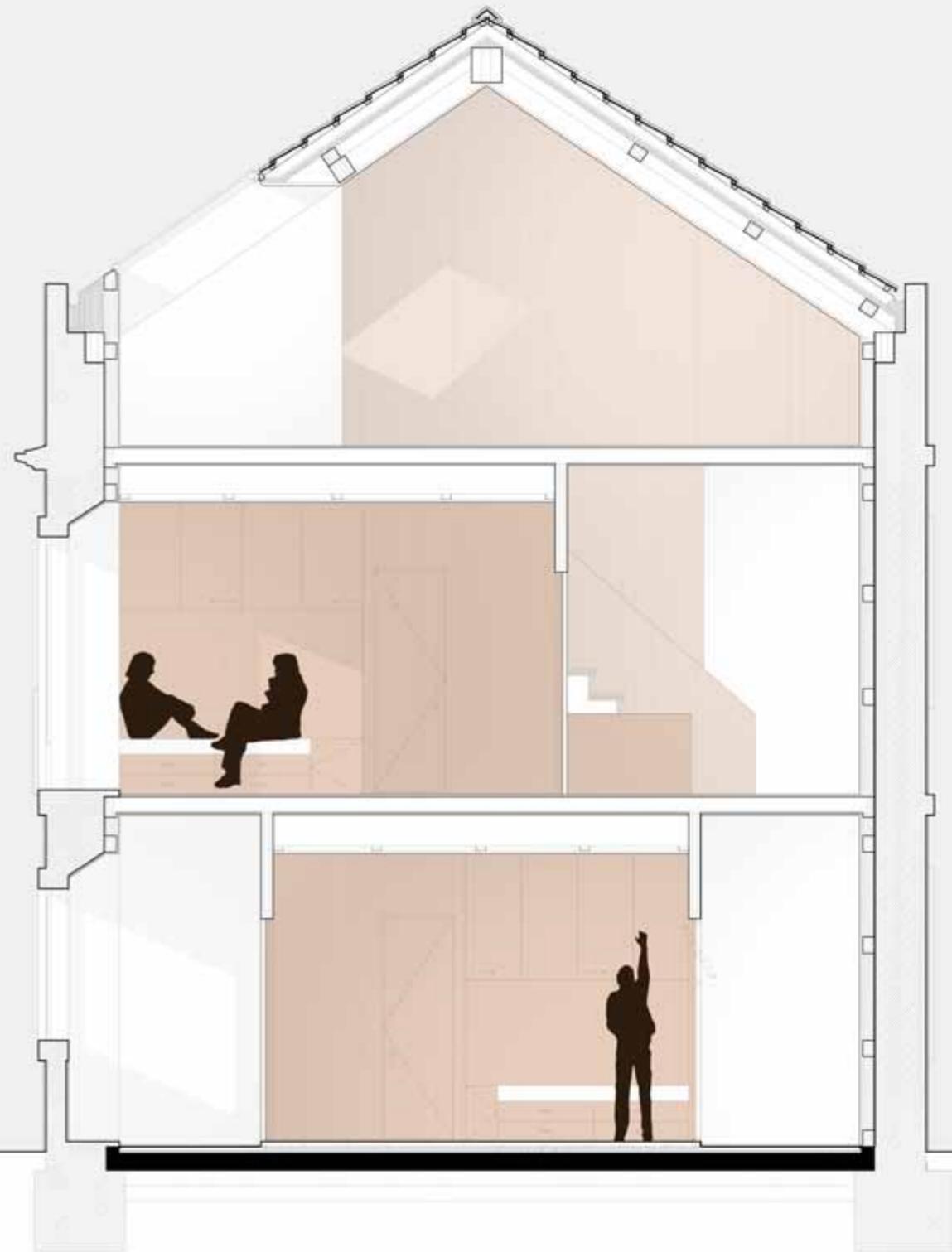
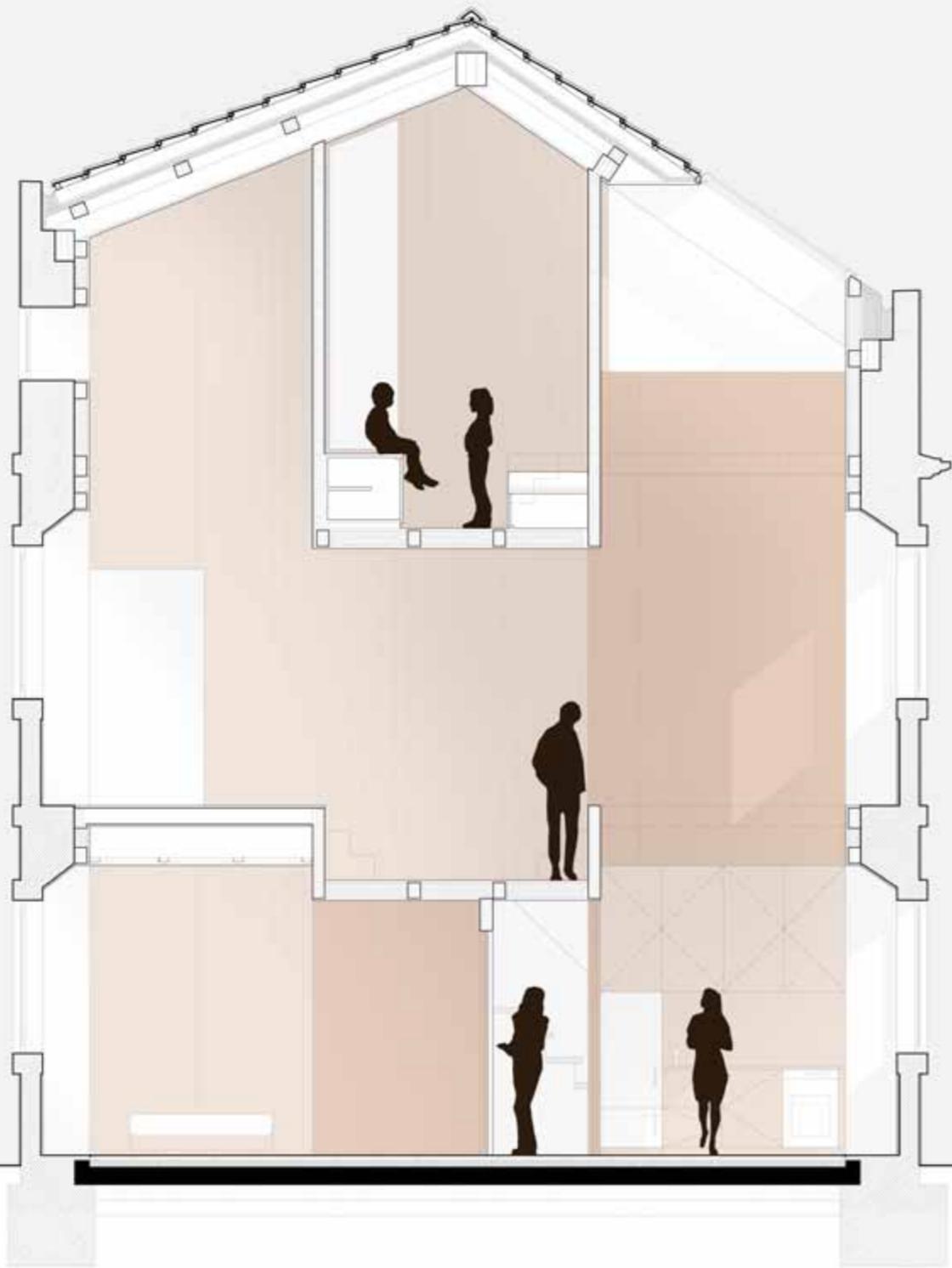


Fonte imagens: <http://www.klh.at/kreuzlagenholz/montage.html>; [http://www.brettspertholz.org/publish/93fe150d\\_e081\\_515d\\_740d66c560e0e6bd.cfm](http://www.brettspertholz.org/publish/93fe150d_e081_515d_740d66c560e0e6bd.cfm); <http://worldtimber.wordpress.com/tag/cross-laminated/>



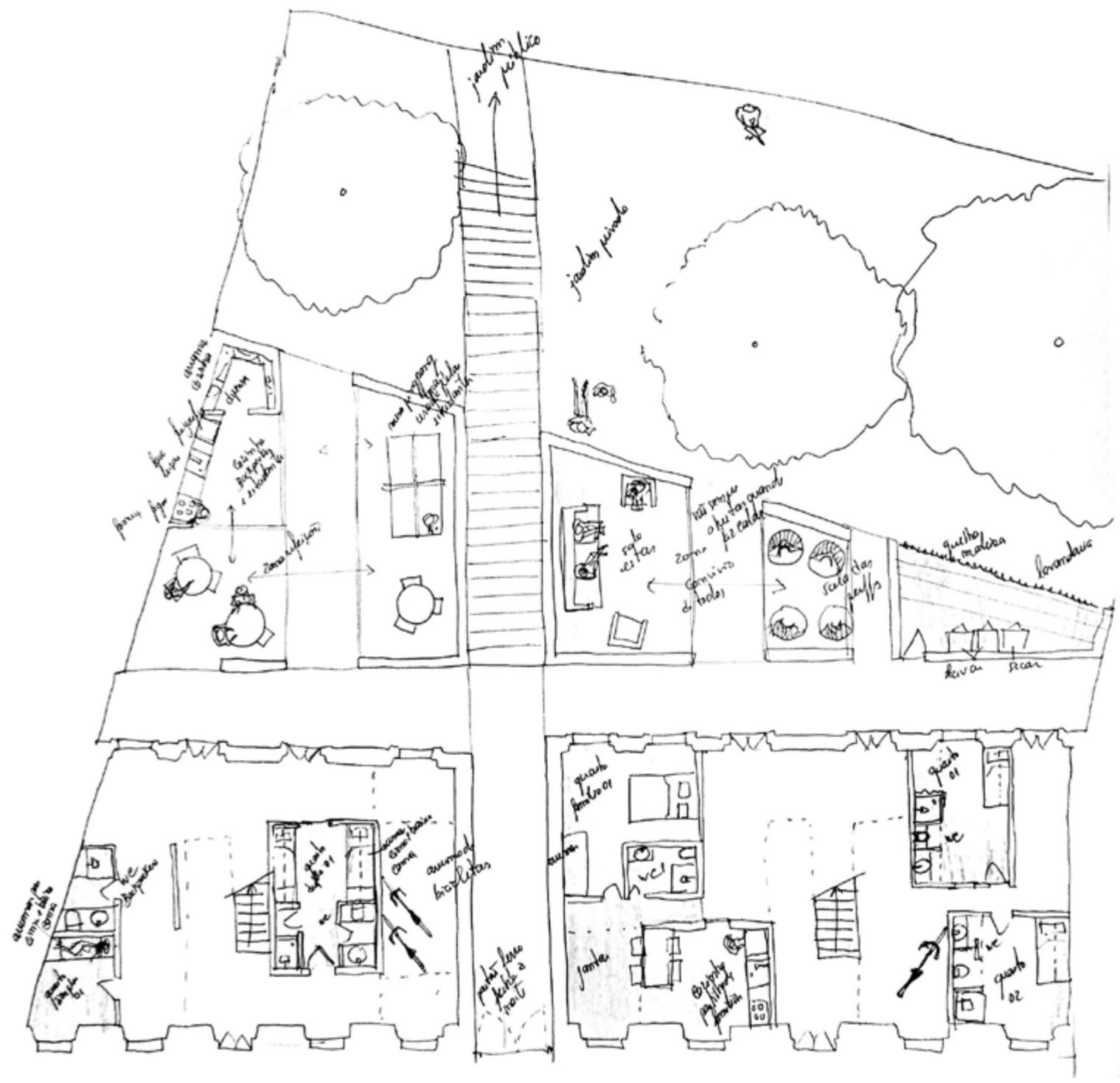
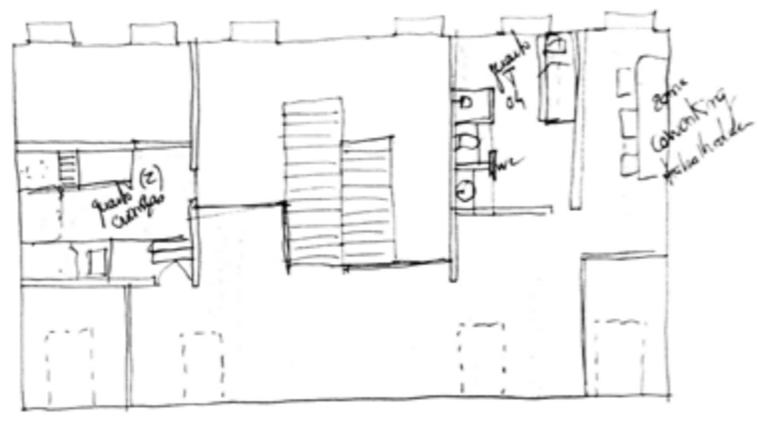
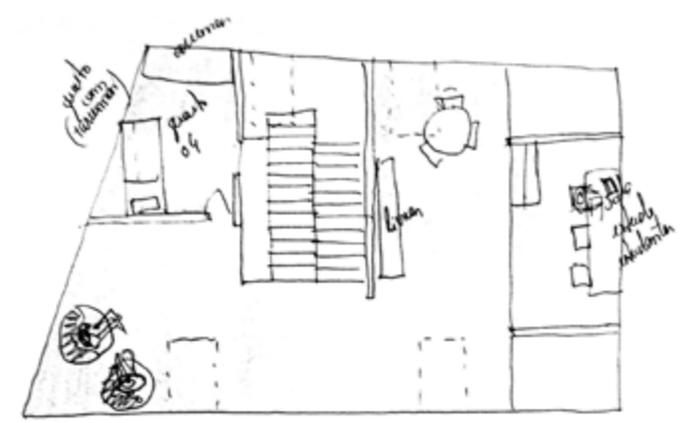
À direita: imagem do 3D da estrutura da “gaiola” do projeto das 4 Habitações

Toda a nova estrutura intervir, a “gaiola”, do projeto das 4 Habitações é composta por elementos de madeira lamelada colada – estrutura reticulada envolvente, estrutura de suporte do pavimento e estrutura da cobertura. O suporte do telhado e das zonas onde há um desnível no pavimento, é feito com a ajuda de dois painéis X-LAM estruturais, localizados no vão das escadas, contínuos desde o piso térreo à cobertura, que também funcionam como asnas de travamento da cobertura. Todas as restantes paredes interiores são painéis X-LAM, à exceção de algumas paredes adjacentes a zonas de serviço, (WC e cozinha) onde está embutida a canalização. Os painéis que constituem as paredes interiores (não representados na imagem ao lado) formam uma malha ortogonal de forma a reforçar toda a estrutura. Desta forma todo o sistema estrutural interior torna-se resistente, funcionando de forma independente às paredes de alvenaria de pedra. Toda a estrutura da “gaiola” assenta numa laje de betão.









Através do trabalho desenvolvido em laboratório aprendi a olhar a arquitetura, além da sua forma: espaço onde vivem e convivem as pessoas, atribuindo movimento e tempo à estaticidade. Tomando o projeto das 4 Habitações como estudo de caso fictício, e aplicando a metodologia ensaiada trabalho desenvolvido em laboratório, o Tema IV mostra a possível vivência que as 4 Habitações proporcionam, com o intuito de lhes atribuir um carácter baseado na vivência dos seus residentes. Assim o discurso que monta toda a lógica das 4 Habitações é evidenciado no desenho dos espaços, na escolha do material, na relação com o espaço público.

## Jovens Famílias

“Estávamos a viver em casa dos meus pais. Quando soubemos que a Teresa estava grávida, começámos a procurar casa. Enquanto não a encontramos, decidimos ficar aqui por uns tempos.

Renda partilhada, preparação de refeições partilhada, tarefas de casa partilhadas, é muito bom para nós que ainda estamos a começar esta nova fase.

(...)

O outro casal que vive connosco, têm já um filho de 8 anos. A companhia tem ajudado muito. Mantemos sempre um ambiente divertido e acolhedor.

Apesar do espaço ser muito ‘open space’ (risos), o que pensávamos poder ser um incómodo, acabou por não ser relevante, pois temos os espaços mais privados, quartos, casas de banho, salas de estar...

- E o jardim!

- Ah sim, o jardim... (risos)”

“Nós temos vivido em casas assim desde que nos juntamos. Eu e o meu marido achamos interessante este tipo de convivência, até mesmo para o nosso filho que ainda está a crescer.

Esta experiência tem sido muito enriquecedora pelas amizades que fizemos e ainda hoje mantemos o contacto!

O facto de não termos de nos preocupar com burocracias, créditos, empréstimos para pagar a nossa casa também facilita muito, agora que o Pedro está na escola...

(...)

Tem sido interessante conviver com outras pessoas que estão em fases muito diferentes das suas vidas, e têm estilos de vida muito diferentes também.”



## Trabalhadores Móveis

“Sou gestor de empresas. O meu trabalho faz-me estar sempre de um lado para o outro. Anos, meses, por vezes até apenas alguns dias!

Costumo ficar hospedado em hostels, ou em casa de conhecidos. Portanto, é a primeira vez que experimento uma *share-dhouse*, conceito muito explorado na América e na Europa, sem dúvida.

Penso que é uma forma de viver bastante diferente, com benefícios a vários níveis, como costumo dizer, os três E's, em inglês (risos):

*Environmental*, *Economic* e *Emotional* - Ambiental porque contribui para uma *ecological footprint*, a pegada ecológica, muito mais pequena, por pessoa; Económico, obviamente, pela partilha da renda e das despesas; e Emocional pela amizade que nos suporta. E pronto!”

“Gosto dos espaços que temos, proporcionam muito convívio, para nós que vivemos, por vezes, dias mais solitários (risos). Partilhamos experiências de trabalho, gostos, conhecimentos de gastronomia. E finalmente arranjo parceiros para fazer *jogging* mais facilmente, que às vezes é difícil...”

“Este conceito, hoje em dia banal, do *co-working* facilita muito quando se localiza na tua própria casa... Pois é!”





## Estudantes Erasmus

“To go to another country on Erasmus, to study in a distant and unknown country, can sometimes be hard at the beginning. This type of housing and living turns easy this first stage of arrival, because we are all a family here. We are like a big family. In our side of the house, we are all Erasmus students, which allows to flow, since the beginning, a great affection between us. The other residents of the houses also help us a lot, to know the city, to get settled and everything.”

“Hello, I’m from China, and I’m starting to know some words in Portuguese... Olá! Como estás! (risos)  
It is very funny to live here. I like the way all the space is connected, we never feel alone here, which has helped me a lot because I’m so far from home.”

“It’s good to share the spaces with other people that are not students like us. We can share other types of experiences, mostly with our house neighbours, the backpackers. They shore have some good histories to tell us. The ambience of this house is very welcoming, and the surroundings are very beautiful. Lisboa...”





## Backpackers

"I feel this place is very prepared to support a lifestyle like this, because we have a beautiful place to live here, with all this wooden halls and floors, is so natural style, see? And we have all this public gardens and spaces for people to sit and have a drink or two. It's very good to meet new people.

"Gosto muito de viajar, conhecer outros lugares. Como a minha estadia é sempre curta, este tipo de casas vem mesmo a calhar! As experiências que aqui trocamos são muito gratificantes, enriquecem muito a nossa história de viagem."

"Viver em comunidade faz-nos crescer também."





**anexos**

## Exercício de Arranque e Aquecimento

Título: marca, texto e espaço

O exercício de arranque tem como objectivo enquadrar os estudantes nos pressupostos gerais da Unidade Curricular, funcionando como revisão sumária da formação adquirida nos 4 anos anteriores. Para tal será desenvolvido um projecto de carácter abstracto.

### Materiais necessários

-Objecto de uso comum; Papel cavalinho A2; Tinta da China; Materiais para maquete a definir em cada caso específico;

### Metodologia e tarefas a desenvolver:

Os estudantes constituem-se em grupos de 5 elementos, no seio de cada grupo deverão ser seleccionados objecto(s) de uso comum - algo tão inesperado e acessível que possa ser adquirido na numa grande superfície, achado na rua ou comprado na loja do chinês....

O objecto seleccionado deverá ser embebido (total ou parcialmente) em tinta da china, funcionando como carimbo que irá produzir marca(s) no papel cavalinho.

O processo deverá ser repetido por diversas vezes, procurando seleccionar-se uma marca gráfica que possa ser considerada mais estimulante para o desenvolvimento do exercício.

Seguidamente, no contexto do grupo, deverá realizar-se a apropriação de um excerto literário que possa ser ilustrado com a marca anteriormente seleccionada (o excerto literário não deverá ser maior que uma folha A4). A preocupação fundamental desta selecção deverá residir numa tentativa de conversão da mancha representada no papel cavalinho, em unidade espacial.

Posteriormente, considerando-se um volume de aproximadamente 30 dm<sup>3</sup> como limite, será realizada 1 maquete que fixe a espacialidade, previamente invocada pela marca gráfica e ilustrada pelo texto. Para a elaboração da maquete deverá definir-se a escala a que esta irá ser representada.

A materialização da maquete deverá contemplar um dos seguintes sistemas compositivos baseados em: planos; subtracções; adições

### A entregar:

Marca gráfica em A2, que deverá ser afixada na parede da sala de aula;

Caderno com formato 21x21 cm onde se inclui: impressão digitalizada da marca seleccionada; O texto ilustrativo; Imagens fotográficas da maquete; Plantas, cortes e alçados, a escala conveniente da maquete; Digitalização de uma sequência de pelo menos 5 esboços relativos às espacialidades representadas pela maquete. Estes esboços deverão ser elaborados por cada elemento do grupo (devidamente identificado); Deverá ainda ser reservada uma área do caderno para a demonstração do processo de realização de todo o processo em forma de story board, para tal deverá utilizar-se o recurso fotográfico;

### Apresentação:

Digital tipo Power-point, com exibição da maquete e marca na sala de aula.  
Lisboa, 18 de Setembro 2012

## 2ª Workshop

Cidade Guineense de Bafatá

### 1. Argumento

Considerando a proximidade da comemoração dos 90 anos do nascimento de Amílcar Cabral (em 12 de Setembro de 1924) na cidade de Bafatá, pretende-se levar a cabo a edificação de uma estrutura que possa albergar um centro de estudos tendo como base o pensamento e a obra literária do fundador do Partido Africano para Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC).

Este centro de estudos deve ser visto na esfera dos estudos pós-coloniais, devendo para tal ser pensado com o propósito do estabelecimento de uma leitura de amplo espectro, não só, em torno das décadas de 50 a 70 em que a acção política dos movimentos independentistas, no mundo colonial português, foi mais activa, como deve ser capaz de incluir uma leitura sobre o contexto social e político em que germinaram tais movimentos, estendendo-se ainda ao estudo do resultado contemporâneo da afirmação da independência de estados como a Guiné- Bissau.

O edifício a construir em Bafatá deve ser projectado com base numa estrutura efémera e de baixo custo, admitindo-se uma abordagem que integre elementos amovíveis de fácil montagem e desmontagem de modo que se possa considerar a edificação de um equipamento similar em outros locais do país. Pelas suas características programáticas este equipamento deverá abrir-se à cidade, podendo acolher actividades paralelas de interesse comunitário. Este projecto deverá ainda privilegiar toda uma reflexão sobre o ajustamento construtivo do edifício ao clima tropical.

### 2. Breve descrição da Cidade de Bafatá

A cidade de Bafatá situa-se no coração do território da Guiné-Bissau e é banhada pelo Rio Geba.

O centro da cidade é fortemente marcado pela presença colonial portuguesa, visível tanto no traçado urbano, como também nos diversos estratos arquitectónicos que a qualificam.

É em torno de um boulevard que articula, no sentido Nodeste/Sudoeste, a principal entrada na cidade com o Geba, que o traçado de quarteirões urbanos se organiza. Este grande eixo, estruturante, conecta também os edifícios públicos mais marcantes da cidade.

Junto á entrada do núcleo urbano situa-se o hospital, desenhado em 1946 por João Simões, caracterizado por uma composição simétrica de volumetria térrea dando expressão à cobertura, alta, de telha cerâmica, recordando as construções vernaculares do Sul de Portugal. Um pouco mais abaixo situa-se a área mais administrativa da cidade, neste núcleo inclui-se a casa do governador de características fino-oitocentistas e a escola integrando uma construção de aspecto eclético. A completar este sector urbano, existem ainda edifícios desenhados sob a matriz da arquitectura pública do Estado Novo, tais como a igreja com desenho de Eurico Pinto Lopes de 1950 e o posto de correios, realizado em 1943, por Francisco de Matos.

Ao fundo do eixo fundamental da cidade, já na proximidade da Rio Geba, localiza-se um largo, onde foi implantado o busto de Amílcar Cabral. Para este largo convergem edifícios como o mercado municipal delineado sob um tematismo moçárabe, bem como um núcleo de piscinas, possivelmente projectado na década de 60 e que actualmente se encontra em elevado estado de degradação.

É neste núcleo habitacional que se situa a casa onde terá nascido Amílcar Cabral. A cidade de Bafatá encontra-se, de modo geral, num estado depressivo com pouca actividade, situação que contrasta fortemente com a sua periferia, de grande dimensão, agregadora de uma forte actividade comercial.

### 3. Programa

O programa deve incluir:

|                                  | Área bruta                  |
|----------------------------------|-----------------------------|
| Arquivo e Centro de Documentação | 150,00 m <sup>2</sup>       |
| Centro de Estudos e Pesquisas    | 150,00 m <sup>2</sup>       |
| Centro de Formação               | 75,00 m <sup>2</sup>        |
| Auditório                        | 150,00 m <sup>2</sup>       |
| Loja                             | 50,00 m <sup>2</sup>        |
| <b>Total de área bruta</b>       | <b>575,00 m<sup>2</sup></b> |

Nota: Instalações sanitárias e/ou zonas de serviço estão incluídas nos grupos de áreas parciais.

### 4. Metodologia:

- O trabalho será desenvolvido em grupos de 5 alunos;
- A implantação do Centro Interpretativo ficará a cargo de cada grupo de alunos;
- Como ponto de partida para a definição espacial, cada um dos grupos deverá reflectir sobre o exercício de aquecimento, desenvolvido no arranque do ano lectivo;

### 5. Elementos a entregar:

- Apresentação em formato power-point, para 15 minutos;
- Maqueta à escala 1:200 (ou outra a acordar com os docentes)
- Caderno 21x21cm, incluindo síntese gráfica e memória descritiva;
- 2 painéis de formato A1, incluindo simulações do edifício e plantas cortes e alçados;

### 6. Datas de entrega:

- Apresentação dos projectos no dia 15 de Novembro, com base no power-point e maqueta;
- Entrega de painéis e caderno 21x21 no dia 23 de Novembro em horário a definir.

Lisboa, 30 de Outubro 2012

## Tema I

Tendo por base a área de intervenção estipulada na ficha de unidade curricular, localizada em Lisboa, no eixo entre o Largo do Rato e a colina das Amoreiras, propõe-se a elaboração de um exercício que permita o estabelecimento da relação entre a macro escala (análise estratégica do território) e a micro escala (intervenção arquitectónica detalhada).

Pretende-se que este exercício possa desencadear um debate centrado em leituras prospectivas em relação à sociedade. Como tal, em paralelo com a elaboração dos projectos de arquitectura deverá realizar-se, no contexto de cada grupo de trabalho, a definição de um perfil social que se preveja possível num futuro a médio prazo (2 décadas). Para tal algumas perguntas poderão colocadas, como por exemplo:

- como a organização económica e política poderá influenciar os modos de vida e a relação do indivíduo com a sua comunidade;
- em que medida a tecnologia poderá influenciar a organização social;
- de que modo os recursos naturais poderão influenciar as acções sobre o território e localização e organização do espaço doméstico;

O objectivo final do exercício consiste na elaboração de projectos para quatro habitações. Estas habitações serão encaradas como tipologia associadas ao universo social definido pelo debate atrás mencionado.

Caberá a cada estudante a decisão de onde implantar as habitações e de que modo estas se organizam, não só em função do espaço doméstico, mas também na sua relação como a envolvente urbana que suporta o exercício. Neste sentido, deverá o estudante ser capaz de estabelecer um discurso que lhe permita relacionar a proposta tipológica e habitacional com o trecho urbano que caracteriza a sua envolvente próxima.

### Área de Intervenção:

Percurso urbano entre o Largo do Rato e a Colina das Amoreiras

### Metodologia:

1. Num primeiro momento, serão constituídos grupos de aproximadamente 5 estudantes;
2. A área de intervenção será parcelada, pela docência da Unidade Curricular, de acordo com planta anexa, tendo como critério os diversos extractos temporais referidos na FUC;
3. Cada um dos elementos, de cada grupo, ficará individualmente afecto a uma das parcelas, anteriormente designadas.
4. Os projectos das habitações serão desenvolvidos individualmente dando seguimento ao âmbito do exercício;
5. Ao mesmo tempo que são desenvolvidas as propostas individuais, deverá ser mantido um debate, no seio de cada um dos grupos, que permita desenvolver uma estratégia de harmonização das várias intervenções.

#### Entregas e Avaliação:

1ª Entrega intermédia: 25 de Outubro 2012 (caderno em formato A3) + maquete esc. 1:5000/1:2000 da área de intervenção e sua relação com as habitações;

2ª Entrega intermédia: 13 de Dezembro 2012 (caderno em formato A3)

Entrega Final: 28 de Janeiro de 2013 (desenhos e maquetas de escala a determinar pelo aluno, sugerindo-se a 1/1000 e 1/200 ou 1/50; simulações gráficas da proposta; e caderno síntese em formato 21 x 21 cm)

Apresentação e Avaliação: de 29 Janeiro a 1 de Fevereiro de 2013

#### Modelo de Apresentação

As apresentações finais das propostas individuais de cada um dos alunos serão realizadas por Grupo, sendo que, deverá apresentar-se a definição do perfil social pedido, associando-se uma a estratégia geral para a área de intervenção.

Lisboa, 18 de Setembro 2012

## Tema II - Trabalho de Grupo, 1º Semestre

Numa das extremidades da área de intervenção, a Colina das Amoreiras, assumiu, maioritariamente a partir da década de 1980, um protagonismo urbano muito assinalável perspectivando-se para aquele local a implementação de um centro de negócios, à semelhança de outros modelos internacionais que potenciavam, na época, novas centralidades urbanas a partir do conceito de CBD (Central Business District). Esta convicção urbanística permitiu desenvolver naquele local um conjunto de novas inserções rodoviárias na cidade de Lisboa, atraindo outros investimentos que ampliaram os programas de comércio e serviços, à habitação e à hotelaria. Com o final do milénio os investimentos na área oriental da cidade, após a Expo 98, vieram retirar protagonismo urbano deste tecido urbano, sobretudo no que se refere à especialização com que se pretendia afirmar.

Passadas cerca de 3 décadas desde a construção do complexo das Amoreiras, é hoje possível lançar sobre aquela envolvente um olhar mais distanciado, dada a estabilização urbanística que actualmente se verifica.

O objectivo do Tema II passa pela definição de um conceito síntese caracterizador de leitura e interpretação da área de estudo. Com este exercício pretende também criar-se a base para o reconhecimento das potencialidades da colina das Amoreiras, que servirão de base para a elaboração de um projecto a desenvolver no 2º semestre ao abrigo do Tema III.

#### 1ª Fase - Reconhecimento do Território

Numa etapa preliminar de aprofundamento da estratégia de intervenção num determinado território torna-se imprescindível o seu reconhecimento. Para esse efeito deverá possuir-se a informação necessária para avaliar as potencialidades dos sítios e os conflitos aí existentes, só assim será possível credibilizar a formulação das propostas.

O trabalho de grupo deverá proceder à recolha de informação, nomeadamente em áreas como:

- Caracterização biofísica da área de intervenção:- topografia, estrutura de espaços verdes, orografia e sistemas de drenagem natural; geologia - hidrologia; orientação e exposição solar.

- Evolução histórica da área de estudo:- caracterização do processo de formação do tecido edificado; recolha de plantas de várias épocas; monografias e descrições.

- Caracterização da mobilidade, potencialidades e estrangulamentos: caracterização de acessos, da rede viária; Percursos pedonais, etc.

- Caracterização da estrutura edificada, da distribuição de funções e dos espaços públicos: - Tipologias de espaços públicos; Estruturas urbanas existentes; Edificado com valor histórico e arquitectónico; Edificado recente consolidado; Estado de conservação; Espaços vazios; Espaços públicos; Equipamentos públicos e privado, etc.

- Planos Urbanísticos condicionantes, projectos mais relevantes para a área de intervenção:

- P.D.M.; P.P.; Condicionantes Urbanísticas; Loteamentos; projectos mais relevantes para a área de intervenção.

#### 2 Fase - Programa/Conceito/Proposta

Na posse dos dados anteriormente recolhidos proceder-se-á à designação de um conceito síntese caracterizador de leitura e interpretação da área de estudo.

#### Elementos a entregar:

-Explicitação de um argumento de transformação. Memorando, máximo 6 páginas A4.

- Planta de enquadramento à escala 1/5000 e ou 1/2000

- Planta da estrutura urbana à escala 1/1000

- Cortes significativos à escala 1/1000

- Esquemas gráficos e ou esquiços que explicitem a proposta e a sua integração na área envolvente.

- Simulações gráficas da proposta (esquissos, 3ds, fotomontagens)

**Entrega intermédia:** 25 de Outubro de 2012 (1ªfase)

**Formato:** caderno A3 e CD com o mesmo conteúdo.

**Entrega Final:** 28 de Janeiro de 2012

**Formato:** Caderno A3 (incluindo o memorando) e CD com Power Point.

**Discussão e Apresentação do Trabalho:** Semana de 29 de Janeiro a 1 de Fevereiro de 2011, em Power Point.

18 de Setembro 2012

### Tema III

Tendo como base os resultados dos exercícios dos Tema I e II, é lançado um novo exercício que tem como objectivo reforçar a estratégia urbana na área de intervenção em estudo, definida pelo eixo entre o Largo do Rato e a colina das Amoreiras.

O exercício do Tema III incide na vertente do espaço público, ou seja o espaço de mediação entre as diversas propostas individuais realizadas no 1º semestre. Neste exercício pressupõe-se uma acção concertada, ao nível dos grupos de trabalhos, no sentido da clarificação das intenções de transformação preconizadas para o local. Através deste exercício deverão também intensificar-se os desejos (narrativos), definidos pelos grupos de trabalho, relativos ao perfil social dominante que habitará a colina das Amoreiras num futuro a médio prazo, de duas décadas.

Durante o espaço temporal em que decorrerá o Tema III deverão ser realizadas revisões de projecto, tendo em vista a melhoria das propostas individuais realizadas ao abrigo do Tema I, procurando-se o melhor ajustamento dos projectos às estratégias deste novo exercício.

Os objectivos do Tema III passam pelos seguintes pontos:

#### 1. Definição de um plano de estrutura da área de intervenção.

Neste ponto deverão ser repensados, num primeiro momento, os argumentos que estão na base das escolhas dos locais de intervenção individuais, reflectindo sobre os pontos em comum que podem caracterizar as várias propostas. Num segundo momento deverá ponderar-se sobre uma possível centralidade [ou possíveis centralidades] que possam emergir no tecido urbano. Num terceiro momento deve ser definida uma estratégia de mobilidade e de utilização do espaço público;

#### 2. Definição de um projecto detalhado de caracterização do espaço público.

Neste ponto serão realizadas propostas concretas de projecto, com detalhes, definindo materiais, mobiliário urbano, espécies vegetais e todos os parâmetros julgados convenientes para o projecto de espaço público.

#### 3. Enquadramento dos projectos individuais, realizados no Tema I, na estratégia projectual para o espaço público.

Prevê-se que a estratégia de projecto, concertada em grupo, seja validada em projectos de pormenor na envolvente dos projectos individuais.

#### Área de Intervenção:

Percurso urbano entre o Largo do Rato e a Colina das Amoreiras

#### Metodologia:

1. Serão mantidos os grupos de trabalhos definidos no 1º semestre com aproximadamente 5 estudantes;
2. O exercício abrange toda a área de intervenção, devendo o grupo definir os momentos mais particulares onde as acções de projecto sobre o espaço público possam ser mais relevantes, agindo nesses locais com maior detalhe.
3. Individualmente, deverá ser detalhada a envolvente dos projectos realizados no Tema I

#### Entregas e Avaliação:

1ª Entrega intermédia: 21 de Março, (power-point e maquetas esc. 1:1000/1:200 da área de intervenção e sua relação com as habitações);

Entrega Final: 23 de Abril de 2013 (desenhos e maquetas de escala a determinar pelo grupo, sugerindo-se a 1/1000 e 1/200 ou 1/50; caracterizações dos ambientes propostos; e caderno síntese em formato 21 x 21 cm)

Apresentação e Avaliação: 23 de Abril 2013

#### Modelo de Apresentação

As apresentações finais das propostas serão realizadas em Grupo, sendo montado um júri para comentar os projectos.

Lisboa, 18 de Fevereiro de 2013

### Tema IV

Como conclusão do ano lectivo será realizado um trabalho individual que visa o estabelecimento de uma síntese em relação ao percurso de cada um dos estudantes. Este trabalho, pensado para ser desenvolvido no espaço do último mês de aulas, pressupõe a realização de um tema livre a enquadrar pelo próprio estudante. Condiciona-se apenas o desenvolvimento deste último Tema ao estabelecimento de uma relação em torno dos exercícios elaborados no curso do ano lectivo.

Como linhas orientadoras são lançadas algumas pistas:

1. Aplicação directa de um ensaio extraído a partir do trabalho desenvolvido nos laboratórios;
2. Elaboração de projectos de extensão em relação ao programa lançados ao longo escolar;
3. Exercício específico de representação ou performativo em torno do projecto das habitações.

#### Os objectivos do Tema IV passam pelos seguintes pontos:

1. Desenvolvimento de competências ao nível da problematização em torno da arquitectura produzida por cada estudante. Este exercício será uma oportunidade para construir um enredo discursivo em torno do trabalho de projecto, enriquecendo os pressupostos de base com que cada proposta foi realizada
2. Consolidação da autonomia dos estudantes em relação aos temas desenvolvidos durante o ano lectivo. Ao solicitar-se que cada estudante construa o seu próprio enunciado, procura estimular-se a autonomia em relação ao acompanhamento e orientação dos docentes da UC de PFA.
3. Melhoria e credibilização das propostas individuais iniciadas no 1º semestre. Este exercício deve ser visto como oportunidade para retomar e solidificar as decisões de projecto inicialmente lançadas no âmbito dos exercícios anteriores, nomeadamente do exercício do Tema I.

#### Área de Intervenção:

Área de intervenção atribuída em contexto de grupo a cada um dos estudantes;

**Metodologia:**

1. O trabalho deverá ser realizado individualmente;
2. Cada estudante deverá socorrer-se dos meios que julgar conveniente para o desenvolvimento deste exercício;
3. O trabalho deverá evidenciar quer a autonomia, quer a capacidade de problematização de cada estudante.

**Entregas e Avaliação:**

O resultado deste exercício deverá ser integrado no contexto da entrega final de PFA

**Modelo de Apresentação**

A decisão do suporte em que o exercício é desenvolvido fica a cargo de cada estudante, devendo contudo ser realizado relatório a integrar o caderno de formato 21x21 cm

Lisboa, 2 de Maio de 2013

**Exercício de grupo realizado no âmbito do Laboratório de Sociologia**

No primeiro semestre será realizado um trabalho de investigação de grupo centrado no tema - Tradição e Modernidade: (co)habitações em territórios metropolitanos - a desenvolver num dos territórios seguintes: Mouraria, Carnide Velho ou Bairro de Caselas. Este trabalho segue o formato já experimentado noutros anos e tem como objectivo o ensaio partilhado de diversas competências de investigação: definição da pergunta de partida, enquadramento, metodologias de recolha e análise de informação, entre outras. Trata-se de um momento de experimentação e preparação dos alunos para o trabalho individual a realizar no segundo semestre.

# **bibliografia**

Appleton, João (2003), “Reabilitação de Edifícios Antigos. Patologias e Tecnologias de Intervenção”, Lisboa, Edições Orion

Araújo, N. *Peregrinações em Lisboa*. Lisboa: Parceria A.M. Pereira, [1938] - 1939.

Farinha, J. S. Brazão (1997), “Construção da Baixa Pombalina”, Lisboa, Lisboa: Metropolitanos de Lisboa, coleção Cadernos do Metropolitano, nº 6

Ferreira, V.M. “Lisboa evolução: De Ressano Garcia a Duarte Pacheco” in *Dicionário da História de Lisboa*. Sacavém: Carlos Quintas & Associados - Consultores, lda, 1994, p. 526-528.

Huxley, A. *Admirável Mundo Novo*. Lisboa: Unibolso, s.d.

IGESPAR. *Real Fabrica das Sedas*. , [em linha], [13/10/2012] Disponível em WWW:<<http://igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detal/73569/>>.

Mascarenhas, Jorge (2001): *Sistemas de Construção I - Contenções, Drenagens, Implantações, Fundações, Ancoragens, Túneis, Consolidação de Terrenos*. Lisboa, Livros Horizonte.

Mascarenhas, Jorge (2005), “Sistemas de Construção - V: o Edifício de Rendimento da Baixa Pombalina de Lisboa”, Lisboa, Edição Livros Horizonte, coleção Técnicas de Construção

Mateus, João Mascarenhas (2005) “Reabilitação Urbana. Baixa Pombalina: bases para uma intervenção de salvaguarda”, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Coleção Estudos Urbanos – Lisboa XXI

Miranda, Frederico Antunes Sanches de (2011), “Caracterização dos Edifícios Pombalinos da Baixa de Lisboa”, Tese de Mestrado em Engenharia Civil, Lisboa, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa

Pereira, N. T. “Pátios e vilas de Lisboa, 1870-1930: a promoção privada do alojamento operário” in *Análise Social*, vol.XXIX (127), 1994, p. 509-524.

Rossa, W. *Património e biografia: Vieira da Silva e o Jardim das Amoreiras*. Lisboa: Fundação ARPAD SZENES-VIEIRA DA SILVA, 2009.

Silva, L. C. M. *Cultura Arquitectónica em Lisboa: um olhar a partir da ESBL/FAUL no período de 1975 a 1990*. Lisboa: UTL-FA, 2011. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura apresentada na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.

Sousa, S. *O novo modernismo*, [em linha], [12/10/2012] Disponível em WWW:<<http://arquitecturaen.no.sapo.pt/reactmoderna.html>>.

Tanizaki, J. *Elogio da Sombra*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2008.

Teixeira, Maria João da Fonseca (2010), “Reabilitação de Edifícios Pombalinos: Análise experimental de paredes de frontal”, Tese de Mestrado em Engenharia Civil, Lisboa, Instituto Superior Técnico

The New York Times. *Jobless, and living in a Bunk*, [em linha], [13/10/2012] Disponível em WWW:<[http://www.nytimes.com/slideshow/2010/01/01/business/CAPSULESLIDE\\_5.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/slideshow/2010/01/01/business/CAPSULESLIDE_5.html?_r=0)>.

Wilder, A. *Aeneas Wilder: exhibitions Pit, Art In The Public Space Of Borgloon - Heers, Belgium*, [em linha], [s.d.] Disponível em WWW:<<http://www.aeneaswilder.co.uk/exhibitionsBGL02.html>>.

Todos os documentos técnicos sobre a fabricação e montagem dos painéis X-LAM, representados em Portugal pela empresa Tisem, fabricados na Áustria pela empresa *KLH Massivholz GmbH*, estão disponíveis em [www.klhuk.com/downloads.aspx](http://www.klhuk.com/downloads.aspx)